

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Brenda Rodrigues da Costa Neves

**OS AUTISMOS NA CLÍNICA NODAL**

Belo Horizonte

2018

Brenda Rodrigues da Costa Neves

## **OS AUTISMOS NA CLÍNICA NODAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de doutor(a) em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise; Investigações no campo clínico e cultural.

Orientador: Professora Doutora Ângela Maria Resende Vorcaro

Belo Horizonte

2018

150 N518a 2018	<p>Neves, Brenda Rodrigues da Costa</p> <p>Os autismos na clínica nodal [manuscrito] / Brenda Rodrigues da Costa Neves. - 2018.</p> <p>198 f. : il.</p> <p>Orientadora: Ângela Maria Resende Vorcaro.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia</p> <p>1. Psicologia – Teses. 2. Autismo – Teses. I. Vorcaro, Ângela M. R. (Angela Maria Resende). II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	--

*Para as crianças autistas do Cais.*

*Para meus amados, pai e mãe, Eugênio e Maria Luiza, pelos ensinamentos, paciência, torcida e cuidados sempre presentes.*

*Para minha irmã, Nana, e meu querido sobrinho, Gu, pela parceria e apoio diários nesta aventura.*

## AGRADECIMENTOS

Passados quatro anos, trago à memória todo o percurso de trabalho trilhado até aqui. Muito tenho a agradecer.

Agradeço à Ângela Vorcaro pela sua generosa orientação, pela parceria de trabalho, ensinando-me a pesquisar, mas, sobretudo, a clinicar. Pela partilha do conhecimento, pela disponibilidade, pela amizade, excedendo, em muito, o cuidado que se espera de um professor-orientador.

Às crianças do Cais – Centro de Atendimento e Inclusão Social – que muito me ensinaram sobre o inventar, sobre “suportar”, sobre ver para além do visto, sobre respeitar. Agradeço à parceria do Cais, em especial, à pessoa de Cristina Abranches, superintendente, sempre acolhedora e compreensiva. A(o)s querida(o)s parceira(o)s de trabalho diário: psicanalistas, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogas, fisioterapeutas, médicos, enfermeira, técnicos, e ao pessoal do RH.

Às professoras psicanalistas Suzana Barroso e Tânia Ferreira que de forma atenta, participaram da banca de qualificação, contribuindo ao andamento da pesquisa desta tese.

Aos amigos, sempre presentes, que me apoiaram nesta caminhada: Áurea, Lílian, Grazi, Dayse, Vladimir e Nice.

Aos amigos psicanalistas pela interlocução e encorajamento: Ariana Lucero, Roberto Mendonça, Gui Del Debbio. Aos profícuos grupos de estudos realizados na acolhedora residência de Ângela Vorcaro.

Aos familiares queridos, em especial à pessoa de minha vovó Joaquina, e às tias queridas. Ao meu cunhado André pelo apoio e manufatura de alguns nós.

*“A origem é um turbilhão no rio do devir”*

*Walter Benjamim*

## RESUMO

Neste estudo, restringimos o termo autismo para situar criança que não se concerne ao laço social, manifestando uma recusa ativa ao investimento dos que estão em função parental, não se implicando com gestos, fala e movimentos corporais nos jogos que lhe são propostos, inventando suas atividades a um uso de extensão dos objetos empíricos. Ancorados nas articulações entre linguagem e topologia, presentes na teorização de Lacan, como modalizações nas quais o sujeito se diferencia, compondo sua realidade psíquica, investigamos as condições do enlace entre as *dit-mansions* Real, o Simbólico e o Imaginário, e o que se apresenta como sendo concernente ao tipo clínico autismo, evidenciando a sua tentativa de construir uma borda autística que modalize o gozo por meio do uso: dos objetos autísticos, no duplo e na ilha de competência. Constatamos a insinuação de uma lógica temporal e de uma espacialidade específica que insistiu em se fazer presente, exigindo a articulação do tempo ao corte e da superfície à topologia, conjugando tal figuração do tempo e do espaço na especificidade do sujeito autista, interrogando o que poderia ser a passagem do Real, que se mostra numa extensão desmedida no autismo, pelos interstícios do Simbólico e do Imaginário. Partimos da hipótese de que uma leitura topológica do modo de enodamento das três *dit-mansions* R, S e I, podem nos fornecer os elementos para localizar a constituição psíquica do sujeito autista. Abordar o autista a partir da psicanálise implica distinguir o tipo clínico do autismo de manifestações aparentemente autísticas e, tentando realizar tal distinção, atrelamos as elaborações teóricas com a apresentação de casos clínicos. Com a não extração do objeto *a*, hipotetizamos que o autista está em constante trabalho psíquico, e carece de uma leitura que franqueie seus atos, que podem ser tomados como escritos. Assim, ao invés de tomar a manifestação da criança autista como automática, reflexa ou isolada em signos estanques sem concatenação, entendemos que seus atos comportam uma invenção singular para lidar com o que lhe faz alteridade, tratando a angústia, constroem uma borda autística que comporta uma lógica subjetiva que carece do reconhecimento e franqueamento do analista, ao considerá-la como uma escrita a ser lida. Desta maneira, o autista poderia se manter recuado diante do Outro, mas ao mesmo tempo, aberto para realizar uma entrada no laço social.

**Palavras-chave:** autismo, constituição psíquica, *dit-mansões*, topologia lacaniana, borda autística.

## ABSTRACT

In this study, we restricted the term autism to place a child that is not related to the social bond, manifesting an active refusal to invest in those who are in parental function, not being involved with gestures, speech and body movements in the games that are proposed, inventing their activities to an extension use of empirical objects. Anchored in the articulations between language and topology, present in Lacan's theorization, as modalizations in which the subject differentiates, composing his psychic reality, we investigate the conditions of the bond between the Real, Symbolic and Imaginary dit-mansions, and what presents as being concerning the clinical type autism, evidencing its attempt to construct an autistic border that modalizes the enjoyment through the use: of the autistic objects, in the double and in the island of competence. We note the insinuation of a temporal logic and a specific spatiality that insisted on being present, requiring the articulation of time to the cut and surface to topology, combining such figuration of time and space in the specificity of the autistic subject, questioning what could to be the passage of the Real, which shows itself to an excessive extent in autism, through the interstices of the Symbolic and the Imaginary. We start with the hypothesis that a topological reading of the enameled mode of the three dit-mansions R, S and I can provide us with the elements to locate the psychic constitution of the autistic subject. To approach the autistic from psychoanalysis implies distinguishing the clinical type of autism from apparently autistic manifestations and, in attempting to make such a distinction, link the theoretical elaborations with the presentation of clinical cases. With the non-extraction of the object a, we hypothesize that the autistic is in constant psychic work, and lacks a reading that frees his acts, which can be taken as written. Thus, instead of taking the manifestation of the autistic child as automatic, reflex or isolated in watertight signs without concatenation, we understand that their acts carry a singular invention to deal with what makes them otherness, treating the anguish, construct an autistic border that entails a subjective logic that lacks the recognition and franking of the analyst, considering it as a writing to be read. In this way, the autistic could stand back in front of the Other, but at the same time, open to make an entrance into the social bond.

**Keywords:** autism, psychic constitution, dit-mansions, lacanian topology, autistic border.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reunião.....	27
Figura 2 - Alienação.....	28
Figura 3 - Separação.....	31
Figura 4 – Movimento pulsional e movimento autístico.....	32
Figura 5 - Estratos do psiquismo.....	43
Figura 6 – Proposições universais e particulares.....	53
Figura 7 – Proposições aristotélicas .....	54
Figura 8 - Abraço tórico.....	67
Figura 9 - Toro 1 .....	68
Figura 10 - Toro 2 .....	69
Figura 11 - Desejo e demanda no Toro .....	69
Figura 12 - Esboço inicial do grafo do desejo.....	73
Figura 13 - Esboço do grafo do desejo (I).....	75
Figura 14 - Esquema óptico simplificado.....	76
Figura 15 - Grafo do desejo ( <i>Che vuoi?</i> ).....	78
Figura 16 - Grafo do desejo completo.....	79
Figura 17 – Garrafa de Klein.....	84
Figura 18 – Fita de Möebius .....	87
Figura 19 - Nó borromeano mostrando círculos envelopantes.....	87
Figura 20 – Nó trivial .....	89
Figura 21 - Nó em trevo .....	90
Figura 22 - Nó de Listing .....	90
Figura 23 - Nó de Lacan.....	90
Figura 24 - Nó borromeano de três .....	90
Figura 25 – Nó de trevo diferente do falso nó (nó com lapso).....	91

<b>Figura 26 – Nó borromeu com sinthome</b> .....	92
Figura 27 – Nó de trevo com lapso homeomorfo ao nó trivial .....	92
Figura 28 - Nó de Milnor .....	92
Figura 29 – Passagem do nó de 4 ao nó de 3, dito nó generalizado.....	93
Figura 30 – Nó borromeano .....	94
Figura 31 - Tranças .....	95
Figura 32 - Trançamento em Cadeia de Hopf.....	95
Figura 33 – Lapso na trança e lapso no segundo nó desta figura.....	96
Figura 34 – Palavras de tranças.....	97
Figura 35 - Trança borromeana com seis cruzamentos e seu fechamento no nó borromeu.....	97
Figura 36 - Tempo 0 do trançamento RSI.....	98
Figura 37 - Tempo 1: R sobre S .....	99
Figura 38 - Tempo 2: I sobre R.....	99
Figura 39 - Tempo 3: S sobre I .....	100
Figura 40 - Tempo 4: R sobre S .....	101
Figura 41 - Tempo 5: I sobre R.....	101
Figura 42 - Tempo 6: S sobre I .....	101
<b>Figura 43 - Abertura das rodela em reta infinita</b> .....	106
Figura 44- Campos de ex-sistência engendrando Inibição, Sintoma e Angústia .....	107
<b>Figura 45 - Mão do Toro</b> .....	108
<b>Figura 46 - Inibição, Sintoma e Angústia no Nó Borromeu</b> .....	110
Figura 47 - Ex-sistências Representação/Pré-Cs, Inconsciente e Falo.....	111
Figura 48 - Nomações .....	117
Figura 49 - Quarto elo .....	117
Figura 50 - Nó estirado de quatro elos .....	118
Figura 51 - Nomações R, S e I.....	118
Figura 52 - Diferentes posições do quarto elo engendrando distintas nomações.....	118

Figura 53 - Nominção Simbólica entre S e I .....	126
Figura 54- Nominção Simbólica entre S e R.....	127
Figura 55 - Esquema simples da imagem do buquê invertido .....	129
Figura 56 - Nominção Imaginária entre IS .....	130
Figura 57 - Nominção Imaginária entre IR .....	130
Figura 58 - Nominção Real entre R I .....	133
<b>Figura 59 - Nominção Real entre R S.....</b>	<b>133</b>
Figura 60 – Esquema sincrónico da dialética do desejo.....	143
Figura 61 - Esquema do espelho .....	151
Figura 62 – Uma hipótese de nó no autismo: R atado ao S sem enlace ao I.....	158
Figura 6163 – Hipótese de nó no autismo: R atado ao S sem enlace ao I.....	159
Figura 642 - RSI desatados .....	171
Figura 653 - Enodamento entre SR com I bordejando-os .....	172
<b>Figura 664 - RSI não atados .....</b>	<b>181</b>
Figura 675 – Enodamento R sobre S, I sobre S em dois tempos.....	182
Figura 686 - I fazendo furo em R e S atando-os .....	182
Figura 697 -I fazendo furo em R e S atando-os .....	182

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – SOBRE A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA .....</b>	<b>21</b>
<b>1.1-Operações lógicas da alienação e separação .....</b>	<b>22</b>
<b>1.2-A alienação .....</b>	<b>24</b>
<b>1.3-A separação .....</b>	<b>29</b>
<b>1.4-O Um.....</b>	<b>36</b>
<b>1.5-O processo da Verneinung na constituição psíquica .....</b>	<b>41</b>
<b>1.6-Do traço unário às formas da falta: privação, frustração e castração.....</b>	<b>60</b>
<b>1.7 - A Privação Real, a Frustração Imaginária e a Castração simbólica em relação à constituição psíquica.....</b>	<b>66</b>
<b>1.8-A castração simbólica mostrada no grafo do desejo .....</b>	<b>72</b>
<b>CAPÍTULO II - PERSPECTIVAS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA À LUZ DA TOPOLOGIA NODAL .....</b>	<b>81</b>
<b>2.2- Introdução aos conceitos dos nós e das tranças .....</b>	<b>89</b>
2.2.1- <i>Os tipos de nós.....</i>	<i>89</i>
2.2.2- <i>O nó borromeano na topologia lacaniana.....</i>	<i>93</i>
2.2.3- <i>As tranças.....</i>	<i>95</i>
<b>2.3-A tríplexidade do Real do nó e as dit-mansions do Real Simbólico e Imaginário</b>	<b>103</b>
2.3.1- <i>Sobre a consistência.....</i>	<i>104</i>
2.3.2- <i>Sobre a ex-sistência.....</i>	<i>105</i>
2.3.3- <i>O furo .....</i>	<i>108</i>
<b>2.4-Os gozos .....</b>	<b>110</b>
2.4.1- <i>O gozo fálico .....</i>	<i>112</i>
2.4.2- <i>O gozo do Outro.....</i>	<i>113</i>
2.4.3- <i>O sentido .....</i>	<i>115</i>
<b>2.5-A tríade freudiana em nomeações: Real, Simbólica e Imaginária. ....</b>	<b>116</b>
<b>2.6-O quarto elo.....</b>	<b>116</b>

<b>2.7-O Simbólico .....</b>	<b>119</b>
2.7.1-O sintoma enquanto nomeação do Simbólico .....	123
<b>2.8-O Imaginário .....</b>	<b>128</b>
2.8.1-A inibição como nomeação do Imaginário .....	129
<b>2.9-O Real .....</b>	<b>131</b>
2.9.1-A angústia como nomeação do Real.....	133
<b>CAPÍTULO III – OS NÓS DO(S) AUTISTA(S) .....</b>	<b>135</b>
<b>3.1-Topologia lacaniana e clínica com crianças autistas .....</b>	<b>135</b>
<b>3.2-As vicissitudes da não extração do objeto <i>a</i> no autismo.....</b>	<b>140</b>
3.2.1-O real do Outro e o objeto <i>a</i> .....	141
3.2.2-A construção da borda autística: os objetos autísticos, o uso do duplo, e a ilha de competência.....	151
<b>3.3-Apresentação de casos clínicos .....</b>	<b>161</b>
3.3.1-O caso Marie Françoise.....	161
3.3.2. O caso Rafael.....	172
3.3.3-O caso Gabriel.....	174
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>190</b>

## INTRODUÇÃO

A dificuldade em determinar a estrutura do autismo é pauta de discordâncias dentro da própria psicanálise, denunciando o constrangimento que o autismo causa, não apenas nos distintos discursos, mas também para a psicanálise. Entretanto, à diferença de outros discursos, é esse constrangimento mesmo que coloca o psicanalista a trabalho, em seu empreendimento para melhor dizer o que está em jogo, para o autista. É o que poderia ser resumido na questão: *a clínica<sup>1</sup> psicanalítica teria capacidade operatória para tratar a condição autística? Como seria isso?* Problematizada por muitos psicanalistas, no seio das próprias instituições de psicanálise, que desencadearam tal discussão, esta questão foi contraposta por outros com a mesma assertiva que antes franqueou o tratamento das psicoses: *a psicanálise não recua diante do autismo!* (LEFORT & LEFORT, 1991). Neste cenário, vários autores (TUSTIN, 1972; BAILO, 1993; VORCARO, 1999; JERUSALINSKY, 1984; LEFORT & LEFORT, 2003; LAURENT, 2007; MALEVAL, 2009; BARROSO, 2014) buscaram descrever o autismo e seu funcionamento a partir da própria prática. Essa diversidade parece, por um lado, estar situada nos vários modos de privilegiar diferentes aspectos teóricos orientadores das distintas concepções. Por outro lado, as modalidades das manifestações psíquicas dos autistas – e as restrições de nossas leituras – parecem referidas a etiologias diversas e, por vezes, conjugadas. Assim, enquanto alguns psicanalistas (LEFORT & LEFORT, 2003; PORGE, 2014; JERUSALINSKY, 2010; MALEVAL, 2009) distinguem o autismo como condição rara e precisa em suas manifestações, chegando a situá-lo como uma *quarta estrutura* (LEFORT, 2017; LAURENT, 2014; MALEVAL, 2015; JERUSALINSKY, 2010), alguns outros o situaram ou o situam como uma *forma primária e original da psicose* (WINNICOTT, 1966; LAURENT, 2007; BRUNO, 1993). Encontramos, ainda, outros autores que, a partir de uma psiquiatria infantil por vezes informada pela psicanálise, originada em Kanner (1943/1997) [(BETHELHEIM, 1987; ASPERGER, 1944; SPITZ, 1979; BALBO, 2008)], justificam teoricamente sua incidência a partir da mesma lógica de privação do hospitalismo, localizando-o como amalgamado a estados melancólicos e depressões maternas graves, impeditivas da sustentação do laço social com o neonato.

---

<sup>1</sup> Consideramos aqui a ponderação de Miller (2006) sobre a distinção apontada pela psicanálise a respeito das classificações, que “não têm um fundamento na natureza, nem na estrutura, e nem no real” (p. 20), são somente semblante, não sendo, contudo, escolhidas em função de dados, mas sim da prática linguística, de tal modo que “nem a psicose, nem a neurose são espécies naturais” (p. 21). (Cf., Miller, J.-A. (2006). *A arte do diagnóstico: o rouxinol de Lacan*. Revista Curinga, nº 23. Belo Horizonte: Escola Brasileira e Psicanálise – Seção Minas).

Nos últimos anos, os paradoxos existentes entre as hipóteses psicanalíticas de *condição estrutural de um sujeito* e o *não-decidido das estruturas* promoveu uma problematização em psicanálise acerca da fixidez estrutural que classificaria o sujeito segundo a perversão, a neurose ou a psicose (VORCARO, 2015). Vale ressaltar que a atenção a esse paradoxo tem engendrado uma mobilidade em relação ao entendimento da realidade psíquica e da constituição do sujeito. Recorrendo a estudos epigenéticos, outros psicanalistas, ainda, (a partir de Laznik, 1997) situam uma falha na construção do terceiro tempo pulsional causada por uma hipersensibilidade não esclarecida que impediria ao neonato suportar a “estimulação” recebida e, a partir desta desenvolver a percepção. Depressões maternas seriam, nesse contexto, não a causa da condição autística, mas o efeito da recusa do neonato em responder ao investimento materno. Recentemente, temos assistido, ainda, da parte da psiquiatria de perspectiva a-teórica (DSM-V<sup>2</sup>), baseada em evidências clínicas, um investimento maciço na consideração do que denominam *espectro autístico*, em que caberiam todas as manifestações de deficiência da comunicação, cujos quadros, variariam segundo o grau de autismo. Nessa direção, todas as manifestações de psicose e mesmo a debilidade mental estariam incluídas sob o mesmo manto espectral.

Como trataremos no Capítulo 3 desta tese, na psicanálise especificamente lacaniana, uma contraposição entre o chamado espectro autístico e a originalidade da especificidade autística conduziu alguns psicanalistas como Porge (2010), a partir de Deligny (2007), a reconhecer no autismo a singularidade de uma errância que explicita fragmentos de um nó borromeano cujos anéis esparsos, o reduz a linhas de existência. Nessa perspectiva, simbólico e imaginário são impossíveis de articular, reduzidos ao simbolicamente real e ao imaginariamente real. Por sua vez, ao acompanhar a profusão diagnóstica de autismos pela psiquiatria, o Observatório do autismo da EBP/FAPOL denuncia que “crianças apenas com restrições na reciprocidade social, na comunicação e na conduta, não necessariamente apresentando o tipo clínico do autismo, ou que crianças que, por outros motivos, sofram de um gozo deslocalizado, desinseridas do campo do Outro, tenham os mesmos encaminhamentos e tratamentos disponibilizados aos autistas”.<sup>3</sup>

Esta tese pretendeu cavar os interstícios do que acontece quando uma criança não localiza sua posição em relação ao Outro, explicitada por Lacan (1964/2008) ao afirmar que a

---

<sup>2</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, American Psychiatric Association, Artmed ed., 2014.

<sup>3</sup> Em comunicação pessoal com Suzana Barroso, 2018.

ausência de intervalo entre os significantes produz condições subjetivas específicas. Nesta ocasião, ele afirma que “quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar” (1964/1988 p. 225). Apesar de Lacan ter apreendido esta “série de casos”, diferenciando-a como os de psicose, debilidade e psicossomática, na medida em que também o autismo atesta, mesmo que pela recusa ativa, certo modo de entrada na linguagem, afirmamos, com Gilson (1999) e Vorcaro (1999), que podemos incluí-lo nessa série paradoxal. Entretanto, considerando a insuficiência para abordar o autismo a partir da proposta lacaniana daquele momento de seu ensino, com os Círculos de Euler que articulavam alienação e separação, recorremos a sua formulação sobre a topologia das *dit-mansions*<sup>4</sup> da realidade do sujeito, com o nó borromeano. Parece-nos promissor tomar o real do nó borromeano com seus elos esparsos (LACAN, 1974-1975), o ponto essencial para abordar o autismo como tipo clínico dessa classe paradoxal, tensionado pela singularidade de cada caso (LACAN, 2003; MILNER, 2006). Visando a estrutura neurótica, o esquema da alienação/separação (LACAN, 1964/2008) atentou para os casos em que esta configuração não se armava, considerando-os fracassos da estruturação (VORCARO, 1999). Ultrapassando essa perspectiva, que privilegiaria a neurose como ideal (e, conseqüentemente, os demais casos como deficitários em relação à neurose), a direção topológica dos nós não borromeanos franqueia a possibilidade de estabelecer o estatuto próprio do sujeito.

Distinguimos, por esse meio, os sintomas de autismo como tomados pela psiquiatria, das respostas singulares que o sujeito autista inventa para lidar com a alteridade. Aposta-se que topologia do nó atado de modo não borromeano<sup>5</sup> nos permita abordar as manifestações dos autistas não como um sintoma (mesmo na direção psicanalítica que o liga à substituição significante), mas como modo de tratamento da angústia.

Ancorados nas articulações entre linguagem e topologia (para além da lingüística e da matemática), presentes na teorização de Lacan, como modalizações nas quais o sujeito se diferencia, compondo sua realidade, investigamos as condições do enlace entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, na constituição psíquica neurótica, para, a seguir, formular a

<sup>4</sup> Para distinguir a razão de seu discurso daquele do espaço geométrico da lógica cartesiana, dimensão, Lacan utiliza o termo homófono *dit-mansion* (Cf. Seminário 20 e 21, além do artigo O Aturdido).

<sup>5</sup> Vale assinalar que para Lacan o nó borromeano jamais é estabelecido por si só. Enquanto Freud localizou o Complexo de Édipo como elo articulador dos registros RSI, nomeando a realidade psíquica, Lacan considera que, mesmo a neurose implica a especificidade da reparação dos cruzamentos entre R, S ou I por meio das nomações que inventa, sendo que o sujeito pode se manter inventando condições de atamento não borromeano, como explicitadas em Joyce (1975-76/2007).



hipótese de que uma leitura topológica do modo de enodamento dessas três dimensões (*dit-mansions*) podem nos fornecer os elementos para diferenciar a realidade do sujeito autista.

Concebemos a estrutura de linguagem como o mundo da criança, ou seja, o local em que a criança necessariamente se manifesta e se assujeita. Acessar os tempos lógicos da constituição do sujeito autista, a partir de seu trabalho, é um dos objetivos principais desta tese. Com Freud e Lacan, buscamos identificar as relações do sujeito com a linguagem, bem como as implicações deste na diferenciação entre os registros psíquicos. Analisamos seu modo de entrada na linguagem em sua diferença ao que é teorizado como constitutivo do sujeito neurótico, uma vez que vemos no autista o que parece ser uma posição de radical recusa de entrada no discurso, mas que, no entanto, parece, por vezes, voltado a um movimento em que tenta operar a inscrição de sua diferença.

Partindo do pressuposto de que os atos do autista não estão à deriva, a *esmos*, incertos e sem fundamento, a despeito de serem *ermos*, sós e desacompanhados, entendemos que sua *errância* aponta uma lógica no itinerário que traça com o iterar. Com essa premissa, o autista pode se situar, realizando um movimento “sincrônico-diacrônico” na linguagem em suas *dit-mansions*: mesmo que pouco fale, ele diz, ao escrever com seu corpo; mesmo que não enode *simultaneamente* real, simbólico e imaginário, ele se serve *sincronicamente* desses registros ao inventar um modo de fazer com sua angústia.

Com Maleval (2015) ressaltamos de Kanner (1943) o traço que distingue o autista como tipo clínico: o esforço em preservar a imutabilidade do seu entorno. Testemunhamos, entretanto, que o que se convencionou chamar de continuidade de um *automatismo reflexo*, é legitimamente um ato, na medida em que fura a mesma tentativa de manter tal imutabilidade. Seu ato demonstra uma descontinuidade em relação a seu entorno, explicitando seu constante trabalho psíquico (RIBEIRO, 2003). Mesmo que o ato preserve seu caráter reprodutivo (e não repetitivo) por não se estabelecer no funcionamento da linguagem, na medida em que *não cessa de não se escrever* (LACAN, 1972-73/2008), seu ato é o diferencial da insistência do sujeito. As suas manifestações, nos ditos movimentos estereotipados, nas reproduções não diferidas, como nas condutas “*on-off*”, no uso dos objetos mediadores (objetos autísticos) e do duplo, são indicação da tentativa de tratar o *continuum* do gozo e seus efeitos no corpo, por outro meio que não a identificação especular, através do reconhecimento de um traço, que permitiria, em um segundo tempo, transpô-lo a outro registro, em que se representaria. Caso isto seja possível, não seria preciso recomeçar indefinidamente o mesmo trabalho de iteração

automática. Ao contar com uma inscrição que pode nomear e assim rasurar a coisa, o trabalho de se escrever pode cessar para dar lugar a novos usos do que antes estava restrito a mera reprodução. Assim, o uso dos mesmos objetos pode se complexificar, legitimando a singularidade de seu funcionamento. Preservar estendendo seu próprio ato para com este, estabelecer uma borda defensiva, nos parece ser a direção do tratamento.

Afinal, para entrar no funcionamento da linguagem, sem, entretanto, efetivar sua alienação a esta, o autista encontra uma maneira muito específica: mantém-se protegido do Outro. Sem se servir dos significantes para estabelecer-se, ou seja, recusando-se a fazer semblante, busca paridades sígnicas. Nesta via, interrogamos a modalidade que o Outro assume para a criança. Ao que parece, para o autista, o estatuto do Outro não é o de um lugar simbólico, mas permanece no âmbito do *simbolicamente real*, ou do *imaginariamente real* sendo, por isso, para ele, tão devastador. Longe de implicar a cessão de um aparelho - o da linguagem - com o qual se defenderia, tal como faz o neurótico, é justamente contra a inconsistência do Outro que se defende, restando o Outro como obstáculo maciço e intransitivo.

Para diferenciar o autismo da neurose, abordaremos as operações lógicas da estruturação psíquica apontadas por Lacan (1964/2008): alienação e separação. Esse tema será objeto do Capítulo I. Abordaremos inicialmente a constituição neurótica, em que o laço social se determina quando o sujeito assente ao Outro na operação de sua constituição. Analisamos as posições psicopatológicas na infância, que concernem à criança em posição de ocupar lugar de objeto na fantasia do Outro materno, mantendo-se alienadas de modos distintos. Quanto ao autismo, questionaremos sua alienação e a não efetuação do recalque originário. Partimos, então, à consideração freudiana sobre a fundação do inconsciente, através da importante “Carta 52” (1896/1976) destinada à Fliess, passando pela operação da *Bejahung-Ausstossung* e conseqüentemente, efetuando, ou não, a *Verneinung* nesta fundação, contando com releitura de Lacan do ensaio freudiano sobre “A negativa” (1925/2014). A alienação e separação serão consideradas como mote para situar a relação entre o sujeito e a extração do objeto *a*.

A topologia, por sua vez, será abordada no Capítulo II. A topologia testemunha existência do inconsciente remanejando nossas relações com o espaço. O ser falante carece de um lugar que o situe e o constrinja, sendo isto essencial à sua estruturação. É a partir do lugar que ocupa que pode se reconhecer, articular seu desejo e reconhecer o Outro (DARMON,

1994). A topologia foi um recurso utilizado por Lacan com a intenção de permitir fazer a redução do espaço Imaginário da representação, tratando da estrutura pela via do nó, ou seja, no estatuto do Real: temos uma clínica nodal. O nó borromeano é uma escrita que suporta um Real, é um *algoritmo*<sup>6</sup> passível de ser imaginável no espaço (LACAN, 1973-74, 19/03/1974). Na clínica com a criança autista, trabalhamos com esta subversão da lógica clássica. Utilizamos do recurso topológico que consiste nas noções de vizinhança e pontos de acumulação, enfatizando a descontinuidade, subvertendo a clínica do Imaginário e da continuidade do Simbólico para dizer da constituição de uma realidade psíquica no autismo.

O nó borromeano é um objeto topológico que busca o limite da metaforização do Real como uma escrita que escreve a triplicidade da dimensão da letra (LACAN, 1974-5). Ele se estrutura por três *dit-mansões* (LACAN, 1973-74) distintas, Real, Simbólico e Imaginário, mas que se sustentam juntas, estejam elas ou não enodadas borromeaneamente. É o que, segundo Schejtman (2013), permite a distinção entre neuroses (enodamento borromeano cujos lapsos são reparados) e psicoses (enodamento não borromeano com suplência de grampos). A articulação entre elas, que se constituirão por meio de cortes, bem como de reparações e suplências de um quarto elo. O nó é igualmente Real, Simbólico e Imaginário e se institui por sua *ex-sistência*, furo e sentido. Estas, se distinguindo, engendram uma realidade pela relação que estabelecem entre si. Por estarem referidas a neurose e a psicose, não realizaremos ostensivamente as apresentações do nó borromeano a partir das relações entre as *dit-mansões* RSI e os distintos atamentos com as nomações<sup>7</sup>. Isso será feito apenas na medida em que nos permitirá distinguir nossa hipótese sobre a clínica nodal dos autistas. Por isso, focalizaremos nossos esforços para situar o autismo como tipo clínico em que a topologia do Nó é singular, suportada apenas por uma perfuração do simbólico pelo real, mantendo o imaginário apenas na borda daqueles.

No Capítulo III, fizemos a articulação entre a topologia lacaniana - apresentada e discutida nos últimos seminários de Lacan – e os autismos, com fins de realizar uma possível mostra dos nós não borromeanos nos autismos. Para tanto, recorreremos a autores contemporâneos, que trataram a articulação da topologia lacaniana à clínica, franqueando nosso posicionamento de que é possível, aos autistas, modalizarem alguma articulação entre

<sup>6</sup>O algoritmo consiste numa seqüência finita de regras, raciocínios ou operações que, aplicada a um número finito de dados, permite solucionar classes semelhantes de problemas.

<sup>7</sup> Para isso sugerimos a leitura de Schejtman, “*Sinthome: Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*” (Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones); e de Carla Capanema, “*A contigência da paternidade como forma de amarração do quarto elo do nó borromeano na adolescência*” (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais).

as dit-mansões real, simbólica e imaginária, mesmo em se tratando de atamento não-borromeano, em que esses registros se toquem sem se interpenetrarem. O tratamento psicanalítico com crianças autistas, parte de suas invenções iterativas intervindo para que a criança as complexifique. Demarcando a descontinuidade da iteração autística em relação ao campo simbólico em que estão mergulhadas e que tomam como real, inapreensível e devastador, o analista franqueia a essas crianças o reconhecimento de seus atos de modo que possam se servir de sua invenção iterativa como borda que delimita um campo subjetivo próprio. Assim, ao mesmo tempo em que essa borda os defende, ancorando suas incidências subjetivas, eles podem, com ela, estabelecer novas incursões suportáveis no campo simbólico. Através da concepção de *corte* e *vizinhança*, contida na topologia lacaniana, pode-se localizar distintas e móveis modalidades de constrição entre *dit-mansões*: real, simbólica e Imaginária, para conceber modalizações subjetivas de autistas. Em vez de tomá-las como deficitárias em relação à neurose, que tanto insistem nas categorias da psicose e da perversão, hipotetizamos que os autismos (como também os outros tipos clínicos) evidenciam uma modalidade específica de subjetivação, não ordenada pela função fálica. Nestes, a *resposta* que define o efeito sujeito estabelece, como defesa, um modo de constrição das *dit-mansões* psíquicas não enlaçado borromeamente. Isso significa que em qualquer ser falante estas mesmas *dit-mansões* estão presentes, não sendo apagadas por operar distintos modos de atar ou por não estabelecer atamentos borromeanos.

## CAPÍTULO I – SOBRE A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

*“Para fazer sair um coelho de uma cartola, era preciso tê-lo previamente colocado lá” (Lacan, 1962).*

O sujeito surge de uma distinção demarcada pelo Outro, ao nomeá-lo. Tal movimento, do Outro ao ser, não é recíproco (1964/2008, p. 203), mas se processa numa torção circular, dissimétrica da convocação do ser a tornar-se sujeito pelo Outro. O *infans* chamado a advir como sujeito depende, portanto, primeiramente, do Outro, que identifica esse ser inscrevendo, nele, um traço nomeante. Ao depender do lugar em que parte, mas também das errâncias, itinerários e acontecimentos que atravessam o curso de sua vida, o sujeito responde, localizando-se de distintas maneiras.

Identificar-se a esse traço deixado pelo Outro é a operação que o autista interroga, na medida em que não se deixa constranger ao campo do Outro, ao lugar simbólico.

É do campo do Outro, lugar simbólico, que o organismo é constrangido à cultura. Ele priva o ser de sua condição homeostática de puro fluxo vital em função da filiação. Geralmente, incorporando a nomeação numa identificação primária que o posiciona diante de sua filiação, o sujeito é cernido à linguagem, assujeitando-se ao campo do Outro. Veremos que isso se realiza pelos efeitos da fala decorrida do Outro, pela circularidade dissimétrica da ida e da volta, entre o *infans* e o agente da linguagem, o sujeito é fígado pela pulsão por uma volta conclusiva, antes mesmo de dar-se conta. Existir como sujeito implica estruturar-se como defesa, desde a primeira intrusão da linguagem. Como na metáfora, cuja significação se ordenará em torno de um furo, o sujeito geralmente se situaria entre ser representado por significantes e ser objeto do Outro, estabelecendo-se em torno de uma unidade de medida – o falo – na qual se situará no mundo, orientando-se. Deste modo, não se restringindo nem se colando ao Outro, pode servir-se deste para dele separar-se, buscando saber sobre o querer do Outro.

O autismo, como também a debilidade, a psicose e a psicossomática, nos convocam a conceber outras modalidades de subjetivação que escapam a tais premissas, que podem ser ditas, calcadas no ideal teórico generalizante da neurose.

Quando consideramos essa série de tipos clínicos, o tempo de constituição psíquica implica impasses que podem ser muito mais contundentes que a escolha neurótica do ser. Trata-se, sobretudo, de respostas do ser diante do que lhe faz alteridade. Esta, muito além de ser meramente assimilada, pode ser logo interrogada, maciçamente assentida, e até mesmo severamente repudiada (como parece ser no autismo). É o que abre a perspectiva de localizar e problematizar, neste primeiro capítulo, o que estaria em jogo para o sujeito autista, em sua posição relativa: ao traço unário, termo simbólico primário; a operação da *Bejahung-Ausstossung* e *Verneignung*, a partir da conjugação destas com as operações lógicas da alienação e separação, especialmente abordadas por Lacan no Seminário 11, ponto a partir do qual associaremos outras elaborações teóricas.

### **1.1-Operações lógicas da alienação e separação**

Com a intenção de apresentar o que implica a dialética de surgimento do sujeito e sua problemática no autismo exporemos as operações lógicas da alienação e da separação, trazidas por Lacan em *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/2008). Apesar de considerar a insuficiência teórica dessas operações para formular a operação autística, não podemos negligenciar sua importância como ponto de partida para a diferenciação do autismo, como já desdobraram alguns autores. Maleval (2009/2017), Laurent (2014, 2007) e Vorcaro (1999) supuseram que, no autismo, haveria uma alienação mínima ao Outro, enquanto outros autores hipotetizam que até este movimento primário não teria se efetivado (VIDAL E VIDAL, 1995; JERUSALINSKY, 1989; SOLER, 1997). Lacan (1964/2008, p. 205) lembra que qualquer coisa que façamos, sempre estaremos um pouco alienados, seja em quais âmbitos forem, quer no econômico, no político, no estético ou mesmo no psicopatológico. Partindo desta assertiva, pensamos que uma operação ínfima de alienação acontece no autismo. Em primeiro lugar, por que o mundo do filhote humano é um mundo simbólico, mesmo que este o tome como real, ao sofrer os efeitos da linguagem como acontecimento traumático que o retira de sua condição de homeostase orgânica. Em segundo lugar, também com Lacan 1992 (1967) reconhecemos que até mesmo o autista está na linguagem, como mostra ao atestar que dela se defende:

[...] uma criança que tapa os ouvidos, dizem-nos, para quê? Para alguma coisa que está sendo falada, já não está no pós-verbal, visto que se protege do verbo. No que concerne a uma pretensa construção do espaço que aí se acredita apreender,

nascente, parece-me antes encontrar o momento que atesta uma relação já estabelecida com o aqui e o lá, que são estruturas da linguagem. (LACAN, 2003/1968, p.365).

Em outro momento, num diálogo em Genebra com o Dr. Cramer, Lacan aponta que o autista tem algo a dizer, mesmo que algo se congele:

[...] Como o nome o indica, os autistas escutam a si mesmos. Eles ouvem muitas coisas. Isso leva, normalmente à alucinação – e a alucinação sempre tem um caráter mais ou menos vocal. Nem todos os autistas escutam vozes, mas eles articulam muitas coisas e trata-se, precisamente, de entender onde escutaram o que articulam. Eles não conseguem escutar o que o Sr. tem para dizer-lhes enquanto se ocupa deles. É muito precisamente [a dificuldade de escutá-los, a linguagem deles como algo fechado] o que faz com que não os escutemos. O fato de que eles não os escutam. Contudo, enfim, há, certamente, algo a lhes dizer. [...] Trata-se de saber porque há algo no autista, ou no chamado esquizofrênico, que se congela, se se pode dizer isso. O senhor, porém, não pode dizer que ele não fala. Que o senhor tenha dificuldades para escutá-los, para dar seu entendimento ao que dizem, não impedem que sejam, finalmente, personagens bastante verbosos (LACAN, 1998/1975, pp. 12-13).

Ao localizarmos o sujeito a partir da definição lacaniana de que *um significante representa um Sujeito para outro significante*, ou seja,  $(S1 \rightarrow \$ \rightarrow S2)$ , há sujeito em qualquer concatenação significante, mesmo que esta seja, por seu gesto, escrita do corpo e não verbalizada. Assim sendo, como lembram Vorcaro e Lucero (2010) “desde que haja uma demanda e uma resposta, mesmo que esta se reduza à recusa associada a um olhar endereçado por um desvio daquele que o recebe, temos a presença, sempre evanescente, do sujeito que concatenou olhar e desvio mesmo que para operar sua descontinuidade” (p. 148). Portanto, é o modo como a linguagem é especificamente tomada que nos permitirá distinguir o autismo.

As operações de alienação e separação nos permitem situar o sujeito em sua relação ao Outro na constituição psíquica, abrindo espaço para discussão acerca das psicopatologias da infância. Como veremos no Capítulo II, que trata do enodamento borromeano, a sincronia da constrição topológica na atualidade em que o sujeito se manifesta sofre implicações diacrônicas. Supomos que, antes dos desdobramentos do encontro com o Outro sexual bem como do afastamento do Outro parental, ocorrem operações lógicas da subjetivação a serem efetuadas para a constrição entre os registros Real, Simbólico e Imaginário: na condição de criança, o sujeito é instável, pois desdobra itinerários simbólicos e errâncias reais de enodamentos a reboque do imaginário parental. Entende-se que importa na clínica, para além do que a criança manifesta, uma leitura da escrita que seu corpo efetua, para além do dito. Dessa forma, abre-se a possibilidade de localizar a posição ocupada pelo sujeito como

resposta a alteridade (real, simbólica e imaginária) que o constringe. É a partir da modalidade de resposta do sujeito que corta e reenlaça num ato a produção de uma superfície, que poderemos calcular a singularidade da constrição entre as dit-mansões do Real, do Simbólico e do Imaginário que este faz.

Essas operações mostram-nos o osso do movimento necessário para fazer existir um sujeito e que ele não se realiza sem o Outro, mas apesar deste. A alienação demonstra que o sujeito, para existir neuroticamente, se coloca como objeto de desejo do Outro e a separação opera a defesa à incidência deste Outro, descompletando-o. Demarca-se, aí, a disjunção-conjunção sujeito/Outro que franqueia a extração do objeto *a*. Interessa notar que o Outro da alienação aparece primeiro como completo, e na separação ele é limitado e não-todo.

Nas posições subjetivas que encontramos no autismo, na debilidade, na psicose e na psicossomática, outras modalidades de funcionamento podem ser testemunhadas. Elas não se definem como déficits, mas em outros modos de se defenderem do Outro, para preservar o que há de sujeito, no ser.

## 1.2-A alienação

Lacan (1964/2008, p. 206) explica que a **alienação** consiste no *vel*, que convoca o sujeito a uma escolha em relação ao Outro: surgir de um lado como sentido, produzido pelo significante, acarreta aparecer de outro lado como *afânise*<sup>8</sup>, desaparecimento. Afinal, “a partir do momento em que pode ser nomeada, sua presença pode ser evocada como sendo uma dimensão original, distinta da realidade. A nomenclatura é evocação da presença e conservação da presença na ausência” (LACAN, 1954-55/1985, p. 321). Esta operação simbólica entre o sujeito e o Outro tem a lógica da **reunião**, que difere da adição, pois o que está em jogo é a articulação do “*ou*” e não da soma pelo “*e*”. É um movimento que parte do sujeito ao Outro, a partir do que este Outro tem a ofertar - enquanto matriz de dupla entrada, significantes e

---

<sup>8</sup>*Afânise* (*aphanisis*) é termo introduzido por Ernest Jones para designar *desaparecimento*. Lacan (1958-59/2016, p. 216-7) retoma este conceito, e explica que ele surgiu quando Jones observou que alguns de seus pacientes apresentavam medo do desaparecimento do desejo, quando na análise, se aproximavam do complexo de castração. Diante do temor da castração, ou do objeto de seu desejo, o sujeito se desvanece. Contudo, Lacan salienta que é exatamente pelo fato de haver um jogo de significantes implicado, na castração, que o sujeito teme pelo futuro do desaparecimento de seu desejo. O “desaparecimento do sujeito” ocorre pelo fato de ser um sujeito atravessado pelo significante, decepado de sua condição de puro ser orgânico.



objetos (LACAN, 1968-9/2008). A operação de reunião se caracteriza não pela soma de todos os elementos de dois conjuntos, mas pela reunião do que há de distinto entre eles, ou seja, do que falta entre um e o outro e pela escolha em reuni-los.

Mas, para que o sujeito faça esse movimento em direção ao Outro, alienando-se, precisou haver a chegada do Outro (personificado no agente dessa função) que fez leituras, interpretou os gritos e localizou o ser previamente num campo simbólico, convocando-o ao engajamento. Pode-se dizer, portanto, que há um movimento incluído no *vel* da alienação e que parte do Outro. É o Outro que se dirige ao *infans* franqueado pelo narcisismo dos pais, ou seja, dos cuidadores primários. A constituição do sujeito ao campo do Outro concerne o surgimento do inconsciente pelo seu fechamento marcado pelo significante, em um lugar indeterminado, numa pulsação temporal que termina por engendrar o sujeito de sua significação. Lacan (1964/2008) ressalta que o significante, só vem a funcionar como tal pela redução do ser em sujeito na separação. Este se instala, enquanto instância petrificada no significante, no mesmo movimento em que foi convocado a funcionar falando como sujeito. O autor salienta que “a relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância”(p. 202) e que sem isto, tudo poderia ficar no real. Como podemos apreender a hiância que aí está em jogo?

Este movimento primário não será efetuado, senão por uma certa *forçagem* do Outro à alienação do *infans*, situado na figura de um cuidador primário.

Descenderá, por meio do transativismo materno, a operação da *forçagem* de entrada do ser no Simbólico: pela aposta que supõe e antecipa um sujeito. Com a tentativa de tradução das manifestações da criança, com o que ele mesmo supõe ter um dia experimentado, um agente em posição de Outro, a mãe, presume existir ali um ser de desejo que poderá lhe responder com a demanda. Diante do grito do *infans*, o Outro supõe o que deve ser ofertado, doando um pedaço de seu próprio corpo: privilegiadamente elege o seio como objeto da oferta. Longe de engolfá-lo num saber absoluto que o localizaria, o exercício maternante permite não só a dependência que orienta o laço do bebê, como também a dúvida e a possibilidade da inscrição. É o que permitirá advir, desse lugar, um sujeito. Ao acolhê-la e contê-la num campo simbólico, o agente materno, contando com seu imaginário, diz o que *o ser é* antes de ele poder dizer “eu sou” (VORCARO, 1999).

A mãe funciona como um órgão extracorpóreo da criança, pois responde às suas urgências vitais com o que decide por ela, implantando uma ordem simbólica que regula a

economia do organismo. A criança, assim, passa a obedecer aos signos pressupostos pela mãe e sua constituição subjetiva poderá ocorrer (NEVES, 2010). Uma matriz simbolizante mínima parte da *tensão e apaziguamento* do organismo para concatená-las à instauração da *presença e ausência* maternas. Assim, ao mesmo tempo em que se opõem, se intercalam e se equivalem, uma anulando a outra e, portanto, se distinguem, franqueando a experiência do prazer - entendido como um estado de menor tensão possível do funcionamento do aparelho psíquico. Vorcaro (1999) localiza esse momento como **tempo zero**, o do primeiro encontro do neonato, real orgânico, com a realidade psíquica (imaginária, real e simbólica) do agente materno.

O Outro, encarnado pela mãe, fará a tradução dos movimentos corporais da criança, permitindo a ela se identificar e aprender o transitivismo para depois repeti-lo. O transitivismo, segundo Bergès e Balbo (2002), é o processo em que a mãe se engaja quando se endereça ao filho, fazendo a hipótese de haver nele um saber, em torno do qual seu endereçamento vai circular e lhe retornar sob a forma da demanda, que ela supõe ser aquela de uma identificação de seu filho ao discurso que ela tem dele. Os autores decretam que, “não existe sujeito, a não ser a partir do momento em que a mãe faz a hipótese de que a criança tem uma demanda” (p. 123). A mãe transitiva os estados da criança, antecipando suas demandas. Na própria fala, ela a testemunha: “*tô com frio, quero colo!*”, “*tô com fome, me dá leite!*”, despendendo um saber, diz por ele, aguardando que, no próximo tempo, ele venha a apelar, respondendo do lugar de sujeito que percebe uma falta em si e pode encontrar uma resposta no Outro.

Quando há a descontinuidade na alternância pelo próprio efeito do significante, o organismo sai de sua condição vital e se insere na cadeia, sentindo o mal-estar. Os registros Simbólico, Imaginário e Real começam a se movimentar numa trama (VORCARO, 1999)<sup>9</sup>. A descontinuidade atravessa a matriz simbólica exigindo, da criança, a recuperação do fluxo do trilhamento anteriormente estabelecido. Se, inicialmente, esse movimento retroativo dá lugar à alucinação da experiência de satisfação, logo ele implicará o grito que clama o retorno da homeostase. Ao considerar tal grito como apelo endereçado, o agente materno provê sua resposta apaziguadora. A importância dessa operação é a de ultrapassar o automatismo reflexo entre tensão e apaziguamento (que já era propiciado pelo provedor materno) para instaurar uma interposição temporal entre a tensão e o apaziguamento que interrompe o automatismo. Na hiância instalada entre eles, o grito de apelo e a resposta do Outro insemnam a distinção e

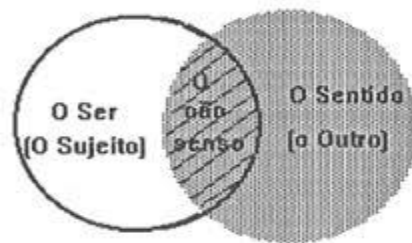
---

<sup>9</sup> No Capítulo II descreveremos o trançamento RSI em seis movimentos a partir do exposto por Ângela Vorcaro (1999).

a concatenação dos dois estados (desprazer/prazer) até então em continuidade. Tal vivência denota a contingência do Real sobre a matriz simbolizante mínima, que antecede a distinção entre *eu e não-eu*, criando sua condição de possibilidade. Há a demarcação do reconhecimento de uma perda: o grito substitui a coisa perdida pelo significante da coisa, marcando a falta pelo traço unário, corte que ao ser rasurado no funcionamento da linguagem, virá a ser transmutado em  $S_1$ , demarcando a primeira identificação do sujeito (voltaremos a esse tema no item 1.6). Em sua simplicidade de mero traço, este traço unário marca a diferença Real recaindo sobre a diferença Simbólica dos significantes, já destituída de seus invólucros imaginários. Estabelece-se, então, o movimento de alienação do sujeito ao Outro (como veremos, esse ponto nos permite uma hipótese sobre o limite da alienação nos autismos).

O *vel* da **alienação** é definido por uma escolha, que acarretará como consequência uma perda. Se há a escolha por uma parte, perde-se a outra (LACAN, 1964/2008, p. 206).

**Figura 1 - Reunião**



**Fonte: Lacan (1964/2008)**

Vemos, na imagem, uma relação entre dois conjuntos pela *operação da reunião*: do ser (sujeito) e do sentido (Outro). Caso o ser faça assentimento ao sentido trazido pelo Outro, ele perderá sua parte de ser, no não-senso, e vem a se tornar sujeito, sujeito decepado de sua condição de imanência, de organismo puro, *falta-a-ser*. Mas, se houver a escolha pelo ser, o sujeito desaparece e cai no não-senso. Este processo de alienação está no próprio funcionamento da linguagem, diz Lacan. Entre a liberdade e a vida, se o sujeito escolhe pela sua liberdade, perde as duas possibilidades de saída, mas, se opta pela vida, então a terá amputada da liberdade.

Figura 2 - Alienação



Fonte: elaborada pelo autor

É pelo efeito da fala e da linguagem do Outro que são sentenciados, legiferados traços que marcam de formas indelévels o ser em seu aparecimento como sujeito, pelo assujeitamento sincrônico ao campo do Outro. Esse ser convocado a se tornar sujeito ficará com rasuras, marcas de passos de que algo do Outro passou por ali. Esse algo é rasurado pelo significante unário, o  $S_1$ . Lacan (1964/2008) metaforiza que, por detrás da pedra marcada com os hieróglifos, existe um sujeito que nela os inscreveu. Os traços poderão reenviar a outros, fazendo deslizar significantes que representarão um sujeito a outro significante. Do que antes não era nada senão sujeito por vir, nasce um sujeito marcado pelo significante. Lacan (idem) esclarece,

Em nosso esquema dos mecanismos gerais da alienação, esse *Vorstellungrepräsentanz* é o significante binário ( $S_2$ ). No primeiro acasalamento significante, nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no *significante unário* ( $S_1$ ), o primeiro surgido do Outro, e ele representa o sujeito para um outro significante no qual tem por efeito a *afânise* do sujeito. Donde a divisão do sujeito, quando aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, desaparecimento do sujeito. Há questão de vida e de morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *Vorstellungrepräsentanz* é o significante binário (p. 213).

Este significante *Vorstellungrepräsentanz* ( $S_2$ ) ratifica o recalque primordial, *Uverdrangung* ( $S_1$ , traço unário), ponto do qual serão possíveis os sucessivos recalques. A alienação está ligada à função da dupla de significantes ( $S_1$ - $S_2$ ).

Lacan (1961-62, 24/01/62) adverte que o *Um* significante é uma marca, um rastro, uma escrita, mas não é possível lê-lo sozinho, e que dois significantes são uma “*pataquada*”, uma confusão, e três é a retomada do que se trata no primeiro conferindo significação. Quando existem dois significantes, uma alienação se produz, mas com três há a possibilidade da separação e representação de um sujeito entre os significantes. No apagamento do traço, se faz uma inscrição de outra marca que rasura a primeira, produzindo o desaparecimento do ser,

por onde ele teria passado. O efeito da *afânise* nesta relação entre os significantes é o engendramento de um sujeito enquanto falta. Algo que não ocorre no autismo.

O  $S_1$  é o traumático da incidência do desejo do Outro. Ele é enxame, *essaim* (Lacan, 1972-73/1985, p.137), é o significante sujeitado à série de identificações que constituem o Ideal do eu, instaurando-se a partir de um lugar de onde a cadeia sai numa série de Uns:

$$S_1(S_1(S_1(S_1(\dots))))).$$

Para circular na linguagem, na cadeia significativa, o sujeito precisa aceder ao saber do Outro ( $S_2$ ). A constituição do sujeito caracteriza-se pelo efeito do funcionamento da linguagem sobre o organismo, o que implica que o estabelecimento do sujeito no campo simbólico se efetive sobre a égide da representação que a função do significante promove, segundo suas leis de *substituição* (metonímia e metáfora) e da *diferença* (em que cada um é o que os outros não são, diferindo, inclusive, dele mesmo). É o que permite a afirmação lacaniana, segundo a qual, um significante representa o sujeito para outro significante. Portanto, somente entre significantes, o sujeito pode comparecer, alçando um significante que represente o anterior, mas que jamais equivalha a ele: entre estes, o sujeito os articula.

Caso seja desprovido de sua função, o Um passa a imperar sozinho; podendo se congelar, termina por não representar um sujeito a outro significante, apesar de marcar o corpo vivo do ser. Assim, a função significante pode restar num ponto sígnico, sem operar pelo princípio da diferença, mas funcionando na lógica da semelhança e dessemelhança por paridades. Talvez seja o que possamos constatar no autismo, inferindo que permaneceu congelado em um tempo primário, em que o Um prevalece sem ser alçado à concatenação significante.

### 1.3-A separação

Pode-se situar um segundo tempo na constituição do sujeito, quando o *infans* busca recuperar o estado de *continuum* de gozo supostamente perdido, para superar a descontinuidade, pois mesmo que obtenha alguma satisfação, ela estará sempre aquém do esperado, de modo que os objetos ofertados não se equivalem ao supostamente havido.

O *infans* presente a onipotência do agente materno: é este que responde à sua demanda, mas também é o agente da sua privação, uma vez que oferta objetos ao seu

critério<sup>10</sup>. Por isso, localiza-se, no Outro materno, o lugar em que reside o saber sobre os meios de gozo. Nesses instantes, demarca-se um traço de hiância entre o gozo esperado e o gozo obtido, imaginarizado como advindo da mãe, enquanto agente de frustração que supriria a falta. A frustração vem realizar a sobreposição do Imaginário sobre o Real.

Ao constatar a impossibilidade de o Outro satisfazê-la, entre a expectativa de plenitude e a insistência da incompletude, localizamos o terceiro tempo pulsional, momento em que a criança mobiliza a pulsão, oferecendo-se a si mesmo como objeto que poderia suprir o gozo do Outro, satisfazendo-se. Nesse jogo fálico, de *se fazer* para o Outro materno, a fantasia será construída e será ela quem sustentará o sujeito como desejante. Impossibilitada de ofertar significantes, a criança cede o que toma como um pedaço de seu corpo ao Outro onipotente, tentando salvaguardá-lo. Nessa operação, duas faltas se recobrem: a do *infans* e a do Outro, engendrando o objeto *a*, resto da operação de separação.

O objeto *a* será, entretanto, causa de subjetivação, objeto causa do desejo. Trata-se da extração do objeto apontada por Lacan (1966/1998, p.560). Constata-se, esse momento, quando a criança se oferece, num *se fazer reflexivo*, com seu corpo, barriga e braços ao outro (LAZNIK, 2010). A criança recobre o agente da frustração imaginária com a operação simbólica da estrutura da fantasia, mediação com a qual a criança pode se separar do Outro, permanecendo, contudo, enlaçada a ele. Localizado nos interstícios da incompletude do Outro, desta realidade simbólica e imaginária, a criança-sujeito pode se destacar saindo da posição de criança-objeto. Esse último momento culmina no estádio do espelho, quando a criança se reconhece como um eu (narcisismo). Podemos dizer que num primeiro tempo de constituição psíquica, temos a alienação quando a criança está passiva ao campo do Outro que lhe atinge antes mesmo de haver o funcionamento pulsional. A separação seria concernida ao segundo tempo, quando a criança marcada por este Outro deseja retomar a satisfação e recorre a ele de forma ativa.

Então, nesse segundo momento, de encontro do sujeito ao Outro, se demarca a operação de separação, tendo o objeto *a* como resto da operação, pelo recobrimento de duas faltas: do sujeito e do Outro. Há a intersecção de dois conjuntos constituídos pelos elementos que pertencem aos dois:

---

<sup>10</sup> Os conceitos de privação e frustração serão retomados.

Figura 3 - Separação



Fonte: elaborada pelo autor

Por seu próprio discurso, em seus intervalos, o sujeito encontra, no Outro, uma falta, “*ele me diz isso, mas o que ele quer?*”. O enigma do desejo do Outro aparece e é captado, pela criança, pela intermitência do discurso do agente materno, que está para além ou para aquém do que emite, e que ele mesmo desconhece. É no intervalo entre os significantes, no próprio discurso, que o desejo do Outro surge como enigma, e faz surgir, por conseguinte, um sujeito desejante. Como resposta ao Outro, o sujeito traz a sua própria falta, da volta que perdeu, para recobrir a do Outro. O sujeito se coloca como ativo, e, nesse tempo terceiro *se oferta* ao Outro pela sua própria perda. Pela falta engendrada do tempo anterior que é suscitada à falta seguinte, se coloca ao Outro com uma fantasia de morte, “*Pode ele me perder?*”, questão que tentará responder pela doação de um pedaço de seu corpo como objeto ao Outro. Caso apreenda que o Outro não pode perdê-lo, poderá restar colado ao seu campo como objeto de seu gozo, mas caso perceba que não pode completar todas as arestas e recobrir a falta do Outro, poderá dele se separar, e aparecer como sujeito marcado pela falta, portanto, sujeito desejante. A operação da separação denota uma posição ativa da criança, de modo que Lacan (1964/2008) retoma a etimologia da palavra “separação” aos termos *separare* [separar], *se parare* e *se parer* [*se parir*], como podendo ser tomados como defender-se, munir-se do necessário e ao mesmo tempo, engendrar-se, advindo ao mundo.

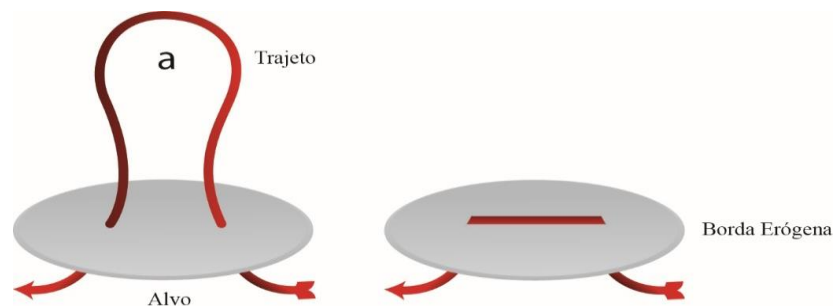
Os objetos *a* não satisfazem as necessidades, também não abrandam a pulsão. É justamente por manter o vazio que a libido pode circular, passando pelos furos do Outro e seus significantes, e voltar para o sujeito que também tem furos em seu corpo. Não significa que esse retorno da pulsão sobre o sujeito é o autoerotismo, que se centra no corpo, tornando-se independente de qualquer objeto. Em conformidade com Freud, Lacan (1964/1979) atenta que “a regra do autoerotismo não é a inexistência dos objetos, mas o funcionamento dos objetos unicamente em relação com o prazer” (p. 227), ou seja, ele não tem relação com o

desinteresse pelos objetos. O funcionamento do psiquismo opera, tentando uma homeostase, um contrabalanceio entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, de tal maneira a não ultrapassar o limite além do prazer. A libido funciona como um afeto separado em que o sujeito alcança o Outro, por meio do funcionamento dos princípios de prazer e de realidade, na balize das pulsões de vida e, o além do princípio do prazer, no gozo autista que estanca a pulsão sobre um objeto (LUCERO, 2015, p. 170-171):

o que força a distinguir essa satisfação do puro e simples autoerotismo da zona erógena é esse objeto que confundimos muito freqüentemente com aquilo sobre o quê a pulsão se refecha – este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo. O objeto *a* minúsculo não é a origem da pulsão oral. Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante (LACAN, 1964/1979, p. 170).

As figuras abaixo podem nos aproximar da diferença entre o funcionamento pulsional e o funcionamento autismo:

**Figura 4 – Movimento pulsional e movimento autístico**



**Fonte: elaborada pelo autor.**

O uso de objetos autísticos pelos autistas parece voltado à insistência em tomá-los numa relação próxima ao funcionamento de um órgão do corpo, enquanto o movimento pulsional evidencia a satisfação pelo circuito que parte da zona erógena, contorna o objeto *a* e retorna ao corpo. Portanto, sem movimento pulsional, o autismo estanca no segundo tempo pulsional, sem posicionar-se em reflexividade ao Outro, não pode *se fazer* para o Outro.

O processo concomitante entre as operações de alienação e separação nos mostra que pode não se efetuar. As psicopatologias da infância indicam um modo singular de resposta do sujeito ao Outro, nos distintos modos de subjetivação, por se manterem na alienação.



### 1.3.1. A holófrase como manifestação da alienação: seus desdobramentos em tipos clínicos

Lacan (1964/2008, p. 231) situa na *holófrase* a marca do congelamento do sujeito ao primeiro par de significantes na alienação. Este adjetivo advém da lingüística (VORCARO, 1999, p. 29-58) como um termo da estrutura que denota ausência do intervalo entre os significantes quando uma frase inteira – sujeito, verbo e predicado – se aglutina em somente uma palavra. Os significantes aparecem solidificados e não há a extração do objeto *a*. Entretanto, mesmo sob a holófrase, o sujeito poderia ser encontrado em distintas posições, como a psicótica, débil, psicossomática ou autística.

A holófrase identifica o sujeito localizado como não dividido pelo efeito do significante *e*, no entanto, demonstra o traumatismo da língua. A holófrase (STEVENS, 1987) se insere entre as tipologias das línguas tripartidas por Von Humboldt em 1866, como uma *língua aglutinante* - dentre as *incorporantes* e *polissintéticas* - amalgamada por morfemas, em que prefixos e sufixos se enlaçam para formar uma nova palavra, e só se obtém sua significação no bloco em que é encontrado e dentro de um contexto. As funções gramaticais e semânticas se aglutinam, mas G. Guillaume acrescentou que existe um antecedente lógico da frase sobre o lexical na holófrase.

G. Guillaume, em seu curso datado de 1948-9 (*idem*), evidenciou que existem determinados tipos de estados da linguagem, pela oposição entre a captura lexical, oracional e radical. Interessante notar que o modo como ele organiza tais estados nos remete a Lacan, no grafo do desejo entre mensagem e código. A captura da oração se caracteriza por ser a percepção da unidade da frase com o fim de sua significação, enquanto que na captura lexical a palavra pertence ao código, ou seja, pode ter outra significação quando colocada numa nova ordem sintática. A holófrase se configuraria quando o oracional e o lexical se confundem, sendo que a lexical não apareceria, e a oracional funcionaria como primeira. Em 1956-7, Guillaume irá dizer que a língua e o discurso se coincidem na holófrase como um “monolito”, quando sujeito e significante se confundem.

Interessa notar que as holófrases implicam o simbólico, pois representam alguma coisa. Só podemos apreendê-las por considerar essa premissa, pois o Simbólico é prévio aos outros registros, Imaginário e Real. Entretanto, a despeito de operar simbolicamente, a

holófrase não é decomponível, mostrando a inexistência do movimento que a concatenação significativa estabelece, a partir de sua determinação pela diferença com os demais, pela não designação de si mesmo e pelo intervalo entre um significativo e outro. São essas premissas que franqueiam o ponto de falha, de não coincidência em que a metáfora e a metonímia se alojam.

Podemos considerar que o autista se utiliza de seu corpo para sustentar relações mínimas e binárias na condição de holófrases. Mesmo não implicando emissões da fala, podem escrever um funcionamento legível da escrita de gestos não decomponíveis, na medida em que implicam uma iteração que os reproduz sem intervalo. Como demonstram as ditas condutas *on-off*, a contínua reiteração atuada não discretiza os elementos que a compõem, e, portanto, na medida em que não representa o elemento que concatenaria os dois estados (o hífen que articula o *on* ao *off*) estes só podem ser mantidos ao mesmo tempo. Para tanto, o autista exerce com seu corpo a articulação entre eles. Para o sujeito autista, uma interpretação não teria efeito de produzir um trabalho de ressignificação, embora seja possível que o ato analítico franqueie cortes que estendam ou concirnam seu “gesto-frase”, descomprimindo-o (obviamente, tal ato depende do estabelecimento de um tratamento). Assim, o sujeito pode complexificar seu gesto, abrindo-o a desdobramentos deste para além do já estabelecido, armando, a partir de sua invenção, modos de defesa mais eficazes. O “gesto-frase” limitado a uma direção única e precisa, ao ser escandido, pode diferenciar seus elementos e integrar outros, configurando um novo contexto – vale lembrar que Maleval (2009) os denomina objetos autísticos complexos. Talvez uma interceptação possa ordenar a decomposição do gesto e complexificá-lo, para que o sujeito possa referenciar-se em sua invenção.

Como pudemos ver, nas operações lógicas da alienação e separação, a construção da fantasia que situa o sujeito em relação ao Outro e ao seu desejo acontece na separação, em um movimento que descompleta e barra o Outro, identificando-o como faltoso. Na psicose, na psicossomática e na debilidade, ou seja, nas diferentes posições em que Lacan situa o sujeito limitado ao funcionamento holofrásico, o Outro é mantido como maciço. Esse campo pressupõe o sujeito de gozo pela série de identificações, sem incluir-se à série dos sentidos que localizaria o sujeito do significativo (LACAN, 1964/2008, p. 230). Assim, o sujeito estaria reduzido a um lugar de objeto situado somente em relação a um desejo anônimo<sup>11</sup>. Com

---

<sup>11</sup>Mais à frente do texto, quando forem falados os processos de privação, frustração e castração, o fantasma e sua relação à constituição será melhorornada.

Vorcaro (1999), acrescentamos, a essas posições, o autismo, pois, a despeito de sua posição específica de borda entre os campos do ser e do Outro, ele também não acede à separação.

A palavra significante não reenvia à coisa, antes a funda e a envia a outro significante, numa operação dialética. Por seu turno, a holófrase reenvia a palavra à coisa. Funcionando pela premissa de *recusar-se em fazer semblante*, o autista tem a palavra ligada à coisa, não descolando o significante do objeto que lhe permitiria fantasiar no brincar - imaginando uma caixinha como um telefone, ou fazendo “miau” para um boneco simulando um gato. Não apagando a coisa designada, guardam, com os objetos, uma relação de similaridade ou contiguidade em que se referem às coisas de forma distinta do funcionamento significante (MALEVAL, 2015, pg. 23-4). Nessa condição, de ser representado por um gesto-frase ou por uma “palavra-frase”, o significante do desejo do Outro não aparece e o sujeito não vivencia a *afânise*, que o faria aparecer também como faltoso, sem o objeto. Vorcaro (1999), com Stevens (1987), diz que,

a holófrase se ata a situações limites, em que o sujeito está suspenso a uma relação imaginária ao outro, num estado de inter-olhar, já tomado num elemento de intersubjetividade. (...) O lugar dado à holófrase é fundado no campo simbólico da oposição significante, a despeito da prevalência do campo imaginário na relação especular da intersubjetividade (p. 32).

Pelo fato dos significantes estarem congelados num amálgama, como um monolito, o sujeito não aparece entre significantes, em separado, mas comparece somente da posição de emissor, cuja mensagem encontra-se condensada na palavra-frase ou no gesto-frase. O sujeito é dito por ela, como em um enunciado. Não realiza a inversão que o engajaria numa enunciação. Por isto, é uma situação-limite, em que mesmo se referindo a uma situação tomada em seu conjunto, cada sujeito espera, no inter-olhar, que o outro decida o que fazer, mas sem engajamento, se suspendendo da relação especular (LACAN, 1953-54/1986, p. 257-8). Ponto importante a ser tratado na clínica com crianças autistas.

Stevens (1987) lembra que há, nestes casos, uma inadequação do imaginário em relação ao campo simbólico, por isso, parece ser estabelecida com a holófrase uma relação intersubjetiva. Assim, Lacan (1953-54/1986) conclui que a holófrase pode ser posta numa dupla afirmação: *negativa*, que significa que não é intermediária entre uma ação animal e a simbolização e; *positiva*, sendo do registro simbólico definido em seu limite onde o sujeito está suspenso numa relação especular ao outro. Sendo assim, a relação entre Imaginário e Simbólico encontra-se numa zona limite sem haver enlace.

Identificando a holófrase de modo semelhante a uma interjeição - termo da lingüística que designa uma idéia expressa por uma palavra-frase, carregada de emoção, posta como uma sentença pela locução interjetiva contextualizada - Lacan atualiza a psicanálise, afirmando que, além do código e da mensagem se encontrar amalgamados como a um monolito, o sujeito, nesse lugar, não se conta. A frase o anuncia de forma solidificada e o sujeito se reduz ao grito enunciado. Podemos dizer também que é o gesto iterativo que o anuncia congelado.

Desta feita, constata-se que a criança débil ou psicótica (LACAN, 1964/2008, p. 231) testemunha a solidificação dos significantes como a uma massa, sem haver o deslizamento necessário ao advento de novas significações. O psicótico sobrevive pautado em suas crenças e certezas, e quando há a positividade de seu funcionamento com os fenômenos, como no delírio, denota-se que uma ruptura na cadeia entre  $S_1$  e  $S_2$  ocorreu como aparição do real. Enquanto o débil ratifica ao Outro todo o saber sobre si, demarcando a ausência da equivocação própria do sistema signifiante, dois se colam numa única mensagem que inclui o emissor e o receptor. Na ausência do intervalo entre  $S_1$  e  $S_2$ , o sujeito vivencia o gozo do Outro.

O sujeito autista funcionaria, como veremos, no gozo do Um (LEFORT & LEFORT, 2003/2017). Parece-nos que ele testemunha seu império, antes mesmo de o  $S_1$  se engajar ao  $S_2$ . Se aderindo e formando a holófrase, ele faria uma alienação mínima, mas sem se engajar ao  $S_2$ .

#### **1.4-O Um**

O autismo problematiza a entrada do sujeito na linguagem, apontando que parece acontecer uma alienação ínfima ao campo do Outro, sem articular-se ao  $S_2$ . Na psicose, podemos ver que há operação da alienação ao Outro, seja pela emissão de holófrases, seja pela ecolalia em que o discurso maciço do Outro comparece em sua voz, sem qualquer alteração. Enquanto na psicose a criança está à deriva, deslizando nos significantes, o autista parece restrito à relação entre coisa e signifiante. Como se estivesse numa pura reiteração, palavra por palavra, sem reenvio a um outro signifiante que produza uma significação, o autista trabalha sob o efeito do Um no corpo, com a “vontade de imutabilidade” (LAURENT,

2014). Tal movimento pode ser encontrado como quando o autista emite uma frase espontânea numa situação angustiante.

Numa noite, quando todos já estavam deitados em suas camas, luzes apagadas, a mãe de Daniel conversava com o marido, relatando as ocorrências do dia. A criança se levantou de sua cama e foi até o quarto dos pais, pegou no rosto da mãe e disse: “Chega!”. O pai, surpreso, acendeu a luz e completou, “-Só assim, pra você falar, né?”. E todos foram dormir. Não sabemos se ele se incomodava com o barulho da conversa, ou com o seu teor, mas o que aparece é o incômodo com o “ruído da língua” (LAURENT, 2014, p. 107) e a sua palavra é imperativa. Daniel é uma criança autista de cinco anos, não conversa, quase nunca emite alguma palavra, prefere brincar sozinho; em atendimento clínico, não admite a entrada da analista e esquiva-se do “entre-olhar”.

Uma “holófrase radical”, como diz Laurent (2014, p. 105-6) parece acontecer. Distinguindo-se de uma mensagem interrompida do psicótico, a criança faz da situação um movimento com seu corpo diante da tensão tentando abortá-la, algumas por meio do desvio do olhar, outras com um empurrão, ou pela holófrase. Tal situação também nos aponta que uma alienação mínima existe, já que a criança se utiliza de uma holófrase para expressar uma insatisfação ao outro. *Desta maneira, pode-se dizer que há presença de um sujeito do enunciado com o uso da holófrase?* O autista demonstra com suas frases espontâneas uma posição paradoxal em que não “é totalmente incólume às repercussões do significante em seu ser, não permaneceu na borda da alienação; ele está na alienação, mas a recusa” (MALEVAL, 2015, p. 21).

Com Maleval (2015, 2017), poderíamos dizer que o autismo se apresenta como um tipo clínico singular, que apresenta um modo específico de instituir-se como sujeito só referido ao Um, ou seja, sem fazer valer o sistema de representações implicados na função significante. O axioma lacaniano, que afirma que o significante é o que apresenta um sujeito a outro significante, neste ponto se problematiza. O signo é o que representa alguma coisa para alguém, pode-se concluir que há aí também um sujeito, mas, limitado.

Para Saussure (PORGE, 2006, p. 87), o signo não é a união de uma coisa a um nome, pois a língua não é uma nomenclatura, tal qual propõe a gramática de Port-Royal, mas um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante). O laço que une significado e significante é arbitrário, ou seja, entre a ordem dos signos e das coisas a relação é de simples encontro. Os significantes e significados, tomados separadamente, são puramente diferenciais

e negativos, são os que os outros não são e se definem por oposição, mas sua combinação no signo é considerada, por ele, como um fato positivo. Saussure estabelece que as relações e as diferenças em termos lingüísticos desenrolam-se segundo *dois eixos*: o vertical, das *simultaneidades* (ou substituição, semelhança), e o horizontal ou das *sucessividades* (ou sintagmas, contiguidade). Lacan se serve dessas concepções para estabelecer a relação entre a diacronia da emissão dos significantes e sincronia da relação de um significante com todos os outros da língua.

Esforçando-se em manter as coisas em ordem, sem variação mínima numa pura repetição do Um, o autista parece trabalhar de forma incessante para fazer justaposições reais e não oposições significantes. Fazendo uso de uma língua sígnica, seu esforço reside na tentativa de reduzi-la a um sistema de regras onde não cabe o equívoco, próprio do sistema simbólico. Imperando o sistema de semelhanças do campo Imaginário, o autista parece tentar tratar o Real. Grandin<sup>12</sup> testemunha que pensa como o sistema do Google, palavra por imagem, ponto por ponto à coisa, utilizando dos signos icônicos, quer dizer, por meio de ícones um signo é designado à sua codificação, como o desenho em forma de um menino ou menina nas placas dos banheiros, feminino e masculino. Para eles, o ideal seria estabelecer um código que conectasse as palavras de forma rígida e constante aos objetos, mas para situações previamente determinadas (MALEVAL, 2015, p. 22). Destarte, sua crise de angústia diante do imprevisto, próprio do Simbólico, interfere no seu vislumbre em manter tudo em ordem, atestando que os registros parecem estar como em “circuitos estendidos” (LAURENT, 2014, p. 51), sem enodamento que configure o estabelecimento de uma relação entre os registros Real, Simbólico e Imaginário.

Dentre as várias descrições imputadas ao quadro do autismo e também encontradas em outros quadros, como dificuldade de interação social (solidão), presença de distúrbios com a linguagem (ecolalia, repetições não diferidas, ausência de fala, não inversão pronominal), pode-se dizer que o autista não tolera mudanças, sendo que as mínimas alterações, em geral imperceptíveis, provocam, nele, crises intensas. Sua experiência reitera detalhadamente uma identidade fonográfica e fotográfica (KANNER, 1943), aferrando-se as regras absolutas das quais depende sua estabilidade. Essa condição de imutabilidade, apontada por Kanner, leva Maleval (2014) a concluir que o autista está a trabalho para assegurar um mundo estático. Destaca-se, então, que a especificidade diferencial do autismo residida na **imutabilidade**,

---

<sup>12</sup> Vídeo encontrado no YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=6J\\_AOEOT0c&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=6J_AOEOT0c&t=2s)

localizada também por outros pesquisadores contemporâneos como os Lefort (2003) e Laurent (2014). A psicanalista francesa Rosine Lefort (2003/2017) situa,

Que significante falta? Senão o primeiro de todos, o  $S_1$  unário, este do gozo prévio, através do qual o sujeito se posiciona, a partir da voz do Outro, através de seu balbucio. Falta poder tomar os elementos em seu Outro que permanece absoluto e real sem objeto-voz separável, quer dizer transferível (cessível), o autista não balbucia mais. Sua palavra não faz do adulto um Outro, mas o coloca no lugar de um real intrusivo.

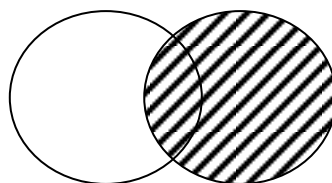
Vidal e Vidal (1995) entendem que, para o autista, “o Um é todo” (p. 127), e por isso, não realiza a inversão pronominal, algo que pode ser verificado no problema com os automatismos da linguagem. Por estar situado num circuito fechado de gozo e não no circuito pulsional, onde demanda e desejo operam, o Outro parece não existir, pois não dirige, a ele, uma fala, não faz um pedido, suas idéias circulam desarticuladas e, assim, fala sozinho ou de forma verborrágica:

O autista não se constitui na demanda que faz de seu grito, um apelo. A demanda enlaça o sujeito e sela sua alienação ao Outro. Ela repete, reitera o furo do Outro que percorre. O Outro é tórico, pois comporta o buraco da privação. Fora dele, o autista repete o significante sem par que não pode significar a questão do sujeito ante o Outro. Ele não se faz representar nesse lugar. Nada representa. Não representa nada. (VIDAL & VIDAL, p. 130).

Para estes psicanalistas, há um problema na operação de alienação do sujeito autista, que fica submetido ao império do Um, do  $S_1$  sem haver articulação mínima de enlace ao Outro. Para eles, não houve a operação de “forclusão fundante” de inscrição do traço unário no tempo primeiro, quando o ser é forcluído pela marca significante do Outro que o convocou a sujeito. Entende-se, contudo, que por não se situar numa descontinuidade com o espaço, o autista estaria numa posição de borda, sem se engajar, mas alienando-se, ainda que não totalmente.

Na tentativa de situar o autismo em relação a proposta lacaniana da alienação/separação, Vorcaro (1999) apresentou o esquema abaixo:

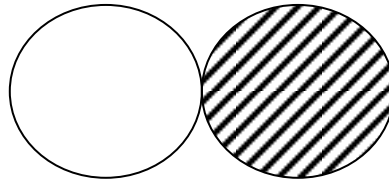
#### **Alienação**



### Separação

ser ou sentido  $\cong$  ser e sentido

ser + S1  $\cong$  ser



A autora supõe que criança entra na alienação significativa, mas imediatamente se destacaria dela, sem franquear a operação de interpenetração entre os campos do ser e do Outro: “Há um funcionamento paralelo e exclusivo do ser e do significante, demonstrado por uma exclusão ativa” (p.35). A autora interroga a possibilidade de que a criança faria oposição, com seu ser, ao Outro real que ela duplicaria, como espelho no real, do qual os Lefort<sup>13</sup> nos falam. Interroga, ainda, que o autismo realizaria a demanda negativa direta, sem inversão da exclusão que o Outro lhe propõe, como diz Jerusalinsky<sup>14</sup> ou se operaria, como mostra Calligaris<sup>15</sup>, uma retração que apaga a falha desejante do Outro, em um *não sendo* em que opera a retração que responde à indeterminação do desejo do Outro, fazendo-se de morto a partir do *isso quer minha perda?* Vale ainda acrescentar a posição de Balbo<sup>16</sup>, para quem o autismo prescinde do tempo. Sem tempo, tudo é contínuo: repetição que não produz diferença, que o vocábulo *estereotípi*a nomeia, designando falta de diferença” (Vorcaro, p. 35).

Para avançar a partir dessas interrogações, passaremos a à discussão em torno de uma “forclusão fundante”, tal como a nomeou Lacan e pelo conceito freudiano da *Verneinung* relido por Lacan.

<sup>13</sup> Rosine et Robert Lefort: “L’accès de l’enfant à la parole, condition du lien social” em: *L’autisme*, Bulletin du Groupe petite enfance, no. 10, Cereda, Paris, Janeiro 1997.

<sup>14</sup> Alfredo Jerusalinsky, “Autismo, a infância no real”, *Escritos de la Infancia*, Buenos Aires, FEPI, 1993, pp.93-99.

<sup>15</sup> Contardo Calligaris, Introdução a uma clínica diferencial das psicoses, 1989, p. 27-8.

<sup>16</sup> Gabriel Balbo, Le mot, la chose, leurs phonèmes et leur ratage unien, *La Psychanalyse de l’enfant*, no. 18, Éditions de l’Association Freudienne, Paris, 1995, pp.10-11.



### 1.5-O processo da *Verneinung* na constituição psíquica

Em seus primeiros ensaios, como o Projeto (1895) e cartas correspondidas com seu amigo Fliess (1892), Freud buscou esboçar o funcionamento do aparelho psíquico. Partindo da perspectiva de que o psiquismo se instituiria com uma delimitação entre o dentro, inscrito, e o fora, não reconhecido, por isto, expulso, Freud introduziu a noção de um aparelho psíquico dotado de um funcionamento de memória (Q) que tenta manter a sua tensão em estado mínimo. Por isto, com as operações de aceitação ou exclusão entre o que é admitido e o que não o é, além dos trilhamentos que vão sendo inscritos no sistema, Freud delineou um aparelho psíquico constituído por estruturas de mecanismos de defesa.

A noção de realidade psíquica fora tratada por Freud desde o início de sua obra<sup>17</sup>. Pretende-se, no entanto, analisar as formulações freudianas à luz da perspectiva lacaniana. Será privilegiada a análise e discussão em torno da leitura lacaniana do ensaio de Freud, *A negação* (1925) para que, a esta, articulemos o traço unário, notadamente exposto por Lacan no *Seminário 9, A identificação* (1961-62).

Desde o princípio de seu ensino, Lacan (1953-54/1986) apresentou a idéia de haver uma lógica na constituição psíquica que antecede e permite a maturação do desenvolvimento. Recorrendo ao conceito da “*Die Verneinung*” freudiana, Lacan salienta que um dos movimentos originários da identificação e formação de um “eu-arcaico” acontecem a partir dos mecanismos primários da afirmação-expulsão (*Bejahung-Ausstossung*) de um termo simbólico e da conseqüente negativa (*Verneinung*) que ratifica o que fora inscrito. Freud (1925/2014) localiza que “o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se expressa numa fórmula negativa”, como quando um paciente diz, em análise, “isso eu não tinha pensado” (p. 29), ou “o senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe não é” (p. 19). Demonstrações do mecanismo da negativa, que operando pela rejeição de uma “condenação”, de algo difícil de conceber e admitir conscientemente pelo sujeito, ele o faz negando o conteúdo de representação do inconsciente reprimido. Sendo assim, pode-se concluir que a resposta à última frase citada por Freud seria, “sonhei com minha mãe”.

---

<sup>17</sup> Pode-se verificar em “As psiconeuroses de defesa” (1894), “Projeto para uma psicologia científica” (1895), em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1911), até a segunda tópica em, “O ego e o id” (1923), “A negação” (1925) e “Conferência 32” (1933).

Freud salienta que em sua origem, a existência desta representação, a negativa (*Verneinung*), já seria uma evidência da existência de uma realidade do representado, quer dizer, teria havido antes, a afirmação de uma representação (*Bejahung*). O psicanalista se interessa, então, em verificar o processo do pensar, do funcionamento psíquico entre o subjetivo e o objetivo, entre os sistemas de percepção-consciência e inconsciente e suas reproduções pelas representações entre estes sistemas.

É pela função intelectual do juízo (*Urteil*) que Freud (1925/2014) expõe a idéia de que o psiquismo, antes indiferenciado entre os planos subjetivo e objetivo, inicia sua diferenciação: pelo mecanismo judicativo. Esta função do juízo funcionará em princípio por dois mecanismos, os quais irão afirmar ou negar conteúdos do pensamento por meio de duas decisões: pelo *juízo de atribuição*, “admitindo (*Bejahung*) ou recusando (*Ausstossung*)<sup>18</sup> a uma coisa uma determinada qualidade” e, posteriormente, pelo *juízo de existência*, “admitindo ou contestando se uma representação tem ou não existência na realidade” (p. 23).

Hyppolite (1954/1998) ao retomar a leitura deste ensaio de Freud, faz uma observação interessante, o de que o psiquismo se fundará por meio de *negações constitutivas*, ou seja, o sistema psíquico começará a operar por meio de mecanismos de defesa por negativas, as quais ratificam ou não uma inscrição primordial de um termo simbólico. A afirmação primordial (*Bejahung*) poderá se demarcar como presença pelo seu contraponto, ausência, na expulsão primordial (*Ausstossung*), e a negativa (*Verneinung*) ratifica esta volta primeira. É a negação primordial (*Verneinung*) que permite a instauração da estrutura em relação ao Real, a expulsão (*Ausstossung*) de onde se ausenta. Solal Rabinovitch (2001) explica que não é possível estabelecer uma anterioridade da negação sobre a afirmação, “*Ausstossung* e a *Bejahung* são o verso e o reverso de um mesmo gesto de divisão. Se ele é resposta do real, o sujeito se ausenta dele no próprio movimento que o faz apagar suas marcas como sujeito do significante” (p. 46).

A psicanalista (idem, 2001, p. 33) destrincha os nomes que aparecem nos textos de Freud, quais sejam, *Verwerfung*, *Verdrängung*, *Verleugnung*, *Vermieden*, *Verneinung*, e pela etimologia das palavras constata que o prefixo que se repete, *Ver* significa uma negação. *Ver*, quer dizer, “afasta, exila, abandona, faz desaparecer, indicando que a ação expressa pelo verbo que precede se faz inadequadamente ou em falso; exprime o limite extremo de uma ação”, ou seja, operam por meio de negativas. Portanto, podemos concluir que os primeiros

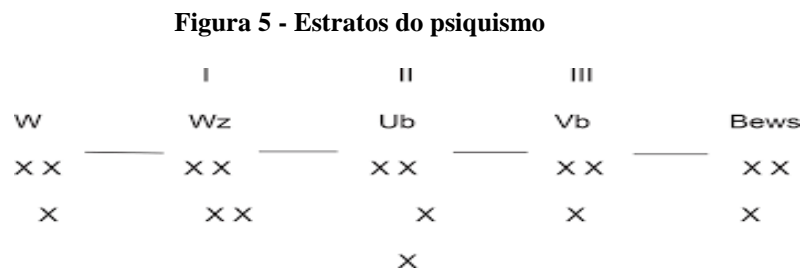
---

<sup>18</sup> Parêntesis nossos.

elementos da atividade do sistema psíquico implicam uma defesa que se expressa como negação.

Importa trazer, neste momento, a “Carta 52”, de Freud a Fliess (1896/1976, 06/12/1896), onde se esboçou a formação do aparelho psíquico subdividido em estratos, entre percepção e consciência, trazendo distinção e localização destes processos, os quais tentarão localizar, atrelando aos seus mecanismos de defesa, negações constitutivas que podem acontecer em cada estrato. Com fins de enriquecer a discussão e pormenorizar como se processaria o funcionamento do aparelho psíquico, esboçado por Freud, vincularemos à perspectiva apresentada por Lacan ao longo de seu percurso e de outros autores contemporâneos, como a da psicanalista Solal Rabinovitch (2001) e de J-C Maleval (2009, 2015).

Eis o esboço desenhado por Freud (1896/1976):



**Fonte: elaborado pelo autor**

Freud faz o primeiro esboço do aparelho psíquico semelhante a uma serra, entre a percepção (W) e a consciência (Bw), quando vários registros se inscrevem por traços mnêmicos. O percebido é o W, onde pode-se localizar *Vermieden* –quando as coisas são elididas, evitadas, esquivadas, quer dizer, o que é percebido e não deixa marcas (*Spur*). Contando a partir do que se inscreve no **primeiro estrato**, encontramos entre a *Percepção* (W) e os *Signos de percepção* (Wz - *Wahrnehmungzeichen*) a *inscrição do primeiro corpo de significantes* (*Niederschrift*) pelo apagamento do rastro, das marcas de memória anteriores (*Erinnerungspuren*). Operando por simultaneidades, estes registros de signos de percepção formam as *Vorstellungen* (representações). A *Verwerfung* (que significa jogar fora, como um lugar exterior ao sujeito, preso do lado de fora) pode operar neste estrato: não reconhecendo a primeira inscrição do traço, funciona como se ele nunca tivesse existido. A formação deste estrato diz respeito ao primeiro registro de inscrições, ou seja, aquele que possibilita a diferenciação mínima entre o fora e o dentro, entre o ser e o sentido. Quando um traço é marcado, ele se torna um *signo lingüístico*, pois reúne, por associações por simultaneidade, as

primeiras experiências do sujeito estabelecendo um *registro simbólico*. Há uma afirmação primordial, o Um, neste tempo.

Por conseguinte, entre o *Wz* e o *Ub* (*Unbewusstsein, inconsciente*) rompe-se o signo em seu vínculo fechado da representação-objeto com a representação-palavra. Assim, por meio da operação da Negação, há o recalque originário (*Urverdrängung*), obtendo-se uma dupla face dos signos de percepção que se separa.

No **segundo estrato**, portanto, o do **Inconsciente**, localiza-se uma nova *inscrição de traços mnêmicos* que tem entre si uma relação causal, tendo traduções sucessivas das *Vorstellungsreaprasanz* (representantes da representação). Segundo as elaborações lacanianas, no nível do Inconsciente (LACAN, 1961-62, 10/01/62), os pensamentos são estruturados como uma linguagem, sendo o lugar do sujeito onde *Isso* fala. A linguagem articulada do discurso está “do lado de fora”, onde se situa o Pré-consciente, um lado de fora que reúne em si os nossos pensamentos, em um discurso homogeneizável e organizado pelas representações de palavra. Quando o Inconsciente se faz ouvir, significa que se encontra em “estado limite” com o Pré-consciente, algo escapa, se esforçando, empurrando, a todo o momento, em direção a fazer-se conhecer, insistindo com a repetição. Passando do Inconsciente para o Pré-consciente, o Inconsciente aparece como discurso. **O** estatuto do Inconsciente se constituiu no nível mais radical da emergência do ato da enunciação, quando se articula um significante ao outro engajando e engendrando um sujeito. Há a inscrição da representação-objeto como representativo do Inconsciente e a representação-palavra forma o nível da Pré-Consciência/Consciência.

O signo dá mostras de estar situado na linguagem, uma vez que realiza a mediação do sujeito com o mundo externo, pois originalmente representa uma face da realidade com a face lingüística. Ele carrega em si marcas constituídas em representações-objeto, quer dizer, associadas a conceitos dados pelo sujeito, às representações-palavra. Costa (2008) sublinha que neste processo ocorre a *Negação* (*Verneinung*) entre os estratos *Wz* (Signos da percepção) e o *Ub* (Inconsciente), o que possibilita a saída de uma estrutura organizada conforme signos fechados para uma organização aberta entre significante e significado.

Lacan (1961-2/2003) aponta que na *Traumdeutung* (FREUD, 1900), pode-se encontrar um paradoxo na afirmação, segundo a qual a raiz do funcionamento inconsciente é a de procurar identidade das percepções. Ele esclarece que, seja o que estiver na origem do *Urverdrängung* (recalque original), sempre faltará o que vier a representá-lo. Há um furo,

uma perda na marca do traço. Essa marca do traço, única do surgimento de um significante original no momento do recalque primário, persiste na qualidade de lembrança, e chega à existência inconsciente, pela insistência, na ordem interna do que é o inconsciente, entre: por um lado, o que ele recebe do mundo exterior e onde tem coisas a ligar, e, pelo fato de ligá-las, sob uma forma significante, só pode recebê-las em sua diferença. É exatamente por isso que ele não pode, de forma nenhuma, ser satisfeito por essa procura da identidade perceptiva, se é isso mesmo que o especifica como inconsciente, porque sua pulsação é significante, que se marca enquanto diferença e não por suas qualidades. Lacan, diante disto, conclui que a tríade freudiana, **Inconsciente-Pré-consciente-Consciente**; deve ser ligeiramente modificada por: **Pré-consciente-Inconsciente-Consciente**, numa ordem que ele justifica pela fórmula do inconsciente que se encontra entre percepção e consciência, “entre couro e carne”.

Da representação Inconsciente, só teremos acesso pelo sistema **Pré-consciente/Consciente**, pelas escansões da linguagem, em sua articulação aos pensamentos.

No nível de um sujeito, o que se passa é uma leitura do lado de fora do que é ambiente, pelo fato da presença da linguagem situar-se em relação ao Real. Situado no **terceiro estrato** do esquema, onde haveria uma “terceira reescrita”, em novo registro, pela tradução da Coisa (*das Ding*) em representação de palavras, o sistema **Pré-consciente (Vb)** busca a identidade dos pensamentos. O esforço lógico desse estrato seria o de reduzir o diverso ao idêntico, identificar pensamento a pensamento, proposição a proposição em relações diversamente articuladas que formam a trama da lógica formal. Nesse nível, podemos verificar o surgimento do conteúdo inconsciente.

No *Bw (Bewunsstein)*, no nível da **Consciência**, Freud a considerava um objeto de precisão quanto à função econômica, descrevendo-a como uma camada protetora que funciona semelhante a um filtro, que tem função homóloga ao índice de realidade, nos permitindo distinguir o estado de que estamos seguros de que não estamos sonhando. A Consciência, em relação ao que constitui o Pré-consciente, articula as percepções entre si, fazendo ter coerência, organizando-as num mundo tecido por pensamentos. Ela é a superfície por onde alguma coisa que está no coração do sujeito, recebe de fora, do que escapa aos seus próprios pensamentos atravessando seu próprio discurso. Lacan determina que, “a consciência está ali para que o inconsciente recuse o que lhe vem do pré-consciente ou escolha o que ele tem necessidade para seus ofícios” (LACAN, 1961-62/2003, 10/01/62).

Toda esta configuração e efetivação de negações constitutivas evidenciam pelos seus modos distintos de funcionar a ocupação de lugares próprios na organização psíquica, não podendo ser superpostas, mas comungando da premissa de operar pela *negação de algo antes afirmado*. As negações constitutivas localizam o sujeito determinado pelas operações de defesa e resposta ao Outro pela articulação do que fora, ou não, inscrito, ou seja, se foi ou não simbolizado. O que nos leva a concluir que o sujeito se localiza submetido pela operação da forclusão, na psicose, do recalque, na neurose e no desmentido, na perversão. O autismo poderia ser situado na *Vermeiden* (elisão), conforme sugere, sem desenvolver, Laznik (2013).

Para Freud (1896), a tradução ou não de um registro para outro acontece regido pelo aspecto econômico do princípio do prazer, em que o psiquismo se defenderia de traduzir determinada inscrição que gerasse desprazer a fim de manter a homeostase. Para Lacan (1959-60/1997), as passagens progridem em uma ordenação do mundo, em que uma cadeia se inicia no Inconsciente até que advenha pela fala articulada do sujeito. As *Bahnungen* (trilhamentos) articulam o Inconsciente e o princípio de prazer como estrutura de linguagem pela interposição do significante e não somente como homeostase [*Gleichbesetzung*]. Assim, a inscrição permanece.

Como o objeto deste trabalho é o autismo, pode-se encontrar em Lacan (1953-54/1986) que, “de um modo geral, com efeito, a condição para que alguma coisa exista para o sujeito, é que haja *Bejahung*, que não é a negação da negação” (p. 73). Questionando o que existiria, caso este registro simbólico não se inscrevesse, o autor supõe que a falta da *Bejahung* poderia ser verificada na psicose, quando há a operação da *Verwerfung*, em que se evidenciaria que o excluído do Simbólico retorna no Real, por meio dos fenômenos de alucinações e delírios.

Maleval (2017) hipotetiza que, no autismo, a vontade de “*imutabilidade*” (*sameness*), introduzida por Kanner, teria sua raiz na falha da identificação primeira, quando o traço unário deveria ter sido inscrito no sistema perceptivo. Para ele, desta forma, há um problema no momento da inscrição da *Bejahung*, da afirmação primordial do traço Um. Seria por isto, a sua grande dificuldade em circular na linguagem, no campo simbólico da diferença, pois ele supostamente não teria inscrito este significante unário, que, na articulação significante, poderá “*cerzir o gozo à linguagem*” (p. 120).

Esse ponto nos permite uma articulação com a proposição de Lacan, acima referida sobre a busca da identidade no percebido que distingue o autismo. Para Lacan (1961-2/2003),

há um paradoxo na idéia freudiana de que a raiz do funcionamento inconsciente é busca da identidade das percepções. Afinal, nesta busca de identidade sempre faltará o que reproduziria o recalque original. Salientando o furo, ou seja, uma perda na marca do traço, o que irá persistir na qualidade de lembrança, só pode ser recebida em sua diferença, pois a insistência do que ele recebe do mundo exterior só pode ser ligada ao que já deixou seu traço, sob uma forma significante. Entretanto, o autista nos mostra sua busca insistente de uma identidade perceptiva pautada em qualidades e não na diferença significante. Enquanto Laznik (2013) considera que, no autismo, tratar-se-ia de um “defeito no registro do inconsciente” (p. 135), podemos supor uma decisão defensiva que recusa os limites da representação. Será que podemos pensar que talvez a operação no primeiro estrato do aparelho psíquico se realizou, no sistema perceptivo (*W*), mas não nas seguintes? Retomando a lógica das operações de alienação e separação, quando o Outro efetiva uma incidência sobre o sujeito, pode-se pensar que mesmo uma alienação mínima precisa ter se efetivado, a despeito do sujeito não se identificar a ela. Vamos prosseguir para buscar melhor elaborar tais hipóteses.

No artigo de Hyppolite a Lacan, sobre a *Verneinung* (1954/1998), o filósofo se impressiona com a estrutura de pensamento introduzida por Freud. Ele sublinha que neste tempo mítico de assunção do sujeito, para ele, tudo lhe parece indiferenciado e nada lhe é estranho. Esta distinção somente irá acontecer por meio dos juízos, de atribuição e de existência, os quais devem ser bem tratados, para se entender a sua lógica. O filósofo acredita que antes de haver a negação, *Verneinung*, propriamente dita, haveria um “para-aquém da negação no momento em que ela aparece em sua função simbólica” (p. 898-9).

Para tentar compreender, melhor, essa hipótese, retomamos as duas funções judicativas em operação neste tempo arcaico. No primeiro julgamento, de atribuição, o *infans*, diante do indiscernível, fará um mecanismo primário de atribuir ou julgar se algo pertence, ou não, ao *Ich* (*eu-arcaico*), estabelecendo uma diferenciação ínfima entre o que se quer introjetar, [*“eu como”*], e o que se quer projetar, expulsar de si, [*“eu cuspo”*]. Neste primeiro tempo mítico, estabelecer-se-ia a separação do organismo ao meio entre o que é percebido como bom - e deve ser introjetado ao *eu* (*Bejahung*), constituindo-o - do que é percebido como estranho, ou mau, e é expulso (*Ausstossung*) como não-eu. Freud (1925/2014) salienta que “o mau, aquilo que é estranho ao ego e que se encontra fora, é inicialmente idêntico a ele” (p. 23), quer dizer, em princípio o que se percebe como estranho pode ser próprio do *infans* e não necessariamente se localiza fora de si, mas que por ele é percebido como estrangeiro. Essa operação primordial só existe pela relação recíproca entre a *Bejahung* e a *Ausstossung*.

Seguido do *juízo de atribuição*, a função do *juízo de existência* será de conferir se algo representado dentro, pelo *Ich (eu)*, o objeto, pode ser *reencontrado* fora, pela percepção, através da prova da realidade. Caso o objeto seja reencontrado, ele confere existência ao que já fora representado no primeiro tempo. Cabe salientar que, caso isto ocorra, significa que uma incorporação significativa fora traçada, tendo a operação de afirmação primária, ou seja, da *Bejahung*, se realizado. Freud (idem) sublinha que esta operação “se reconhece como condição para a instalação da prova de realidade, que tenham sido *perdidos os objetos* que um dia proporcionaram uma real satisfação” (p. 27). O que nos permite pensar que, caso esse objeto não tenha sido perdido e, por conseguinte, ser representado no simbólico, retornará como traço estranho, no Real.

Lacan (1959-60/1997) pormenoriza o processo primário da afirmação primordial, esclarecendo que o juízo de atribuição (“*eu como-eu cuspo*”), seguido pelo juízo de existência (objeto existe ou não), ocorrerá quando o *infans* reencontrar, através das percepções, a *representação* incorporada, realizando um julgamento de existência pelo julgamento de atribuição precedido. Ele pode diferenciar-se entre *eu, não-eu* e *objeto*, por meio da nomeação significativa ocorrida na primeira volta com a *Bejahung-Ausstossung*.

A *Verneinung*, negação, será posterior à afirmação constitutiva, *Bejahung*, e ela ratificará a *Bejahung*. É a *Verneinung* que sucede a efetivação da afirmação do símbolo (*Bejahung*) e, por consequência, a expulsão (*Ausstossung*) do que é percebido como estranho. Sendo assim, é a inscrição do *símbolo da negativa* (“*Je ne dis pas*”, “eu não disse”) que marca a diferença entre uma coisa e outra por sua própria afirmação, efetuando a negação do enunciado. Portanto, a *Verneinung* (LACAN, 1958-59/2016, p. 95), é a raiz de uma fase primitiva em que o sujeito se constitui como inconsciente. A negativa duplica a afirmação, pois só se pode negar algo que já existe representado (“*eu não sonhei com isto*”, mas o sonho lá já estava).

Pode-se aferir que a *Bejahung* se caracterizaria pela incorporação do primeiro corpo de significantes (S-S’), do Um, instaurando o lugar do Outro, numa alienação primária; enquanto que a *Ausstossung, aus dem Ich*, seria a sua face negativa que constitui o fora como real, impossível já que perdido, fora da simbolização, como se não existisse.

Quando não acontece a *Bejahung*, Lacan (1953-54/1986) considera que há a *Verwerfung*, forclusão. Sem a simbolização primordial para o sujeito, o traço do símbolo não apenas não existe para ele, como é recusado e só retorna no Real. Ele cita o caso apresentado



por Freud, do Homem dos lobos, e considera que, para este paciente, não houve a efetivação da *Bejahung* no plano genital. O único traço que dele surge é o que ele chama de uma “pequena alucinação”. A castração simbólica não se operou e se manifesta no plano imaginário, “ter-se cortado o dedinho, tão profundamente que só se segura por um pedacinho de pele. Fica, então, submerso pelo sentimento de uma catástrofe tão inexprimível, que não ousa, nem mesmo, falar disso para a pessoa do lado” (p. 73), como se esta pessoa não existisse e houvesse somente um mundo exterior imediato. Entretanto, Lacan (1953-54/1986) não o considera, neste momento, como psicótico, apesar de ter havido uma alucinação:

Poderá ser psicótico mais tarde, não o é no momento em que tem essa vivência absolutamente limitada, nodal, estranha à vivência de sua infância, inteiramente desintegrada. Nesse momento da sua infância, nada permite classificá-lo como um esquizofrênico, mas trata-se de um fenômeno de psicose (p. 74).

Importa identificar as respostas singulares do sujeito diante da incidência do Outro e se com isto poderá ser verificada a inscrição de um significante pela nomeação e permanência de um objeto. Lacan (1953-54/1986) situa a rejeição do símbolo como uma operação de *não-Bejahung*, indicando ter havido somente a operação da *Verwerfung*, distinta da denegação, que viria confirmar a *Bejahung*, algo que instiga a questionar se esta operação poderia estar em questão também no autismo.

A *Verneinung* é uma operação que participa da fundação do sujeito, pois faz a intersecção entre o Simbólico e o Real de forma imediata, sem intermediação Imaginária, ainda que se mediatize sob uma forma que se renega, pelo que foi excluído no tempo primário de simbolização (LACAN, 1954/1998, p. 385). Rabinovitch (2001) aponta que a *Verneinung*, ao conjeturar

(...) a existência daquilo que ela nega (...), efetua, ao mesmo tempo, uma outra operação: separar as representações [*Vorstellungen*] e a coisa [*das Ding*]; o percebido [*Ding*] é, ou não, admitido dentro do *Ich* [*eu*]; aquilo que, do percebido for admitido, se tornará um representado, enquanto aquilo que ficar fora do *Ich* por ter sido excluído, continuará sendo da ordem da coisa. (p. 36).

Desta forma, a “afirmação primordial”, com a operação “*Bejahung-Ausstossung*” é um recorte arcaico que o sujeito realiza pela escolha de percepções que serão lidas de forma simbólica e outras que serão excluídas e, assim, não representadas tornam-se inacessíveis, numa operação de exclusão-interna que enquista um real no psiquismo. Esta operação defende o sujeito diante da relação imediata ao Outro.

Conforme Silveira e Vorcaro (2016) salientaram, na resposta ao comentário de Hyppolite sobre a *Verneinung*<sup>19</sup>, a diferenciação freudiana primordial entre o Eu e o não-Eu sustenta o debate lacaniano sobre a instauração da primeira delimitação entre os registros simbólico, real e imaginário como decorrente dessas operações inaugurais. Consta-se aí como Lacan ultrapassou a binariedade freudiana interior/exterior (eu/mundo) ao localizar os litorais entre real, simbólico e imaginário como distintas *dit-mansions* da realidade sempre psíquica do sujeito.

Do caso do *Homem dos Lobos* (1918), a célebre formulação freudiana de que, da castração, aquele sujeito “nada queria saber no sentido do recalque” (FREUD, 1918, citado por LACAN, 1954/1998, p. 388), Lacan demarca a diferença entre a negação presente na *Verdrängung* e a negação efetuada pelo Homem dos Lobos em relação à castração. Freud utilizara o termo *Verwerfung*, cuja tradução proposta naquele momento por Lacan seria ‘supressão’ (LACAN, 1954/1998). O efeito de “abolição simbólica” (LACAN, idem, p. 388) decorrente da *Verwerfung* é então ressaltado, na afirmação freudiana: “Um recalque é algo diferente de um juízo que rejeita e escolhe.” (FREUD, 1918, citado por LACAN, idem, p. 389). Lacan situa a *Verwerfung* na dialética da *Verneinung* freudiana como juízo fundamentalmente oposto à *Bejahung* primária e do qual se constitui aquilo que é expulso. A *Verwerfung*, inserida na dialética da *Verneinung* e situada em oposição à *Bejahung*, fornece o recurso à delimitação primordial entre os registros simbólico e real em um tempo mítico da constituição do sujeito.

A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha a se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser. (LACAN, 1954/1998, p. 389).

Nesse momento do ensino de Lacan, a *Verwerfung* assume definição correspondente àquela fornecida por Freud pelo uso do termo *Ausstossung* em seu artigo sobre a *Verneinung*. É definida como o verso da *Bejahung*, que participa da primeira diferenciação entre dentro e fora. Lacan continua sua abordagem da *Verwerfung* no seminário sobre *As Psicoses* (1955-56/2002), situando-a como operação de *rejeição* de algo primordial quanto ao ser do sujeito.

---

<sup>19</sup> LACAN, J. (1954/1998) “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Equivalendo-a, a uma não-*Bejahung*, Lacan demarca o essencial da *Verwerfung* como a não simbolização de um *significante primordial*, introduzindo a categoria do real fora do registro do símbolo, irreduzível à estruturação significante.

Ao nível da *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia – o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá outro. (...) Há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung*. (LACAN, idem).

Lacan (1966/1998) considera a operação judicativa em relação a um significante primordial, afirmando ser “ao significante que se refere a *Bejahung* primordial”. Aponta ainda que a *Carta 52* (1896/1976) é exemplar do destaque dado por Freud a esse “termo de uma percepção original, sob o nome de signo, *Zeichen*.” (p. 564). Assim, como hipotetizam Silveira e Vorcaro (2016), nesse ponto, a *Verwerfung* distingue-se sutilmente da *Ausstossung*: e, enquanto a primeira, como não-*Bejahung*, constitui a rejeição de um significante primordial, concerne a um tempo posterior à separação primitiva entre o que é da ordem do Outro e da Coisa, isto é, do simbólico e do real. É algo do simbólico que a *Verwerfung* rejeita; por sua vez, a “*Ausstossung* se refere ao real e que a *Verwerfung* se refere a um fragmento da bateria significante introduzida no sujeito pela *Bejahung*.” (RABINOVITCH, 2001, p. 30).

A presentificação da ausência localizada por Freud como efeito constitutivo da perda do objeto primordial, é considerada por Lacan nos destinos do que é expulso da operação judicativa primitiva: Isso que é suprimido de sua *Bejahung*, “(...) constitui, diz-nos Freud, aquilo que não existe propriamente, e é como tal que *ex-siste*, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência. Nada existe senão na medida em que não existe.” (LACAN, 1954/1998, p. 394).

No *Seminário da Identificação* (1961-62/2003), nos lembram Silveira e Vorcaro (2016), a questão da negação é orientada pela filosofia das proposições aristotélicas e em relação aos tempos da constituição do sujeito demarcados pela privação, pela frustração e pela castração. A partir da rasura promovida pelo traço unário, Lacan aponta identificação simbólica. Retomando a topologia do aparelho psíquico (FREUD, 1900) indica as primeiras noções de fronteira com que Freud trabalha em sua suposição dos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente. Interrogando o que está em jogo na passagem de alguma coisa de um sistema para o outro, Lacan salienta a necessária divisão entre dentro e fora na topologia do aparelho psíquico forjada por Freud. A ideia de *reunião* entre o fora e o dentro importa à

topologia a partir do toro e da fita *moebiana*: “O problema do que se passa, quando o inconsciente chega a se fazer ouvir ali, é o problema do limite entre esse inconsciente e o pré-consciente.” (LACAN, 1961-62/2003, 10/01/1962). A negação se introduz a partir do problema da própria existência do ser: “Ela supõe a afirmação sobre a qual se apóia? Sem dúvida. Mas será que tal afirmação será, apenas, a afirmação de alguma coisa do real que estaria simplesmente suprimida?” (LACAN, idem, 17/01/1962).

Abordando a dissonância expressa na negação, Lacan (1961-62/2003) considera que a partícula *pas*, além de conotar “o puro e simples fato da privação”, não se limita a um buraco, mas “exprime, ao contrário, a redução, o desaparecimento, talvez, mas não acabado, deixando atrás dele as marcas do menor traço, o mais evanescente” (LACAN, idem, 17/01/1962). Trata-se aí, da ausência que pressupõe a presença, apagamento que implica a permanência da marca deixada pelo traço, como rasura. Trata-se da negação que supõe a afirmação de alguma coisa do real que não está suprimida, mas concerne o ser, sendo eternizada como traço.

O estudo das proposições lógicas aristotélicas permite a Lacan apresentar um quadro geral das várias formas da negação a partir do que a experiência psicanalítica – e também filosófica – aborda: a questão da privação, da frustração e da castração. Visa a responder “à questão que liga, justamente, a definição do sujeito como tal àquela da ordem de afirmação ou de negação, na qual ele entra na operação dessa divisão proposicional.” (LACAN, idem, 17/01/1962). O sistema formal de proposições, do modo como classificado por Aristóteles pelas categorias da afirmativa e da negativa, tanto universais, quanto particulares, é apresentado por Lacan segundo os quadrantes A E I O. A proposição *Homo mendax* é tomada para ilustrar seu pensamento, construindo o seguinte quadro<sup>20</sup>:

---

<sup>20</sup> Cf. LACAN, J. (1961-62), lição 17/01/1962.

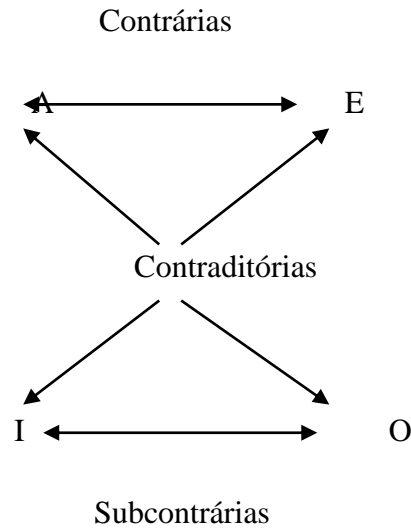
**Figura 6 – Proposições universais e particulares**

<p><b>A</b></p> <p>Omnis homo mendax</p> <p>Nullus homo non mendax</p> <hr style="border: 0.5px solid black;"/> <p>Aliquis homo mendax</p> <p>Non ominis homo non mendax</p> <p><b>I</b></p>	<p><b>E</b></p> <p>Omnis homo non mendax</p> <p>Nullus homo mendax</p> <hr style="border: 0.5px solid black;"/> <p>Aliquis homo non mendax</p> <p>Non omnis homo mendax</p> <p><b>O</b></p>
--	---

**Fonte: Lacan (1961-62/2003)**

Assim organizadas, as proposições ocupam posições chamadas *contrárias* e *subcontrárias*. Isto é, no caso das contrárias, na linha das proposições universais – A-E – não é possível que sejam verdadeiras ao mesmo tempo: a afirmação de que “Todo homem é mentiroso” [A] exclui a veracidade da afirmação de que “Todo homem não mente” [E]. Em relação às subcontrárias, na linha das proposições particulares – I-O –, por sua vez, as proposições afirmativas ou negativas não se excluem reciprocamente, sendo possível tomá-las como verdadeiras ao mesmo tempo. Que “Alguns homens mintam” [I] não exclui a veracidade de que “Alguns homens não mentem” [O]. Do mesmo modo, que “Nem todo homem não minta” [I] não contradiz a negativa particular de que “nem todo homem mente” [O]. Há, ainda, a relação entre as *contraditórias*, a oposição diagonal entre as proposições que determina que, sendo a universal A verdadeira, por exemplo, esta exclui a veracidade de sua oposta, a particular O; sendo falsa a particular I, por sua vez, esta exclui a falsidade da que se opõe, a universal E. As relações que se estabelecem entre as proposições, da forma como Aristóteles as organiza, ilustram-se, portanto, segundo a figura:

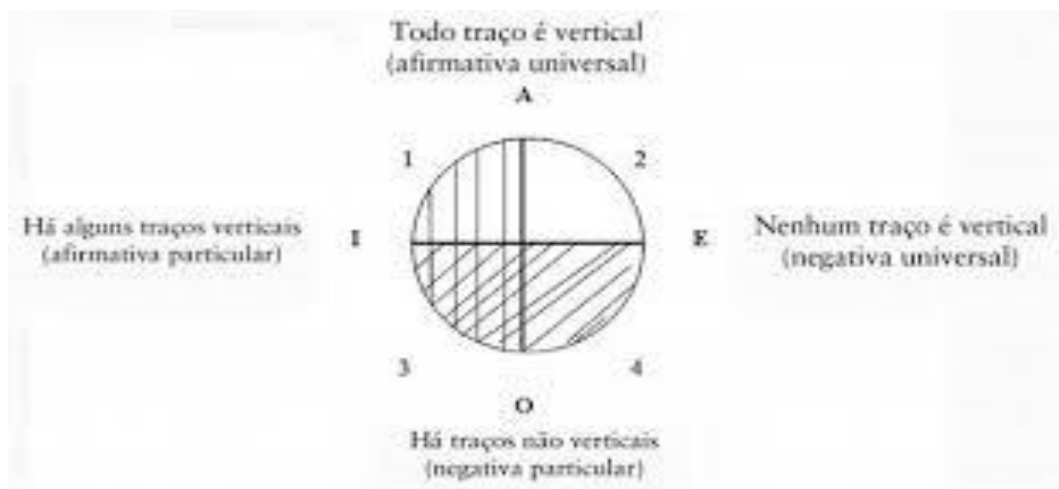
**Figura 7 – Proposições aristotélicas**



**Fonte: Lacan (1961-62/2003)**

Lacan ordena diversamente tais proposições, propondo o modelo de Charles Sanders Peirce<sup>21</sup> para indicar novas relações para além das consideradas por Aristóteles. O quadrante de Peirce é grafado com *traços* que variam de acordo com o atributo da *verticalidade*.

**Figura 8 – Quadrante de Peirce**



**Fonte: Lacan (1961-62/2003)**

O *traço* preenche a função do sujeito. A função *vertical* assume lugar de atributo, suporte. A *afirmativa universal* “Todo traço é vertical”: quadrante 1. Diferentemente da

<sup>21</sup> De acordo com Salatiel (2010, 2011), Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo norte-americano, mais conhecido como fundador do pragmatismo clássico e da moderna teoria dos signos (a semiótica). Durante sua carreira de cientista, Peirce elaborou trabalhos inovadores em lógica e filosofia.

organização clássica das proposições, tal afirmativa não somente não é contradita pelo quadrante 2, mas por ele é confirmada. “Se digo *todo traço é vertical* isso quer dizer que, quando não há verticais, não há traço.” (LACAN, idem, 17/01/1962). Não há contradição, portanto, uma vez que “não há nenhum traço que não seja vertical nesse setor do quadrante. Eis, portanto, ilustrada pelos dois primeiros setores, a afirmativa universal.” (LACAN, idem). Para tornar sua exposição clara, Lacan discorre sobre as funções, negativa e afirmativa, universal e particular, de cada quadrante. A *negativa universal* apresenta-se nos quadrantes 2 e 4, segundo a formulação de que “Nenhum traço é vertical”. Este modelo de Peirce diferencia-se da doutrina clássica, ao permitir que o quadrante 2 compartilhe, tanto a *afirmativa*, quanto a *negativa universal*. As formulações *particulares* são ilustradas pelos quadrantes 3 e 4 – “Há traços não verticais” – e 1 e 3 – “Há alguns traços verticais”.

Destaca-se a função de confirmação das fórmulas universais que o quadrante vazio [2] assume. A *afirmação universal* é suportada pela *negação universal* na medida em que o setor vazio é a expressão máxima da verdade do atributo de verticalidade do traço. O quadrante 2, expresso por “Não há nenhum traço que não seja vertical” – é negativa que sustenta a possibilidade dos quadrantes 1 e 4. Lacan define “a casa negativa [2] como correlativa essencial da definição de universalidade (...)” (LACAN, idem). Esse recurso lógico indica que a identificação ao traço unário, identificação primordial, implica o apagamento, o vazio do qual partirá o sujeito. Assim, articulam-se a constituição do sujeito com a negação e esta, por sua vez, com a privação: “(...) a negação nunca é linguisticamente um zero, mas um *não um*. (...) E toda a história da negação é a história desta consumação por alguma coisa que está onde? É justamente o que tentamos cercar: a função do sujeito como tal.” (LACAN, 1961-62/2003, 21/02/1962).

O *não um* confere à casa vazia a notação (-1). Indica-se, então, a marca conferida pelo traço unário como marca de uma distintividade – *Einzigkeit* – e não de uma unificação – *Einheit*. A distintividade define a função significante do traço: vazio, ausência que suporta qualquer existência. O sujeito advém, portanto, dessa privação primeira à que se articula a perda primordial do objeto:

(...) o possível de que se trata aqui não é nada senão o possível do sujeito. Só o sujeito pode ser esse real negativado por um possível que não é real [mas, sim, simbólico]. O -1, constitutivo do *ens privativum*, nós o vemos, assim, ligado à estrutura mais primitiva de nossa experiência do inconsciente, na medida em que ela é aquela, não do interdito, nem do dito que não, mas do não-dito, do ponto onde o sujeito não está mais para dizer se ele não é mais mestre dessa identificação ao 1, ou

dessa ausência repentina do 1, que poderia marcá-lo. Aqui se encontra sua força e sua raiz. (LACAN, 1961-62/2003, 28/02/1962).

Ao tratar da privação, da frustração e da castração como as faltas constitutivas do sujeito, Lacan retoma o termo pelo qual abordou a ideia de uma exclusão primitiva como instauradora desse vazio de onde parte o sujeito:

E alguns se preocupam que eu não dê lugar à *Verwerfung*. Ela está lá, antes, mas é impossível partir dela de uma maneira dedutível. Dizer que o sujeito constitui-se primeiramente como -1 é algo onde vocês podem ver efetivamente, como era de se esperar, é como *verworfen* que nós o vamos encontrar (...). (LACAN, 1961-62/2003, 07/03/1962).

O traço unário articula-se a essa *Verwerfung* constitutiva, demarcando a instauração do registro simbólico. A *Ausstossung* implicada na *Verwerfung* remonta ao real. A suposição de uma divisão primitiva entre o real e o simbólico, em contraposição a um dentro e um fora proposto por Freud, implica o recurso à topologia para mostrar a continuidade entre as instâncias constitutivas do sujeito marcado pelo traço que o funda simbolicamente. Abre-se, aqui, o caminho para a amarração entre o que se organiza como imaginário e o que o mobiliza sem se escrever, isto é, sem se inserir na lógica das representações [*Vorstellungen*], o real.

Como lembram Silveira e Vorcaro (2016), o estudo das figuras topológicas permitiu a Lacan uma primeira modulação do *objeto a*. O traço unário, marca da alteridade no corpo, implica a relação do *infans* com o Outro, na qual o desejo se funda, antecedente ao laço especular. São muitas as implicações da formulação da noção de *objeto a* para a continuidade da teoria. A ideia de que algo se depreende como resto das operações primordiais de identificação simbólica implicará articulações nodais entre os registros R, S e I. O *não um* do traço unário demarca a função da ausência que suporta qualquer existência franqueando a consideração de que o sujeito advém da privação primeira à que se articula a perda primordial do objeto (FREUD, 1895). A presentificação da ausência enseja as formulações lacanianas acerca da constitutividade da falta.

Considerando o percurso lacaniano acima tratado, podemos apreender a dificuldade teórico-clínica para distinguir psicose e autismo dado que ambos partilhariam da operação de forclusão. No Seminário da Ética (1959-60), rementendo-se ao *Projeto* (1895) freudiano, Lacan (1959-60/1991) chega a afirmar uma modalidade de defesa que lhe seria anterior:

“No nível do sistema  $\phi$  isto é, no nível do que ocorre antes da entrada no sistema  $\psi$ , e a passagem na extensão da *Bahnung*, da organização das *Vorstellungen*, a reação típica do organismo enquanto regulado pelo aparelho neurônico é o processo de elisão. As coisas são *Vermeidet*, elididas. O nível das *Vorstellungsrepräsentanzen* é



o lugar de eleição da *Verdrangung*. O nível das *Wortvorstellungen* é o lugar da *Verneinung*.”(p. 83)

A despeito de não ser desenvolvida, tal assertiva pode permitir uma localização do mecanismo de defesa que o autista introduz.

Os psicanalistas E. e M. Vidal (1995, p. 123) hipotetizam que no autismo parece não acontecer a “forclusão fundante” de todo sujeito, anterior à própria operação da *Verneinung*, quando o *ser* sai de sua condição de puro orgânico para entrar na condição de *sujeito* pelo assujeitamento ao Outro. O que conjugaria com a hipótese de haver ou não a “afirmação primordial” na constituição psíquica.

Interessa notar que o mecanismo da *Verwerfung*, forclusão, parece excluir um termo simbólico e o mecanismo da *Ausstossung* já seria do âmbito do real. O mecanismo da *Bejahung* estaria funcionando pela lógica de afirmação de um significante e a *Verneinung* corrobora esta primeira afirmação através da negação.

Carlinhos<sup>22</sup> está com dois anos, mas parece ainda um bebê de pouco mais de um ano, não fala, e vocaliza poucas palavras, como “*mamãe*” e “*neném*”, não faz apelo, resmunga, sem conseguir fazer-se compreender e chora de forma desmesurada. Aos 10 meses, iniciou atendimento psicológico, devido ao choro desmedido, ocorrido quando afastado do corpo de sua mãe ou ao perscrutar a aproximação do outro pela voz ou por contato físico. A própria mãe angustiava-se diante das tentativas de acalantar o choro do filho, reiterando sua dificuldade em compreender o que se passava, sem conseguir traduzir o que ele tentava exprimir. Acreditava-se que um dos possíveis motivos do choro do bebê seria a dificuldade da separação corporal da mãe, mas não só isto<sup>23</sup>, seu choro relacionava-se à perda de sustentação do corpo materno e se intensificava, transpondo-se da tristeza ao desamparo<sup>24</sup>. Destaca-se que

---

<sup>22</sup> Criança acompanhada desde os nove meses, em equipe interdisciplinar, pelo Programa de Acompanhamento de Bebês e posteriormente ao NIP (Núcleo de Intervenção Precoce) da instituição que atende bebês nascidos em condições de risco – prematuridade, sofrimento agudo fetal, síndromicas - crianças autistas e/ou com debilidade no CAIS – Centro de Atendimento e Inclusão Social em Contagem/MG.

<sup>23</sup> Importante dizer que a criança foi submetida a exames neurológicos, e não houve presença de vestígios de seqüelas do nascimento, e exames solicitados pela fonoaudióloga, como o BERA, para identificar o potencial auditivo, também não apresentou alterações.

<sup>24</sup> Winnicott (1944) distingue cinco tipos de choro: 1) satisfação, exercitando a função do choro, para chamar a atenção e aliviar uma angústia; 2) de dor, soa como um grito por algo que está por vir ou que está acontecendo, como sentir fome; 3) choro de raiva, quando se sente contrariado e espera com isto comover a mãe com seus gritos e esperneios; 4) choro de tristeza, demonstra ser um choro mais elaborado, pois significa que ele está refletindo algo acontecido que lhe gerou sofrimento, ele é seguido por lágrimas. Todos estes são considerados choros saudáveis, por Winnicott, e servem como linguagem a serem lidos. O quinto tipo é o mais preocupante, o choro de desespero e desamparo. Quando todos os outros não foram respondidos, o bebê sente-se abandonado, sem ter quem o console. Para o autor, isto aconteceria em casos de bebês institucionalizados, ou diante de algum acontecimento que atravessaria a rotina, o bebê não teria alguém que lhe endereçasse um desejo particularizado.

Lúcia se encontrava em posição depressiva devido ao modo como articulava as duas perdas: separação do companheiro (pai da criança) e parto difícil de Carlinhos.

Com o tratamento, a criança, embora tenha diminuído os episódios de choro, quando chora, por vezes se auto-acalenta chupando o dedo. Não suporta manter o olhar, está estrábico, mas sem baixa visão, desvia e não responde às demandas dirigidas a ele. Ainda não fala e não faz demandas, quando contrariado chora muito e resmunga, empurrando as pessoas. A mãe observa que o filho não admite sair de casa e chora quando está em um ambiente diferente. Com a analista, ele prefere brincar, correndo pelos espaços da clínica e, às vezes, a olha de soslaio. Ela tenta estabelecer um jogo simbolizante a partir do *vaivém* pulsional, com a prosódia na conversa, “*sumiu-achou!*”. A mãe conta que ele adora abrir e fechar portas, ou seja, um jogo de “*on-off*”. Insiste em não responder ao Outro, e quando afastado da mãe, ou dentro da sala de consulta, só faz gritar e chorar. A analista intervém junto à mãe, ressaltando a importância do lugar da palavra e da conversa com o filho, endereçando uma fala, tentando ajudá-lo a se fazer entender e a comunicar. Ela ainda brinca de modo parco, tímido, e ele, mantendo-se afastado do contato, fica correndo pelos espaços abertos da instituição. Responde somente em algumas situações, despedindo-se de soslaio, com a mão encurvada e o rosto virado.

Ao que parece, Carlinhos demonstra uma vontade de imutabilidade e uma inscrição de um traço sígnico, e não significante, que parece ter se efetuado até o momento. Para ele, parece fazer falta a faceta não-toda do Outro, distinto do Real indizível e impossível que o engolfa, e por isso confunde os sentidos da relação significante: como não discernir insatisfação de anseio, do brincar com o fazer trocas, que assim, são pressentidos como elementos invasivos que lhe colocam em risco de perda. Recorrendo, então, ao “choro de desamparo”, num transbordamento sem possibilidade de acalento, mesmo da mãe, como se estivesse em risco de se perder, Carlinhos chupa o dedo polegar, sem buscar do Outro uma resposta que lhe dê assistência. *Ao se auto-satisfazer, mantém o gozo num circuito fechado, decidindo excluir o Outro?*

Para funcionar enlaçado ao social, Lacan (1969-70/1992) entende que, “os meios do gozo são abertos pelo princípio seguinte, que ele (o bebê) tenha renunciado ao gozo fechado – e alheio – à mãe” (p. 74), usufruindo dessa relação. Carlinhos ainda não demonstra

---

Em nosso caso, podemos identificar que Carlos apresentava este quinto tipo de choro, mas ainda que estivesse com sua mãe presente, parece que para ele, o consolo parecia-lhe ausente.

movimento de renúncia a este gozo, para *se fazer* ao Outro com o movimento do apelo e, assim, poder desfrutar desta relação. O Outro aparece como onipotente, mas evidencia o princípio de um jogo simbolizante de “neo-*fort-das*” (LAURENT, 2014) em que o campo do Outro é tratado e a continuidade do espaço, em sua topologia, carece de ser realizada. Assim,

o sujeito autista tem de operar, sem a ajuda de nenhuma imagem estabelecida, para construir um espaço que permita recosturar o espaço fora da visão e o campo da visão. Para conseguí-lo, o sujeito fabrica para si instrumentos originais a partir de dispositivos centrados nos modos de aparecimento e desaparecimento do corpo, neo-*fort-das*. Esses dispositivos também podem concernir ao espaço como tal, na medida em que ele é distinto da visão e tem de se recolocar com ela. (p. 97).

Como lembra Vorcaro (2017), a criança autista captura certos elementos simbólicos do seu meio e os dota de um intenso valor de uso: numa relação sinérgica com certos objetos, demonstra seu interesse na produção da cultura ao mesmo tempo em que o uso que faz deles é absolutamente sem nenhum valor de troca. A criança incide sobre um objeto por horas, sem abandoná-lo, exercendo uma mesma operação sobre ele. É comum, por exemplo, o girar o objeto sobre o mesmo eixo; acender e apagar uma lâmpada; balançar o próprio corpo; bater a cabeça numa parede, etc. Assim ela perfaz um circuito tão específico, tão mínimo e tão contínuo que eles nos parecem ser estereotípias reflexas. A dinâmica da sintonia que se estabelece – entre o seu corpo e tal objeto, ou entre seu corpo e o mesmo movimento – é de tal monta que parece que esse objeto funciona como se fosse um órgão de seu corpo.

Com o movimento sobre um objeto ou sobre o próprio corpo, ela opera um uso singular dos objetos que parece lhe servir apenas para dar vigência a uma auto-estimulação que chamamos de *gozo do corpo*. Com a estimulação dinâmica desse objeto ela se desvia e se exclui do seu entorno. Assim a criança autista mostra que ela se aparelha com esse objeto para evitar a intromissão do Outro, mantendo-a neutralizada, em isolamento, sem sofrer efeitos. É o que podemos denominar como uma exclusão ativa. Mas, o que ela faz nessa sua exclusão ativa? há aí uma determinação, portanto, não uma ação reflexa, mas propriamente um ato, que é de operar uma distinção que, mesmo precária, estabelece uma projeção da sua própria superfície, em que transita sem se deixar perturbar pelo mundo que a envolve. Trata-se de uma borda protetora por meio da qual ela encontra um lugar para viver. Seria possível pensar esse funcionamento do autista a partir das considerações da *dit-mansões* da realidade psíquica?

## 1.6-Do traço unário às formas da falta: privação, frustração e castração

Prosseguindo com as coordenadas lacanianas, tomamos neste ponto, o traço unário, em especial com as construções feitas pelo próprio no *Seminário 9* (1961-62/2003). Para tanto, partimos das assertivas freudianas sobre as identificações para, a seguir, distinguir a incidência do simbólico sobre o vivo, que demarca o ser e abordar a identificação ao traço, tais como propostas por Lacan.

Situada como processo insuficientemente conhecido, Freud (2011/1921) afirma que a identificação é “a forma mais original de ligação emocional com um objeto” (p. 65). Ambivalente desde o início, pode expressar-se como ternura ou como desejo de eliminação. A identificação “comporta-se como derivado da primeira fase da organização libidinal, a fase oral, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto” (p. 61). Antes qualquer escolha de objeto, o destino dessa primeira identificação com o pai se perde de vista. Na formação neurótica de sintomas, por via regressiva, a identificação se transforma em substituta de uma ligação objetual libidinoso, como por introjeção do objeto amado ou odiado no eu. Nesses casos “a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu a identificação (...) É digo de nota que nessas identificações o Eu as vezes copia a pessoa não amada, outras vezes a amada. Nos dois casos a identificação é parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto” (p. 63-4, grifo nosso). Para Freud, um terceiro caso – muito frequente e significativo de formação de sintomas pode ser ressaltado como infecção psíquica: “a identificação desconsidera totalmente a relação objetual com a pessoa copiada. (...) O mecanismo é aquele da identificação baseada em querer ou poder colocar-se na mesma situação” (p. 64). Também considerando as psicoses, a identificação poderia abandonar o objeto, aspirando dar ao próprio eu uma forma semelhante a do outro eu tomado como modelo; também a melancolia decorrente da perda real ou afetiva do objeto amado, mostra um eu dividido em dois, um dos quais se enfurece com o outro. “Esse outro pedaço é aquele transformado pela introjeção, e que contém o objeto perdido” (p. 67).

A partir da afirmação freudiana que a identificação toma apenas um traço da pessoa-objeto, Lacan (1961-2/2003, 13/12/61) retoma esse traço, que transforma em traço unário, enquanto suporte da diferença por meio do qual cada um dos *entes* é dito ser um *um*. A função da unidade é o fator de coerência pelo qual alguma coisa se distingue daquilo que a cerca, faz

um todo, um 1 no sentido unitário da função. Por intermédio desta unidade, cada um destes seres vem a ser dito Um. O advento, no dizer, desta unidade, adviria do uso do traço unário.

Segundo Lacan (idem), o traço unário é a figura desvelada, o rosto sem véu do *Einzigster Zug* da identificação. Trata-se da identificação da segunda espécie que Freud chama regressiva, estando ligado a um certo abandono do objeto amado. Em ligação ao abandono ou a perda do objeto se produz este estado regressivo do qual surge a identificação - identificação em que o eu copia, ora a situação do objeto não amado, ora o objeto amado, mas que em ambos os casos esta identificação é parcial, altamente limitada - somente um traço único da pessoa objetalizada, que é como o *ersatz* (substituto). Lacan retoma a identificação da primeira espécie, sob o fundo da imagem da devoração assimilante, interrogando sua relação com a terceira forma de identificação, a a identificação histórica. Esta identificação ao outro se faz por intermédio do desejo, que supõe toda a articulação das relações do sujeito com a cadeia significante, portanto, desejo que já modificou profundamente a estrutura da relação do sujeito com cada uma de suas necessidades.

Afirmando ser um princípio de método a desconfiança do gênero e da classe, devido a especificidade do objeto da psicanálise, Lacan destaca que as três identificações não formam uma classe, a despeito de terem o mesmo nome, só configurando uma sombra de conceito. Para ele, o que concerne a função da identificação é a estrutura do simbólico.

Lacan retoma suas *Formulações sobre a causalidade psíquica (1946/1998)* para lembrar sua apresentação sobre a imago: “mais inacessível a nossos olhos feitos para os signos do cambista” pouco importa a seqüência, “que os do caçador do deserto, ...sabe ver o traço imperceptível, o passo da gazela sobre o rochedo, um dia se revelarão os aspectos da imago”. Os signos do cambista são, para Lacan, os significantes enquanto operam pela virtude de sua associatividade na cadeia, de sua comutatividade da função, de permutação tomada como tal. A função do cambista é a função do que muda, do que transforma, é a introdução no real de uma mudança que não é nem movimento nem nascimento, nem corrupção - trata-se de mudança topológica que permite definir a emergência do fato de estrutura.

Se Freud não pode evitar a palavra pensamento para designar o que se passa no inconsciente, Lacan afirma ter partido de Descartes para designar o que está em questão. O problema do inconsciente enquanto o sujeito é o guia sem saber, sem ser *concius* disso. O sujeito se localiza nisso só depois. Nada é por ele engendrado senão a partir de um desconhecimento inicial. Da permanência do sujeito aí só se pode mostrar a referência, e não

a presença. A presença só pode ser cingida em função da referência ao Traço unário, bastão como figura do um, que é traço distintivo na medida em que dele está apagado quase tudo que o distingue, exceto ser um traço. O apagamento das distinções qualitativas permite apreender o paradoxo da alteridade radical designada pelo traço.

A função de alteridade garante à repetição algo que lhe escapa: seu eterno retorno. Contar os traços é o de que se trata no automatismo da repetição: um ciclo deturpado, que repete, não importando se é o mesmo ou se tem diferenças mínimas, pois estas diferenças mínimas só se farão para conservar sua função de ciclo. É, entretanto, necessário distinguir o retorno do ciclo (como a digestão, por exemplo) e a função do automatismo da repetição.

O automatismo da repetição é um ciclo determinado que se perfila à sombra do “trauma” entre aspas pois não é seu efeito traumático que o retém, mas apenas sua unicidade, que se designa por um certo significante que sozinho pode suportar a instância da letra no inconsciente: repete-se para fazer ressurgir este significante fundado no número. O que se repete está na formação sintomática preenchendo a função do signo de representar uma coisa que seria atualizada, mas especialmente, presentificando o significante recalcado que essa ação se tornou.

Na lição de 20/12/61, no mesmo Seminário, *A identificação*, Lacan afirma que para além do ciclo de comportamento relativo a resolução da tensão do par necessidade-satisfação, o paradoxo do automatismo de repetição é que, a repetição faz insistir um significante designável por sua função: *concernente a algo que é sempre o mesmo: a diferença, a distinção, a unicidade*. Trata-se de fazer ressurgir este signo, cuja contagem está perdida: representante da representação, é isso que é recalcado, é o número perdido do comportamento tal. A função do significante é a de ser o ponto de amarração de algo a partir do qual o sujeito continua. Esta seria a função do nome próprio.

Quando ele advém na escrita ele isola o traço que, sendo nomeado, vem a poder servir como suporte deste som do nome próprio, que guarda afinidade do nome próprio com a marca, com a designação direta do significante com o objeto.

Na lição de 10/01/1962 do Seminário, *A identificação*, Lacan afirma que o nome próprio está no caminho da identificação do sujeito, no segundo tipo freudiano: a identificação regressiva ao traço unário do Outro.

A primeira forma de laço ao Outro, antes de qualquer escolha objetal, sobrevém pela identificação. Encontramos o *nome próprio* no caminho da identificação do sujeito como o segundo tipo de identificação localizada por Freud: identificação regressiva ao traço unário advindo do Outro.

Ilhado e só, Robinson Crusoe<sup>25</sup>, num certo dia, encontrou a marca de uma pegada na areia da ilha em que vivia. Testando sua sanidade, ele apaga o rastro do passo e o identifica com dois bastões, num “X”, demarcando que ali houve um passo (*pas*) de alguém. O rastro do passo é transformado em “não-passo” pelo seu apagamento: traço unário (*einzeiger Zug*). Unário e não único, porque designa na teoria dos conjuntos, o primeiro. O traço unário define-se por sua redução extrema das diferenças qualitativas e a demarcação de dois. Na verdade o que interessa não é a identidade de semelhança, ou de diferenças qualitativas, mas a distinção de um para o outro, o que é próprio da definição de significante.

Lacan (1961-62/2003, 10/01/1962) nota a importância de considerar menos a origem, mas a posição do sujeito inserido numa estrutura de linguagem. Essa estrutura de linguagem que se insere na idéia da escrita, que “é conotação significante que a fala lê e não a cria”, sua gênese está no significante, de onde podemos localizar o balbucio que remete a algo anteriormente marcado, inscrição (*nachträglich*) do traço.

O estabelecimento de um campo simbólico implica na tomada do significante como passível de substituir outro significante, sendo cada um definido por sua diferença radical. Na lição 13/12/61, Lacan (1961-62/2003) salienta que a distinção entre significante e o signo mostra-se pelo traço apagado. O *signo* é o que “*representa alguma coisa para alguém*”, diferentemente, o que distingue o *significante* é ser o que os outros não são, e é enquanto isto que sua função se estrutura. O significante é “*o que representa o sujeito para outro significante*”, ou seja, é do efeito do significante que surge um sujeito. A função do significante é pensável a partir de que o *Um*, como tal, é o Outro, como exemplo, na demarcação do passo dado por Robinson Crusoe.

Há um espaço que separa o passo (*pas*) demarcado do que veio a se transformar em não-passo (*ne pas*). Recorrendo aos ideogramas, o autor sinaliza que existe a combinação de desenhos com a fonética da escrita. Exemplifica, dizendo que, a cada vez que aparece o desenho de uma coruja, localiza-se a emissão labial *m*.

---

<sup>25</sup> Personagem que Lacan resgata do romance do escritor Daniel Defoe, “*Robison Crusoe, aventura de um naufrago numa ilha deserta*”, datado de 1719.

A primeira conjugação, nessa estruturação de linguagem, se refere à recuperação da primeira conjugação fonética com um signo, na gênese do traço. Sendo produzidos, primeiramente, como marcas distintivas, os significantes da escrita nos hieróglifos foram usados em diferentes alfabetos demarcando o fonema pela escrita. A escrita esperava ser fonetizada, e na medida em que foi vocalizada pode passar a funcionar como escrita.

Toda vez que a escrita se modifica, significa que uma população tentou simbolizar a sua própria linguagem. O que há de relação entre uma coisa modulada e a articulação falada ocorre pela interação entre o material e o seu uso acontecer numa forma de linguagem fonemática e sintática. O surgimento da escrita, portanto, denota a demarcação do traço unário significante. A escrita, ao que parece, vem fazer suporte ao som.

Ao dizer sobre as relações da escrita com a língua, Lacan (1961-62/2003) diz que o homem tem uma missão vocal como falante: “o que fica é algo da ordem do traço unário, que funciona como distintivo, enquanto pode desempenhar o papel de marca” (10/01/1962) na língua. O traço unário é o “rosto sem véu” da identificação, sendo esta uma identificação que Freud (1914/1976) denominou como *regressiva*, por estar ligada a um certo abandono ou à perda do objeto amado. Por isso, produz esse estado regressivo, do qual surge a identificação - identificação em que o *eu* copia, ora a situação do objeto não amado, ora o objeto amado, mas que, em ambos os casos, essa identificação é parcial, ou seja, somente *um* traço da pessoa objetalizada é identificada.

Portanto, a função do sujeito situa-se, no primeiro tempo, no entre dois, que Lacan diz ser entre os efeitos idealizantes da função significante e a imanência vital do ser, que é confundida com a função da pulsão.

Deste modo, Lacan (*idem*) observa que o que há de mais destruído e de mais apagado de um objeto é o traço. Se é do objeto que o traço surge, é algo do objeto que o traço retém, justamente, sua unicidade, e é a partir deste traço marcado no apagamento que o sujeito surge. Este traço não tem relação direta com uma pessoa amada, mas tem relação com o traço do Outro constituindo uma identificação simbólica.

Sendo a partir de uma pequena diferença, essa diferença absoluta, destacada de toda comparação possível, que o grande I, *Ideal do eu* pode acomodar todo o propósito narcísico. O Ideal do eu é uma introjeção simbólica pelo traço unário e o Eu ideal é a fonte de uma projeção imaginária secundária. Lacan assevera que (1960-61/1992), “a satisfação narcísica que se desenvolve na relação com o eu ideal depende da possibilidade de referência ao termo simbólico primordial, *ein einziger Zug*” (p. 344). E isto é capital.



A identificação se faz sempre por *ein einziger Zug*. Ainda não é um significante, seria preciso mais, contudo, sendo anterior à alienação e à imagem especular, é o traço que abre possibilidades à existência do ser, que é situado por esta alteridade. Lacan (idem) nos diz que,

o que é definido por este traço unário é o caráter pontual de referência original ao Outro na relação narcísica. (...) este ponto I, do traço único, este signo de assentimento ao Outro, da escolha do amor sobre o qual o sujeito pode operar, está ali em algum lugar e se regula na continuação do espelho (p. 344).

A função do Eu ideal é o Outro, enquanto lugar onde se constitui a perpétua referência do eu na imagem, no espelho, que lhe é ofertado e com o qual se identifica. O eu só virei a se apresentar e a se sustentar a partir do olhar do Outro interiorizado. A criança diante do Outro, no espelho, pode se voltar para ele.

A organização subjetiva pela introjeção delimita que a função paterna, sob a forma do Ideal do eu, venha a ser um significante de onde a pequena pessoa virá se contemplar de qualquer lugar, situando-se.

Seu nascimento ocorre pela primeira nomeação, que é simbólica, com uma negativa de sua natureza orgânica, na afirmação de que um sujeito não é apenas vivo, é *sujeito-a-vir*, decreta o Outro. O traço unário é essa marca primeira da incidência do Outro com o qual o sujeito irá se identificar, que Lacan denomina como o *Ideal-do-eu*. A função do traço unário, ou do “narcisismo das pequenas diferenças”, como sublinha Lacan (idem) a partir de Freud, é a de que é na pequena diferença, cunhada pelo significante, que se pode acomodar o propósito narcísico, se constituindo neste lugar um sujeito como portador deste traço. A identificação primária se opera pela “incorporação” do significante primeiro à voz do Outro. Lacan (1962-63/2005, p. 299-300) exemplifica que a voz funciona de modo semelhante ao pote, porque por ser um tubo, faz ressoar e circunscrever o vazio. Ao representar por meio de emissões de sons o nosso vazio, a voz surge do aparelho acústico, fonológico, mas só como um ressoar deste aparelho. A voz responde ao que é dito, mas não pode responder por isto, só vem a responder quando incorporada como alteridade do dito.

Como vimos, da perspectiva apontada por Lacan (1961-62/2003, 28/02/62, 07/03/62), o sujeito, para existir, parte do vazio para ser contado como (-1), *sujeito-a-vir*, pela diferença demarcada por uma negativa. Um traço particular é destacado como exceção e se demarcará enquanto verdade universal pela negação de um particular afirmativo.

Decorrentes da incidência da falta do objeto, Lacan situa três níveis desta falta, podendo ser localizadas na privação, frustração e castração a partir de uma negativa. Portanto, o sujeito se constitui como portador, ou não, do traço unário, caso não o seja, há um problema no próprio processo de constituição e identificação do sujeito.

### **1.7 - A Privação Real, a Frustração Imaginária e a Castração simbólica em relação à constituição psíquica**

Da impotência do ser, há em seu inverso, a onipotência imaginária do Outro. Primeiro enlace do Real ao Simbólico, o sujeito é despojado de sua condição de ser pela forclusão primordial. Neste tempo, uma *privação real* acontece sem que haja ainda saber, mas uma operação fundante, recalque originário, com a marca da afirmação primordial (*Bejahung*). Neste processo de advento de um sujeito, acontece um caminho de subjetivação pelo assujeitamento ao Outro, em que se acolhe sua intimação. Em posição de real negativado (-1) ao Outro, este *vir-a-ser* é enlaçado à estrutura mais arcaica do inconsciente.

O ser é uma possibilidade de sujeito. Privado de sua condição com a distinção radical do traço, que demarca a experiência primária e mais central da estrutura da identificação - não implicando que o *pas* (*passo*, o *não*) seja um traço de simples privação - ele aponta, ao contrário, a redução, o desaparecimento que deixa atrás as marcas do menor traço. O vivo é marcado pelo Outro com o traço unário (-1) e assim, uma borda é realizada em torno deste vazio com esta inscrição. Partindo do ponto da privação, portanto, o sujeito é uma possibilidade.

Contado antes de se apreender na conta do retorno à satisfação, o sujeito parte em busca do que perdeu e deseja retomar. Do jogo arcaico de oposição, “*eu como/ eu cuspo*”, o sujeito passa a julgar, atribuindo se o objeto percebido é “*bom*”, admite, ou se é “*mau*”, expulsa, para no tempo seguinte conferir se, a partir de sua representação, há existência desse objeto na realidade. Verifica na conta, o que fora demarcado e representado. O traço unário funciona enquanto fundamento de base de cálculo do sujeito por marcar a primeira diferença com a negativa, com o *menos um* (-1), em uma ausência que suporta a existência, fechando-a num conjunto.

O traço unário designa a unicidade da volta na repetição em sua origem. O que o sujeito deseja com a repetição é o retorno, para sempre perdido, do primeiro traço marcado. E enquanto ele refaz a torção no retorno ao suposto ponto, um novo significante é demarcado. Na descontinuidade, o sujeito se engana e comete um erro de cálculo. Repetindo, sem o saber, o sujeito encadeia uma conta com a repetição enraizada no traço unário instaurando-se a *demanda* e o *desejo*. Ele nunca saberá donde partiu e onde teria se posicionado, mas repete infinitamente o movimento pulsional de busca da satisfação, instaurando sua relação ao Outro pela *frustração imaginária*. Nesse movimento de retorno, novas demarcações são realizadas e não igualadas, e marcam a diferença e o deslizamento metonímico entre os significantes.

Constituindo-se pela defesa de não ser algo do puro real, o sujeito se engaja ao Outro reduzindo seu corpo a ser objeto da demanda imaginária dele. Colocando-se ao campo de sua significação, recebe uma composição de sua existência. Nesse tempo, o *infans* se engaja no que o Outro supõe como apelo pela intimação demandante que advém primeiro daí, passando a, também, demandar. O desejo de um aparece como isomorfo à demanda do outro, havendo o que Lacan denomina como uma espécie de “abraço tórico”, no enlace de um toro (*infans*) com o outro (Outro). Contudo, nesse encontro não há acoplamento perfeito, dado o vazio central dos dois toros, denotando a não reciprocidade e uma dissimetria entre as demandas e os objetos do sujeito e do Outro.

**Figura 8 - Abraço tórico**



**Fonte: elaborado pelo autor**

Afinal, o que se coloca no furo central do toro do sujeito, onde se situa seu desejo é a demanda do Outro, que circunda o vazio interno do seu toro; ao mesmo tempo, o furo central do toro do Outro é ocupado pela demanda do sujeito.

Este é o segundo passo fundamental da relação do sujeito ao Outro: a *frustração*. Lacan utiliza modelos topológicos para tentar descrever com a lógica matemática, o funcionamento intrigante do inconsciente. Com as figuras topológicas do toro, faixa de Möebius, garrafa de Klein e o *cross-crap*, ele busca estabelecer conceitos relacionados,

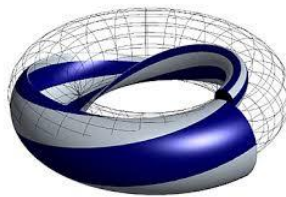
respectivamente, à demanda e ao desejo, ao sujeito dividido, ao significante e aos seguintes, e ao sujeito em relação ao objeto (NASIO, 2011). Neste momento, o toro será privilegiado para apresentar a relação que se institui entre demanda e desejo na constituição.

O toro localiza o traçado de duas voltas contínuas, formando um “oito interior”, com o furo central que nos permite localizar o objeto *a*. Os círculos de Euler, utilizados por Lacan para representar as operações lógicas da alienação e separação, já supõem uma topologia, que Darmon (1994) explica,

um círculo separa o plano ou a esfera numa parte interior e numa parte exterior está implícito. Se esse círculo for traçado sobre um toro, de certo modo, ele não pode recortar este toro em duas partes, e verifica-se que o interior do círculo comunica-se com seu exterior,  $A=não-A$ , pode-se escrever (p. 128).

Assim, temos a imagem do toro,

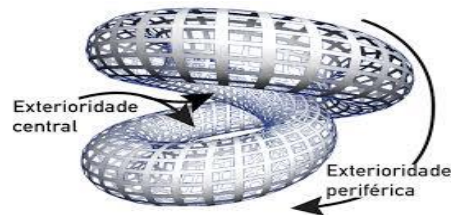
**Figura 9 - Toro 1**



**Fonte: banco de imagens Google**

A linguagem, pelo seu tecido significante, engendra cortes e suturas na superfície topológica de que é feita a estrutura. Devido a isto, diversas formas podem surgir neste funcionamento e a constituição se realizará, não sem o Outro. Conforme nos norteiam Friche e Cardoso (2010), o toro é uma topologia esférica com uma “superfície sem margem, contínua e orientável, é bilateral” (p. 142), de tal forma que ao se passar no interior se atinge o exterior produzindo com isso uma ruptura. Organizando-se em torno de dois vazios, o toro contém um, interior, e um central, exterior, que não podem ser reduzidos. Essa alça dupla do toro vem representar a exclusão interna realizada pelo corte interno do significante, uma vez que há continuidade entre a parte central da figura com o exterior.

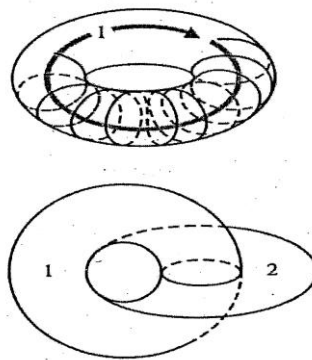
**Figura 10 - Toro 2**



**Fonte: banco de imagens Google**

Sobre a produção do efeito da linguagem, a demanda e o desejo interagem, numa dialética. Na superfície delimitada no toro, a demanda se refere às voltas em torno do buraco periférico, formando uma espiral, enquanto o desejo às que estão ao redor do buraco central numa linha longitudinal. O sujeito em seu processo de subjetivação “perde a conta” das voltas que realiza e uma a mais se escreve, mas é notada como um menos, estabelecendo a demanda conjugada ao circuito do desejo. Quando a criança faz o apelo, uma segunda volta em torno do objeto do desejo acontece, no momento em que decorre a nomeação significativa da necessidade na demanda. Aquilo que o sujeito demanda não condiz com a sua real necessidade. Há um mais-além que é a demanda de amor, em um aquém que é o que chamamos de desejo, mas não equivalência (LACAN, 1960-61/1992, p. 198). Com o corte significativo, funda-se o Inconsciente na identificação do sujeito ao traço unário. Ao ser incorporado, sobrevém um reviramento na estrutura do toro. Tem-se, portanto, a *privação real* localizada no centro exterior do toro, no buraco central, e com a não correspondência da demanda, a *frustração imaginária* pressentida dos deslizamentos significantes do Outro no Simbólico.

**Figura 11 - Desejo e demanda no Toro**



**Fonte: Lacan (1961-62/2003)**

O que se deseja é o que falta, e por isso, ele não existe sem que haja um certo sofrer, que em francês se chama *desiderium*, cuja significação é “lamento” (LACAN, 1961-62/2003, 21/02/1962). Este circuito logo evidencia o estabelecimento pulsional, o qual Lacan, a partir de Freud, localiza em três tempos: ativo, reflexivo e passivo, este último pelo ato de a criança *deixar-se* como oferta ao Outro, ao “*se fazer ver, se fazer ouvir, se fazer papar*” (LACAN, 1964/2008, p. 195). O movimento do vaivém pulsional é circular e dissimétrico, porque é pura atividade, enquanto que no plano narcísico do campo do amor, do amar e ser amado há reciprocidade.

A pulsão é um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Funciona como força constante que não se assemelha a qualquer função biológica, não tem dia nem noite, não se rege pelo movimento, cujo impulso (*Drang*) decorre de uma estimulação (*Quelle*) e o objetivo é realizar a redução da quantidade de energia psíquica (*Qn*) pelo alcance do seu alvo (*Ziel*), o objeto (*Objekt*) que supõe conceder a satisfação. É certamente neste ponto que a demanda fisga o desejo e nunca satisfaz a necessidade, pois é o próprio movimento pulsional de busca pelo objeto, em seu contorno, que ocorrerá a satisfação. Não é propriamente o leite do seio materno que satisfaz, mas o prazer de ser alimentado pela mãe. Na figura do toro, podemos ver que a pulsão no movimento da demanda, contorna o objeto *a* (furo central), causa do desejo. A pulsão bordeja o objeto, oral, anal, olhar e voz.

Na clínica com autistas, algumas crianças demonstram a recusa da intimação do Outro ao não se deixarem alimentar, nem em serem embaladas, e junto disso, parecem insistir numa posição de satisfação de necessidades. Ao fazer do outro, seu duplo, como pegar no seu antebraço e dirigi-lo ao filtro de água indicando ter sede, o autista parece bordejar a relação ao Outro, quando almeja satisfazer-se, mas não cede a ele, *não se faz* a ele, obtendo, da relação, um contentamento. Insistindo em manter um circuito fechado em si mesmo, o impulso que parte de uma zona erógena não faz o contorno ao objeto externo, caído, mas ele é buscado no próprio corpo. *Como podemos localizar o autista na topologia, já que a do toro é a da estrutura do sujeito neurótico?*

Daniel é uma criança autista de cinco anos que não fala, não faz demandas e recorre ao duplo quando se vê em apuros. Alimenta-se de comidas diversas, salgadas e doces, frios e quentes, pastosos ou sólidos, ou seja, para ele a questão sensorial não é o que importa, mas interessa a sua recusa, relativa à demanda do Outro, à sua intimação que convoca o seu engajamento. Para comer doces, biscoitos, sucos, ele tem acesso livre sem precisar da ajuda

do outro, em geral, mas para servir um prato de almoço ou jantar, precisa. A mãe conta que já tentou de várias estratégias para convencê-lo a almoçar quando todos estão na mesa, como: servir o prato e deixar na mesa, colocar um boneco de brinquedo ao lado, ou deixar o prato em cima de sua cama, fazer alimentos prediletos, mas nada! O único momento que Daniel começou a aceitar *ser alimentado* acontece ao final do dia, quando já está cansado e sonolento, “o Daniel só come dormindo!” conta a mãe em meio ao “sorriso amarelo”. Ela ressalta que isso acontece há muito tempo, e que deixou de trabalhar a partir do momento em que a babá relatou a cena de recusa em se deixar alimentar, quando então, preocupada, passou a dedicar-se exclusivamente ao filho. Apesar de Daniel não ter modificado sua conduta, de “*comer dormindo*”, sua mãe relata que mesmo ele estando em estado de sono, com o rebaixamento das defesas conscientes, se assim podemos dizer, é ela quem dá as colheradas ao filho, “porque ele assim deseja, mas sabe comer sozinho”, ela sublinha. Ao engolir uma colherada, abre novamente a sua boca indicando aceitar mais comida, e come tudo o que a mãe oferta.

Laurent (2015) salienta que estas características particulares denotam que a criança autista caminha, trabalhando com o fato de não ter havido a separação do Outro, que produz a extração do objeto. Com isso, o retorno do gozo vem na *borda*, pelos objetos autísticos, no duplo e mesmo desenvolvendo “ilhas de competência”, que podem ser vistas nos autistas de alto funcionamento ou “Asperger”. Essa borda, construída com esses elementos, delimitam as dimensões entre o campo Simbólico, na figura do Outro e da linguagem, de seu corpo (imagem) e do Real e, assim, obtém fruição e proteção contra um mundo percebido como desorganizado e invasivo. O autista mantém, assim, a imutabilidade como traço intrínseco à sua estrutura.

Ian é um menino autista de nove anos, começou a falar se comunicando tardiamente, quando estava com seis anos. Tentando fazê-lo em princípio gaguejando, ou seccionando as palavras e enfatizando o sufixo, como por exemplo, “*inha*”, que significa “*bolinha*”. Desde muito pequeno adotou a bolinha como seu *objeto autístico*<sup>26</sup>, de tal modo que não admitia sair

---

<sup>26</sup>O “objeto autístico” foi um termo cunhado pela psicanalista Francis Tustin (1972-77) para denotar um traço patológico no autismo, como um puro objeto de gozo, desvinculado de sua função, ele entravaria o desenvolvimento por manter o circuito fechado. Para Tustin, o objeto autístico pode também ser considerado como objeto anterior ao objeto transicional descrito por Winnicott, com a ressalva de que não funciona como um substituto simbólico como no transicional. Tustin considera que este objeto estaria totalmente aderido à ilusão de um *eu* primitivo, construído como uma “concha protetora” da perda, negando a falta que angustia, ele não suporta a separação e se mantém alienado ao Outro com este objeto. Psicanalistas contemporâneos como Maleval (2009) consideram que o objeto autístico traz consigo o aspecto da invenção em que o sujeito pode se utilizar para manter-se seguro ao contato com o outro e ao mesmo tempo efetuar esta interação mínima. No

de casa sem estar munido dela, seja para as terapias, a escola ou um passeio. Caso a mãe ou o pai lhe negasse, ele entrava em crise, chorando, gritando ou fazendo furos pelas mãos ou rosto, cavando um buraco. Hoje, pode-se ver um efeito do tratamento, quando a analista passa a não enfatizar qualquer tentativa de remoção das bolinhas, mas faz uso delas para estabelecer um contato mínimo por meio do brincar, como jogar tênis, futebol, vôlei. Isto permitiu certa extensão do uso das bolinhas para jogar com outras crianças, com quem gosta de estar e, assim também, teve que se haver com a emissão da fala. Devido ao longo período de tratamento, Ian já estava sendo tratado como débil, devido à sua posição de recusa em fazer qualquer outra coisa, senão permanecer grudado à “*inha*” e não admitindo qualquer mudança deste estado. Parece que, por meio de um tratamento ao Outro, cessando as demandas pela retirada daquele objeto, ocorreu um certo enlace da voz à fala, o que contribuiu para atenuar sua angústia. Agora pode se expressar, ainda que de forma mínima. A mãe conseguiu, também, estabelecer uma troca com Ian quando ele vai à escola. Conversando com a profissional que o acompanha em sala (Apoio Escolar) elas conseguiram um *acordo* com ele, ou seja, o de que no horário da escola, ele deixa a bolinha na mochila e a substitui por um outro objeto escolar, um lápis, caneta hidrocor ou borracha em mãos, os quais ele utilizará para realizar as atividades, que antes também recusava em fazer, e agora não mais. Diminuindo sua angústia, um corte parece ter sido operado de modo que um enlace mínimo entre os campos do Imaginário e Simbólico ao Real parece ter se esboçado, já que tracejou permitir a substituição da “*inha*” por outros objetos, mesmo que em certos momentos. Além disso, começou a tentar falar, cedendo ao gozo vocal. Deste modo, pode sair de casa, com o objeto em mãos, e não se desagrega e nem escava mais buracos em sua pele, como antes fazia, pelas mãos e rosto, quando angustiado.

### **1.8-A castração simbólica mostrada no grafo do desejo**

Cabe, neste momento, chegarmos até ao grafo do desejo, introduzido por Lacan no *Seminário, livro 5, As formações do Inconsciente* (1957-58), no *Seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação* (1958-59) e, principalmente, nos Escritos, em *Função e campo da fala e da linguagem* (1953) e *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960). Explicitando o efeito

---

trabalho realizado com o menino Ian, o objeto que antes parecia inviabilizar qualquer trabalho passou a estar a serviço de novas construções.

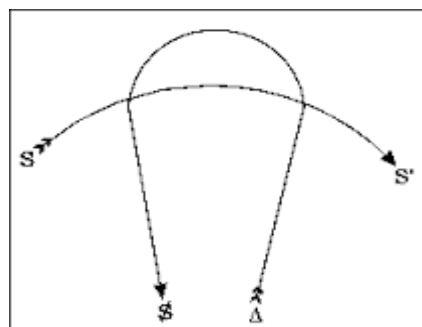


sujeito do inconsciente estabelecido a partir do funcionamento significante, o grafo evidencia a *castração simbólica* processada na barra sobre o Outro e o ponto de estofa ao deslizamento significante. A Lei simbólica, conferida pelo Nome-do-Pai, franqueia a significação, o desejo e a fantasia. Este é o terceiro passo da constituição do sujeito.

O grafo é um tipo de escritura num esquema topológico, baseado na combinatória, composto por arestas e vértices em um circuito com fluxos (BELISÁRIO, 2010). Recorrendo à escola estruturalista da linguística moderna, de Ferdinand de Saussure, em Genebra, 1910, e Roman Jakobson, em Petrogrado, 1920, Lacan (1960/1998, p. 813) salienta que tais linguistas formalizaram o inconsciente freudiano em seu funcionamento central, qual seja, o processo primário, com a metáfora e a metonímia enquanto efeitos de substituição e deslocamento do significante.

Pode-se ver no esboço do grafo, uma linha como o código (S-S'), que é a linha da fala, e outra que a corta por retroação ( $\Delta$ - $\$$ ), no tempo, em seu sentido inverso em dois pontos, conferindo sentido à mensagem. Esta é a função elementar do grafo, entre a diacronia do significante demarcando o ponto de estofa, que decreta a significação do enunciado, barrando seu deslizamento metonímico infinito pelo efeito retroativo que o fecha em uma acepção. A sincronia, por sua vez, com a metáfora, manifesta o efeito significante da cadeia à função de pura diferença em que “a criança de um só golpe, desvinculando a coisa de seu grito, eleva o signo à função do significante e eleva a realidade à sofistica da significação” (LACAN, 1960/1998, p. 820):

**Figura 12 - Esboço inicial do grafo do desejo**



**Fonte: Lacan (1960/1998)**

A asserção instaurada nesta circularidade só se fecha em sua escansão, ou seja, em sua antecipação efetuada pelo significante antes de sua certeza. O efeito da retroversão engendra um sujeito, em cada etapa, transformado pelo que era, em como “*ele terá sido*”, no futuro anterior. Assim, a mensagem que o sujeito recebe é a sua própria de forma invertida, ou seja,

na fala existe a inclusão subjetiva da resposta (LACAN, 1953/1998, p. 299). Não havendo a separação, como na psicose, o Outro aparece como uma alteridade não castrada, de tal forma que o código e a mensagem emitidos podem ser tomados em sua forma literal, definindo o campo do Outro como lugar absoluto em que ou se confia cegamente ou de modo algum.

Ante a iminência da castração, o sujeito tem como suporte ao seu não desvanecimento, o objeto *a* na fantasia. Ao ser atravessado pelo significante, o sujeito pode se constituir. O discurso proferido primeiro vem do Outro (A). O Outro é o lugar do tesouro de significantes, no qual a criança reconhece como um sujeito real (Sr) sua mãe, identificada como onipotente simbólico capaz de satisfazer suas necessidades, tanto quanto o de frustrá-las, devido mesmo a esta posição concedida de alteridade absoluta. É o lugar da fala, e em contrapartida, do outro lado, aparece o sujeito e a sua demanda (D)<sup>27</sup>.

Desta relação de divisão entre o Outro e o sujeito, há a demanda, mas pela própria alternância da incidência de resposta do Outro em presença-ausência, estabelece-se um ritmo simbolizante, e o sujeito passará a realizar demandas de amor, para além do que julgava ansiar como necessidade. Esta é a relação mais primordial do sujeito diante do Outro (LACAN, 1958-59/2016, p. 398). A demanda do sujeito faz a insatisfação da resposta aparecer, para este, um Outro sem garantias, Outro castrado pela incidência do significante. Será justamente nesta falta que o sujeito terá que se situar. Contudo, nessa relação, o sujeito se pergunta se pode realmente confiar no Outro, se ele é insuspeito e quais serão as conseqüências disso. Esta será a base da modulação inconsciente, da relação entre o sujeito e o Outro, quer dizer, do estabelecimento de uma relação de confiança que permite ao sujeito entrar na trama da dialética da castração (LACAN, idem, p. 403).

Na tentativa de se situar e se nomear pela demanda ao Outro, o sujeito busca se autenticar como sujeito da fala (Idem, p. 404). Ao não encontrar garantias no Outro, enquanto este aparece em condição de faltoso, como quem não tem respostas acerca de sua condição, será com ele, contudo, que terá que se fiar. Despontando como recurso imaginário que faria suplência ao significante da falta, o objeto *a* emerge na estrutura da fantasia como resposta do sujeito a relação com o Outro, entre a demanda e o desejo. Este é o suporte do sujeito barrado (\$), sujeito do inconsciente. Por não haver mais o estado de “necessidade pura”, e para além da demanda, o desejo tentará recuperar a sua perda inaugural que deixou como resto ao

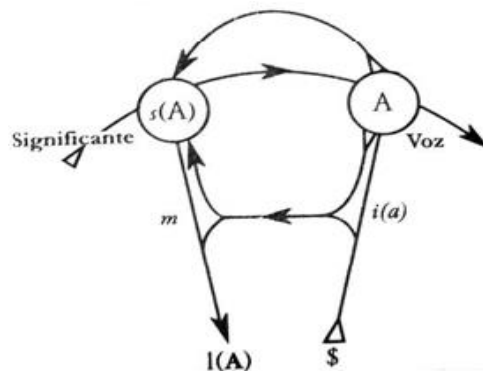
---

<sup>27</sup> Elaborações advindas principalmente de *O Seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-59/2016), principalmente as lições XX, XXI e XXII, a que retornaremos no Capítulo III.

sujeito o objeto  $a$ , causa do desejo. O desejo se sustentará na coexistência e oposição:  $\$ \diamond a$ , entre o sujeito ( $\$$ ) e o objeto  $a$ , na fantasia.

A instauração do significante unário que “sentencia, legifera, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade” (LACAN, 1960/1998, p. 822), demarca o buraco de uma presença que aliena o sujeito numa identificação primeira, que será formalizada no ideal do eu (I[A]). Temos, assim, do tesouro de significantes [A] a sua significação  $s[A]$  pelo efeito de retroação de [A], da voz do Outro sedento de sentido, em que a resposta do sujeito é re-localizada na posição de sentido, posição sintomática  $s(A)$ :

**Figura 13 - Esboço do grafo do desejo (I)**



Fonte: Lacan (1960/1998)

Este efeito de retroação facultada no esboço do grafo aponta o “futuro anterior” do *fading*, desaparecimento do ser para o nascimento do sujeito. Localizado por Lacan (1949/1998, p. 97-100) no estádio do espelho, quando se constata que o *infans* poderá assumir a ilusão de uma imagem, estabelecendo uma relação entre o ser (*eu*) e a realidade (*não-eu*), antes que ele tenha o controle motor da marcha ou da postura. É uma dialética temporal em que há um “*impulso interno que precipita da insuficiência a antecipação*” (p. 100) engendrando um sujeito apanhado pela identificação: de um corpo despedaçado à forma total que lhe confere identidade. A “*assunção jubilatória*” (p. 97) da imagem especular preconiza que uma matriz simbólica já fora instaurada, inscrição do *Ideal do eu*, e o *eu* se precipita numa forma. A *gestalt* do estádio ratifica, simboliza a permanência mental de um *eu*, ao mesmo tempo em que o prefigura numa condição alienante, conferindo-lhe um “corpo” unificado.

Neste ponto primeiro do grafo, pode-se situar a constituição do *eu* como um processo de identificação narcísica do plano imaginário em que se destaca como metonímia de sua

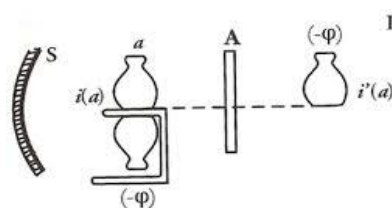
significação. O eu se funda como instituição ambígua de um desconhecimento de si ao se conhecer, fundado no estádio do espelho pelo efeito de uma antecipação. Essa imagem que se forma, *eu ideal*, exerce sua função de domínio pela captura imaginária que mascara sua duplicidade: ao se basear na consciência que garante sua existência, teria partido antes do ponto do traço unário do *ideal do eu*, donde desconhece.

Podemos localizar no grafo o eu (*moi*) se reconhecendo na imagem ( $i[a]$ ) como sua representação enquanto sujeito, a partir da relação com o outro. Neste momento, temos a determinação do plano imaginário do grafo no processo de constituição subjetiva.

Lacan (1958-59/2016, p. 405) retoma a máxima freudiana, “*Wo Es war, soll Ich werden, Lá onde Isso era, eu devo advir*”, e a retraduz por, “*Lá onde Isso fala*”, ou seja, no instante anterior em que havia o desejo inconsciente, “*é Lá onde eu devo estar, ser, me designar*”. Ele salienta que “o eu é o sujeito de um devir, de um dever que nos é proposto”. O sujeito se enuncia para além do conhecimento, mas se reconhece ao se articular numa cadeia significante, inserindo-se numa ordem do discurso. Há um real, um furo no qual o sujeito se insere como “ser”, mas engajado à dimensão simbólica, corporificando-o.

O desejo e o ideal endereçado da mãe é o que permitirá produzir um corpo delineado pelo simbólico e imaginário, conferindo uma imagem. Lacan (1962-63/2005) explica pelo esquema óptico simplificado, anterior ao estádio do espelho, que a distinção entre *eu* e *não-eu*: “é a ideia de um exterior antes de uma certa interiorização, que se situa em  $a$ , antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se em forma especular, em  $x$ , forma que introduz para ele a distinção entre eu e não-eu” (p. 115). Na falta dessa causa, não existe possibilidade da assunção de um eu (*Je*). É o objeto  $a$  que causa o eu no nível do inconsciente, tornando-se uma projeção:  $i(a)$ . Antes do estádio do espelho, salienta Balbo (2009, p. 74), a criança vivencia a falta de si mesmo: estando auto referida no autoerotismo, está lançada na desordem dos objetos  $a$ , como na melancolia. Quando não acontece a antecipação de um sujeito no espelho, o real e o virtual se confundem, e o eu e não-eu também.

**Figura 14 - Esquema óptico simplificado**



**Fonte: Lacan (1962-63/2005)**

Balbo (2009) sugere que alguns casos de autismo evidenciariam, na verdade, uma condição anterior de melancolia infantil. Ele explica suas hipóteses teóricas afirmando que uma mãe depressiva poderia provocar uma resposta melancólica no bebê, que se identificaria ao seu discurso. Estando em posição de renúncia à vida, à palavra, às trocas, ao discurso, se contentaria em viver do útil e do necessário. Vivendo no negativo da relação, o bebê oferece o que não tem; pela ausência de palavras e de endereçamento, chora ou grita perplexo diante do real. Balbo e Bergès (2003) afirmam que a mãe de uma criança na condição apresentada, “se apresenta a si mesma e ao filho como sendo a única, pois está presa em seu narcisismo primordial, unida à imagem que conduz à morte” (p. 29), e acaba por colocar a criança sob a forma do “*querem minha perda*”. Engolfada por esta única imagem, a da perda, a criança subsistiria, assim, perdida.

Em contrapartida, quando a mãe comparece hábil a cuidar do filho ao mesmo tempo em que dele se distingue, ela despense cuidados ao corpo dele, como se fosse o seu, e o trata como objeto de gozo, mas também como sujeito. Lacan (1969/2003) salienta que os cuidados da mãe “trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas” (p. 373), e do pai, na encarnação da Lei no desejo. A criança replica, portanto, a mensagem do agente materno em sua forma invertida.

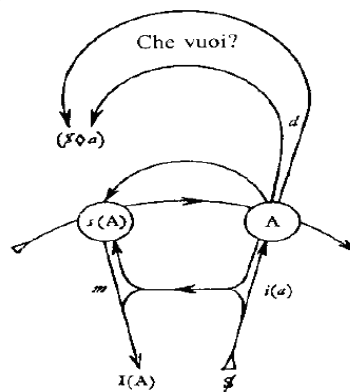
O sujeito do inconsciente, distinto do eu, irá aparecer somente nas entrelinhas dos desfiladeiros significantes, nos intervalos ( $S_1$ - $S_2$ ), numa suspensão. O eu (*Je*) enquanto significante da lingüística, nos aponta Lacan (1960/1998, p. 814), é o que indica um sujeito do enunciado enquanto aquele que fala. O sujeito da enunciação pode faltar no enunciado. A relação que se estabelece entre um significante e significado advém do corte no discurso marcando a descontinuidade da estrutura do sujeito no real. Ao se engajar afirmando ou negando o enunciado, o sujeito coloca em ato uma decisão que passa da mera leitura para um “dizer”, enfatizando a presença de um sujeito atravessado pelo significante da falta com a instituição do Nome-do-Pai.

Retomando a dialética da castração, entre o sujeito (\$) e o Outro (A) se estabelece uma relação demandante. *Mais-além* da demanda, o desejo pode ser reendereçado na mensagem enviada, num para além de si mesmo, em que o significante busca a realização desta demanda, ( $\$ \diamond D$ ). Lacan (1960/1998, p. 828) assevera que o desejo se caracteriza por ser desejo do Outro e é dele que o sujeito ganha forma. O desejo esboçado da demanda, que por sua vez, se rasga da necessidade, salienta que a não satisfação completa pode fazer com que o

Outro acredite ser onipotente e caprichoso e, por isso, precisa ser refreado pela Lei. Sem saber ao certo o que demandar e o que desejar, o sujeito sofre a incidência do discurso do Outro como constituinte de seu inconsciente.

Identificando-se ao lugar de objeto de desejo do Outro, a criança toma a resposta da mãe como uma verdade que conduz à sua significação. E, cernida ao seu discurso, que perpetra uma alternância simbólica de conceder o que ela quer ou de frustrá-la, a criança indaga o enigma com que o Outro se apresenta, “*Que quieres?*” – “*Che vuoi?*” – questão esta sucedida do Outro e tornada ao sujeito, pela sua inversão, “*O que ele quer de mim?*”, que o conduz à questão do desejo:

**Figura 15 - Grafo do desejo (*Che vuoi?*)**



**Fonte: Lacan (1960/1998)**

Não conseguindo, contudo, obter uma resposta completa ou precisa ao enigma, pelo fato de a mãe estar também submetida à lei do significante, será exatamente à metáfora paterna que permitirá à criança se identificar ao falo simbólico ( $\Phi$ ) que busca preencher a falta da mãe. Trata-se, neste ponto, de perceber que a castração aponta a falta fundamental impossível de recobrir, tanto no Outro quanto no sujeito. Existe uma impossibilidade em responder à demanda do sujeito pelo Outro, pois ele também padece do mesmo sofrimento, o de não ter um objeto que lhe responda recobrando sua falta (LUCERO, 2015, p. 104-105) o que evidencia a sua condição de castrado.

A fantasia indica que “o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente, evanescente porquanto a própria satisfação da demanda lhe subtrai o objeto” (LACAN, 1958/1998, p. 643). O corte é o que faz a separação do sujeito ao objeto, produzindo a sua inscrição. Este objeto não é um significante, e tem relação com o desejo do sujeito a partir de suas demandas. Assim, pode ser encontrado em diferentes formas pela escolha do sujeito,



busca a satisfação da demanda. No grafo completo, portanto, podemos ver a ocorrência da separação e enlace entre as dimensões, Real (superior), Simbólico (meio) e Imaginário (inferior)<sup>28</sup>.

Realizamos este percurso acerca da constituição subjetiva com fins de procurarmos explicitar os meandros deste processo. Pode-se ver que ele não acontece de modo simples, antes exige do sujeito em condição primária, ainda por advir, uma posição ativa frente ao Outro que lhe concerne, e a partir disso poderá se situar, estruturando-se como defesa. O próximo capítulo pretenderá continuar nesta temática da constituição subjetiva buscando introduzir a perspectiva da topologia lacaniana nodal, na relação entre as *dit-mansões* Real, Simbólico e Imaginário.

---

<sup>28</sup> Conforme aula ministrada pelo psicanalista prof. da Universidade de São Paulo, Dr. Christian Dunker em “Falando nisso 133”, em 06/08/2017, [https://www.youtube.com/watch?v=xD\\_tg-bY1yM](https://www.youtube.com/watch?v=xD_tg-bY1yM).



## CAPÍTULO II - PERSPECTIVAS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA À LUZ DA TOPOLOGIA NODAL

A despeito da importância de se formular o autismo no plural, esta diferenciação que se evidencia em casos clínicos, ainda não chegou a ser formulada pelos estudiosos do tema. Como nos lembra Barroso (2018, comunicação pessoal), encontramos na história da categoria do autismo: 1) o autismo de Bleuler, 2) o autismo de Kanner, 3) o de Asperger, 4) o de Margareth Mahler, 5) o espectro autista, etc. Na psicanálise podemos considerar o autismo a partir de modalidades de gozo: 1) o gozo autista, auto erótico, 2) o autismo generalizado de nossa época, 3) o autismo como uma categoria transclínica, que implica o estado nativo do sujeito ao qual se acrescenta o laço social, 4) o autismo do sujeito psicótico; 5) o autismo enquanto um tipo clínico singular.

Efetivamente, com Maleval (2015, 2017), consideramos que o autismo se apresenta como um tipo clínico singular, que apresenta um modo específico de instituir-se como sujeito só referido ao Um, ou seja, sem fazer valer o sistema de representações implicados na função significante. Supomos que a escrita do nó borromeano pode nos introduzir a possibilidade de situar a especificidade da marca desse tipo clínico, que se distingue em casos singulares.

O trabalho de iteração do autista nos informa quanto a tentativa de reduzir a proliferação da rede significante a um traço, a uma letra em função de signo, recusando o semblante implicado na representação significante. Sem apagar a marca do acontecimento de corpo, ao autista reitera seus atos de forma automática como modalidade privilegiada pelo sujeito autista para sustentar o que *ex-siste* fora da representação, evidenciando uma insistência presentificada na adesão a algum elemento destacado do texto do mundo.

A definição do estatuto do sujeito no autismo não o toma como sujeito que se constitui das operações de alienação e separação, mas segundo a lógica do Um da letra instauradora de seu regime singular de gozo. O autista opera sobre o real por meio de uma ancoragem que o fixa a signos. Assim, longe de neutralizar o campo simbólico, o autismo se serve da função signica implicada na *dit-mansion* simbólica, no esforço de neutralizar a função da *equivocidade* própria a esta mesma *dit-mansion*, como na lógica neurótica.

Abordar o autista a partir da psicanálise não implica transposição da estrutura autística para a estrutura neurótica, mas considerar as modalidades pelas quais muitos autistas vêm

mostrando suas operações sobre o Real. Como encontrar uma formulação teórica que nos oriente quanto a tal especificidade?

### 2.1-O ser falante na lógica espaço/tempo

O ser falante (*falasser*) é determinado pela linguagem. A linguagem corta e cinge um corpo imaginário, delimitando uma superfície em um espaço que se apreende pela dimensão do dizer, uma *dit-mansão* (LACAN, 1973-74, 13/11/73), casa em que habita o dito e o corpo (PORGE, 2014, p.103). Neste sentido, a noção lacaniana de sujeito vai além da noção de sujeito dividido, entre significantes, para localizá-lo enquanto ser em um corpo falante (LACAN, 1975-76/2007, p. 64).

Essa noção traz consigo a dimensão topológica dos nós, que ganha corpo numa estrutura Real: “o nó não é a realidade, é o Real” (LACAN, 1974-75, 15/04/1975). Desse modo, uma torção se opera. Ao remanejar Real, Simbólico e Imaginário no nó borromeano, Lacan (1974-75, inédito) articulou os três registros de modo a mostrar que um registro perpetra interferências nos outros dois. É o que se anuncia nas premissas, quanto ao nó borromeo, de que: um anel confere consistência aos outros dois, e caso um anel se solte, os outros dois também se soltarão. Com esta nova visada, o corpo do ser falante se expõe como aquele em que se situa além do estádio do espelho, da imagem e da forma, e se configura como, “o corpo substância que ‘se goza’ e se situa no espaço da vida. Entra-se, pois, no capítulo da função e da incidência da fala sobre a substância viva”<sup>29</sup> (SOLER, 2010, p.11). O ser falante em um corpo Real situa-se em um espaço e suas transformações. Por isso, Lacan inclui a topologia em seus estudos e assevera que, “é em função dos nós que pensamos o espaço”<sup>30</sup>. A topologia é a ciência que estuda as transformações qualitativas, correlatas ao número, no espaço identificado pelos objetos topológicos: esfera, toro, plano projetivo, garrafa de Klein, fita de Möebius (KLEIN apud PORGE, 2010, p. 101).

O corpo é o lugar do Outro, lugar em que se inscreve a marca deste Outro na estrutura (LACAN, 1962-63/2005). Trata-se de um lugar em que se manifesta o gozo, e é marcado por afetos, dentre os quais, a angústia é o que aparece em grande potência. O corpo fala pelas

<sup>29</sup> Soler, C. “O corpo falante”. Caderno de Stylus, n.1, 2010.

<sup>30</sup> Lacan, J. “Conférences et entretiens”, Scilicet 6/7, Paris, Le Seuil, 1976, p. 52.

irrupções da língua que nele se demarcaram (LAURENT, 2016)<sup>31</sup>. Desta perspectiva, a noção de corpo no espaço se abre para a topologia e não se limita a uma transcendência ou abstração:

O espaço contém um lugar de *Unheimlich* que não é apreensível de forma apenas especular e do qual apenas uma topologia pode dar conta. Um lugar que pode ser chamado de quarta dimensão, na medida em que ele escapa à representação. O espaço ‘bem parece fazer parte do inconsciente – estruturado como uma linguagem’<sup>32</sup> (PORGE, 2014, p. 103).

O inconsciente estruturado como uma linguagem representa uma materialidade de palavras que se transformam e fazem surgir a verdade do sujeito, a qual ele mesmo desconhece. A materialidade da linguagem se irrompe pela fala, lapsos, sonhos, chistes, pelos atos falhos que furam o Simbólico e pelas repetições que não cessam de aparecer. O inconsciente é uma experiência linguageira de alteridade sem sentido, fragmentos de palavras, traços, letra, algo do não encadeado, mas que habita o ser falante. Assim, o espaço topológico atinge a estruturação do sujeito falante no corpo (LAURENT, 2016). Tal estruturação confere árduo trabalho ao sujeito no processo de identificação da imagem e do corpo.

Estruturação de uma topologia que se equivale à estruturado sujeito como corte, como desejo em sua relação com a falta, e como estrutura do gozo em sua relação com o espaço (PORGE, 2014, p. 97). Considerando que a topologia se define por suas propriedades qualitativas, ela diferencia as transformações por deformação contínua, em uma geometria elástica, maleável, de tal modo que as mudanças na forma conservam as propriedades de vizinhança. A “topologia é o referente, real, do corte em psicanálise, na medida em que o enodamento é real” (PORGE, idem, p.122). A topologia descrita por Lacan (1972/2003) não é uma teoria, mas prática que, “deve dar conta de que haja cortes no discurso tais que modifiquem a estrutura que ele acolhe originalmente” (p. 479). Esta perspectiva rompe com a aparente concepção cronológica do desenvolvimento da estrutura para propor uma noção flexível, sensível e passível de mudanças pelo corte que nela se opera, e considera o “sincrônico-diacrônico”, fazendo advir o sentido do tempo lógico.

A topologia é uma geometria que considera as propriedades qualitativas, como foi dito, e não as propriedades quantitativas, métricas, das figuras, mas diferencia as transformações como deformações contínuas, numa geometria flexível de modo que um quadrado pode se equivaler a uma esfera. As propriedades constantes são consideradas como

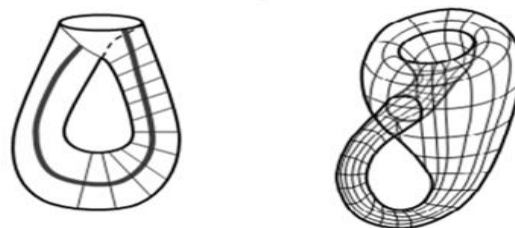
<sup>31</sup> Laurent, E. “Éric Laurent: O corpo falante”, Entrevista à Marcos André Viera na Revista Cult, ano 19, abril de 2016, Tradução Vera Ribeiro e Fernando Coutinho, p. 38-41.

<sup>32</sup> Lacan, J. 1972-73/1985, p.185.

invariantes e as figuras topológicas podem se equivaler depois de transformadas (PORGE, 2014, p. 101), como por exemplo, o toro homeomorfo ao toro enodado em trevo. Cada ponto de uma figura se equivalendo ao da outra<sup>33</sup>.

Estabelece-se a noção de superfície e tempo, impondo uma temporalidade na estruturação, em três tempos lógicos: instante de ver, tempo para compreender, e momento de concluir. Esse percurso, que parece simples, é incessante e laborioso ao sujeito. São três tempos que se sucedem de forma lógica e não em passado, presente e futuro. Estas três denominações não são mensuráveis e se capturam na relação de um com o outro. O *instante de ver* coaduna com o tempo no instante do espaço do ver, ele se insere na sincronia. O *tempo para compreender* determina a diacronia no tempo de percurso da superfície entre voltas e retornos ao redor da superfície no trajeto da demanda (como visto no objeto topológico da garrafa de Klein na figura abaixo). Nessas voltas do tempo de compreender, atinge-se o *momento de concluir*, quando o sujeito precisa se apressar em definir a conclusão para não se enganar entre as voltas dadas. Essa repetição, das voltas que retornam ao mesmo lugar, provém do Real<sup>34</sup>. Nesse momento, há um corte na superfície operada pelo tempo, produzindo nova estrutura moebiana, como na superfície de Klein:

**Figura 17 – Garrafa de Klein**



**Fonte: elaborado pelo autor**

Interessa notar como o corte institui um marco, no qual se realiza um franqueamento subjetivo (Idem, p. 121). Na clínica, uma criança autista de seis anos repetia o movimento de picotar papéis em todos os atendimentos. A mãe relatava que há um tempo reiterava este movimento, também na escola e em casa. Certo dia, decidi passar do picotar para colar os pedaços esparsos em outro papel, com a sua própria saliva, realizando o contorno de um desenho disposto de uma figura humana. Além disso, passou a tentar escrever palavras. Naquele instante, ele atestou uma passagem temporal do picotar papeis para se apoderar de um traçado pela colagem e escrita em outro papel. O corte, com a colagem sobre outro

<sup>33</sup> Conforme pode ser visto no item 2.2.1, letra b.1, neste capítulo.

<sup>34</sup> Lacan, J. “Problèmes cruciaux pour la psychanalyse”, 13/01/1965, inédito.

espaço, denotou o tempo do traçado. Esse corte faz uma operação que produz uma fenda, uma quebra, disrupção, um intervalo, cesura e incisão, talhe no corpo, uma separação. Em francês, a palavra “corte” vem de “*coup*”, *colpus* e *kolaptein*, entalhe, bicada (Idem, p. 121). O corte funciona como uma ação de cortar em que “só-depois” se verificará o seu resultado, mas evidencia a operação do tempo lógico na superfície. Portanto, antecipa-se a conclusão para “*après-coup*” (“só-depois”) verificar sua ação. A noção de superfície topológica se insere neste ponto: distinguindo um antes e um depois, ou seja, o tempo, o corte engendra a superfície pela escrita de um significante (LACAN, 1961-62/2003, 16/05/62).

Em “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945/1998), Lacan apresenta a lógica de um sofisma, pelo conto dos três prisioneiros e dos discos pretos e brancos, para correlacionar à perspectiva do tempo lógico no processo de constituição psíquica. O pensamento básico é o de que há uma temporalidade além da dedutiva que introduz a antecipação pela pressa. Na lógica da resolução do problema, uma sucessão existe, mas não se determina pela sua resolução. A questão dada pelo sofisma era a seguinte: um diretor de um presídio decide escolher três prisioneiros e comunica que um deles deverá ser liberto, mas para alcançar a liberdade, um deles deverá solucionar um problema que o libere das cadeias. Para três prisioneiros foram distribuídos três discos, um para cada, os quais poderiam ser pretos ou brancos, uma vez que seriam dispostos três brancos e dois pretos. Cada um recebeu um disco em suas costas e pela lógica, e não somente pela probabilidade, cada um deveria concluir qual seria o seu disco, após ver o dos outros. Assim que cada um concluísse, poderia se manifestar.

Dada a largada, pode-se ver que a pressa é que antecipa a certeza da asserção conclusiva entre as escansões (LACAN, 1945/1998, p. 206). No instante de ver, o *infans* diante do espelho se apressa em concluir, antes de compreender. Neste átimo, diacronia e sincronia se conjugam e o que aparece é uma certeza fundada na antecipação, no movimento de retorno em direção ao Outro que legitima a imagem conclusiva na identificação. Os três tempos, como os três prisioneiros do sofisma se conjugam num só golpe por meio do juízo. O *infans* conclui algo do qual ele desconhece, do que não vê, quer dizer, sua conclusão só poderá ser verificada “*après-coup*”.

Esses diferentes tempos acontecem incessantemente, de modo que, no movimento que o sujeito realiza de tentar retornar ao ponto inicial, uma volta a mais não é contada, mas se redobra e isto se verifica no “*après-coup*” (*nachträglich*). O caminho em torno da garrafa de

Klein mostra os três tempos do tempo lógico com o “círculo de reviramento” (PORGE, 2014, p.112), na repetição da demanda.

Com a concepção do estádio do espelho, pode-se compreender como o pensamento no espaço depende do tempo. O estádio do espelho (superfície) implica a dimensão temporal: quando a imagem especular inicia sua modulação, o sujeito se apressa em concluir o que vê, identificando-se ao outro, antes de estar amadurecido. Na assunção jubilatória, por se reconhecer na imagem dada com o outro, o *infans* se aliena a esta imagem, operando uma transformação de pedaços esparsos do corpo em uma unidade de um eu, indicando, em contrapartida, um desconhecimento de sua impotência (PORGE, 2010, p. 96). O tempo lógico, assim, se conjuga a uma lógica do ato distinta à de uma lógica dedutiva. O sujeito se precipita numa certeza e conclui no instante temporal.

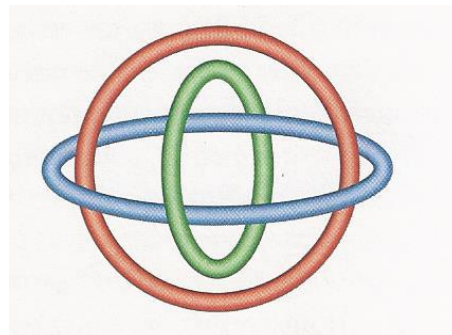
A experiência do espelho introduz, ademais, a noção do volume, além da imagem e confere a quarta dimensão. No espelho plano o sujeito pode ver-se pela inversão entre o rosto e as costas, Norte e Sul, e não somente esquerda-direita, ou seja, se o sujeito olha para o Sul, sua imagem olha para o Norte, se vira para Leste, a imagem também indica para Leste. O sujeito crê que esta inversão é esquerda-direita; no entanto a imagem é invertida e passa da segunda dimensão da imagem plana, para a terceira que inclui o volume. A imagem se inverte e sai do espelho mentalmente. Feito isto, a dimensão três se inclui e não nos percebemos como meras sombras, mas como uma unidade corporal imaginária. Isso se faz necessário para a operação da identificação, “é justamente aquela com a qual se trabalha em topologia. A inversão esquerda-direita, no espelho, procede de uma torção moebiana, surgida do percurso de uma fita de Möebius. Tal percurso equivale à passagem por uma quarta dimensão no espaço” (PORGE, 2014, p. 105).

O espelho realiza uma inversão em que o sujeito surge no desconhecimento de si. Na imagem da fita, se uma formiga caminhar sob sua superfície, não perceberá que passou ao outro lado (dentro e fora), pois a fita de Möebius possui propriedades invariantes, é unilátera, tem uma única borda, superfície não orientada, se situa no mesmo corte (LACAN, 1973/2003), dobrado no tecido. A fita de Möebius advém de um corte do toro de onde se extrai uma superfície com lado e avesso, justapostos. Esta fita representa o sujeito dividido, \$, cortado pelo significante.

**Figura 18 – Fita de Möebius**

**Fonte:** banco de imagens Google

O corte faz a passagem da superfície para o nó. Vappereau (1997) afirma que “o nó é uma realização de um corte”. A superfície do nó nodula os fundamentos do que é o lugar próprio do sujeito, lugar do Outro, e os três tempos lógicos evidenciam as coordenadas do Outro, campo em que se inscrevem coordenadas cartesianas no espaço de três dimensões determinadas pelo tempo (PORGE, 1994, p. 82).<sup>35</sup> Na verdade, o ser falante não ocupa três dimensões cartesianas, mas como atenta Lacan (1973-74, 13/11/73) *dit-mansões*, Real, Simbólico e Imaginário. O nó borromeano mostra que o círculo envelopante é envelopado pelo que envelopa, de modo que pode se transformar, pela flexibilidade que lhe é própria, e ao mesmo tempo se imobilizar entre estiramento e constrição.

**Figura 19 - Nó borromeano mostrando círculos envelopantes**

**Fonte:** Lacan (1975-76/2007)

Com esta proposição, Lacan estabelece oposição às formulações kantianas quanto à concepção de realidade em interno e externo no espaço e no tempo.

Consoante à física, Lacan (1975-76/2007) serve-se da alegação de sua proposta à ideia de que cordas podem ser fechadas ou abertas. Uma corda pode ser dada como uma partícula na evolução temporal, durante a sucessão de instantes contraditórios, numa linha em uma dimensão no espaço-tempo. Um círculo faz intrusão ao outro. Na evolução espacial-temporal,

---

<sup>35</sup>Erik Porge faz referência ao que Lacan diz no Seminário “Problemas cruciais da Psicanálise” (1965-66), na sessão de 13 de janeiro de 1965.

um círculo, enquanto corda fechada, corresponde a uma superfície de duas dimensões sem bordas, e uma corda aberta a uma superfície com bordas. (PORGE, 2010, p. 109).

A clínica demonstra, em todo tempo, essa movimentação plástica do nó e suas *ditmansões*, como quando o paciente fala na sessão de seu sonho e se confunde quanto à disposição das coisas, palavras no tempo e no espaço; ou quando se sente aliviado ao compreender parte de seu sintoma, anteriormente concluído, descolando-se, podendo ver-se afastado dele. O tempo é o de um sujeito lógico e a sua asserção subjetiva é a antecipação, ou seja, ele se apressa em concluir e na análise pode alçar o tempo de compreender e realizar novas conclusões a partir do instante re-visto.

Destarte, consideramos com Porge (2014) que, “a topologia se inscreve como tentativa de inscrever o ininscritível, dizer o indizível, o nada, de figurar o irrepresentável, de sustentar o insustentável, a morte, o gozo, não sem a linguagem” (p. 97). Os desenhos topológicos não são representação, mas figurabilidade, que constitui uma modalidade de escrita (Idem, p. 99) e diferencia o aplanamento, a imersão, a submersão das figuras. O aplanamento leva em conta os recortes pelas interrupções do traço, ou por uma imersão na qual o traço não se interrompe.

Muitas são as possibilidades de se realizar um nó entre tranças, sendo os diferentes modos de atar que irão variar nas estruturas psíquicas. Um encadeamento (diacrônico) pode se apresentar de diversas maneiras (diacronia na sincronia) sem ter havido corte ou ruptura do nó. Mas, é apenas o corte o que distingue a estrutura, apenas o corte determina a diferença entre os nós e não sua mera deformação. O corte determina então uma transformação no nó, pois altera a sincronia que se mantinha na deformação. Supomos que no autismo um modo não-borromeano de atar se faz e tentaremos apresentá-lo, a partir do que a clínica mostra, através do estudo de caso. Atrélendo-o à teoria, buscaremos demonstrar que a intervenção psicanalítica no trabalho com crianças pequenas não é sem efeitos, neste tempo, aparentemente contínuo, da constituição psíquica, e pode, pela descontinuidade temporal promovida pelo corte do ato analítico, possibilitar novos modos de enodamento.



## 2.2- Introdução aos conceitos dos nós e das tranças

A estrutura nodal implica o escrito, ou seja, daquilo que é próprio do sujeito. Para além da matemática, a topologia lacaniana considera os anéis no nó borromeano para mostrar deformações em que os cortes podem não operar, mas produzirem-se pela torção, superposição ou deslizamento no espaço.

Tal como uma corda - como a figura do toro<sup>36</sup> - da perspectiva lacaniana, o nó tem dimensões de forma que seu caráter se refere ao modo como está submetido ao espaço tridimensional. Para ilustrar, exibiremos figuras de tipos de nós com diferentes consistências.

### 2.2.1-Os tipos de nós

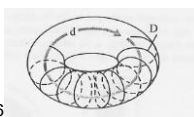
O **nó trivial**, de uma consistência. Schejtman (2013, pg. 365) afirma que o nó é uma curva fechada com suas extremidades unidas, sendo sua forma mais simples no *nó trivial*, que se sustenta com menos de três pontos de cruzamento:

**Figura 20 – Nó trivial**



**Fonte: elaborado pelo autor**

O **nó em trevo** com três cruzamentos. Este nó evidencia uma estrutura tridimensional de um nó em curva enodada, com a caminhada imaginária de uma formiga, passando por dentro e por fora da estrutura, sem que ela percebesse que o estivesse fazendo. A apresentação do nó no espaço é que identifica seu caráter. Temos, assim, o *nó de trevo*:



**Figura 21 - Nó em trevo**



**Fonte: elaborado pelo autor**

O **nó de Listing**, tem quatro cruzamentos:

**Figura 22 - Nó de Listing**



**Fonte: elaborado pelo autor**

Lacan elabora um “nó (1975-76/2007, p. 90) com cinco cruzamentos, e caso haja engano em um dos três cruzamentos, de cima, ele se soltará tornando-se um nó de três:

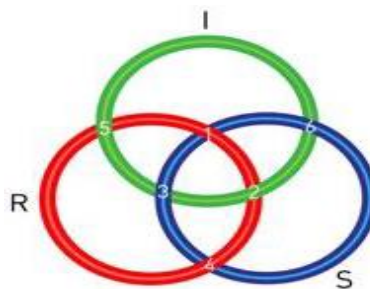
**Figura 23 - Nó de Lacan**



**Fonte: elaborado pelo autor**

O **nó borromeano de três** consistências em seis cruzamentos:

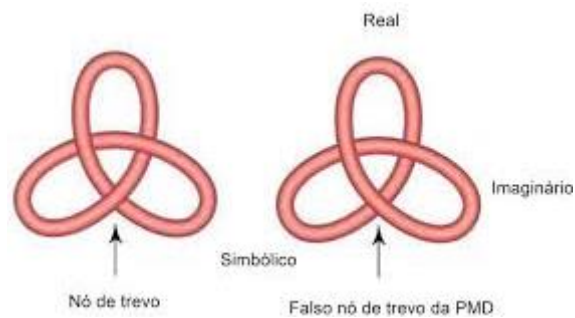
**Figura 24 - Nó borromeano de três**



**Fonte: Capanema (2015)**

Dois nós podem ser equivalentes pelo processo de deformação, sem haver corte, que seria o rompimento do tubo (toro)<sup>37</sup> ou sem fazer com que o tubo passe através de si mesmo. Um nó de trevo pode transformar-se em nó trivial somente se houver um rompimento. Já um *pseudotrevo* (nó com lapso) pode se transformar num nó trivial, pelo fato de sua deformação no espaço não ter sido realizada com corte na figura. Ele, na verdade, não é um nó de trevo, mas um nó trivial deformado:

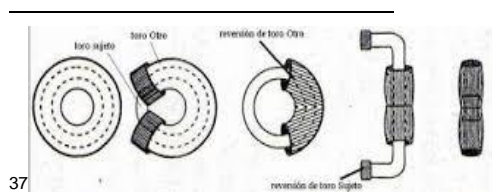
**Figura 25 – Nó de trevo diferente do falso nó (nó com lapso)**



**Fonte: banco de imagens Google**

Lacan em *O Seminário, livro 23, O sinthoma* (1975-76/2007, p. 144) afirma que “o que a psicanálise nos ensina é que uma falha jamais se produz ao acaso. Há, por trás de todo lapso, para chamá-lo por seu nome, uma finalidade significante”. A própria noção de inconsciente se funda em parte pela noção de lapso. Apesar de o nó ter uma consistência, ele pode ratear num lapso, numa falha, pois também se caracteriza com o furo e a *ex-sistência*. O sinthoma virá realizar uma intervenção corretiva em um dos pontos da falha no nó. Dependendo de onde se situará, uma nomenclatura distinta será demarcada.

O que interessa é o Real do corte que em contrapartida configura as transformações de superfícies em nós. O *nó borromeano generalizado* trivializa o nó enquanto estrutura de corte. Ele realiza duas combinações sucessivas de operações, a continuidade do nó a quatro, sem haver o quarto elo da nomenclatura, podendo retomar a posição três, e uma inversão do *por*



37

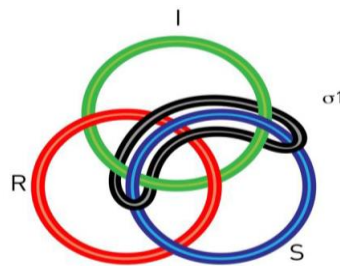
Imagem do corte no toro: 1) toro; 2) corte separando o toro A, externo, do toro B, interno; 3) reviramento do toro A sobre o B; 4) fechamento do corte feito sobre o A unindo as bordas; 5) o toro A se torna um bastão sobre o toro B.

*cima-por baixo* (homotopia<sup>38</sup>) em três pontos, sublinhando cada elo uns aos outros. Por esta razão, ele se configura como sem identidade, pois está enodado e desenodado, ao mesmo tempo. O nó borromeano se configura como modo de atar três anéis, colocando uns sobre os outros, em que o terceiro passa sobre o primeiro e sob o último (como veremos).

Outros nós são ainda possíveis:

O **nó borromeano de quatro** com o *sinthoma*:

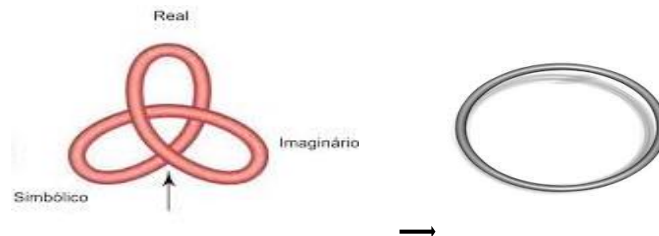
**Figura 26 – Nó borromeu com sinthome**



Fonte: Capanema (2015)

O **Nó de trevo** que pode se transformar em **nó trivial**:

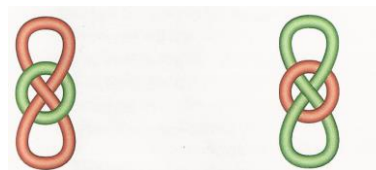
**Figura 27 – Nó de trevo com lapso homeomorfo ao nó trivial**



Fonte: elaborado pelo autor

O “**Nó de Milnor**” em duas consistências na cadeia de Whitehead (Lacan, 1975-76/2007, p. 118), em que se configura a fantasia formada por um oito interior e um anel:

**Figura 28 - Nó de Milnor**

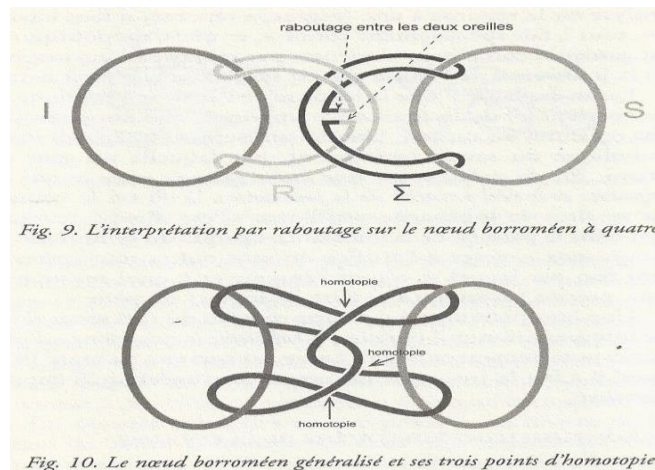


Fonte: Lacan (1975-76)

<sup>38</sup> Homotopia, conforme Porge (2014) significa que dois espaços topológicos podem se equivaler mesmo deformados.

O **nó borromeano generalizado** é aquele que se constitui por três cadeias, no entanto se desfaz por homotopia, pela inversão do encadeamento *por cima-por baixo* em três pontos:

**Figura 29 – Passagem do nó de 4 ao nó de 3, dito nó generalizado<sup>39</sup>**



**Fonte: Bousseyroux (2014)**

### 2.2.2- O nó borromeano na topologia lacaniana

O nó borromeano é utilizado por Lacan em seu ensino – a partir do *Seminário, livro 19, ... Ou pior*, de 1971-72 - se caracteriza pelo encadeamento de três fitas ou anéis entre as dimensões Real, Simbólico e Imaginário, de tal maneira que, caso um se solte, todos os outros se soltarão. Até chegar ao *Seminário, livro 22, RSI* (1974-75), Lacan foi construindo seus conceitos atando e desatando nós chegando a elaborar a hipótese na qual o nó seria uma escrita da realidade do sujeito, que ultrapassaria a noção da realidade psíquica freudiana. Nesse *seminário 21, Les non dupes errent* (1973-74), ele interroga o que distinguiria as *dit-mansions* real, simbólica e imaginária, na medida em que cada uma destas tem a mesma função na amarração: a de enlaçar as outras duas. Afirma, então, a necessidade de distinguir o limite da metáfora, ou seja, até onde uma errância da metáfora na estrutura poderia tornar equivalentes os registros do real, do imaginário e do simbólico. Nesse seminário, Lacan (1973-74, 11/12/1973) considera o nó olímpico como modelo da neurose, não borromeano, no qual cada anel só se ata ao do lado e não aos outros dois anéis, de modo que, caso um anel se soltasse, outros dois se manteriam atados. Ele exemplifica com o caso da *Fobia de Hans*,

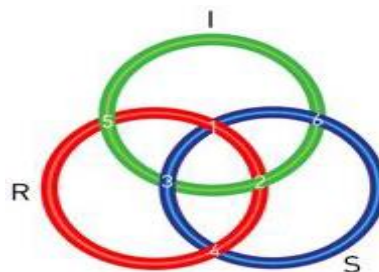
<sup>39</sup> Cf. Bousseyroux, M., 2014, p. 114.

comentada por Freud (1909/1976). Quanto à psicose, ele acreditava que esta estrutura seria desencadeada pelo corte de um elo da cadeia: desatando-o, os outros dois também se desatariam.

No *seminário*22, *RSI* (1974-75) Lacan retoma suas hipóteses de que o nó borromeano seria uma escrita do Real, que é triplo, sendo que “o nó não é modelo, é o suporte. Ele não é a realidade, ele é o Real. O que quer dizer que, se há distinção entre o Real e a realidade, é o nó, não como modelo” (15/04/1975)<sup>40</sup>.

O nó borromeu se configura pelas consistências entre cada registro, o furo e a *existência* as quais irão fazer uma escritura que suporta o real. Conforme o matemático Herman Brunn (SCHEJTMAN, 2013, pg. 374), as cadeias “brunianas” podem ser feitas com mais de três cordas e sua principal característica é o fato de que caso uma se solte todas as outras se soltarão. O nó borromeu segue esta premissa, sendo um caso particular da cadeia bruniana de três anéis, contendo seis pontos de cruzamento, em que um anel passa por cima, por baixo, cima, baixo, intercalando, entre os três, este enodamento:

**Figura 30 – Nó borromeano**



**Fonte: Capanema (2015)**

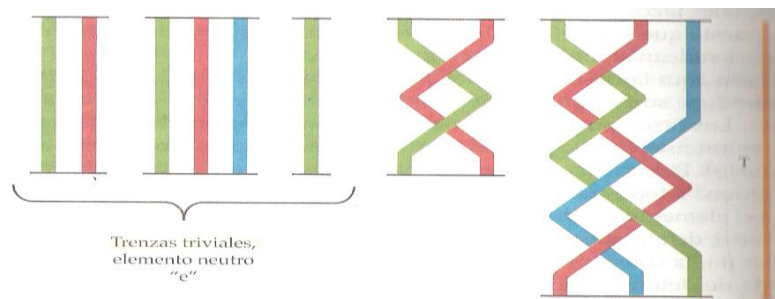
---

<sup>40</sup> Neste Seminário, Lacan ainda constrói a ideia do quarto elo<sup>40</sup> da estrutura do nó, que configura a nomenclatura paterna entre os registros Real, Simbólico e Imaginário, evidenciando que o modo de atar as três consistências acontece pelo Nome do Pai. Capanema (2015, p. 77) salienta que é o terceiro anel que mantém os outros enlaçados, podendo cada um ocupar função de terceiro aos outros dois. O nó borromeano se caracteriza por sua flexibilidade, e não por rigidez, podendo ter em um mesmo encadeamento modos diferentes de se apresentar, sem ter havido qualquer corte. Tal elaboração foi ratificada no *Seminário, livro 23, O sinthoma* (1975-76/2007), quando Lacan passou a considerar a existência do “lapso do nó” como distinção entre os nós e não mais o processo do desencadeamento, com corte ou ruptura do anel.

### 2.2.3-As tranças

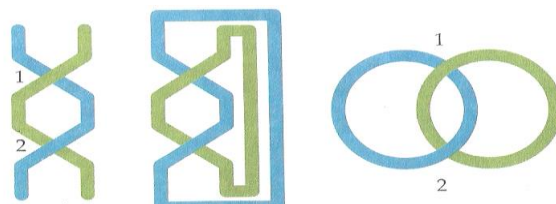
O estudo das tranças se iniciou por volta de 1984 com Emil Artin (SCHEJTMAN, 2013, pg. 391). A trança é um objeto matemático abstrato que se torna concreto por meio de cordas que saem de um ponto ao outro – de cima para baixo no sentido vertical - o que denota haver um eixo numa diacronia temporal. As tranças são classificadas pela quantidade de fios que compõem cada um dos trançados e se caracteriza por conter a variável tempo, que em partes, move-se num plano.

**Figura 31 - Tranças**



Fonte: Schejtman (2013)

**Figura 32 - Trançamento em Cadeia de Hopf**



Fonte: Schejtman (2013)

Podem existir vários tipos de tranças, de uma ou várias cordas, estando elas trançadas ou não. Tal como os nós, há, também, as tranças triviais, que independentemente do número de cordas, não apresentam pontos de cruzamento. Pode haver, ainda, deformações entre as tranças, produzindo “pseudopontos de cruzamentos” (SCHEJTMAN, 2013, pg. 394), os quais são facilmente desatados, pois não houve processo de encadeamento, corte nem colagem, mas superposição, ou deformação engendrando o que Lacan (1975-76/2007) denomina como

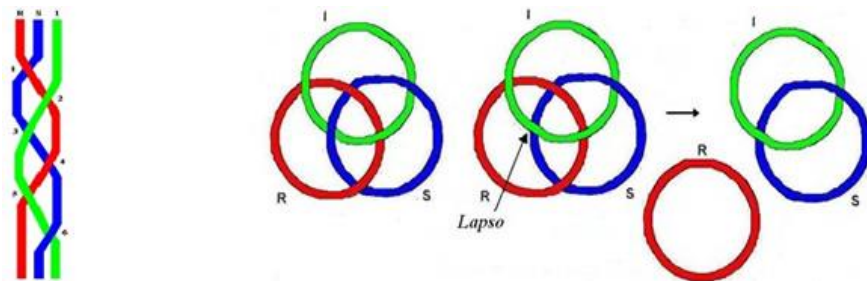


“lapso do nó”<sup>41</sup>, e que Schejtman (2013, p. 401) parafraseia afirmando haver, também, um “lapso de trança”. Retomando Lacan (1975-76/2007),

É sobre o lapso que se funda, em parte, a noção de inconsciente. (...) que se dê no lugar onde o nó rateia, onde há uma espécie de lapso do próprio nó, é o que atrai nossa atenção. Acontece de eu mesmo, casualmente, ratear, tal como mostrei aqui, confirmando que se rateia em um nó. Também o inconsciente está aí para nos mostrar que, a partir de sua própria consistência, há muitos que rateiam, fracassam. (p. 94).

Demonstramos, com as imagens abaixo, exemplo de uma trança encadeada, mas contendo lapso e o resultado se operando no lapso do nó (Real – cor vermelha, Simbólico – cor azul e Imaginário – cor verde) na segunda imagem, restando uma rodela solta:

**Figura 33 – Lapso na trança e lapso no segundo nó desta figura**



**Fonte: elaborada pelo autor**

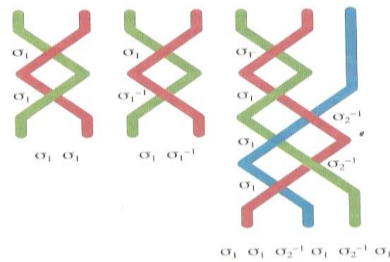
A trança borromeana, ou bruniana, segue a mesma lógica do nó. Caso uma corda se desate, todas as outras serão desenlaçadas. Schejtman (2013, pg. 400-402) explica que havendo o “lapso de trança” tal qual no nó, um modo de melhor verificar tal ocorrência é por meio da descrição da trança, em sua apresentação, com a “palavra de trança”.

É preciso haver, no mínimo, duas cordas se cruzando para haver a “palavra de trança”, que se demarca com a letra grega  $\sigma$  (*sigma*), donde se inclui um sub-índice  $\sigma_1$  ou  $\sigma_1^{-1}$ , indicando os pontos de cruzamento. Então, quando uma corda passa por cima, nota-se  $\sigma_1$ , também quando passa por baixo,  $\sigma_1^{-1}$ , formando a palavra de trança:  $\sigma_1\sigma_1$ . Mas, quando o trançamento acontece com uma corda passando por cima,  $\sigma_1$ , e por cima de novo, denota-se, neste último ponto, um rateio, um lapso, um fracasso no cruzamento, o qual será demarcado com  $\sigma_1^{-1}$ . Então, a palavra desta trança será:  $\sigma_1\sigma_1^{-1}$  (SCHEJTMAN, 2013, p. 402-3). Desse modo, podem-se localizar os pontos de cruzamento com suas marcações, bem como os pontos de lapsos de trança:

<sup>41</sup> Em especial nas lições V e VI do *Seminário, livro 23, O sinthome* (Lacan, 1975-76/2007).



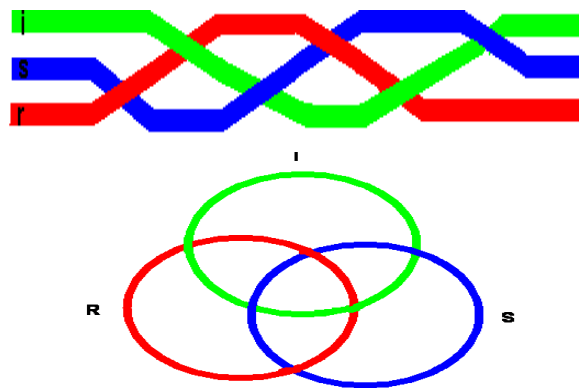
**Figura 34 – Palavras de tranças**



**Fonte: Schejtman (2013)**

Finalizando, então, essa breve conceituação acerca das tranças, Schejtman (2013, p. 403) formaliza que, “todo nó ou cadeia provém do fechamento ou costura de uma trança”<sup>42</sup>, quer dizer, unem-se as suas extremidades, de cima com a de baixo, sem modificar a posição das cordas. De onde ela partiu, ela termina, tal qual podemos ver na figura abaixo:

**Figura 35 - Trança borromeana com seis cruzamentos e seu fechamento no nó borromeu**



**Fonte: Vorcaro (1999)**

Em seu fechamento, teremos como produto, um determinado e distinto nó ou cadeia. Entretanto, diversas tranças podem resultar em um mesmo nó ou cadeia. Estas possibilidades de trançamento nos interessam para pensarmos o autismo enquanto um acontecimento entre as *dit-mansões* R, S e I, que ao estabelecerem uma relação entre si, em um sentido, engendram uma estrutura de defesa do sujeito no espaço de um tempo lógico, não enodado borromeamente.

Implicando a descontinuidade da noção de desenvolvimento e maturação, Vorcaro (1997) considerou a criança como o tempo de constituição do sujeito, no nível do trançamento entre Real, Simbólico e Imaginário. A sua hipótese é de que as manifestações da criança são atos constitutivos de sua realidade psíquica, acontecem de maneira plástica e cifram a sua relação com a alteridade. Para tanto, a autora trabalhou a constituição psíquica no nível da

<sup>42</sup> Livre tradução.

trança até chegar ao nó borromeano. Lacan, no *seminário21, Les non dupes errent* (1973-74, 15/01/74) formaliza esse nó em três dimensões como linhas infinitas e maleáveis, em seis movimentos,

Para fazer um nó borromeano, é preciso fazer seis gestos, graças a que, eles são da mesma ordem, diante do que justamente, nada permite reconhecê-los. É bem por isso que é preciso fazer seis, a saber, esgotar a ordem das permutações duas a duas, e saber antecipadamente que não se pode fazer mais, sem o que a gente se engana.

Vorcaro (1999) salienta que, “suas posições permutam-se até retornarem à disposição inicial. Supõe-se, aí, que essas dimensões sejam incessantes e indestrutíveis; por isso, cada uma compõe uma linha infinita ou um círculo” (p. 60). Vamos descrever o que a psicanalista propõe (Vorcaro, 1997, p. 60-3):

O tempo pré-subjetivo que podemos denominar também como **ponto zero** é o que concerne à alternância presença-ausência, localizada como a matriz simbólica sobre um ser acéfalo. Ele é o ponto que precede o trançamento e lhe dá condição de possibilidade, se inscreve na alternância de dois estados, e inaugura a condição de subjetivação. Esse ser é situado como o organismo real e o agente materno e suas interpretações de sentido como sede imaginária. Sendo assim, apontamos o organismo como algo de *Real*, a alternância entre os termos (tensão orgânica do *infans* e apaziguamento na resposta do agente materno) como *Simbólica*, e a consistência que o agente materno confere aos movimentos do *infans*, configurando sentidos, por sua interpretação, como *Imaginária*. Ao conferir equivalências simbólicas às manifestações da criança e supor-lhe uma intencionalidade subjetiva, por meio de seus cuidados, estabelece-se uma matriz simbólica mínima em que presença e ausência são concatenadas. Assim, ao mesmo tempo em que se opõem, se intercalam, se equivalem (uma anula a outra) e, portanto, se distinguem, franqueando a experiência do prazer (estado de menor tensão possível do funcionamento do aparelho psíquico). Neste momento, podemos configurar a planificação do Real (cor vermelha), Simbólico (cor azul) e Imaginário (cor verde) como três linhas vizinhas e maleáveis, que sofrerão deformações contínuas.

**Figura 36 - Tempo 0 do trançamento RSI**



**Fonte: Vorcaro (1997).**

Quando há a descontinuidade nesta alternância pelo próprio efeito do significante, o organismo sai de sua condição vital e se insere na cadeia, sentindo o mal-estar. Aí que a trama começa a se movimentar. Há, então, o **primeiro movimento**, em que a matriz simbólica é atravessada pela descontinuidade, convocando a criança ao apelo de retomada da homeostase. Trata-se da incidência contingente do real que irrompe sobre a matriz simbólica, perturbando-a. Antes mesmo de haver distinção entre *eu e não-eu*, o *infans* faz apelo, demarcando o reconhecimento de uma perda, em que o grito substitui a coisa perdida pelo significante da coisa, marcando o traço que demarca a sua falta. Esse significante qualquer se posiciona como significante-mestre que funciona de modo a representar o sujeito para outro significante. Ele preside a **primeira identificação do sujeito**, marcada no Um da diferença *Realqueincidiu sobre adiferença Simbólica* dos significantes.

Figura 37 - Tempo 1: R sobre S



Fonte: Vorcaro (1997).

O **segundo movimento** acontece, porque o *infans* insiste em recuperar o estado homeostático perdido, superando a descontinuidade. Com mais possibilidade de atenção ao que lhe é oferecido, verifica que os objetos voltados à sua satisfação não se equivalem ao que supostamente teria existido. O *infans* situa a onipotência do agente materno que pode dar o que ele demanda, como sendo também o agente da sua **privação**, pois só oferece objetos a seu critério. Assim localizado, é nele, também, o lugar em que reside o saber sobre os meios de gozo. O sujeito crê que esta alteridade pode oferecer a possibilidade do retorno ao gozo. Ocorre a marcação de um traço de hiância entre o gozo esperado e o obtido, que imaginariza a mãe como agente de **frustração** que poderia suprir a falta. A frustração conota a *incidência do Imaginário sobre o Real*.

Figura 38 - Tempo 2: I sobre R



Fonte: Vorcaro (1997).

Premida entre a expectativa de plenitude e a insistência da incompletude, a criança constata a impossibilidade de o Outro satisfazê-la, no **terceiro tempo**. Para responder à insuficiência do Outro, a criança mobiliza a pulsão, oferecendo-se a si mesma como objeto que poderia, ao mesmo tempo, suprir o Outro e a si mesma. Nessa ficção fálica de *se fazer* para o Outro materno, a criança constrói a fantasia que a sustentará como desejante. Na impossibilidade de oferecer significantes, a criança apresenta um pedaço de corpo para salvar a onipotência materna de que sabe depender. Nesta operação, duas faltas se recobrem entre o *infans* e o Outro, obtendo como resto o objeto *a*, não simbolizável, mas sendo causa de subjetivação. Trata-se da extração do objeto apontada por Lacan (1966/1998),

Portanto, é como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originalmente recalcado, que o \$, o S barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto *a*, que, no entanto, lhe fornece seu enquadre (p. 560).

Esse momento é constatável e observável quando a criança oferece seus pés, mãos ou seu corpo ao outro, conforme salienta Laznik (2013). Trata-se, portanto, de a criança recobrir o agente da frustração imaginária com a *operação simbólica da estrutura da fantasia*, mediação por meio da qual a criança pode separar-se do Outro, ao mesmo tempo em que permanece enlaçada a este. Ao localizar as fendas da alteridade dele, pode se destacar de uma posição de objeto para a de sujeito, desde que este Outro seja tomado como incompleto, do qual pode usufruir de sua matriz de dupla entrada, por ofertar o objeto *a* e também os significantes (LACAN, 1968-69/2008).

**Figura 39 - Tempo 3: S sobre I**



**Fonte: Vorcaro (1997).**

No **quarto movimento**, a criança pressente que a posição que ela adota, de signo, não se sustenta e, por mais que a criança se faça ao outro, ela não é o falo materno. Será preciso novo movimento de reconhecimento desta posição castrada entre os dois, a criança e a mãe, de modo que há impossibilidade de recobrimento entre suas faltas. Importa acontecer este movimento para que a criança não corra o risco de ser engolida pelo desejo materno. A criança, assim, se defende do Outro materno. Há algo de real que impede, que impossibilita o encaixe do recobrimento das faltas. A criança constata que existe um obstáculo intransponível

entre ela e a mãe. Sendo assim, nesse quarto movimento, realiza-se, a *imposição do Real sobre o Simbólico* que repete, na trama complexificada, o primeiro movimento.

Figura 40 - Tempo 4: R sobre S



Fonte: Vorcaro (1997).

O **quinto movimento** caracteriza-se pelo mito da onipotência paterna. Nesse tempo, que se marca pela impossibilidade real de a criança ser o objeto do amor materno, opera-se o corte pela imaginarização do pai, que barra a mãe, caracterizando uma transição mítica que articula idealização, temor e agressividade. Nesse ponto, *perfaz-se o recobrimento do Imaginário ao Real*.

Figura 41 - Tempo 5: I sobre R

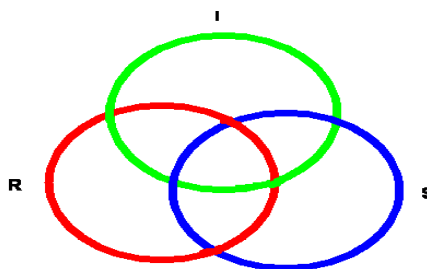


Fonte: Vorcaro (1997).

O **sexto e último movimento** se caracteriza por produzir a metáfora paterna, quando o *Simbólico ultrapassa o Imaginário*. O falo imaginário não é mais o lugar a partir do qual o sujeito encontrará sua significação, e é substituído por uma unidade de medida que regula as relações entre desejo e lei, e confere a eles uma lógica, que é a Nome-do-Pai. Ela supõe que esta instância simbólica é capaz de dar à mãe o que ela deseja. A criança encontra no Nome-do-Pai o termo simbólico que barra a sua posição de equivalência fálica, mediando e criando um título virtual que sustentará a sua identificação ao elemento mediador do campo simbólico, que estrutura a orientação da relação à alteridade. A criança, então, surgirá como sujeito castrado, efeito da perda e da inscrição do significante, numa trama que finaliza com a metáfora do Nome-do-Pai. O sexto movimento, portanto, faz *reincidir no Simbólico o que, no terceiro movimento, teve caráter Imaginário*.

Figura 42 - Tempo 6: S sobre I





Fonte: Vorcaro (1997).

O nó borromeano não é a norma para a relação de três funções. A articulação R, S, I só incide num exercício determinado pela versão da nomenclatura paterna, ou seja, “o nó borromeano é sempre pai-vertido” e a “constrição que mantém RSI ligados é sempre singular e enigmática”, assim salienta Vorcaro (1997, p. 63). Cada dimensão depende do enodamento realizado entre eles.

Na medida de sua especificidade em relação a constituição de crianças que se submeteram a dimensão do Outro para aparelharem-se, interrogamos o autismo, que recusa singularmente o campo simbólico, perguntando: *que relações podem se estabelecer entre as dit-mansions real, simbólica e imaginária?*

Como se pode ver, a estruturação psíquica acontece num tempo em que o sujeito a advir está em um processo de encontro com a estruturação sincrônica do Outro primário e a diacronia dos acontecimentos contingentes no encontro com o Outro e com o que vem com a vida. A finalidade da constituição é a de presentificar, no simbólico, um sujeito singular. Cabe levar em conta o que Lacan (1975-76/2007, p. 71) salientou, que “é de suturas e emendas que se trata na análise”. Pode-se interrogar, então, o que diz respeito à clínica psicanalítica dos autistas.

Distinguiremos as dimensões Imaginário, Simbólico e Real realizando uma conjugação, à luz da teoria lacaniana, dos conceitos freudianos de Inibição, Sintoma e Angústia. Buscaremos, assim, localizar o sujeito autista e o que poderiam ser as suas nomenclaturas.

### 2.3-A tríplicidade do Real do nó e as dit-mansions do Real Simbólico e Imaginário

Como modo de realizar uma “mostração” do Real do inconsciente, Lacan propôs no *seminário 22, RSI* (1974-75, inédito) que a estrutura do ser falante (*falasser*) se apresenta como a estrutura topológica do nó borromeu, em que três rodela, Real, Simbólico e Imaginário, se encontram uma em relação a outra, não se localizando somente no plano espacial, mas, sobretudo, temporal. Como característica de uma estrutura topológica, a relação entre R, S e I é de homeomorfismo, ou seja, eles sofrem deformações contínuas de modo que podem se modificar sem haver corte ou rompimento. O Inconsciente é impossível de ser totalmente demonstrável, por isto é “mostrado”. Ao que Lacan salienta que o nó borromeano não é um modelo, não é uma representação, mas é o próprio Real: “esse Real que é o nó, nó que é uma construção, esse Real se basta para deixar aberto esse traço de escrita, esse traço que está escrito, que suporta a idéia do Real” (LACAN, 1974-75, Lição 17/12/1974).

Desde o princípio de seu trabalho, Lacan almejou encontrar um modo de formalizar a relação entre as três dimensões, R, S, I, com os esquemas L e R<sup>43</sup>, mas foi somente com o nó borromeano, no ano de 1972<sup>44</sup>, que de fato pode atar suas construções acerca da estruturação psíquica.

Para haver o nó borromeano são necessários três elos para que se mantenham juntos e é o terceiro que mantém a cadeia (LACAN, 1974-75, 14/01/75). Não há supremacia de um sobre o outro, de modo que, caso um se desfaça, quaisquer um dos outros também serão desfeitos. Nos três elos, repetem-se relações de: *ex-sistência*, de furo e de consistência que, respectivamente, especificam Real, Simbólico e Imaginário. Como veremos, os autismos nos interrogam quanto a tal escrita do real do sujeito.

---

<sup>43</sup> Cf. Lacan em, *O Seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55/1985).

<sup>44</sup> Conforme podemos ver no *Seminário, livro 19, ...Ou pior* (1971-72/2012).

### 2.3.1-Sobre a consistência

Lacan afirma, na lição de 14/01/1975, do *seminário 22, RSI (1974-75)*, que é a constituição da realidade psíquica, enunciada por Freud, que confere o atamento entre as consistências: Real, Simbólico e Imaginário. Para Lacan, o que Freud denomina como realidade psíquica tem relação direta com o Complexo de Édipo, sem o qual não há enodamento entre estas dimensões. No entanto, o psicanalista francês apresentou esta noção como um acontecimento temporal complexo ocorrendo já antes do Édipo, o que muito contribuiu à clínica psicanalítica com bebês e crianças pequenas, no que se refere, principalmente, à modalidade da *intervenção a tempo*.<sup>45</sup>

O nó borromeano constitui-se pelo fato de ter uma consistência qualquer que seja o número de anéis deste nó (LACAN, 1974-75, 10/12/1974), quer dizer, é a consistência que mantém os nós atados, conferindo uma corporeidade, mantendo-os juntos. A consistência busca a manutenção de um “corpo uno”, ainda que ele não seja pleno, mas furado (CAPANEMA, 2015, pg. 40).

Lacan afirma que “o Inconsciente é o Real” (1974-75, 15/04/1975), por ser furado, impossível de completar e, é a consistência do Real que virá conceder corpo ao inconsciente pulsional. Com a corda se bordejando este impossível, o vazio do Real.

Conferindo a consistência do Simbólico, o buraco é delimitado no nó. Conforme sublinha Capanema (2015, pg. 40), o “buraco metaforiza o trauma da linguagem”, que é a própria impossibilidade da relação sexual no ser falante atravessado pelo significante que faz buraco, definindo a própria castração.

Lacan (1974-75, 11/02/75) nos fala que a consistência do Imaginário...

---

<sup>45</sup> Preferimos nomear como “*intervenção a tempo*” a esta prática, considerando que o desenvolvimento e a maturação do organismo ocorrem a partir da antecipação do sujeito num tempo lógico de subjetivação em relação ao Outro. Considera-se a ruptura pela diacronia lógica de um sujeito estruturado em uma sincronia sustentada pela sua inscrição na linguagem. Por isso, falar em prevenção em psicanálise seria um contrassenso, uma vez que o próprio inconsciente não é previsível e articula-se entre as facetas do real, simbólico e imaginário, e da relação que o *infans* estabelece com o Outro. Não há como se prevenir disto. O que importa é encontrar a possibilidade no que parece impossível entre o enlace destas dimensões. O trabalho acontece considerando o tempo atual em que inscrições significantes estão se efetivando na assunção de um sujeito, que ainda não fala, e que se encontra em condição de sofrimento ou mal-estar. Nesse âmbito, trata-se de acolher os pais (cuidadores primários) que falam do bebê e se sentem atravessados com o seu *não-saber* em causa. A antecipação determina o tempo presente ou o futuro anterior (Fernandes, 2007).



é estritamente equivalente à do simbólico, assim como à do Real. É inclusive em razão do fato deles serem atados dessa maneira, quer dizer, de uma maneira que os põe estritamente um em relação ao outro, (...) é inclusive aí que se trata de fazer um esforço que esteja na ordem do efeito do sentido.

A consistência do Imaginário é corpo que traz o sentido e a figuração. Lacan (1974-75, 18/03/75) afirma que na relação que se estabelece entre Real, Simbólico e Imaginário há homogeneização, tornando-os semelhantes um ao outro, mas com a diferença ao mesmo tempo. Semelhante não quer dizer o mesmo, o igual. Ele (idem) observa que,

Não é fácil figurar o nó, porque nisto elimino inteiramente o sujeito que se o figura, já que parto da tese de que o sujeito é o que é determinado pela figura em questão, determinado não como sendo de algum o duplo, mas que o *é pelos cruzamentos do nó*, daquilo que, no nó, determina os pontos triplos, pelo fato do estreitamento do nó que estabelece o sujeito.<sup>46</sup>

Sendo assim, há uma consistência entre os termos, delimitando-os numa homogeneização, mas que não determina o sujeito senão pelos cruzamentos do nó.

Podemos situar a consistência da teoria lacaniana atrelando-a à *ex-sistência*, que confere suporte ao Real.

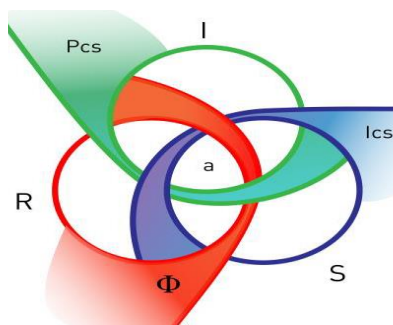
### 2.3.2-Sobre a *ex-sistência*

O campo da *ex-sistência* se situa em torno da consistência, é o fora que se constitui dentro, sustenta-se, então, em um “dentro-fora”. Depois do sentido do Imaginário, exterior ao buraco do Simbólico, ultrapassando-os e também ao Real, a *ex-sistência* faz retorno ao objeto *a* (LACAN, 1974-75, 14/01/1975). É a *ex-sistência* que permite que cada uma das rodela faça furo na consistência dos outros dois, ou seja, cada um dos registros *ex-siste* ao outro (CAPANEMA, 2015, pg. 40). Podemos visualizar a *ex-sistência* na figura a seguir:

---

<sup>46</sup> Itálicos nossos.

**Figura 43 - Abertura das rodela em reta infinita**



Fonte: Capanema (2015).

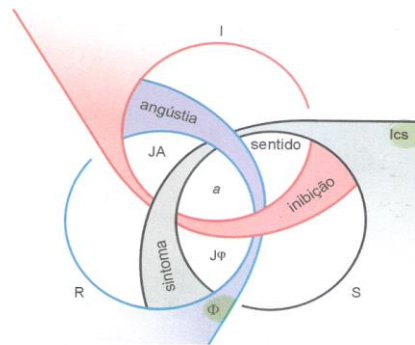
Lacan (1974-75, 14/01/1975) explicita que o termo *ex-sistência* vem de existir, *existere*, de raiz das línguas latinas. Mas o uso da palavra foi de cunho filosófico-religioso, principalmente, com Aristóteles e suas máximas universais. Contudo, ele adverte que a universalidade não implica a existência e que é a existência que participa do geral. Assim, ele explica que, “meu nozinho borromeano é para lhes mostrar que a existência, é de sua natureza o que *ex-*. O que gira em volta do consistente, mas que faz intervalo, e que nesse intervalo, tem *n* maneiras de se atar” (Idem). Como ponto externo, o terceiro anel vem fazer amarração aos outros dois anéis, limitando a consistência deles, e evidenciando a singularidade do sujeito (Capanema, pg. 40).

Lacan brinca com a palavra existência, “o que *ex-*”, como se afirmasse, “o que é!”. Tornando-se um prefixo, “*ex-*”, indica que a palavra “existir” foi transposta de sua inicial posição semântica pela criação de um novo sentido. Existir tem relação com a existência, com a natureza do ser, com a realidade, e o “*ex-*”, destacado da desinência “*sistir*”, aponta que há algo também fora. *Ex-sistir* é existir “dentro-fora”. *Ex-sistir* tem sua raiz latina que significa *sustentar-se fora*. Falamos, no primeiro capítulo, acerca dos juízos de atribuição e de existência. O primeiro distingue o que é prazeroso como *eu* e o que não é como *não-eu*, fica fora, expulso. O juízo de existência implica na prova de realidade em que se verifica a existência do objeto, se o objeto que está representado no interior, no *eu*, sustenta-se fora. Caso não seja reencontrado, não está presente na realidade.

Na lógica do nó borromeo, o ponto triplo de amarração define-se pelo encontro de três retas e uma vem barrar o deslizamento da outra, conferindo *ex-sistência*. *Ex-sistência*: sustenta-se fora. As rodela só estão enodadas numa consistência por haver entre duas, uma rodela que *ex-siste* à outra. É o que conduz a Lacan (1974-75) afirmar que, “algo *ex-siste* por só ser suponível na escrita pela abertura da rodela em reta infinita” (18/02/75). Para ele, é

possível sustentar um nó borromeu com uma rodela aberta, porque se acredita que as retas se fechem no infinito, equivalendo-se ao círculo. Desse modo, com a abertura de uma das rodelas em uma linha infinita, podemos localizar a projeção dos campos de *ex-sistência*: o campo do Inconsciente *ex-sistindo* ao simbólico engendrando o sintoma, o campo do Falo *ex-sistindo* ao Real, respondendo pela angústia e o campo da “Representação”, “Pré-consciente” *ex-sistindo* ao Imaginário e respondendo à inibição.

**Figura 44- Campos de ex-sistência engendrando Inibição, Sintoma e Angústia**



**Fonte: Lacan (1974-75).**

Lacan localiza o Inconsciente no nó borromeano enquanto *ex-sistente* ao Simbólico para evidenciá-lo como Real do Simbólico, impossível de acessar, sendo possível somente em alguns momentos pelos significantes presentes na linguagem. É ele que nomeia as coisas para o ser falante, condicionando o Real e diferenciando-o do animal (LACAN, 1974-75, 11/03/75). Para o autor, o Inconsciente se articula de *lalíngua*, sendo “o corpo que lá fala não estando lá enlaçado, senão pelo Real do qual ele goza” (1974/1981, p.16).

Quanto ao Falo simbólico Lacan o coloca como *ex-sistente* ao Imaginário no nó borromeu. O autor (LACAN, 1974-75, 11/03/75) o situa como aquele que corporifica o Imaginário. A função do Falo, como Imaginário, tem relação com o objeto *a*, e funciona como significante mediador deste objeto. Ele se nota como  $(-\phi)$ , significante que representa a falta, resultado do processo da castração, em que o objeto *a* e o  $(-\phi)$  são o produto.

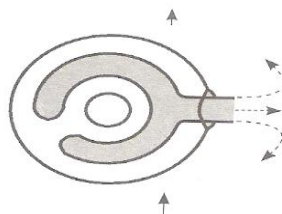
Lacan (1974-75, 11/03/75) retoma o estágio do espelho lembrando que este instante é aquele em que o saber domina a imagem do corpo prematuro antecipando-o enquanto unidade captada, num ajuntamento do corpo que antes era fragmentado. Assim, o sujeito é introduzido com a imagem corporal na economia do gozo. No instante em que a criança jubila, ao se ver, e se reconhece no espelho, acontece a elisão do falo. No gesto de uma mão atravessar seu campo de visão no espelho, seu olhar sobre si é fígado para esse objeto fálico,

e ele é elidido. *Ex-sistindo* ao Real, o falo se posiciona como significante primeiro da cadeia apontando um local de referência aos outros. Assim, ele se inscreve como letra ao nó, ao Real, consistindo o Real do gozo por sua potência fálica.

O falo não é um objeto, não é o órgão, tampouco uma fantasia, mas tem função significante destinada a designar os efeitos do significado. É do Outro que o sujeito tem acesso ao falo, no outro enquanto dividido, também, pela *Spaltung* (fenda) significante. (LACAN, 1958/1998, p. 697-700).

É porque não aparece que o falo pode ser imaginado. Este aspecto da falta no falo é demonstrado por Lacan na figura do toro com um corte, evidenciando uma “mão” na alma do toro. Ao ser cortado, o toro evidencia uma “discordância entre a mão e o que ela aperta” (LACAN, 1974-75, 18/03/75) demonstrando que há um vazio no centro que a mão aperta. A topologia do toro denota a relação do corpo com o Imaginário:

**Figura 45 - Mão do Toro**



**Fonte: Lacan (1961-62).**

Lacan (1974-75) salienta que o ser falante (*falasser*) confere valor especial ao falo,

Neste sentido de que o gozo aí ex-siste, que está aí o acento próprio do Real. O Real, enquanto ex-siste, quer dizer, o Real como Real, o Real à segunda potência, é tudo o que esse *falasser* conhece do dois, é a potência. Seja uma aparência pela qual ele se mantém o apenas um. É o que se chama o ser. Isso, de partida, um elevado à segunda potência, igual a um (11/03/75).

Pode-se entender, portanto, que o falo é o Real do Real - à segunda potência – que atua como significante que enlaça o Real ao nó, consistindo-o.

### 2.3.3-O furo

O furo é o que faz buraco em cada registro. O Simbólico se encarna no significante que faz buraco e provoca efeitos, ele consiste neste buraco, que mesmo pouco consistente, é

delimitado. Lacan afirma (1974-75, 14/01/75) que, “um buraco basta para atar um número estritamente indefinido de consistências e que isso começa com dois, como manifesta esse nó borromeano”.

O psicanalista Marcos André Vieira (2009) nos ajuda a compreender melhor o furo do Simbólico. A partir da clínica, ele esclarece que o furo não significa somente a falta de algo e pode também significar a presença de algo sem sentido. Ele assim explica,

O ato falho é uma presença que faz furo, por exemplo. Ele é uma coisa e é um furo que não precisa da totalidade para se definir como furo. Da mesma forma que o neologismo é um furo que dispensa a totalidade da língua, no sentido de que não precisa do Aurélio para defini-lo (p. 3).

Lacan (1975-76/2007, p. 144) explica que uma falha jamais é produzida ao acaso, e tem uma finalidade para acontecer. Em relação ao Real, por exemplo, os detritos simbólicos fazem nele, furo. O sujeito é demarcado, dividido pelo descontínuo da língua, pelos efeitos de sentido da relação entre significantes. A *Uverdrängung*, recalçamento originário, demarca um furo de natureza simbólica no sujeito com a inscrição do Um (traço unário). Trata-se da demarcação do vazio, de que algo passou com a escrita do Um, acolhendo o gozo. A inscrição de uma marca primordial retira o vivo do nada, do puro Real, demarcando seu corpo com o significante que o inscreve no Simbólico e engendra um furo neste Real. Desta primeiríssima operação de linguagem, temos o traço como aquele que apaga a Coisa da memória no Simbólico, mas dele decorre o Um, como traço único identificado pelo sujeito, e o objeto *a* já nascido como perdido (BARROSO, 2014, p. 210). Assim, este traço corresponde ao “Simbólico do Outro Real” na identificação ao traço unário (*ein Einziger Zug*) (LACAN, 1974-75, 18/03/75).

Podemos, assim, entender que o sujeito é demarcado por estas três características do nó: a consistência, o furo e a *ex-sistência* entre as *dit-mansões* Real, Simbólico e Imaginário. O que não significa que eles são equivalentes, ao contrário, evidencia uma heterogeneidade que faz o nó *bobô*<sup>47</sup> apresentar-se na singularidade do sujeito. Lacan (1975-76/2007, p. 96-8) lembra que “quando há equivalência, não há relação”, e que o *sinthoma*<sup>48</sup> é o que demarcará esta não-equivalência entre as dimensões no nó, determinando entre eles uma relação.

<sup>47</sup> Conforme no *Seminário, livro 22, RSI* (1974-75), na lição de 10/12/1974.

<sup>48</sup> Trataremos do conceito do quarto elo, *sinthoma*, mais adiante.

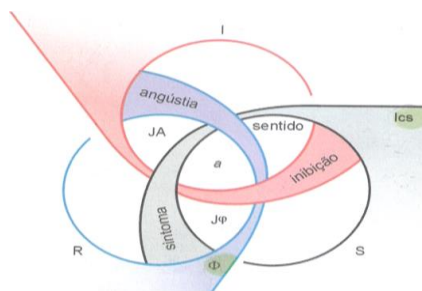
## 2.4-Os gozos

O termo “gozo” aparece desde o princípio do ensino de Lacan. Ele advém de Freud, como o mais além do princípio do prazer, sendo melhor formulado na segunda tópica da obra freudiana como a pulsão que regula o aparelho psíquico. Freud introduz o termo “*Lust*” para designar prazer, alegria, êxtase, volúpia, e o caráter excessivo do prazer, distinto do “*Genuss*”, horror, júbilo mórbido (GUERRA, 2007, p. 92). Gozo designa um além do prazer, como um excedente. Porge (2010, p. 22)<sup>49</sup> lembra que Lacan designou o “campo lacaniano” como o “campo do gozo”, designando ao sintoma um gozo, dentre suas variedades – gozo do Outro, fálico e de sentido – renomeando o objeto *a* para além de ser objeto causa do desejo, como *mais-gozar*.

Discernindo as *dit-mansões* Real, Simbólico e Imaginário a partir do achatamento do nó, transpondo-o ao plano, podemos visualizar o nó tridimensional, por meio das duas dimensões. Deste modo, pode-se ver o campo da *ex-sistência* em relação às consistências dos outros dois anéis e o furo do nó, bem como, pode-se localizar os três tipos de gozo entre os anéis: o **gozo do Outro**, entre Real e Imaginário, o **gozo fálico**, entre Simbólico e Real e o **sentido**, entre o Imaginário e Simbólico. Na triplicidade do nó, na intersecção das dimensões, podemos visualizar o objeto *a*, objeto *mais-gozar*, ao centro fixando R, S e I como nó (LACAN, 1974/1981).

Podemos ver, também, três intrusões avançando aos campos de gozo sobre os três registros, R, S e I, quais sejam: a angústia, enquanto transbordamento do Real ao Imaginário do corpo; a inibição, enquanto intrusão do Imaginário ao campo Simbólico, e o sintoma, como efeito do Simbólico no Real.

**Figura 46 - Inibição, Sintoma e Angústia no Nó Borromeu**

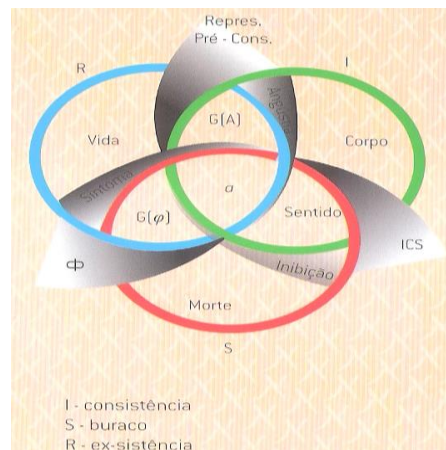


**Fonte: Lacan (1974-75).**

<sup>49</sup> Porge, E. « Lettres du symptôme, Version de l'identification », Toulouse: Érès Ed., 2010.

Através da abertura de um anel em uma reta infinita pode-se ver a projeção do campo do Falo, enquanto *ex-sistente* ao Real, o campo do Inconsciente *ex-sistente* ao Simbólico e o campo do “Pré-consciente”, ou “Representação”, que *ex-siste* ao Imaginário:

**Figura 47 - Ex-sistências Representação/Pré-Cs, Inconsciente e Falo**



**Fonte: Belisário (2010)**

Importa sublinhar o objeto *a* localizado no exterior central do nó. Lacan (1974/1981, pg. 28) esclarece que o objeto *a* é “esse lugar do *mais-gozar* que ramifica todo o gozo”, e os que se encontram fora, no entorno, são os gozos, fálico e do Outro, e o sentido. É o objeto *a* que situa a triplicidade do nó conferindo-lhe consistência, ao mesmo tempo em que é o objeto *mais-gozar*, causa do desejo do sujeito, ponto inalcançável que se reconhece por suas identificações manifestadas em objetos pulsionais no corpo do sujeito. Lacan (1974/1981) esclarece que,

O corpo goza de objetos dos quais o primeiro, aquele que escrevo ‘a’ é o objeto mesmo, como dizia, do qual não se faz ideia, ideia como tal, entendo, exceto a quebrá-lo, esse objeto, ao qual caso seus pedaços sejam identificados corporalmente e, como manifestações do corpo, identificados. (...) ele só se sustenta com a existência do nó, com três consistências de toro (p.16).

O seio representado no período do desmame como objeto da pulsão oral, e assim, os outros, como o objeto voz, na pulsão invocante, o olhar, na pulsão escópica, o objeto anal são todas modalizações do objeto *a*.<sup>50</sup>

<sup>50</sup> Retomaremos o conceito de objeto *a* com mais pormenores no próximo capítulo.

### 2.4.1-O gozo fálico

O gozo fálico se situa entre os registros Simbólico e Real, caracterizando-se como *existente* ao Imaginário e tem estreita relação com a angústia de castração. O sintoma aparece neste contexto, como irrupção do gozo fálico no sujeito, constituído pela falta fundamental. O gozo fálico enlaça o significante ao Real, constituindo uma ordenação ao sujeito diante da falta que lhe angustia, atravessando-o. Assim, o sujeito se inscreve na significação fálica diante da castração.

Por não saber do desejo do Outro, o sujeito vivencia a não completude desta relação por meio do falo, que representa a falta e por isto, gera a angústia. Trata-se de mirar-se em um significante fora da relação, que se torne um ponto de ordenação e possa traduzir o gozo vivenciado como impossível de se obter. Diante do Outro, o sujeito constrói sua fantasia por meio da inscrição do objeto, coordenado pelo Nome-do-Pai, e o falo surge como resultado, significante desta relação não sexual, incompleta, e que orientará o seu desejo.

O modo como o gozo fálico se manifesta no sujeito é pelo seu caráter “fora-corpo” (LACAN, 1974/1981, pg. 28), só havendo sentido depois do ato sexual. O Imaginário está *existente* a este gozo no qual o sentido lhe conferirá consistência.

O gozo fálico tentará construir uma significação em torno da falta. Podemos conferir sua presença na relação da mãe com seu bebê, quando ela supõe que ele é quem cobrirá suas arestas. A criança, constrangida ao Outro, poderá responder como oferta ao Outro materno na condição de objeto fálico. Implicará, contudo, que em um próximo momento, a criança ao perceber que a mãe, apesar de tentar responder às suas demandas, não consegue, termina por frustrá-lo, pois também se constitui como incompleto, não pode responder a tudo. Uma falta e um gozo impossível se estabelecem. Trata-se, então, de a criança se posicionar defendendo-se do Outro, respondendo por meio da construção da fantasia diante da angústia da perda, angústia de castração. O acesso ao gozo fálico acontecerá por meio da significação fálica norteadora do sujeito como alcance de um gozo possível.

Lacan assevera, no *Seminário, livro 10: A angústia* (1962-63/2005, p. 122) que, “o amor é dar o que não se tem. É esse o princípio do complexo de castração. Para poder ter o falo, para poder fazer uso dele, é preciso justamente não o ser”. Caso o sujeito ocupe este lugar, o autor salienta o quão pode ser perigoso. Como sabemos, em *Nota sobre a criança*



(1969/2003, p. 369-70), Lacan frisa que a criança pode realizar o objeto *a* na fantasia materna saturando a falta que designa o desejo da mãe - e isto pode acontecer em qualquer estrutura psíquica - quando não tem a mediação da Lei no desejo, função vetorizada pelo pai. Uma mediação precisa ser feita para que a criança não seja engolfada pelo desejo materno tornando-se objeto de seu gozo, e possa vir a ser sujeito desejante. Sujeito que busca construir sua fantasia que confere sentido à sua condição de sujeito castrado.

#### 2.4.2-O gozo do Outro

Na intersecção entre Real e Imaginário situa-se o gozo do Outro. Lacan (1975-76/2007, p. 70) salienta que “não há Outro do Outro ou pelo menos que não há gozo desse Outro do Outro”. Estando a representação fora do gozo do Outro, este *ex-siste* ao Simbólico, o que nos indica que este gozo, entre Real e Imaginário, seria um buraco em que nada do Outro pode responder, visto que decorre do Real. O corpo é afetado por este gozo, mas sem mediação da palavra própria do Simbólico, o gozo do Outro aparece como absoluto, Outro Real.

Nas psicoses, pode-se ver o efeito do desligamento do Simbólico no alheamento do corpo às palavras, quando a rejeição do Simbólico retorna no Real do gozo. O Simbólico precisa ser incorporado para marcar o sujeito e o seu corpo diante do Outro. É a significação fálica que estabelecerá o ponto de medida do sujeito em relação aos outros significantes, localizando-o entre eles. Como vimos, o gozo fálico realiza a operação inscrevendo o sujeito.

O gozo do Outro se caracteriza por ser um gozo do corpo sem palavras, exilado do Simbólico. Ao que a psicanalista Solal Rabinovitch (1998) acrescenta, relacionando à psicose,

O exílio fora dos significantes do Pai, na psicose, exílio fora, no Real, mas sua transformação no Real nos força a definir o que é o gozo do Outro na leitura lacaniana, gozo do Outro que é ele próprio exílio da linguagem. Se o gozo do Outro é o gozo do corpo enquanto ele não pode nem se dizer nem se experimentar, ou seja, Real, se ele é este verdadeiro buraco no sentido topológico, já que nada vem aí responder, nada do outro do Outro, se ele aí é esta ausência, então o corpo do psicótico nada vem responder exceto em gozo louco, enigmático, alucinado, desta vez, vindo de um Outro que é real? (p. 30).

A autora realiza distinção entre as psicoses e o fenômeno psicossomático sublinhando que para este fenômeno, “a pele toma lugar da escritura inconsciente” (RABINOVITCH,

1998, p. 31), e coloca o Imaginário do corpo, o Real da marca somática e da inscrição Simbólica em causa. Ainda que possamos retomar Lacan quanto à holófrase nas psicoses e nos fenômenos psicossomáticos, podemos concordar que com a leitura trazida pela topologia lacaniana uma distinção aparece entre as estruturas.

A representação que tece o Imaginário estando separado do campo simbólico faz do organismo, corpo Real. Rabinovitch (1998) esclarece que,

O psicótico não tem nenhuma idéia de seu corpo. (...) As coisas estão fora, então, tudo o que se experimenta está fora, fazendo-o mudar de ideia facilmente; o que é percebido dentro é o percebido alucinatório, retorno deste exílio fora das coisas. Porque, na psicose o corpo não padece do significante; o corpo é somente uma parte da rede simbólica que vai completar o Outro em sua falta e fazê-lo gozar. Assim, a criança se substitui ao objeto *a* no desejo da mãe e seu sintoma somático dá corpo à verdade de sua mãe, funcionando pela culpabilidade da neurose, fetiche na perversão e recusa na psicose (p. 37-8).

Desconectadas as palavras das coisas, e sem enodamento R.S.I., a autora propõe que podem ocorrer processos de cura por meio de *suturas*, entre o Simbólico e Imaginário, como nos delírios, e entre Real e Simbólico nos acontecimentos corporais. Já Barroso (2014) propõe que, para além do trabalho com os fenômenos elementares da psicose, uma direção de tratamento na clínica com crianças psicóticas e autistas pode ser pela possibilidade de extração do gozo, pela montagem do circuito pulsional e a construção de um laço social por meio do gozo do corpo e não do Outro, localizando o gozo fora do corpo. As autoras nos indicam direções para o trabalho com crianças psicóticas e autistas.

No autismo, concordamos com Maleval (2009/2017) que se pode verificar um circuito pulsional fechado em que o gozo vocal não cede à fala, e assim, podemos ver a ecolalia, a repetição não diferida, e a grande dificuldade de se colocar em posição de enunciação: o corpo parece desconectado de palavras.

Contudo, podemos constatar que a criança autista está em constante trabalho (RIBEIRO, 2005, pg. 40-1), em incessante busca por construir modos de lidar com este Outro, percebido como Real inconsistente e invasivo. A invenção de línguas próprias, o uso específico de objetos, a repetição e os duplos podem denotar modos de existirem no mundo, na tentativa de se inscreverem num significante e se defenderem do Outro tomado como Real desenlaçado do Simbólico.

### 2.4.3-O sentido

Lacan assevera, “encontrar um sentido implica saber qual é o nó, e emendá-lo bem graças a um artifício” (1975-76/2007, p. 71). No enlace entre o Imaginário e o Simbólico localiza-se o sentido, *ex-sistente* ao Real, há o corpo que fala. É o sentido que confere consistência imaginária ao Simbólico com seu furo, respondendo à falta do Outro, substituindo-o, pelo fato de não haver o Outro do Outro.

O Simbólico - que se funda por elucubração de *lalíngua* - trabalha por meio dos deslizamentos significantes, no equívoco, e obtém significação pelo enlace ao registro Imaginário, o qual opera por representações, semelhanças e dessemelhanças, engendrando um sentido entre os termos significantes, de um ao outro. Lacan situa que o efeito de sentido não é Imaginário, nem Simbólico, mas Real, delimitando, ao máximo, o que pode ser o “Real de um efeito de sentido” (1974-75, 11/02/75), conferindo amarração ao impossível do Real, ao que repete e retorna ao mesmo lugar. Um dos registros se encontrando em relação aos outros dois é o que pode produzir um “efeito de sentido”.

Nos autismos, pode-se constatar a presença predominante do Imaginário em certos momentos. Utilizando de uma linguagem sígnica, o autista pode criar uma *língua do intelecto* e uma *língua privada*, ambas sem a enunciação, como aponta Maleval em “O autista e sua voz” (2009/2017, p.118). Não se trata de fazer o uso da linguagem de forma enlaçada ao Outro, permitindo o deslizamento significativo que opera em torno da falta e equivocação simbólica. Trata-se de conceder sentido às coisas num modo particular de significação, não partilhado, não cedendo ao gozo vocal, mas tentando inventar um mundo organizado, que o proteja do angustiante Real.

Este modo de funcionar próprio do autista denota, entretanto, uma tentativa de construir um modo específico de ser no mundo, através das semelhanças e dessemelhanças ofertadas pelo Imaginário, parecendo buscar conferir sentido ao disperso e inominável do Real. O autista faria, assim, a economia do funcionamento simbólico ao dar prevalência ao signo e não ao significante.

## 2.5-A tríade freudiana em nomeações: Real, Simbólica e Imaginária.

O nó borromeano proposto por Lacan, a partir de 1972, trouxe uma formalização à noção de objeto, e aos registros Real, Simbólico e Imaginário. O ser falante está constricto num espaço e no tempo e, por isso, ocupa lugar não em três dimensões, mas em *dit-mansões* (casas do dito) que se inscrevem no nó (LACAN, 1974-75, 14/01/75). Por meio deles é que se pensa o psiquismo (PORGE, 2010, p. 9).

Para distinguir os registros no nó, conciliando-os, Lacan acrescentou a noção da *nomeação* (1974-75) - antes da noção de *sinthoma*, quarto elo - como aquele que enlaça e dá nome. Em *RSI*, Lacan propõe uma articulação entre as três *dit-mansões* aos registros clínicos freudianos: inibição, sintoma e angústia. Deste modo, prefigurou-se “a operatória do nó borromeano” (DAFUNCHIO, 2010, p. 151). A tríade freudiana adquiriu funções nomeantes.

Lacan denominou o sintoma como nomeação do Simbólico, a inibição como nomeação do Imaginário, e a angústia como nomeação do Real (Lacan, 1974-75, 10/12/74). Eles operam, realizando intrusões centrípetas, ou seja, dirigindo-se ao centro do nó, ao objeto *a*, e invadindo um o campo do outro.

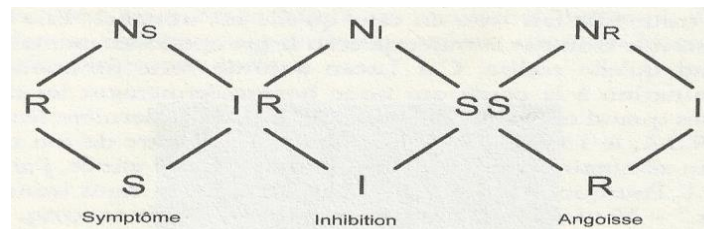
A nomeação é um acontecimento de dizer, um dito simbólico em um ato contingente que se associa à *ex-sistência*, nomear (*n'hommer*) que não significa definir, mas denota “uma operação rica de sentido” ao homem, implicando o “desdobramento do real” (PORGE, 2010, p. 33-4). Distinguiremos e relacionaremos as *dit-mansões R.S.I.* às nomeações da tríade freudiana buscando localizar as manifestações clínicas no autismo.

## 2.6-O quarto elo

O quarto elo borromeano proposto por Lacan vem sobrepor-se ao que Freud pretendeu situar ao localizar o pai. Lacan no *Seminário RSI* (1974-75, 14/01/75) salienta que o atamento a mais (+1) da nomeação é o que conferirá a consistência ao nó, e que para se distinguir os três anéis é preciso um quarto (15/04/75). Esta marcação borromeana notada pelas nomeações é o que conferirá sentido ao nó borromeu realizando um nó a quatro. Neste nó a

quatro, dois pares de anéis se conjugam, duplicando, de forma que cada um pode se colocar em relação àquele da nomação.

**Figura 48 - Nomações**

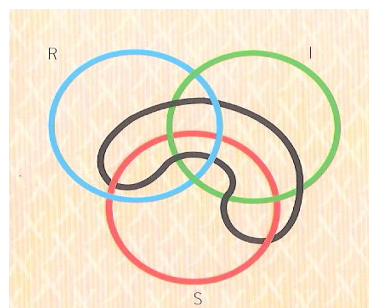


**Fonte: Bousseyroux (2014)**

O quarto elo presentifica a existência de uma dimensão nomeante completa, tornando compatível e contável o sentido metafórico do Real com sua natureza tripla e fora do sentido. Os três círculos homeomórficos resolvem, em parte, a contradição da nomeação Real, pois faz consistir um Real triplo, fora do sentido de três anéis desenodados e uma dimensão de nomação. Esta confere sentido ao *R.S.I.*, de maneira que cada um pode ser tomado como portador desta função de ser, ao mesmo tempo, nomeante e nomeado. O quarto anel nomeia uma relação incluída no Real do nó dentre os três.

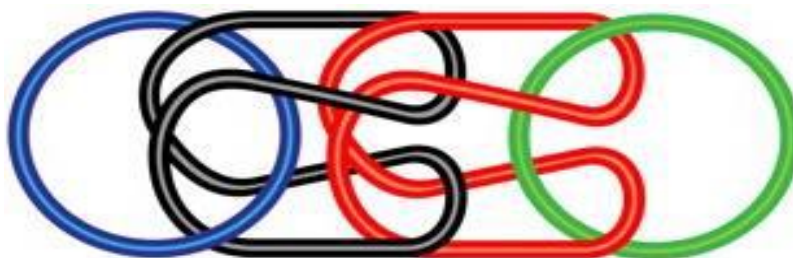
É o quarto anel que faz consistir a triplicidade do nó, tornando-o enodado, em caso contrário, os anéis se mantêm dispersos. Ele assume a “impossível conjunção de uma disjunção” (PORGE, 2010, p. 34). Real, Simbólico e Imaginário são os primeiros nomes do pai e o quarto elo vem decretar a nomação a partir destes três registros, atrelados à inibição, sintoma e angústia (LACAN, 1974-75, 13/05/75). O quarto elo possibilita diversas combinações de enodamento denotando a singularidade dos sujeitos:

**Figura 49 - Quarto elo**



**Fonte: Belisário (2010)**

Figura 50 - Nó estirado de quatro elos



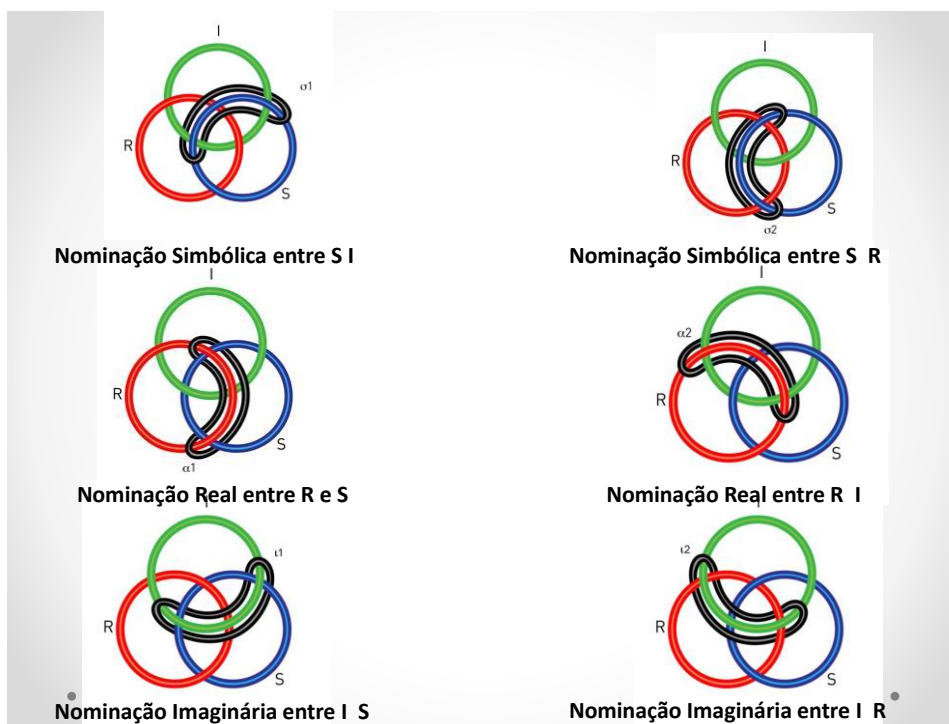
Fonte: Capanema (2015)

Figura 51 - Nomações R, S e I

S	$\sigma$	IR
S	$\sigma$	RI
R	$\alpha$	IS
R	$\alpha$	SI
I	$\iota$	RS
I	$\iota$	SR

Fonte: Capanema (2015)

Figura 52 - Diferentes posições do quarto elo engendrando distintas nomações



Fonte: Capanema (2015)

Na particularidade da clínica com crianças consideramos que o processo de constituição ainda não se concluiu, e o quarto elo implicaria na passagem adolescência, no encontro com o real do sexo, desde que já tenha ocorrido o primeiro tempo de constituição dos Nomes do Pai (R.S.I.). O *sinthoma* viria como solução reparadora ao lapso no nó. Entretanto, na singularidade dos autismos, seu modo de invenção pouco conta com os artefatos simbólicos que a criança incorpora do Outro. Longe de se configurar como o *sinthoma*, entretanto, concebe e pratica uma *invenção* não negligenciável.

## 2.7-O Simbólico

O Simbólico é constituído pela linguagem e pela suposição de que *há lalíngua* (Lacan, 1972-73/1982). *Lalíngua* é um termo forjado por Lacan (1972-73/2008, p. 149) para designar uma primeira marca, o primeiro modo pelo qual a linguagem afeta o *infans*, antes que este possa lidar com a estrutura da língua e diferir seus elementos. Trata-se do modo como a linguagem ressoa singularmente no corpo do *infans*. É por meio de *lalíngua* que primeiro vai se observar “o nó do sujeito com a língua” (PORGE, 2006, p. 116).

A introdução de um saber que ex-siste, que se enquista sem que se saiba em que consiste (Lacan 1974-5, inédito), foi nomeada por Lacan como *lalíngua*, atestando que um corpo esteja não apenas vivo, em movimento, mas erogeneizado. Alojando o recalcado, *lalíngua* é o precipitado do rastro do sujeito na nuvem de significantes. Nela, age o gozo do não-sabido do qual se extrai a diferença dos significantes que se instauram em torno dela, como saber (Lacan, 1982/1972-3). É sob essa forma mais próxima possível da lalação que Lacan nomeou o modo como a linguagem intervém, sempre ressoando no corpo.

A linguagem não é feita de palavras, mas da ligação entre elas, contendo um meio, estabelecendo e escoando o sentido. A condição de oposição e encadeamento dos elementos da língua só advirá posteriormente ao usufruto de *lalíngua*, na primeira identificação. O balbucio e a tagarelice do bebê são estruturados pelo modo como a língua materna foi veiculada e pelas trocas que permitem, com o adulto, nas escansões de sua prosódia. Do enxame de significantes que povoam o universo do *infans*, uns se destacam e se diferenciam, permitindo articulações a outros numa constelação de letras tensionadas que vem conferir um saber distinto da língua materna. É a partir daí que o *infans* poderá servir-se do campo

Simbólico que lhe preexiste para constituir-se como “elucubração de saber sobre *lalíngua*” (LACAN, 1972-73/2008, pg.149), em torno do furo de *lalíngua* no simbólico, no qual uma língua, sempre equívoca e não-toda, se desdobra. Nesta, um significante reenvia a outro significante, produzindo significação. Tencionam-se, assim, a unicidade do que se repete (o real), um funcionamento na língua (o simbólico) e a consistência de uma unificação do corpo (o imaginário) que encurralam o que há de mais singular do sujeito: o *objeto a*.

A marca da alteridade inscrita no corpo atesta que algo foi escavado, introduzindo no campo do Outro a rasura do sujeito, que é um furo no Outro. Essa rasura, também marca a presença do sujeito no Outro, deixando seu resto no vivente, assim fisingando o ser a assimilar um saber outro que o aparelha, na tentativa de recuperar algo perdido, separado do corpo (Lacan, 2005/1962-3, p. 242). Resíduo de gozo sobrevivente, excluído do campo significante, ele mobiliza o desejo (Lacan, 2005/[1962-3, p. 262) distinguido como o “objeto causa de desejo”. O objeto *a*(*pressado*) revela esta determinação temporal.

Lacan (2008/1968-9) diferencia a incorporação simbólica do vestígio do traço unário e a reflexão imaginária como sendo da ordem do signo, na medida em que aí a criança representa algo para alguém. Considerando que o suporte desse vestígio é o “*em-fôrma* de A” (p.304), ele destaca as diversas formas pelas quais esse vestígio que marcou o sujeito é apagado por ele, formatando o Outro. Pelo modo como o sujeito aborda tal vestígio, o sujeito *enforma* o A em *objetos a*, contrastados dos significantes, também do Outro. O conjunto desses objetos que repercutem uns sobre os outros substituem o vestígio e constituem a constelação que define a presença do Outro (p.306): olhar (fresta que se abre), voz (escansão da linguagem), seio (resíduo da demanda ao Outro) e o excremento (dejeto cedido ao Outro), que suportam o sujeito.

Como vimos no primeiro capítulo, a separação decorrente do processo de alienação ao Outro, implica a queda do objeto *a*, da qual advém o sujeito atravessado pelo desejo, que é defeito de realização. No autismo, a relação ao Outro encontra especificidades: a criança resiste a incorporá-lo, implicando que esses objetos não sejam daí extraídos. Portanto, recusa ativa a assimilar o Outro, atesta que o Outro é tomado maciçamente como real intratável. Contudo, para além do que o autista pode conter do que toma como invasão do Outro, vários são os acontecimentos que nos permitem supor alguma ressonância do Outro sobre ele: seja no próprio mutismo que salienta essa recusa, ou na verbosidade, no uso de frases ou cantigas de modo reprodutivo. Se o objeto voz não foi extraído, constata-se que algo do Outro é



colocado, pelo autista, a serviço do gozo vocal (MALEVAL, 2009/2017), ex-sistente a função de comunicação. Evidencia-se, portanto, que o trabalho psíquico realizado pelo sujeito autista com esse objeto pode efetuar um *bordejamento* do laço mínimo ao campo social.

É do registro Simbólico que o sujeito pode advir. É dele que se discerne o ser do Outro, pela negativa que o situa como um sujeito, donde é representado pelo discurso e pelos significantes, sendo a fala o elemento que Lacan designa como essencialmente humano.

Será pela metáfora que a função de criação do significado terá lugar na substituição entre significantes (S'/S). Ela é um advento da significação, um efeito de criação que se produz com uma substituição de significantes. O signo (+) manifesta o franqueamento da barra, a passagem do significante ao significado, e o valor constituinte desse franqueamento para a emergência da significação. O fato de haver passagem significativa ao significado não implica que a barra desapareça. Uma barra continua a separar o significado como limite. Esse duplo movimento corresponde ao *fading* do sujeito, momento em que o sujeito busca uma significação pela demanda ao Outro, e a mensagem que encontra é que ele também é faltoso, e ele pode se perder, se desvanecer com a falta do Outro. O franqueamento de uma significação denota a entrada do significante no sujeito.

O Simbólico é o que faz a ligação entre elementos (nem sempre significantes) tomados do campo do Outro, franqueando seu discernimento. Na incorporação simbólica, o sujeito mantém-se sempre evanescente, posto que limita-se a operar a remissão entre significantes, só existindo numa rede de articulações a partir das quais ele se faz enunciador. Definindo-se a partir da negativa ou afirmativa de uma inscrição significativa, o sujeito pode, então, se engajar no laço social.

A noção do nó borromeu permite considerar que o sujeito pode operar sem esse discernimento operado na circulação na língua, como é o caso dos autistas, o Simbólico pode ser tomado ora como puro Real, inassimilável, angustiante – que só pode ser excluído; ora como Imaginário, por meio do estabelecimento de paridades sgnicas. Estas operam como defesa ao real do Outro, ou seja, assumem lugar de impedimento e evitação, sem que o sujeito precise recorrer a uma descarga motora. Ainda que para este sujeito os registros não estejam enodados ao modo borromeano, eles coexistem, mesmo estando, o sujeito, fora do discurso, como são os autistas.

Lacan reconhece Saussure como o fundador da linguística enquanto ciência, com sua definição axiomática do signo, e a remaneja, considerando o sistema inconsciente. Os termos, significante e significado, datam dos estoicos e da Idade Média (Agostinho), de onde Lacan retoma o seu verdadeiro sentido, o de que um significante só obtém seu sentido em sua relação positiva com outro significante, na frase, e não quando no seu estado de negatividade, sozinho, é tomado isolado.

O termo “*linguisteria*”, neologismo criado por Lacan, transita entre *linguagem* e *histeria*, língua inscrita no corpo do falante (PORGE, 2006, p. 87) após retomar a teoria do signo de Saussure, do fonema de Jakobson, e dos estudos sobre a língua pelos estóicos e da Idade Média. Lacan reescreveu o axioma saussuriano, colocando a primazia do significante sobre o significado (com a fórmula: f(S)1/s). Ao propor que há deslizamento entre significante e significado, fundando o Simbólico, Lacan retira a incerteza incessante do significado sob o significante, como Saussure antes propusera. Ultrapassa a lógica do signo, que “*representa alguma coisa para alguém*”, com a lógica do significante, que “*representa um sujeito para outro significante*”.

Neste ponto, o significante se constitui enquanto reduzido a elementos diferenciais, como os fonemas, e se compõe segundo as leis de uma ordem fechada, pela metáfora e pela metonímia. O que conta é a oposição binária entre dois significantes, sendo que um se define por oposição ao outro. Lacan o coloca como significante invisível, tal qual a diferença sexual, pois não escrito na diferença homens/mulheres. Este significante que produz o significado que ordena e institui uma disputa entre homens e mulheres é o falo, pois engendra um enfrentamento entre *tê-lo* ou *sê-lo* e, a partir daí uma ordenação, uma significação.

É no Simbólico que podemos ver funcionar a metáfora e a metonímia. Lacan estabelece uma homologia entre estas duas grandes operações de composição do significante, à condensação e ao deslocamento apresentados por Freud. A metáfora se conjuga à condensação, esta não é idêntica à metáfora nem a uma simples substituição, apesar de ser por meio da substituição que se realizará a metáfora. Interessa notar que, em 1970, Lacan (1970/2003, p. 415)<sup>51</sup> considerava que o efeito de condensação é diverso, pois parte do recalçamento, mas traz o reaparecimento do impossível (do Real), enquanto a metáfora produz um efeito de sentido, uma passagem do significante ao significado. Na condensação, o efeito de “não-sentido” não é retroativo no tempo, como é o Simbólico, mas atual, do Real. A

---

<sup>51</sup> Lacan, J. (2003). Radiofonia, In. Outros escritos, 1970, pg. 415.

metáfora produz uma condensação quando opera a serviço do recalçamento, tal como nos sonhos. O Simbólico aparece, portanto, nas operações do Inconsciente, conectando-se ao Imaginário pelos seus efeitos de sentido bordejando o impossível do real.

Podemos notar, no uso que o autista faz da dimensão simbólica, que ele escava o real delimitando unidades. No entanto, estas não suportam o risco de equivocidade exigindo a redução de tudo que a implique. Portanto, seja a prevalência tanto de um código fixo, que sustenta uma relação imediata com as coisas do mundo, em biunivocidade circular e recíproca; seja a continuidade entre a representação e o representante da representação, atestam que o campo simbólico não opera atrelado à dimensão Imaginária (que o significante, como semblante, franqueia) nem ao Real (que o furo da impossibilidade simbólica organiza e concatena). Hipotetizamos que, no autismo, uma recusa ao significante em sua função de semblante, que lhe permitiria ser vergado em vários sentidos, demonstra que a restrição do uso da linguagem à função de código interdita a produção da mensagem. Real, Simbólico e Imaginário estariam soltos, portanto, mantidos em distensão (VORCARO, 2015; NEVES e VORCARO, 2016).

### *2.7.1-O sintoma enquanto nomeação do Simbólico*

A noção de sintoma, na obra de Lacan, sofreu diversas mudanças. Sob o viés do estruturalismo, com a primazia do significante, o sintoma fora tomado como metáfora a ser interpretada. No percurso de seu trabalho, passando da clínica estrutural para alçar a topologia, ao atrelar o sintoma ao registro Simbólico - a partir da triádica perspectiva freudiana das manifestações clínicas, quais sejam, inibição, sintoma e angústia - Lacan não deixou de apontar que há no sintoma uma relação com os outros registros, não apenas com o Imaginário, mas, em especial com o Real.

Ao final da obra, o sintoma ganhou novo equacionamento. Para distinguir *R.S.I* no nó borromeano, Lacan salientou que quando enodados apresentam-se homólogos, um podendo ocupar o lugar do outro e, por isto, quase não seriam discerníveis, exceto quando tomados em separado, fora do nó. Ainda que fosse proposto fazer a distinção por cores, esta alternativa não solucionava a questão da distinção da escrita dos anéis. O que Lacan (1974-75, 15/04/75)

apontou como solução foi o quarto elo, que dirá como *sinthoma*, aquele que faz o “nó borromeu a quatro”. Ele diz,

É preciso que se possa retirar um real para a prova de que o nó é borromeano e que estão ali as três consistências mínimas que o constituem. Em três não se sabe nunca qual das três é real, e é por isso que é necessário que sejam quatro, pois o quatro é o que, neste anel duplo, suporta o Simbólico daquilo porque ele é efetivamente feito, a saber, o Nome do Pai. A nominação é a única coisa de que estejamos certos fazer buraco (1974-75, 15/04/75).

Situa-se no início do ensino de Lacan, em *A instância da letra* (1957/1998), que o sintoma, tal qual Freud, era tomado como uma metáfora, efeito de significação de uma produção inconsciente. A formação do sintoma, nos termos freudianos, consiste numa operação de repressão do *eu* ao sinal da angústia, engendrando um processo patológico (FREUD, 1926/2014, p. 20). Contudo, Freud apontou que pode haver relação entre as manifestações clínicas, e mesmo a inibição pode funcionar como um sintoma. Quando sua função se limita, a inibição pode operar de modo a inibir a angústia e, assim, interrompê-la. A formação do sintoma fóbico, como no *caso Hans*, em que Freud (1909) analisa a fobia em um menino de cinco anos, se forma quando diante da angústia de castração uma inibição de seu movimento é ativada e o sintoma surge. No *Seminário, livro 10, A angústia* (1962-63/2005, p. 19) Lacan apresenta concordância com Freud, e diz que “estar impedido é um sintoma. Ser inibido é um sintoma posto no museu”.

O sintoma seria a configuração do substituto de uma satisfação pulsional que não ocorreu e “se articula por representar o retorno da verdade como tal na falha de um saber” (LACAN, 1966/1998, p. 234)<sup>52</sup>, somente sendo interpretado na articulação significante.

Porge (2010, p. 24) situa que há uma virada teórica em que Lacan colocará o sintoma não como totalmente ligado a substituição significante, tal como o Nome do Pai não caberá como todo da metáfora.

Em 1971, no *Seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante* (1971-72, 16/06/71), Lacan coloca o Nome-do-Pai como uma função pai que não necessariamente se enquadra na metáfora paterna, em que alguém assume posição de responder nomeando, como pai falante.

No *seminário 21: Os não tolos erram* (1973-74), Lacan situa o sintoma entre os registros Simbólico e Real, pois não se trata mais do sintoma metáfora, mas do sintoma letra e

---

<sup>52</sup> Lacan, J. (1998). “Do sujeito enfim a questão”, In. *Escritos*, 1966.

dos efeitos de gozo. Há um ponto de gozo e de Real no sintoma. Neste seminário, Lacan traz à tona o invariável da estrutura, enquanto mais tarde, no seminário sobre *O sinthoma* (1975-76/2007), ele assinala que o quarto elo pode fazer variar o modo de atar as *dit-mansões* (conforme mostrado no item 2.6). Assim, ele atenta para a errância da estrutura e como o sujeito é tomado pelo equívoco de suas errâncias, ou seja, de seus percursos e pela repetição.

Em *A Terceira* (1974/1981, p. 11), Lacan afirma, “chamo de sintoma aquilo que vem do Real”. Para além da noção da função do significante representar um sujeito para outro significante, o autor (*idem*) faz uma abordagem mais ampla do sintoma:

O deciframento se resume ao que faz a cifra, ao que faz o sintoma, é algo que antes de tudo não deixa de se escrever do Real, e que ir cativá-lo até ao ponto onde a linguagem pode equivocar-se é ali pelo qual o terreno está ganho em meus pequenos desenhos, sem que o sintoma se reduza ao gozo fálico (p. 21).

Nesse momento, Lacan salienta que o sintoma não se reduz à significação fálica e se escreve do Real, ao que faz cifra e carece de deciframento, ao que toca no Simbólico, porque transporta significantes, os quais funcionam com a premissa da equivocação em que um significante se diferencia dele mesmo. O sintoma é carregado de cifras inconscientes, de *lalíngua*. Esta representa articulação do saber inconsciente onde o Real do corpo fala desenlaçado, pelo Real do qual goza.

Lacan (*idem*, p. 12) compara o sintoma com a relação entre o escravo e o mestre (S<sub>1</sub>-S<sub>2</sub>). O sentido do sintoma como sendo Real, aquele que impede de o mestre saber a sua verdade (\$) e ser notado. O escravo, diante disso sofre, mas, sobretudo, goza da sua posição sintomática (*a*).

Em *RSI* (1974-75), Lacan salienta que o Simbólico consiste em torno do buraco. Ele afirma que, “a função do dizer vem da *ex-sistência* do nó” (15/04/75), funda-se no buraco, constituído pelo Simbólico que ata um número de consistências que começa com dois. Ele afirma, “o par é sempre desatável, sozinho, a menos que esteja atado pelo simbólico” (15/04/75). Lacan salienta, ao final desse seminário, que é no buraco do Simbólico que consiste o interdito do incesto, o qual ele denomina como o Nome do Pai, o Pai que nomeia. É o Nome do Pai, enquanto o que faz nó, que identifica a triplicidade do nó. A metáfora paterna passa a ser interrogada: “qual a *erRância* da metáfora?”<sup>53</sup>. Ao final ele conclui como sendo o

---

<sup>53</sup> Esse modo de grafar o termo errância, fazendo sobressair o R, real que ela inclui é construção de Porge (xxx), que seguiremos.

sintoma limitado, pois que se liga ao corpo Imaginário, e também ao Real, em relação ao Inconsciente. O sintoma carrega consigo uma parte do Real.

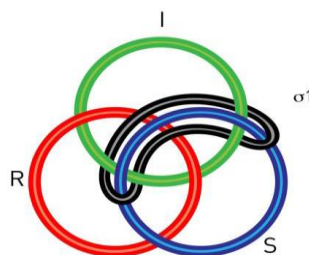
Neste seminário, Lacan (idem, 10/12/74) aponta logo de saída, o sintoma como um efeito do Simbólico no Real e, por isso, é possível intervir sobre ele. Sublinha que o sintoma já fora tratado por Freud e Marx para designá-lo como um signo de que algo não caminha bem no Real. O Inconsciente responde pelo sintoma e pode reduzi-lo no nó enquanto Real, refletido no Imaginário, pelo número de inscrições realizadas, ele “é um contador”, diz Lacan (14/01/74).

Desta premissa, Lacan apresenta o Inconsciente do Um ( $S_1, S_1, S_1, \dots$ ), como enxame de significante, em que a letra se remete a ela mesma, sem compromisso com a significação. Capanema (2015) esclarece que,

A operação, a partir desse inconsciente de Uns que produz o sintoma, foi nomeada “tradução” ou “escritura”. O sintoma assinala o que do inconsciente pode ser traduzido por uma letra. Tratando-se do significante que não remete a nenhum outro significante, puro significante que se repete no Real, arrancado traumáticamente da aprendizagem que o sujeito sofre de uma língua entre outras, da “lalíngua” — do inconsciente enxame de Uns que, por essa operação, se tornam letra do sintoma (p. 98).

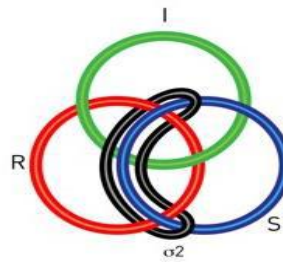
O sintoma apresenta-se como uma parte de Real que escapa à metáfora, denotando uma letra de gozo (Real), uma parte não toda fálica, repetição, fruto do encontro do ser falante (*falasser*) com o trauma de *lalíngua* (Simbólico) e com o impossível da escrita da relação sexual (PORGE, 2010, p.48). A parte obscura do próprio sujeito se revela no sintoma, com a repetição de um saber do qual não tem conhecimento, mas sofre suas conseqüências (LACAN, 1974-75, 21/01/75). Portanto, o sintoma é ligadura da nomenclatura Simbólica com o registro Simbólico, quer dizer, ele duplica a função nomeante do Simbólico *ex-sistindo* ao Real.

**Figura 53 - Nomenclatura Simbólica entre S e I**



**Fonte: Capanema (2015)**

Ou

**Figura 54- Nomenclatura Simbólica entre S e R****Fonte: Capanema (2015)**

Interessa notar que esta imagem mostra os registros soltos e só se enodam pela nomenclatura sintoma. A nomenclatura vem corrigir o lapso do nó, fazendo limite entre as dimensões.

Desta perspectiva, a de que o paradigma do sintoma foi modificado com a topologia borromeana, como não estando restrito a uma substituição de significantes, pode-se pensar que haveria um “sintoma no autismo”? Seria ele o gozo do Um? Mesmo estando os anéis não atados como nó borromeu, não havendo se enlaçado nos tempos de constituição, uma sutura, ou uma sobreposição do registro Simbólico sobre o Real seria possível?

Alguns autistas (WILLIAMS, 1994; GRANDIN, 1999; NOTOMB, 2003) conseguiram formular por meio da escrita em suas publicações autobiográficas, o que vem do Real. Conseguiram, assim, extrair o objeto *a*? Cedendo ao gozo da voz à fala e à escrita, conseguiram, a seu modo, sair do puro enunciado e inventar um novo saber com o gozo do Um e, com isso, diminuindo a angústia frente ao Real.

Podemos supor, a partir do que mostrou Deligny (2008) que, mesmo sem operar com narrativas, ao operar o simbólico como real ou como imaginário, o autista faça, com seu corpo, um modo de cifragem – com o qual responde ao Outro. Portanto ele escreve, mesmo que seu escrito possa ficar perdido no deserto do laço social. O discurso analítico poderia apreender esse escrito?

## 2.8-O Imaginário

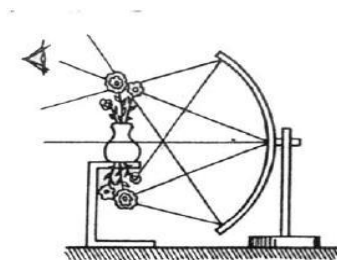
O registro do Imaginário, implica a consideração de *haver semelhanças* (MILNER, 2006), conferindo consistências e instituindo laços, ao mesmo tempo em que faz supor que há dessemelhante. Para que um ser seja tomado como possível e representado, o Real aparecerá como o seu oposto impossível. É o Imaginário que instaura o espaço e o tempo, determinando a forma como acontecimento possível. Lacan propõe, no início de sua obra, a partir dos textos “Para-além do princípio de realidade” (1936), “O estádio do espelho como formador do eu” (1949), “O tempo lógico e a certeza de asserção antecipada” (1945), transpor a noção de Imaginário para além da noção do eu. O eu se localizaria no centro do sistema Percepção/Consciência, organizado pelo princípio da realidade, advindo como uma instância dotada de desconhecimento e inibição.

É no estádio do espelho que o ser falante receberá sua primeira nomeação pela constituição da unidade de seu corpo, antes de ter maturidade, consistindo sua existência (LACAN, 1974-75). Esta noção de unidade e consistência é o que conferirá ao nó não se dismantelar, ao sujeito, não se desagregar, mantendo uma continuidade. Como vimos, anteriormente, é a consistência do Imaginário que faz com que cada anel se mantenha fechado, completo, sem falta, cada um é *uno* (DAFUNCHIO, 2010, pg. 209).

O experimento do buquê invertido demonstra a formação de um *eu primitivo*, entre a clivagem do dentro, incluído (*Bejahung*), e o fora, rejeitado, expulso (*Ausstossung*). Na figuração do espelho ótico (abaixo), a caixa representa o corpo, as flores, as pulsões e os objetos, e o olho, o sujeito. Trata-se de uma demonstração da transição entre as dimensões do Imaginário e do Real na economia psíquica (LACAN, 1953-54/1986, p. 95-6). Esta aventura inicial de formação do humano na experiência do que “*se vê, se reflete e se concebe como outro*”, que não ele, será essencial para a estruturação da fantasia de um sujeito, que se antecipa ao domínio motor efetivo. É preciso que o olho esteja bem posicionado, dentro do cone do espelho, senão ele nada verá da imagem senão somente o Real em sua forma bruta: só o vaso, ou só as flores sozinhas. Será que o autista estaria situado fora do cone do espelho, vendo o mundo a partir do Real desatrelado do Imaginário?



**Figura 55 - Esquema simples da imagem do buquê invertido**



**Fonte: Lacan (1962-63/2005)**

No *Seminário, livro 10, A angústia* (1962-63/2005) Lacan elucida que o Imaginário detém o desdobramento infinito do Simbólico por meio da inibição.

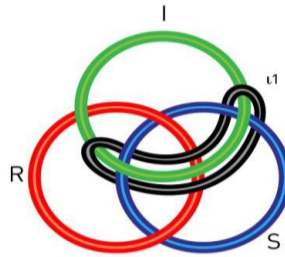
### 2.8.1-A inibição como nomeação do Imaginário

A inibição é uma nomeação do Imaginário. É a nomeação do Imaginário que advém sobre o Simbólico, permitindo, a ele, entrar no nó pelo impedimento ao deslizamento sem fim da cadeia significante. A inibição funciona como ponto de estofa dessa cadeia, pela produção dos efeitos de sentido (DAFUNCHIO, 2010, p. 208). Pode-se entender que o Outro exercendo função nomeante imaginária promove, no sujeito em constituição, o enlace ao Simbólico.

É a nomeação imaginária que vem conferir lógica ao sujeito diante do outro, inibindo-se em determinadas situações que tenham relação com a imagem. É a inibição que possibilita a constituição do corpo, da imagem corporal e do *eu*.

A inibição é um movimento que parte do *eu*, cujo propósito é o de evitar ou antecipar o impedimento do desencadeamento da angústia no próprio *eu*. Freud (1926/2014, p. 14-19) situa que uma inibição prevalente pode levar o sujeito a estados depressivos, e na melancolia, quando mais grave, o sujeito permanece imóvel diante de muitas situações, impedido de sair da centralidade de si mesmo, sua libido concentra-se só no eu. A inibição é a defesa mais radical que o sujeito articula diante da angústia.

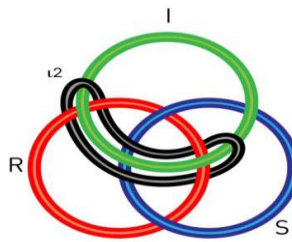
**Figura 56 - Nomenclatura Imaginária entre IS**



Fonte: Capanema (2015)

Ou

**Figura 57 - Nomenclatura Imaginária entre IR**



Fonte: Capanema (2015)

Poderíamos vislumbrar uma perspectiva de que, em certos casos de autismo, essa modalidade de funcionamento do registro Imaginário seria sua resposta para sobrepor-se ao insuportável Real que ele encontra no Simbólico. Ou, dito de outro modo, o autista operaria preponderantemente com o registro do Imaginário para lidar com o Real, sem distinguir o registro Simbólico que, neste caso incidiria com a mesma estranheza do Real? Pode-se constatar que o autista ao evitar o balizamento simbólico, faz do duplo a imaginarização do simbólico porque toma o Outro como absoluto, como real. Colocando-se em posição de recusa da concatenação simbólica, o imaginário prevalece, de modo tal que o autista fixa-se em  $S_{1s}$  não admitindo resto em sua relação ao Outro.

Vale, entretanto, ressaltar que o autista se serve do imaginário para também estabelecer relações sígnicas que preservam, no representado, algo do objeto que representa. Ele não apaga a coisa, mas a mantém de modo cifrado.

## 2.9-O Real

O Real é o que escapa ao Simbólico e ao Imaginário situando-se mais além, é o que *há* (MILNER, 2006, pg. 7) *ex-sistindo* ao sujeito por ser o campo da impossibilidade e do irrepresentável. O Real é o indistinto e o disperso. O seu efeito é que há: fora-de-espço, fora-de-tempo e fora-de-acontecimento. O Real (PORGE, 2006, pg. 119-122) concerne ao ponto de encontro falhado com a realidade, ao que não funciona, ao que se cruza e retorna ao mesmo lugar. Está vinculado à repetição da busca do objeto perdido, perturbando as relações entre o dentro e o fora, criando uma exterioridade íntima, uma *extimidade*, tal como diz Lacan. O Real participa da determinação do sujeito em tudo o que essa determinação pode ter de exterior a ele. Parece estar em contraposição com a realidade, contudo, é justamente por ela que o abordamos, ou aos seus fragmentos, uma vez que o Real não constitui um todo, é um “bagaço da realidade” que não se liga a nada, está “excluído do sentido”, “impensável”, em suma, “o real é o impossível”. (LACAN, 1964/1998).

A partir da *Traumdeutung* de Freud, Lacan (1964/1998), atenta que os sonhos podem evocar o Real enquanto hiato entre os significantes, diante da realidade no despertar, havendo um encontro faltoso com o indizível. Lacan retoma, também, as elaborações de Freud acerca do aparelho psíquico. Como vimos no Capítulo I, em uma carta a Fliess, de 6 de dezembro de 1896, Freud esboça um psiquismo em forma de estratos, contendo inscrições, situando-o entre a percepção e a consciência. A primeira apreensão que o ser teria da realidade se faria com a presença do *Nebenmensch*, pelo complexo do Próximo, primeiro objeto de satisfação, e, também de onde se situa o primeiro objeto hostil, *das Ding* (Coisa) que não é representável, escapa à memorização e às ligações que formam representações. Este resto faz parte do investimento da realidade, constitui-se como primeiro exterior do sujeito, “o Outro absoluto do sujeito que se trata de reencontrar, não é a ele que reencontramos, mas às suas coordenadas de prazer” (Lacan, 1959-60/1997, pg.69). Partindo da composição da realidade psíquica, *das Ding* aparece como instância Real na teoria freudiana, o “fora-do-significado” (idem, pg.71), e será justamente a partir dele que o sujeito estabelecerá uma relação que conserva sua distância e se constitui num mundo de relação anterior ao recalque, num afeto primário. O que é excluído parte de uma subjetividade, e se transforma alhures. O axioma lacaniano “o que

*fora rejeitado no simbólico retorna no real*”, de forma alucinatória, denota que a exclusão de um significante do Simbólico é constitutiva do Real.

Realizando um salto, e conjugando à topologia, Lacan dirá a partir do *Seminário 21, Les non dupes errent* (1973-74, 15/01/74), que “triplo é o Real”, o Real do nó. Porge (2010, pg. 31) acrescenta que o Real se apresenta quando os anéis estão livres, sendo tudo antes do enodamento, em que se encontram separados, empilhados, sendo impossível saber do que se trata antes do enodamento. Seria esta asserção uma indicação da condição das dit-mansões no autismo? O próprio psicanalista o afirma, dizendo mesmo que, no autismo, “os anéis estão esparsos, reduzidos à sua linha de existência. Simbólico e Imaginário tornam-se reais, impossíveis de articular, reduzidos ao simbolicamente real e ao imaginariamente real”<sup>54</sup>.

Em *RSI* (1974-75, 18/03/75), Lacan situa o Real como o impensável, como o nó suposto como sendo do Real, determinado como *ex-sistência*, no modo como cada anel *existe* ao outro. Em *A Terceira* (1974/1981, pg. 9-10) Lacan delimita o Real como o que não cessa de repetir e retornar ao mesmo lugar. Algo anteriormente tratado no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998) quando retomou *tiquê* e *autômaton* de Aristóteles. O Real, em *A Terceira*, é o impossível, é o que não se fecha, é o que se encruzilha como num carroto, em que não pára de se repetir travando a marcha. Neste “retorno”, o Real se descobre como o lugar do semblante, e que não se pode instituir pelo Imaginário. O semblante é o que ocupa espaço no discurso. O Real é da ordem do impossível de modalizar, não é o mundo das representações, não é universal.

Como da ordem do impensável, o Real constitui-se como inacessível ao sujeito, e que, no entanto, o atravessa.

Consideramos que os autistas podem tomar o registro do Imaginário como instrumento privilegiado para lidar com o mundo, principalmente para esquivar-se do laço e da partilha implicada no Outro. Parece-nos que o imaginário da esquiva que presente seu engolfamento estaria em função de barrar o inapreensível e intransponível real. Tratar-se-ia, portanto, de lidar com o mundo a partir da imediatez perceptiva desatrelada da tela simbólica do mundo. Nessa situação, o que é capturado do campo simbólico seriam fragmentos coagulados em signos fixos como se fossem pedaços esparsos arrancados do Real. Assim, o reencontro da diferença entre significantes, dada na articulação do funcionamento significante dos eixos

---

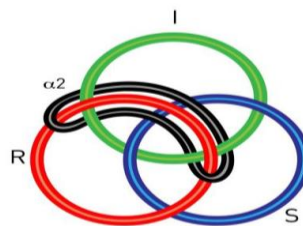
<sup>54</sup>Porge, Erik. *Lettres du symptome*, 2014, p. 29, livre tradução.

sincrônico e diacrônico do significante, não seria admitido, pois esta extensão causaria sua desagregação.

### 2.9.1-A angústia como nominação do Real

A angústia é a nominação do Real: quando acontece o transbordamento do Real sobre o Imaginário, ele adentra ao Imaginário. É a angústia que avisa o sujeito da presença de um perigo por meio de uma experiência corporal de tamanha magnitude que ao sujeito, tudo o que esperaria é se preparar para fugir de algo do qual nem sabe dizer. Como se o interior do corpo ficasse em evidência, ao avesso, com um “nó na garganta”, o sujeito sofre sensações inexplicáveis, às quais não consegue conter, mas precisa dela escapar.

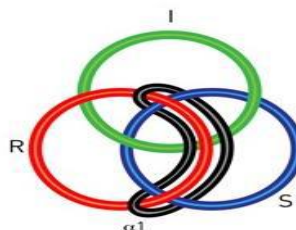
**Figura 58 - Nominação Real entre R I**



Fonte: Capanema (2015)

Ou

**Figura 59 - Nominação Real entre R S**



Fonte: Capanema (2015)

A angústia caracteriza-se por um avassalador Real sobre o corpo, tornando-o *existente* ao próprio sujeito. Ele não reconhece o que lhe afeta, nem sabe dizer o que lhe causa grande tormento. Por isso, a angústia se apresenta como algo invasivo sobre o Imaginário, em que a imagem narcísica se desfigura, podendo mesmo se desagregar. Dafunchio frisa que, “há uma irrupção do Real do corpo sobre a imagem narcísica” (2010, p. 214). A psicanalista lembra que a angústia, deste modo, tem estreita relação com o gozo do Outro, sem barra, sem

limites, em que a falta faz falta. A falta da barra do Simbólico. A angústia, assim, seria a incursão de um gozo.

Como vimos, Lacan (1945/1998) explanou sobre o ato a partir dos três tempos lógicos, instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir, salientando a função da “pressa angustiante” de concluir o tempo de compreender. O sujeito se antecipa em concluir pela presença da angústia.

Nas neuroses, Freud (1925/1976) afirma que a angústia tem relação estreita com a castração, ou seja, com a lei e o desejo. Contudo, ele apontou que nas situações traumáticas, pode ocorrer um desenlace entre o *eu* e a castração e acontece um transbordamento de uma angústia maciça de morte. O ataque de pânico é um exemplo de que o sujeito fica à mercê do Real sem suporte Imaginário. O *eu* se encontra desagregado, e ele tem a impressão de que vai morrer (DAFUNCHIO, 2010, p. 149).

Nos autismos, podemos constatar que algumas crianças utilizam de recursos, chegando a construir artifícios para lidar com o mundo e suas diversas situações que se lhes apresentam como invasivas e angustiantes. O uso do objeto autístico seria o de servir como suporte, como anteparo psíquico, fazendo suplência ao *eu* não constituído e assim ele faria uma “carapaça protetora” (TUSTIN, 1972). O objeto autístico passaria a funcionar como objeto que faria enlace ao Imaginário, mantendo uma alienação ao Outro por meio desse objeto.

Com a perspectiva trazida por Lacan, de que a angústia tem relação com o gozo do Outro e gera um desarranjo narcísico, constata-se a eleição de um objeto empírico, privilegiado pelo autista em certas condições, aponta um modo de resposta ao Outro.

Esta saída inventiva diante do Outro, que ele nota como gozador e invasivo (MALEVAL, 2009/2015) articula-se num modo de operar sobre o objeto. Nisso que chamamos de construção, está em geral implicada a delimitação de um movimento que perfaz um circuito. Portanto, eles parecem alinhar uma borda na qual se inserem para suportar o que percebem como alteridade real.

## CAPÍTULO III – OS NÓS DO(S) AUTISTA(S)

### 3.1-Topologia lacaniana e clínica com crianças autistas

As crianças autistas atestam uma modalidade de constituição psíquica própria. A clínica e a pesquisa psicanalítica, com estas crianças, têm interrogado e, muitas vezes, demonstrado a impossibilidade de restringir sua complexidade a estruturas fixas ou a conceitos prévios, que impedem a consideração do que cada caso comporta de singular.

Podemos supor que o recurso lacaniano à topologia e aos nós implicou em grande avanço relativo à psicopatologia psicanalítica que delimitara o diagnóstico estrutural em três classes distintas: Neurose, Psicose, Perversão. Nesta classificação, a neurose foi privilegiada como modelo de subjetivação, sendo as demais compreendidas como fracassos da neurose. Entretanto, a concepção de *corte* e *vizinhança* contida na topologia lacaniana franqueou a localização de distintas e móveis modalidades de enodamento entre os registros subjetivos: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Permitiu, ainda, conceber como possíveis, modalizações subjetivas diversas que ultrapassam a noção de déficit em relação à neurose, insistente nas categorias da psicose e da perversão. Nessa direção, hipotetizamos que o autismo evidenciaria uma modalidade específica de subjetivação, em que a *resposta* que define o efeito sujeito estabelece, como defesa, um modo de articular as “*dit-mansões*” (LACAN, 1972-73) psíquicas não enlaçadas borromeamente. Isso quer dizer que as mesmas *dit-mansões* estão presentes em qualquer ser falante, não sendo apagadas por produzir distintos modos de atar ou por não estabelecer atamentos borromeanos.

Tal como se constata em qualquer sujeito, a organização defensiva adquire especificidades, o que exige ultrapassar a contraposição entre normal e patológico (CANGUILHEM, 2002). Assim, consideramos os lapsos do nó, ou seja, o estatuto de fracasso ou de falha no enodamento dos registros RSI que se reconhece em todo sujeito, inclusive na neurose. Esta questão tem sido tema de discussões em psicanálise acerca da constituição psíquica no autismo e, especialmente na diferenciação com a psicose (JERUSALINSKY, 1984; VORCARO, 1999; BERNARDINO, 2004; LAZNIK, 2013; MALEVAL, 2009; BARROSO, 2014; LAURENT, 2015; LEFORT & LEFORT, 2017), que mantém até hoje níveis diversos de indiferenciação teórica.

Os paradoxos existentes entre as hipóteses psicanalíticas de *condição estrutural de um sujeito* (CALLIGARIS, 1989; BERNARDINO, 2004) promoveram uma problematização em psicanálise acerca da fixidez estrutural que classificaria o sujeito segundo a perversão, a neurose ou a psicose (VORCARO, 2015). Em contrapartida, a atenção a esse paradoxo tem engendrado uma mobilidade em relação ao entendimento da constituição subjetiva. Formalizar a clínica com crianças em posições subjetivas específicas, como as ditas autistas, exige considerarmos a topologia, ou seja, a relação temporal-espacial entre as *dit-mansões*: Real, Simbólico e Imaginário.

A topologia lacaniana permite compreender a afirmação paradoxal de Freud de que o inconsciente é atemporal, pois ainda que este se constitua num tempo, bem como as suas formações, ele é cortado, amarrado, no lugar onde cada elemento está presente na sincronia (DARMON, 2015, p. 16). Tal topologia considera a linearidade (espacial) da cadeia significante que, numa temporalidade lógica, se inscreve ou é cortada sobre uma superfície constituída por uma rede de vizinhança. O nó borromeano foi privilegiado por Lacan (1972-73/1982) para esclarecer esta topologia, cujas deformações obedecem à constância de sua estrutura nodal. São os modos de atar que vão variar, a despeito do que há de invariável na estrutura.

Os movimentos da criança autista que escrevem o texto de sua vontade de imutabilidade não se limitam a um fluxo errante que, a despeito de partir da propulsão dada pela recusa da alteridade, serve-se dela no aparelhamento defensivo que constitui. Mesmo denotando um modo de atamento singular, não borromeano, estariam a trabalho no funcionamento autístico.

No *seminário 21, Les non dupes errent*, (1973-74, inédito), Lacan explica que o “erre”, “é algo como um embalo, o impulso de alguma coisa quando para aquilo que propulsa. Ela continua correndo, *errante*. Não é por nada que isso soa da mesma maneira que *Os nomes do pai*” (LACAN, 13/11/1973). A confusão fonemática que a língua francesa aponta, entre *Les noms du père* (Os nomes do Pai) e *Les non dupes errent* (*Os não tolos erram*) gera um insabido do qual Lacan aponta como enigma para si mesmo. Este enigma diante do “erre”, fatalmente gera em nós também uma questão acerca do autismo, que apresenta um caminhar errante e, ao mesmo tempo, atos repetitivos que denotam um percurso.



O termo “erre” em francês faz menção à errância, entre o *iterar*, *repetir* na sincronia em seus diferentes tempos lógicos e, o *itinerário* que tem relação com o *percurso* do sujeito na diacronia. Lacan (1973-74) afirma que o “erre”,

resulta da convergência de *error* com alguma coisa, que é aparentado com *errância*, com o verbo *iterare*, tem relação com viagem. É bem por isso que *o cavaleiro errante é simplesmente o cavaleiro itinerante*. *Errar* vem de *iterare* que não tem nada a ver com viagem, pois quer dizer *repetir*. Portanto, *o tolo, itera e o não-tolo seguem o caminho, o itinerário!* (Lacan, 13/11/1973).

Para Porge (2014), no autismo parece haver tipos de *errância*, de que “os não-tolos erram” e “os tolos não erram”, e nos diz que,

Com os autistas, dois tipos de “erre” parecem estar mais em conflito. Eles não se deslocam na errância da metáfora, pois não falam, ou pouco, e seus trajetos, repetitivos, não são sem consistência, coerência e, para além disso, seu comportamento e gestual induzem às metáforas. (...) As “linhas de errância” são como a escrita de um ser de rede, cujos nós estão implicados junto à criança; elas são a expressão de um “nós” aonde falta um reflexivo “se”. As linhas de errância tentam nos ensinar a ver o que não nos olha, e a nos desprender de nosso eu. (...) Os autistas, não-tolos da metáfora, erram, mas não de qualquer jeito. Essas linhas de errância são como pedaços de fios de um nó borromeu desfeito, cujos anéis estão esparsos, reduzidos à sua linha de existência. Simbólico e Imaginário tornam-se reais, impossíveis de articular, reduzidos ao simbolicamente real e ao imaginariamente real (p. 28-9).<sup>55</sup>

Se há uma lógica nas “linhas de errância” que a criança autista opera, podemos pensar que ela busca fazer algum nó por meio de seu itinerário, do que, errando à deriva reitera o mesmo, tal qual adverte Lacan? Afinal,

*os não-tolos* são aqueles que se recusam à captura do espaço do ser falante, que *se protegem de toda liberdade de ação*, há alguma coisa que é preciso saber imaginar, é a absoluta necessidade não de uma errância, mas de um erro (LACAN, 1973-74, 13/11/1973).

No *seminário 22, RSI* (1974-75), Lacan afirma que não ser enganado, *não-tolo*, é ser o primeiro a ter as consequências do errar, “mas esse errar, é a nossa única chance de fixar o nó, realmente em sua existência, pois ele é só *ex-sistência* enquanto nó” (LACAN, 08/04/75). A errância, neste contexto, tem sua função no nó.

O termo, “linhas de errância”, foi proposto pelo poeta Fernand Deligny (2007) para denominar os trajetos singulares efetuados pelas crianças autistas que acompanhou em Cévennes, na França, entre os anos de 1969 a 1972<sup>56</sup>. Porge (2014) retoma este trabalho e o analisa frisando que a caminhada repetitiva percorrida pelas crianças, diariamente, observada

<sup>55</sup>Porge, Erik. *Lettres du symptôme*, 2014, p. 28-9, livre tradução.

<sup>56</sup> Deligny, F. *L'arachéen et autres textes*, edição estabelecida e apresentada por Sandra Alvarez de Toledo.

e traçada por Deligny, produziu, ao final, um mapa semelhante a uma teia de aranha, como réplica visual dos traçados das crianças. Para este escriba atento, tais traçados denotavam um modo próprio de *ser autista*, que na ausência da fala, faria deste percurso uma escrita, cujos *entre-nós* fariam conjunção com a implicação dos adultos com as crianças, convocando-os a olhar para além do que previamente se pode ver. Janmari, uma criança citada no texto, revela ser redescoberta para além de seu balanceio, em seu trajeto costumeiro, como uma criança que escolhe passar perto das margens de um rio para olhá-lo.

Assim, vemos que um olhar atento faz perceber as “linhas de errância” do autista como sobreposições de linhas que revelam “pontos de nós” imantados enquanto “linhas de existência”, esboçando uma “escrita aracnídea” na ausência da fala (PORGE, 2014, p. 30). Portanto, o balanceio e a escolha por passar por perto de um rio não acontecem à revelia. Deste modo, os anéis que parecem estar esparsos - Real, Simbólico e Imaginário - sem estarem enodados, reduzem-se ao real das linhas de existência, que parecem esboçar algum tipo de trabalho de torção, superposição, deslizamento entre os anéis, ou corte em sua estrutura.

Os percursos de outros autistas e a efetuação de todo seu trabalho psíquico nos dão mostras disto. Poderíamos formalizar o autismo enquanto um tipo particular de enodamento, de sustentação desatada ou de sobreposição das *dit-mansões*.

A especificidade da topologia do sujeito no tempo de sua constituição acrescenta outras questões à estrutura topológica do nó borromeano. Isto porque as operações constitutivas do sujeito sofrem a incidência da diacronia determinante da anterioridade da operação de alienação em relação à operação de separação, que não pode ser negligenciada em proveito da estrutura sincrônica do nó já estabelecido.

Na criança, a estruturação do psiquismo está em “*porvir*”, ou seja, em tempos em que o enodamento ou o não enodamento dos registros Real, Simbólico e Imaginário serão estabelecidos. Situamos, no capítulo anterior, a incidência da temporalidade no deslocamento entre os registros na especificidade da topologia dos nós e das tranças, contando com as elaborações de Marc Darmon (1994), Fabián Schejtman (2013) e Porge (2014), feitas a partir do que foi sustentado por Lacan (1971-72, 1972-73, 1974, 1974-75, 1976).

Nos distintos modos de *se fazer* com a linguagem é preciso que a criança constate que o desejo indeterminado próprio a linguagem (CALLIGARIS, 1989) lhe diz respeito: ela não é

nada sem essa escolha, não é nada por causa dessa escolha e que o Outro pode querer perdê-la. Entretanto, renúncias e fracassos de crianças *se fizerem* com a linguagem nos interrogam, conduzindo-nos a considerar o modo pelo qual o sujeito, como efeito (e não uma substância) da linguagem e da fala, está ligado ao ser vivo (SOLER, 1997); ou seja, como um *sujeito insubstancial da fala* está ligado à *substância de gozo*. Fazer-se com a linguagem implica *mudar algo na substância de gozo do vivo, operando com a linguagem, que não tem substância*. As operações de alienação e de separação, que destacamos anteriormente, mostraram que o sujeito do inconsciente nasce no destacamento do intervalo vazio entre os significantes, em que a criança reencontra sua perda de ser na incompletude do Outro: trata-se da incidência do Real sobre o Simbólico, ou seja, na interseção que baliza o sujeito no intervalo entre significantes, que funda a metonímia do desejo. A perda que afeta o sujeito e o Outro permite a subtração de gozo com a coisa e intimam ao desejo, que vem do Outro.

O estatuto da resposta que a criança encontra para a interrogação: “*o que isso quer? Pode perder-me?*”, localizam uma posição em que ela se situa em relação ao Outro. Lacan depreende a série de casos em que o sujeito não encontra essa posição intervalar entre significantes: “quando não há intervalo entre  $S_1$  e  $S_2$ , quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar” (LACAN, 1964/1988, p.255).

Além da psicose, da debilidade e dos fenômenos psicossomáticos, incluímos nessa série, o autismo (VORCARO, 1999), desde que consideremos a especificidade da tomada do campo simbólico pelo autista, na medida em que ele trata a linguagem, não em sua estrutura simbólica mas, privilegiadamente, no registro do Real. Isso não implica que, mesmo assim, algo do simbólico ali comparece, como evidencia seu modo sgnico de operar com os elementos do mundo. Em vez de tomá-los no estatuto significante (em que estes são representados e substituídos por um sistema de correlações simbólicas em que sua materialidade se perde, como vimos, a palavra é a morte da coisa), para o autista os elementos do mundo mantêm seu resíduo por meio do signo que com eles tem relação binária.

Especificando a condição do sujeito na representação, o funcionamento significante implica que o sujeito é representado de um significante para outro significante ( $S_1 \rightarrow \$ \rightarrow S_2$ ). A existência da holófrase nas posições subjetivas acima apontadas implica a inexistência de um sujeito dividido pelo significante, pois o significante ( $S_2$ ), que permitiria sua representação a partir de um significante ( $S_1$ ) comparece de um modo singular. Mesmo que a intrusão do

lençol da linguagem no vivo tenha feito sua marca, na cena do mundo, ela não se encadeia ao *vir-a-ser* do sujeito: ilegível, ela beira o deserto. Parafraseando Lacan (1998/1975), podemos afirmar que a chuva de linguagem que atravessou a peneira do corpo deixou algo na passagem. Entretanto, essa marca - o traço unário - que inscreveria o sujeito, está fora de ação, posto que se mantém desarrimado de uma série significativa qualquer, impedindo que a criança brinque com os detritos da linguagem por meio dos quais ela faria laço social. A lógica da *alienação* ao campo da linguagem, e seu resto, a *separação* que permite a função da fala, mostra, na holófrase, que as operações de *alienação* e de *separação* podem ser disjuntas, já que a separação pode, aí, não ter incidido.

Vale lembrar que as considerações posteriores de Lacan (1972-3/1982) sobre *lalíngua* especificaram a língua como inteiramente holófraseada, conferindo à holófrase o nome de Um, S<sub>1</sub> sozinho (Laurent, 1991)<sup>57</sup>.

### **3.2-As vicissitudes da não extração do objeto *a* no autismo**

Discutiremos, neste tópico, algo de fundamental importância para tentar localizar o autismo por meio do nó que ele escreve, com a não extração do objeto *a* e suas consequências para sua singular constituição psíquica. Com autores contemporâneos (MALEVAL, 2009/2017; LAURENT, 2014), faremos a exposição do uso particular que os autistas fazem dos objetos, construindo uma borda protetora com os objetos, o duplo e as ilhas de competência como solução a não extração do objeto *a* que adviria com a operação de separação.

Kanner (1943/1997) observou, em seus atendimentos, que a crianças autistas: “tem uma boa relação com os objetos; se interessa por eles, pode brincar com eles, alegremente, durante horas. (...) Quando está com eles, experimenta uma sensação prazerosa de poder e de domínio incontestáveis”. Kanner (idem) sublinha que os autistas estabelecem e mantém uma excelente, expressiva e inteligente relação com os objetos, ao que podemos acrescentar que seria por meio destes objetos que a criança autista faria uma espécie de proteção contra as pessoas, delas se defendendo, ao manterem-se restrita à relação com o objeto.

---

<sup>57</sup> Cf. Éric Laurent, O gozo do débil, em *A criança no discurso analítico*, Judith Miller (org.), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p.132.

Esta espécie de fechamento a interação social foi elemento de pesquisa de muitos psicanalistas (TUSTIN, 1972; MAHLER, 2002; BETTELHEIM, 1987), e ainda hoje, gera questionamentos e inquietações com o fato de os autistas, por seus atos, preferirem estabelecer relação com os objetos a pessoas. Como vimos, a equivocidade do campo simbólico e suas inconsistências, as demandas feitas pelo Outro (personificadas em convocações pelas pessoas), geram no autista, angústia. Por estabelecerem-se em posição de defesa à alteridade, o autista busca inventar um modo singular de se situar, por meio da construção de uma *borda* que estabelece pelos objetos.

Maleval (2009/2017) entende que os autistas ao não entrarem no circuito pulsional - em que a pulsão sai da borda erógena em direção ao alvo, contorna o objeto e retorna ao corpo, obtendo satisfação neste contorno - retêm os objetos não cedendo à sua perda, ao contrário, neles se aderem como extensões de seu corpo. Ao conservar os objetos pulsionais, por não se destacarem, o autista faz deles objetos de uso específico que funcionam como *borda protetiva* ao Outro. A clínica evidencia, contudo, que ao conceder valor e respeito ao uso dos objetos pelos autistas, não forçando sua retirada, mas valorizando e franqueando suas invenções, uma aproximação parece ser possível de se estabelecer entre eles e o campo do Outro. É o que afirma Maleval (2015, p. 27), que destaca ser por intermédio dos objetos que o autista pode se abrir para o mundo de modo que graças a um objeto peculiar, faz advir o que Tustin nomeou, em 1972, como “objeto autístico”. Esse objeto captaria o gozo do autista, em suas formas elaboradas, possuindo notável capacidade dinâmica, negligenciada por Tustin que antes o considerava um objeto patológico e não uma invenção preciosa.

Com a finalidade de estender esta discussão, propomos partir de elaborações de Lacan, advindas, principalmente, do *Seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação* (1958-59/2016), para problematizar a função do Outro no autista, considerado pelos Lefort (2003/2017) como não existente, atrelando-a a discussão sobre a não extração do objeto *a*.

### 3.2.1-O real do Outro e o objeto *a*

Considerando os últimos seminários de Lacan, o casal Lefort (2003/2017) realizou a proposição de haver uma quarta estrutura ou a-estrutura dentre as outras, psicose, neurose e perversão, com o autismo. Rosine Lefort (idem) hipotetizava que no autismo não haveria

possibilidade de fazer, do Outro, um portador do objeto, pois o Outro não seria admitido nem como o da psicose, configurado como Outro absoluto, não barrado pela falta, mas estaria ausente. Partindo disso, interrogamos: *qual seria o estatuto do Outro no autismo?*

Não há realidade para o *infans* sem linguagem. Primariamente, a linguagem já incide no *infans* por meio dos cuidados organizados que um agente opera. Esse lençol de linguagem no meio do qual o bebê está envolvido desde o nascimento, é situado como instância simbólica, denominada Outro, que vigora antes do neonato distinguir o agente materno. O Outro será diferenciado em seu posicionamento entre dois pólos:

- *Por um lado*, na constituição do sujeito, o *Outro* é o campo simbólico, quase anônimo, presentificado entre dois sujeitos como lugar do significante, eixo propulsor da direção de sentido. A incidência do agente materno sobre o *infans* articula-se como Outro, inaugurando a lei significante, à medida que comparece em sua diferença, alternadamente como presença ou como ausência, que, fatalmente, o assujeitam (1957-58/1999, p. 194-195), recrutando o funcionamento significante. Nesse momento, o *infans* ainda não se diferenciou como *eu* do discurso, como eu latente no discurso. Ao receber a mensagem bruta do desejo da mãe, ele é tomado como objeto do desejo materno, na posição de assujeito.

- *Por outro lado*, o Outro também comparece como um ser falante de carne e osso. Trata-se do próximo [o *Nebenmensch* freudiano (1895/1976)], que agencia, primordialmente, os cuidados maternos que é o *outro*, grafado com letra minúscula (LACAN, 1957-58/1999, p. 123). Desta feita, o Outro se institui como um filtro ordenador: tanto ao promover obstáculos ao que pode ser ouvido, quanto reconhecendo as ultrapassagens à intencionalidade consciente do dito.

Em ambos os casos, o Outro visa à autenticação da mensagem emitida, operando como fiador da linguagem, submetendo-a à toda sua dialética (*idem*, p. 145). Nessa medida, torna-se um confiável. Ratificando a missiva recebida enquanto tropeçada ou fracassada, o Outro reconhece algo que excede à concatenação significante, em razão do significante jamais alcançar o significado. O Outro não é o código: intervém corporificado no outro que humaniza o desejo, operando, assim, um lastro à linguagem.

Na medida em que o bebê localiza a pessoa da qual depende, tal instância simbólica é personificada no agente de seus cuidados. Lacan (1958-59/2016) nomeou essa encarnação da linguagem como *Outro real*, na medida em que se trata não apenas de uma incidência do

simbólico, mas da operação do sujeito (a mãe) que toma as manifestações do *infans* supondo-as como índices de um sujeito, na criança. O *infans* distinguirá o personagem (*Outro real*, que proporciona satisfação) do *Outro barrado*, que se manifesta por meio de dons ou recusas. Ao demandar, o *infans* tenta *se fazer* reconhecer pela resposta do Outro, mas o significante não pode aplacar a demanda, que é infinita. Assim, o *Outro real* nada garante. Como o sujeito pode confiar no Outro real?

Mesmo sem obter a resposta suficiente, o ser falante se suporta crendo na linguagem, ou seja, mantendo a fé no Outro. Entretanto, quando o Outro falha, o próprio sujeito se apaga. Conservar-se, implica em colocar em jogo uma parte dele mesmo, já engajada na relação imaginária estabelecida com o Outro: “no lugar em que se coloca a interrogação do sujeito sobre o que ele realmente é e sobre o que ele realmente quer” (idem, p. 404) surge o *objeto a*. Para se conservar como sujeito, preservando sua vida, terá que perder uma parte dela e terá como resto de sua divisão o objeto *a*. O sujeito tenta se nomear com esse objeto, buscando situar-se na demanda que dirige ao Outro para instituir-se no discurso, no engajamento da fala. Surgido como suplência ao significante da falta, o “*a*” se institui como suporte ao sujeito quando tenta se indicar enquanto sujeito do inconsciente, buscando se localizar.

O objeto *a* é um elemento real do sujeito “como suporte que o sujeito se dá quando fraqueja (...) na sua certeza de sujeito” (idem, p. 393), em sua designação de sujeito. Ele tem relação direta com o Outro que é para o sujeito o lugar do seu desejo, lugar da fala e da falta. Pode-se constatar este resultado com a fórmula da fantasia ( $\$ \diamond a$ ), como visto no esquema sincrônico da dialética do desejo apresentado por Lacan em *O seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação* (1958-59/2016, p. 397)<sup>58</sup>:

**Figura 60 – Esquema sincrônico da dialética do desejo**

<b>A</b>	<b>D</b>
<b>Sr</b>	<b>∅</b>
<b>A</b>	<b>S</b>
<b>a</b>	<b>\$</b>
<b>A'</b>	
<b>A''</b>	
<b>A'''</b>	

**Fonte: Lacan (1958-59/2016)**

<sup>58</sup> Pode-se ver também esta discussão acerca da castração simbólica e a dialética do desejo no capítulo I, item 1.6 desta tese.

Este esquema ilustra a relação sincrônica da constituição do sujeito desejante, segundo o algoritmo da divisão subjetiva na demanda, com a barra vertical, a partir da entrada do sujeito no significante, tendo como suporte o objeto *a* na fantasia. Ressalta-se que a relação do desejo com o objeto é sincrônica, a despeito de a sua formulação parecer diacrônica e poder ser confundida com uma gênese. Lacan (1959-59/2016) explica que a relação mais primordial que se estabelece no tempo da constituição é entre o Outro, **A**, enquanto lugar da fala e em contrapartida o **D**, lugar de onde parte a demanda do sujeito.

Partindo da posição subjetiva original, **no primeiro nível do esquema, A/D**, Lacan (idem) localiza a demanda da criança **D**, desde a entrada do significante na relação com o Outro, **A**<sup>59</sup>. Trata-se do que foi nomeado como pólo quase anônimo. A sincronia da alternância significante articula a necessidade, estabelecendo sua dialética pela divisão. O Outro, **A**, é dividido pela demanda do sujeito, **D** (observa-se que a barra horizontal repete-se a cada nível, sem ser essencial, de **A** por **D**). Esta incidência primária da linguagem é observada por Lacan (idem), ao afirmar que nas formas mais primitivas da apreensão, pelo sujeito, de sua relação a outros falantes, resulta que se produza, no fim da cadeia intencional, a identificação primária, I. Esta é a primeira realização de um ideal que “não se pode sequer dizer que se trata de um Ideal do eu, mas apenas que o sujeito recebeu a primeira chancela [*seing*], *signum*, de sua relação com o Outro” (Lacan, 1958-59/2016, p. 22).

Logo abaixo, **no segundo nível do esquema, A** à esquerda, e o **Sr**, que significa que o Outro é um personagem real – como o Outro materno - que ao ser interpelado pelo bebê em uma demanda, pode dar a esta, a configuração de uma demanda de amor, **D/**, surgido na própria alternância simbolizante presença-ausência entre o *infans* e o Outro. Desta primeira relação do bebê com o outro, a mãe, seu primeiro Outro, comparece enquanto efeito da simbolização, ele se dirige a ela para recuperar sua aparição, concatenando sua ausência com a possível presença ou para fazê-la desaparecer, articulando a presença à ausência possível. Assim, a alternância significante articula a necessidade do sujeito a partir da qual o desejo será estruturado, e aparece na demanda, **D/**, demandas de amor.

O Outro, nesta perspectiva, comparece como um personagem real, que toma as demandas do sujeito à sua revelia, podendo fazer um jogo entre respondê-las ou não, ou ainda, as replicando como de outra ordem que não ao que o sujeito de fato almejava. Desse

---

<sup>59</sup>Esta incidência primária pode ser ainda apreendida no artigo *Do Outro simbólico ao Outro real*, Lucero & Vorcaro, 2017, no prelo.



modo, a demanda particular do sujeito se torna distinta da satisfação das suas necessidades. A partir de Hegel, Lacan (*idem*) salienta que, “não há sujeito, senão para um sujeito” (p. 398), ou seja, na introdução do indivíduo no processo de constituição, em sua entrada no significante, o sujeito acaba subjetivando o Outro. Portanto, sendo o Outro um sujeito real, o *infans* também se instaura como tal. A partir daí ele institui a si mesmo como sujeito numa relação renovada com o Outro, e precisa se fazer reconhecer como sujeito (e não como demanda).

A transposição da alternância presença/ausência ao valor de demanda de amor se grafa com a barra sobre o D. Incidindo como a única realidade possível para o sujeito, em que a linguagem materna é o *habitat* do *infans*, torna-se, inevitavelmente, traçada pelo engano do prazer e do desprazer que interferem na relação da percepção com a consciência. Lacan (1958-59/2016) postula que, “a realidade é estruturada como uma ficção, fundada na crença no Outro” (p. 399). Afinal, podemos supor que a fé na palavra do Outro seria o suporte da insatisfação, em jogo na eterna busca por *das Ding*, pois esta busca é crença no encontro; a despeito de estar, de antemão, fadada ao fracasso.

Temos, à direita, a primeira posição do sujeito, apreendida no ato da primeira articulação da demanda. Sua contraparte necessária é a posição do Outro real, **Ar**, enquanto todo-poderoso para responder a essa demanda. Essa fase é essencial para entender a fundação da primeira relação com o Outro, que aqui é a mãe, e onde encontramos a primeira forma de onipotência. Portanto, o Outro é o Outro real que responde a demanda (*idem*, p. 401-402)<sup>60</sup>

O **Outro real** pode agora ser visto na face que o representa, pois as necessidades do ser foram atravessadas pelos desfiladeiros do significante, introduzindo o sujeito na dimensão subjetiva do Outro. Assim, o Outro passa a ser certificado, reconhecido como um sujeito, não como demanda, nem como amor, mas tão somente como sujeito, para que o indivíduo se instaure na qualidade de sujeito. O sujeito terá que distinguir o **Outro real**, capaz de proporcionar satisfação, do Outro barrado, objeto simbólico, que se manifesta por meio de dons ou recusas. Ao ultrapassar a demanda e o amor, o sujeito tem que se fazer reconhecer enquanto tal por esse Outro, aí encarnado por um sujeito. A demanda, contudo, é infinita, e o significante não pode aplacá-la. O **Outro real** apresenta-se sem conferir garantias ao sujeito.

Como o sujeito pode confiar no Outro real? Lacan (*Idem*) introduz a máxima “não há Outro do Outro” (p. 399) para dizer que não existe nenhum significante que o ratifique numa

---

<sup>60</sup> Lacan coloca o ‘S’ em lugar do que, no esquema, está a demanda barrada, facilmente compreensível na medida em que, tal como a mãe, substitui a demanda(D/) pelo próprio sujeito (S).

série concreta de significantes, de tal modo que o sujeito, mesmo exigindo uma garantia, numa resposta de verdade do Outro, este não tem como responder ao sujeito, pois é barrado, também se constitui como falta.

É o que encontramos no **terceiro nível do esquema**, vemos o **A**, lugar da falta, já como lugar da fala - distinto do Outro real - diante do qual o sujeito, **S**, terá que se situar. Situado no nível do significante, o Outro barrado se manifestará através de dons ou recusas a partir da falta fundamental. Nessa primeira posição de possível sujeito, no esquema pelo **A/S**, ele é apreendido como sujeito no Outro na medida em que este o suponha como sujeito: “esse algo primitivo que se estabelece na relação de confiança. Em que medida e até que ponto posso contar com o Outro?” (LACAN, 1958-9/2016, p. 403).

Assim, ao interrogar e notar o Outro como sujeito (**Outro real**), a própria criança constituir-se-á um sujeito, desde que seja reconhecido pelo Outro, descrito, então, pelas letras, **A/S**. O sujeito procura se apreender além da fala que vem do Outro. Nessa busca, o sujeito encontra o abismo com a falta incógnita. Trata-se do “vazio do Outro, lugar infinitamente, mais temível, já que é preciso alguém nele” (LACAN, 1961-62/2003, p. 116).

Ao propor-se como olhado pelo Outro, respondendo em nome de uma tragédia comum, o sujeito interpelará toda a intenção deste Outro, sua boa ou má fé. Assim, ele é colocado em suspensão como **S**, ou “*Es*” da fórmula freudiana, o *Isso*, sob uma forma interrogativa, estado nascente desde que o Outro o responda, e o faz para além da demanda, da fala.

Caso não seja possível se localizar a partir da falta do Outro, **A**, e nem se fazer reconhecer por ele, o *infans* restará como sujeito “não-constituído na neurose” e, o Outro, só será percebido como real. Nesse caso, o Outro real será tomado pelo *infans* como Real, onipotência avassaladora, todo poderoso, não barrado, seja por não responder a demanda do sujeito, seja por responder exorbitantemente, ou intrusivamente. Descomedido, ou seja, sem lei, o Outro assim concebido pelo *infans* ganha estatuto de Real. Pode-se pensar, desse modo, que no autismo o Outro real está presente, não o Outro da fala, da falta. Por isto seu sistema psíquico funciona sem utilizar as marcas significantes advindas dos signos do Outro simbólico, passíveis de serem encadeadas, cifradas numa ordem Simbólica que ao serem atrelados ao Imaginário, engendram sentido. Este Outro barrado faz falta de tal modo que ao permanecer como Real, não cifra nem decifra as relações significantes que traduziriam o indizível e impossível Real.

É preciso que o Outro da fala tome o *infans* como sujeito para que ele se constitua. Será a partir desta primária relação da criança ao Outro que ele fará sua primeira aparição enquanto sujeito. Lacan (1958-59/2016) chega a dizer que aqui está a base do que fará a instauração do motor da repetição e do que rege a entonação inconsciente. Assim, o cotidiano da análise ensina que, “a questão de saber se o sujeito pode ou não contar com algum Outro é o que determina o que encontramos de mais radical na modulação inconsciente do paciente, neurótico ou não” (idem, p. 403). Enfim, o sujeito dependerá da “boa vontade” do Outro. Mas, reconhecendo o Outro, pode se constituir. Demarca-se, portanto, a **quarta etapa do esquema: a/\$**. Quando o sujeito falante surge enquanto marcado pelo significante, dividido de si mesmo, busca encontrar a resposta à sua questão diante do Outro, contudo:

Em que medida e até que ponto posso contar com o Outro? (...) é justamente esta a interrogação em torno da qual gira um dos conflitos mais primitivos da criança com o Outro. (...). Aí está a base, e não numa pura e simples frustração ou gratificação, em que se instauram os princípios de sua história; aí está o motor do que se repete no nível mais profundo de seu destino; aí está o que rege a modulação inconsciente de seus comportamentos. (LACAN, 1958-59/2016, p. 404).

A despeito de o Outro ser incompetente para responder, o ser falante se suporta crendo na linguagem, fazendo vigorar a fé depositada no Outro. No momento do *fading* do Outro, o próprio sujeito se esvanece. Para Lacan, todo o ser falante suporta-se por meio da crença na linguagem, a despeito da incompetência do Outro, enquanto corporificado, para fazer vigorar a fé nele depositada. Assim, não há como escapar do momento de *fading* do Outro, no qual o próprio sujeito se esvanece. Diante da carência na ordem dos significantes para responder à demanda do sujeito, a criança constata que o Outro não é todo, e lhe falta potência para suprir sua demanda. Assim, a falta no Outro coloca em questão a demanda que este direciona à criança, levando à confrontação da misteriosa pergunta: o que o Outro quer de mim [*Che vuoi*]?

Ao se fazer reconhecer como sujeito, a partir do Outro barrado, o sujeito também se marca como sujeito faltoso, \$, na falha, pela não garantia da verdade, mas pela importância em se situar. No quarto nível do esquema, teremos o *a*, objeto instituído do lado do Outro como resto da operação de divisão entre o Outro (A) e o sujeito (D), resíduo à margem das demandas, representa uma falta no sujeito, como uma tensão real do sujeito. Lacan, assim, (1958-59/2016) conclui,

Isso é, se me permitem, o âmago da função do objeto no desejo. É o que aparece como contrapartida do fato de o sujeito não poder se situar no desejo sem se castrar, em outras palavras, sem perder o mais essencial de sua vida (p. 400).

Para se conservar como sujeito, preservando sua vida, terá que perder uma parte dela e terá como resto de sua divisão o objeto *a*. Engajado na relação imaginária com o outro, o sujeito tenta se reconstituir, buscando situar-se na demanda que dirige ao Outro para instituir-se no discurso, no engajamento da fala. A fantasia advém como produto final da operação em que o quociente sujeito, \$, enfrenta-se diante do resto, o objeto *a*, um sustentando o outro em um enfrentamento perpétuo entre o \$ e o *a*. Lacan o define aqui enquanto objeto do desejo, “*a*” que, entretanto, não se coapta com o desejo, entrando em jogo no complexo da fantasia, “é nesse objeto que o sujeito encontra seu suporte no momento em que se esvanece ante a carência do significante que responda por seu lugar de sujeito no nível do Outro” (idem, p. 404).

Surgido como suplência ao significante da falta, o “*a*” se institui como suporte ao sujeito quando tenta se indicar enquanto sujeito do inconsciente, sujeito na estrutura da fantasia. Correndo o risco de ter a existência anulada, o objeto *a* retém o sujeito diante da síncope. Nesse momento, abre-se, diante do sujeito, uma outra hiância, remetendo seu desejo a outro desejo: “o desejo do sujeito tem de se situar perante o desejo do Outro, o qual, no entanto, o aspira literalmente e o deixa sem recursos” (idem, p. 455). Sem poder se repousar no objeto *a*, pois neste lugar o sujeito se desconhece, ele se indica na fantasia que corta a relação do sujeito com o objeto *e*, ao mesmo tempo, indica um suporte ao desejo do sujeito (\$  $\diamond$  *a*):

A fantasia é o suporte e o índice da posição do sujeito no desejo. No começo, é a imagem do outro que constitui o suporte do sujeito, pelo menos nesse ponto em que ele se qualifica como desejo. Vem em seguida essa estrutura mais complexa, denominada fantasia (idem, p. 453).

Lacan, no *Seminário, livro 10, A angústia* (1962-63/2005, p. 115) ao retomar o objeto *a*, concebe-o como *causa do desejo*, quando o sujeito busca, no Outro, uma resposta à sua questão, encontrando a falta: “o objeto liga-se à sua falta necessária ali onde o sujeito se constitui no lugar do Outro, isto é, o mais longe possível além até do que pode aparecer no retorno do recalado” (idem, p. 121). Os objetos seio, fezes, fálico foram estabelecidos primeiro por Freud (1905), como advindos das pulsões:

A série freudiana se inicia pela definição de objeto como o que é identificado pela operação de separação do corpo em decorrência de uma perda de gozo. Seio, fezes e falo, as peças que se separam do corpo, mapeiam nele zonas erógenas e, devido à sua falta, causam um desejo que, por metonímia, dotará os objetos culturais de um valor de gozo, tornando-os supostamente complementares a essa falta inaugural do corpo libidinal (CALDAS, 2007, p. 18).

Lacan (1964/2008) acrescentou aos objetos freudianos: voz e olhar. O objeto se faz presente como substituto de gozo do corpo, ultrapassa seus objetivos, apresenta-se como resto opaco à significação, e causa o desejo não se materializando ou se reduzindo a ser um objeto causa. Na busca pelo objeto, o gozo se extrai exatamente pelo contorno realizado em torno do objeto. O desejo advém das voltas da demanda, e o objeto a ser buscado advém da falta que tenta ser suprida pela resposta às demandas.

O objeto *a* causa efeitos, como a angústia testemunha ao surgir como afeto indizível que não engana. O sujeito sem o véu da fantasia, tomado pela sua vacilação, se angustia diante do objeto e de que pode se tornar um. Ele não se explicita pela cadeia significante e surge como operação lógica na inscrição de uma letra (Lacan, 1972-73, inédito). O objeto *a* engendra duas vertentes na teoria lacaniana, que, visando a um lugar topológico, adquire duas funções: *causa de desejo*, produzindo um discurso e, *função de gozo* (CALDAS, 2007, p. 41).

Conforme tratado no Capítulo I, vimos que a constituição da realidade psíquica depende da incidência do Outro e da relação que advirá a partir do que é cifrado em funcionamento significante. Primeiro, há a marcação de um traço, traço unário, antes de qualquer outra coisa:  $S_1$  se inscreve. Somente em um segundo momento que surgirá o  $S_2$ , na afânise, *Vorstellungsrepraesentanz*, representante da representação, causa de sua desapareição (Lacan, 1964/2008). O sujeito tenta se nomear, buscando se autenticar no nível do Outro, mesmo não tendo garantias.

Nos casos de autismo, sem o intervalo que designaria o sujeito barrado,  $\$$ , engendrando o objeto *a*, o par de significantes se congela. Quando não há metamorfose do Real, ou seja, daquilo que é da ordem do impossível em significante que articularia o sujeito ao Outro, o sujeito mantém-se numa posição sîgnica, congelado no amálgama do par significante  $S_1$ - $S_2$  que terminam em perfazer o Um. Não havendo a operação de corte com a separação,  $\$$  não se configura, nem o objeto *a* extraído desta estruturação lógica, mas a condição mostrada pela holófrase.

Ao não se configurar como *mais-gozar* na triplicidade do nó<sup>61</sup>, o objeto *a* não se situa neste ponto que conferiria consistência ao nó, ponto que se reconheceria na identificação de objetos pulsionais no corpo do sujeito. Ao não distinguir e tomar posição de suporte

---

<sup>61</sup> Pode-se conferir esta discussão sobre o objeto *a* no nó borromeu no Capítulo II desta tese.

Imaginário ao indizível do Real que se enlaça ao Simbólico, nos autismos, são alguns objetos empíricos imediatos que farão o lastro da realidade com o sujeito.

Como hipotetizamos haver uma relação entre as *dit-mansões* não-atadas de modo borromeano no autismo, questionamos sobre o lugar do objeto *a* nesta constituição. Não havendo enodamento borromeano, mas possível relação de sobreposição, torção ou deslizamento entre o *RSI*, ou mesmo um corte que faça um distinto nó, o objeto *a* não pode ser situado. A psicanalista Rosine Lefort (2003/2017), ao alegar que não há Outro, no autismo, supõe, assim, que não há objeto *a*. Ela afirma que,

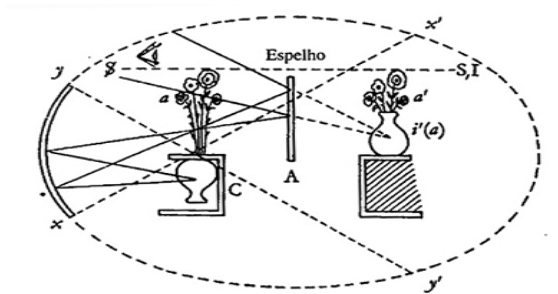
A montagem da pulsão não pode ter lugar: *o real toma-lhe o lugar* – seja o do Outro ou o do objeto, seja do sujeito mesmo. O espelho do Outro do esquema ótico – espelho sem a tintura de estanho polido no reverso, pois ele não é apenas o lugar de reflexo do corpo – não se interpondo entre *i(a)* e *i'(a)*, a passagem se faz entre dois *i(a)*. *A divisão do sujeito se faz no real do seu duplo*, no real do mesmo. (...) a imagem, então, não dá acesso ao especular propriamente dito, que conjuga a imagem reunida do corpo despedaçado, fonte imaginária da jubilação, com esta parte não especularizável no campo do Outro, o objeto (*a*) que faz alteridade deste e não a estranheza do duplo (p. 27-8, itálicos nossos).

O objeto *a* decorre da operação lógica da separação na constituição subjetiva em que o Outro aparece marcado pela castração. No instante paradigmático do estádio do espelho, o lugar *i'(a)*, no outro, encontramos a imagem refletida do sujeito certificada pelo Outro. O que Lacan (1962-63/2005) explica,

Essa imagem caracteriza-se por uma falta, isto é, pelo que é convocado aí não pode aparecer. Ela orienta e polariza o desejo, tem para ele uma função de captação. Nela, o desejo está não apenas velado, mas essencialmente relacionado com uma ausência. Essa ausência é também possibilidade de uma aparição, ordenada por uma presença que está em outro lugar. Tal presença comanda isso muito de perto, mas o faz de onde é inapreensível para o sujeito. A presença em questão é a do *a*, objeto na função que ele exerce na fantasia (p. 55).

O autista realiza o não assujeitamento simbólico de entrada na linguagem, não dando corpo à sua imagem fragmentada, desconhecida. Assim, a libido se encontra vertida de modo quase total para o seu corpo, ou ao que pode estendê-lo como seus pseudópodes (Laurent, 2014). Tornando-o “encapsulado”, não entra no circuito pulsional que lhe permitiria reduzir o auto-erotismo, mas estrutura, nesse encapsulamento, um outro circuito com outro objeto. Há, sim, uma alienação mínima ao Outro, ainda que ele a recuse.

**Figura 61 - Esquema do espelho**



**Fonte: Lacan (1962-63/2005)**

O Imaginário faz parte de uma das *dit-mansões* e “é sempre uma intuição daquilo a ser simbolizado” (LACAN, 1973-74, inédito). A imagem corporal é um processo que se antecipa, antes de o sujeito estar maduro e produzir as fantasias em torno da identificação, desde um corpo despedaçado até a uma noção de unidade do eu. O resto da relação estabelecida do sujeito ao outro se realiza em tradução de uma imagem do corpo. E é a passagem entre as *dit-mansões* que permite a estruturação da imagem do corpo à imagem especular, que não se estabelece no autismo. Não há formação de um eu e o objeto não é negativado. Afinal, é o corte realizado na separação que produz como resto o objeto *a*, vindo a constituir a borda dos orifícios corporais e suas zonas erógenas.

### 3.2.2-A construção da borda autística: os objetos autísticos, o uso do duplo, e a ilha de competência

O autista opera uma construção específica para lidar com o gozo, seja pelo primado do signo, modo particular de estabelecer-se na linguagem sem se aderir ao funcionamento do significante, seja por meio da *borda*. Tentando lidar com a angústia advinda da relação com o que lhe aparece como alteridade, localizamos o uso do duplo, dos objetos empíricos imediatos (objeto autístico) e nas ilhas de competência, na construção do Outro de síntese, como instrumentos mediadores utilizados pelo autista.

Lacan em 1964, destacou os objetos anal, oral, voz e olhar como os quatro suportes do objeto *a* no corpo. Os objetos anal e oral, estabelecidos primeiro por Freud (1905/1976), são os objetos em que o sujeito localiza como sendo: o objeto oral, tem relação com o seio, objeto oferecido pelo Outro; e ao objeto anal, situado na demanda do Outro para que o sujeito

abdique dos excrementos. Os objetos voz e o olhar são destacados por Lacan como relacionados ao desejo do Outro. Maleval (2009/2017) destaca a voz como o primeiro objeto, quando há o assentimento da criança ao Outro e incorpora a voz, encarnada na linguagem, pela operação da identificação primordial. Ao não ceder ao gozo vocal, Maleval (idem, p. 96) destaca que a identificação primordial do sujeito autista resta afetada na recusa do sujeito em fazer enunciações, que acarretaria em ceder ao Outro, nele se alienando. Sendo assim, os autistas “rejeitam toda e qualquer dependência com relação ao Outro: recusam ceder o objeto do seu gozo vocal, de modo que resistem radicalmente à alienação do seu ser na linguagem” (Maleval, idem, p. 94). Pode-se constatar tal recusa quando os autistas não fazem enunciação, não realizam a inversão pronominal dizendo em primeira pessoa, podem construir palavras novas (neologismos), podem operar uma língua factual ou língua sígnica (MALEVAL, 2012), denotando um modo singular de lidar com a voz de modo a não se engajar totalmente na linguagem, que significaria ceder ao Outro.

Alienando-se parcialmente ao Outro, o autista opera com o objeto voz como gozo, escutando os ruídos da língua e não os sentidos que podem dela se produzir, o autista pode se defender do objeto voz: tapando os ouvidos, gritando de forma a abafar a voz emitida por alguém, ou falando de forma verborrágica, enfim, mantém-se recuado a interação social, buscando modular este objeto à sua maneira. O balbúcio, neste contexto, se atrela às experiências de satisfação e sensações agradáveis, mas também às marcas deixadas pelo Outro no sujeito, como *lalíngua*, e que este sujeito apreendeu estes traços. Maleval (2009/2017) sublinha que a entrada no significante acontece quando o sujeito faz a cifração do gozo em *lalíngua*. Entretanto, para que a enunciação aconteça, é preciso que ela se ancore em *lalíngua*, sendo necessário para isto, que o sujeito abra mão do objeto do gozo vocal, algo que não vemos acontecer no autismo.

A voz e o olhar, assim, tornam-se objetos, por vezes, terrificantes, invasivos, incompreensíveis, pois não aderiram ao significante. A voz precisa aceder ao gozo vocal para ser incorporada como significante do Outro, e o olhar se conclui pela demarcação entre  $i(a)$  e  $i'(a)$ , diferença estabelecida no tempo de passagem no espelho com a fundação da imagem especular que o autista não alcançou. O significante não toma corpo, mas nele se incrusta como traço de puro gozo no Um.

Laznik (2013), ao realizar pesquisa com bebês, salienta que aqueles que vieram a se estruturar no autismo, não realizaram a *protoconversa*ção, não foram afeitos ao *manhês*, nem



respondiam o balbucio com o seu cuidador primário. Maleval (2009/2017) chega a afirmar que o autista apresenta uma:

disfunção da pulsão invocante, a qual permite que se expressem, certamente, mas que dificulta que se façam ouvir. Só chegam a isso, no entanto, por intermédio de uma relação com a linguagem mediada pelo duplo, dando origem a uma língua de signos que engendra a um prolongamento do simbólico no imaginário (p. 290).

A dificuldade do autista em generalizar ou compreender o campo emocional é recorrente. Por isso, sua constante necessidade de intelectualizar tudo, como os autistas ditos de alto funcionamento o fazem, construindo ilhas de competência a fim de ordenar e apreender o mundo caótico por meio das imagens e palavras coladas às coisas. A memorização de listas enormes, nomes de animais, placas de rua, calendários, músicas, podem permitir o acesso do sujeito autista à leitura e escrita antes da fala. Quando começam a falar, podem fazer uso de frases espontâneas, em holófrases, ou numa fala ecológica em frases escutadas de outros lugares, como de um comercial da TV que não assumem uma enunciação, mas o enunciado. Maleval (2009/2017) explica que:

Quando a identificação simbólica é débil, resta apenas a dimensão imaginária para compensá-la. O sujeito procura no espelho, então, um ponto de apoio que possa suprir o significante-mestre da identificação primordial. Porém, jamais, uma imagem – apta a se duplicar indefinidamente – teria como integrar a propriedade unária, a da diferença absoluta, que livra a identidade das capturas transativistas, ao fundá-la num traço simbólico não especularizável (p.144).

Não fazendo uso do significante, as crianças autistas percebem o mundo como estranho, de difícil apreensão e localização de um lugar próprio, testemunhando um problema para circular na linguagem, e na ausência da imagem especular que o conduz a fazer uso do duplo, que o retira da condição de solidão autística. O emprego conferido aos objetos por estas crianças pode ser o de duplicação de seu corpo, tratando-os como pedaços esparsos que se integram aos seus furos no real. Os objetos podem fazer parte da construção de sua imagem, e por isso, tem fundamental importância, funcionando como extensões de seus corpos. Numa incessante busca por fazer consistir este objeto, introduzindo-o em seu corpo, o autista faz dele um órgão que o situa numa *borda*, delimitando seu lócus no mundo por um contorno corporal com o objeto em mãos. É por meio destes objetos autísticos e do duplo que o autista pode estabelecer um vínculo mínimo com o Outro Simbólico (LUCERO, 2017; LAURENT, 2007).

O duplo funciona como uma imagem real distinta da imagem especular. O sujeito autista se vê e não se reconhece no espelho. Ao contrário, vê um outro que lhe causa estranhamento. Maleval (2009/2017), contudo, salienta que o duplo “não é um objeto estranho

e maléfico que testemunha uma deslocalização do gozo”; pelo contrário, “é um objeto familiar, sempre controlado, ou considerado como um ‘amigo’ inerente ao mundo assegurado, e do qual o sujeito se vale de bom grado para tratar o gozo pulsional” (p. 129). Por isso, o duplo pode servir ao autista como base para uma enunciação, em um “gesto-frase”, em que pode manter-se protegido da inconsistência terrificante da linguagem. O duplo, por meio da enunciação artificial, (como o robô NAO<sup>62</sup> tem atestado para muitos autistas) tem a função de controlar a interação protegendo o sujeito do desejo do Outro.

Os objetos empíricos mediadores, ou objetos autísticos, distinguem-se dos objetos transicionais. O objeto transicional foi cunhado por Winnicott (1951) evidenciando ser um objeto simbólico que Lacan (1967-68, inédito), mais tarde, localizou como denotando ser o próprio objeto *a*, produto da operação de separação. O objeto transicional aparece no primeiro ano de vida da criança funcionando como substituto do objeto oral perdido da relação com a mãe. Diante desta angústia da perda do objeto, a criança elege um objeto de seu entorno, fralda, pelúcia, bico, como substituto da mãe em que se pode obter satisfação. Em contrapartida, o objeto autístico além de persistir por mais tempo que o transicional, caracteriza-se como uma criação do próprio sujeito, que tem por finalidade não operar como substituto significativo, mas talvez funcionaria como um objeto que faz borda entre as *dit-mansions*, apaziguando o sujeito. Maleval (2009/2017) explica que ambos apaziguam o sujeito, sendo que para o autista, o *objeto autístico* constitui uma parte de sua libido e funciona animando-o, enquanto que o *objeto transicional* regula as pulsões. Para os autistas, as pulsões estão desreguladas, ela não distingue sua posição e imagem corporal ao outro, e confundindo-se no espaço, pode ficar aterrorizada ao defecar, ou ao ser convocada pelo Outro por meio da voz ou olhar. Desta perspectiva, Maleval (2009/2017, p. 164) afirma que, “a função capital do objeto autístico complexo consiste em aparelhar um gozo pulsional em excesso”.

Geralmente, na operação da separação constitutiva do sujeito, no lugar do que falta, surge o  $(-\phi)$ , significante que se localiza a partir da fenda e extração do objeto *a*, produto desta operação do sujeito ao Outro. Com o  $(-\phi)$ ,

“Ele lhes indica que aqui se perfila uma relação com a reserva libidinal, ou seja, com esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. Em suma, ele é um alimento que fica ali para animar,

<sup>62</sup> Cf. <http://www.somai.com.br/robo-nao/>

eventualmente, o que intervirá como instrumento na relação com o outro, o outro constituído a partir da imagem de meu semelhante, o outro que perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora.” (LACAN, 1962-63/2005, p. 55).

Diante de um universo de significações ofertadas pelo Outro, é o significante da falta que faz signo, barrando-o, de modo que o neurótico despenderá sua castração imaginária à garantia do Outro. O que se coloca em questão é a não relação no autismo e nas psicoses entre o objeto *a* e a falta no campo do Outro. Ele se torna um objeto de puro gozo no corpo, como disse Lacan (1967)<sup>63</sup> que o psicótico “leva o objeto no bolso”. Não estando o objeto inscrito no campo do Outro, o autista se encontra fora do discurso, à borda do laço social, sua imagem e constituição psíquica instala-se de forma congelada ao Real. Rosine Lefort (2003/2017) afirma que, “esta ausência de buraco no Outro e, portanto, da alienação ao significante do Outro que não existe, faz do duplo outro componente fundamental e estrutural do autismo. Tal ausência do significante do Outro, com efeito, exclui a identificação” (p. 27).

Lacan (1974/1981, p. 17) afirma que o objeto *a* faz a separação entre o gozo do corpo, enquanto gozo da vida, e o gozo fálico. Mesmo considerando não haver a possibilidade da construção de uma fantasmática, um trabalho clínico de montagem da pulsão com o autista pode acontecer, a partir de uma modalização do objeto, distinguindo-o minimamente do significante, de modo que o puro gozo torne-se um gozo possível (BARROSO, 2014, p. 142). Laurent (2014) salienta que “trata-se de buscar algo que permita deslocar o limite da borda autista. É só depois de uma extração de objeto que certos significantes, dotados de um estatuto especial, podem advir” (p.110). Talvez, possamos dizer que uma extração de gozo do corpo, enquanto campo do gozo, seja possível, já que a extração do objeto decorre da castração.

No encontro com o Outro, o *infans* lidará com o apagamento das marcas deixadas pelo Outro na identificação dos objetos pulsionais. A partir da referência ao significante mais primário, o *infans* pode se inscrever ao campo do Outro, subsistindo, pela inscrição do Um. O objeto *a* indica a relação dialética do sujeito ao Outro, evidenciando a pulsação inconsciente. Barroso (2014) define o objeto *a* como um furo no Outro,

Um furo com uma borda que funciona como captura de gozo, proporciona uma forma ao gozo, pois isola uma unidade de gozo em relação ao seu caráter de absolutização e infinitização. Trata-se do isolamento de zonas especiais no corpo que se tornam lugares do mais de gozar (p. 143).

De modo distinto, o caso do menino Ian (que falamos no primeiro capítulo), pode situar outras operações possíveis ao autista. Ian cede à fala, quando a terapeuta propõe brincar

---

<sup>63</sup>Lacan, J. (1967). *Pequeno discurso aos psiquiatras*, 10 de novembro de 1967. Inédito.

com ele por meio do seu objeto autístico, a “inha”, sua bolinha, que leva consigo a todos os lugares. Ao suportar manter esse objeto, agregando-o em um jogo de trocas, a criança permite-se começar a falar, ainda que de modo simples, em monossílabos. Ela concede esse descolamento, desde que se mantenha o objeto incluído. Assim, pode-se produzir um espaço topológico de tratamento que faz advir a língua falada. Do mutismo num silêncio aterrador, da angústia que o fazia cavar furos em seu corpo, Ian pode iniciar um trabalho com a presença do terapeuta como Outro simbólico furado sem ter que deixar uma parte de seu corpo, materializada no objeto “bolinha”. Talvez a extensão do laço ordinário do autista com um objeto empírico possa propiciar uma trama simbolizante por meio da qual as funções desse objeto possam ganhar outro estatuto. Entretanto, interrogamos em que medida é possível assimilar os objetos autísticos ou o duplo à função do objeto *a*.

O trabalho na clínica psicanalítica com crianças autistas considera os duplos e os objetos autísticos elementos singulares e passíveis de serem utilizados na construção de uma borda entre os registros *RSI*. O furo do Simbólico no Real do autismo, distinto do furo Real no Simbólico, como visto no nó borromeano, acarreta a ausência de limites entre as *ditmensões*, implicando a hipótese de que sua percepção se faça sem o anteparo do eu, que é uma estrutura defensiva. Dessa forma, entregue ao não-senso, o autista se sente invadido, situado num vazio de significação, como em um “buraco negro” (WILLIAMS, 1994) diante dos acontecimentos do que o cerca, dada sua condição de não atamento entre Real, Simbólico e Imaginário. Distinguir o corpo e seu funcionamento, a imagem, o outro e a linguagem falada no campo social contida de equivocações tornam-se angustiantes e impossíveis para o autista. O Real se sobrepõe ao Simbólico e Imaginário, transfigurando-os em simbolicamente real e imaginariamente real (PORGE, 2010).

Tratar o autista implica operar com a elasticidade da topologia, construindo os espaços não existentes, relacionando-os, de modo a utilizar da maleabilidade própria do nó, cerzindo bordas através dos recursos singulares dos autistas. Por estar posicionado no espaço fora do campo de visão, no espelho, implicará ao autista despender maior esforço em construir um espaço entre o que presente como fora e o dentro, devido à falta da imagem estabelecida (LAURENT, 2014, p. 97).

Vemos que o autista está em constante trabalho por construir uma topologia própria, que delimite os espaços, modulando o gozo e buscando lidar com os objetos. Podemos ler alguns de seus atos em iterações enquanto conduta *on-off*, concordando com Laurent (2014)

de que poderiam ser denominados também como *neo-fort-Da*, em que a reiteração do mesmo no gozo do Um e a utilização dos objetos autísticos e dos duplos dão mostras de toda uma batalha empreendida pelos autistas na composição de um espaço psíquico atado. Isto porque, entre o *on* e o *off*, um intervalo não se estabelece: o hífen que separa os elementos não se deixa representar, obrigando o autista a fazer-se hífen entre os dois termos. O *fort-Da* freudiano destaca-se por ser uma operação simbólica que se estabelece a partir da falta, numa alternância entre dois tempos significantes, “sumiu-achou”, estando o sujeito representado entre eles ( $S_1$ - $S_2$ ). A conduta *on-off* caracteriza-se por ser sgnica ao não rasurar a coisa que a substituiria por um significante, antes cola-o a um significado (MALEVAL, 2009/2017, p.168).

Portanto, não havendo a falta ao campo do Outro, os objetos autísticos não funcionam como os transicionais, mas eles preenchem o sujeito de modo a indicar para o autista que “o objeto *a* se encontra incluído numa borda protetora” (MALEVAL, idem, p. 188). O *objeto autístico simples* é localizado por Maleval (idem), como proporcionando um gozo autossensual, configurando um duplo em que o sujeito pode fazer retornar o gozo na borda. O autor sublinha que se esse objeto se relacionar com alguma *ilha de competência* do sujeito ou se articular ao *Outro de síntese* do sujeito, ele pode advir como um objeto autístico complexo. O *objeto autístico simples* “permanece grudado no sujeito, ele está a serviço de uma autossensualidade que o isola”, e o *objeto autístico complexo*, “afasta o gozo do corpo do sujeito para localizá-lo numa borda, que não é mais só barreira contra o Outro, mas também conexão com a realidade social” (Idem, p. 169). Podemos localizar que o tratamento psicanalítico com crianças autistas pode permitir a construção de um objeto autístico complexo para auxiliá-lo na regulação do gozo na borda, além de colaborar para o desenho de sua imagem corporal, estabelecendo uma energia libidinal.

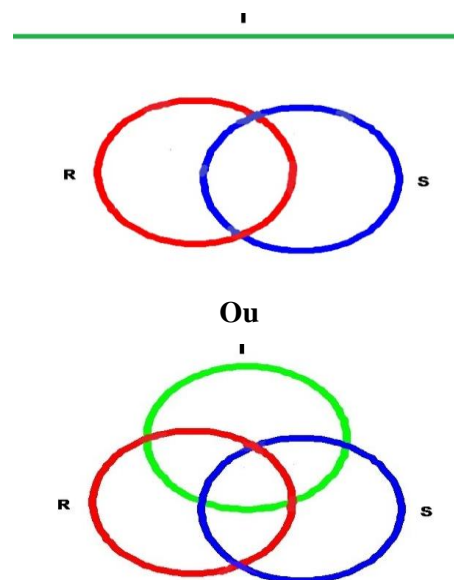
Quanto às ilhas de competência, podemos localizar os autistas que apresentam grande interesse e aptidão por determinados assuntos. As ilhas de competências são, entre os elementos da borda, ou seja, o duplo e os objetos mediadores, a mais propícia em permitir um enlace do autista ao social, pois se constituem como fontes de desenvolvimento do Outro de síntese. O sujeito autista busca construir uma modalidade de Outro, denominada por Bruno (1993) como *Outro de síntese*, que se constitui como apoio de um duplo na busca por tratar o caos. Ele pode se apresentar de duas formas: primeiro, como modalidade de “Outro de síntese fechado”, em que o sujeito dispõe de um saber único, sgnico, solidificado numa língua privada, mas que lhe referencia, sendo uma forma de estabilização no autismo. Apesar de se

tornar um *expert* num assunto, isto não contribui com a interação social, pois em geral, é uma atividade solitária, desligada do Outro, mantém o gozo autístico.

Quanto ao “Outro de síntese aberto”, é rara e própria aos autistas de alto funcionamento. Nessa modalidade, o autista consegue adquirir certo dinamismo, de modo a se adaptar às contingências, possibilitando uma abertura para a interação social, mesmo que ainda hajam dificuldades. O Outro de síntese, independente da modalidade, as crianças autistas conseguem atingir significativas modificações em sua posição subjetiva frente a alteridade.

Diante destas assertivas, com Vorcaro (2015), a hipótese de uma leitura de sua relação com a alteridade”. A autora faz a hipótese da seguinte figuração do nó no autismo:

**Figura 62 – Uma hipótese de nó no autismo: R atado ao S sem enlace ao I**



**Fonte: Vorcaro (2015)**

Entendendo que a realidade psíquica é a cifra do sujeito em relação ao Outro e uma resposta defensiva diante do que lhe concerne, pode-se pensar que o autismo constitui-se enquanto estrutura de defesa não-borromeana. Segundo a lógica do trancamento entre as ditmansions dadas pelo encontro do vivente com a linguagem, a autora sustenta que o primeiro movimento do trançamento entre as *dit-mansões RSI*, seria contemplado: haveria a incidência do Real sobre o Simbólico, destacando uma primeira marca identificatória do *infans* que, entretanto, não opera enquanto identificação por não ser fisgada e desdobrada pela

representação que a rasuraria.<sup>64</sup> Conforme a hipótese apresentada por Vorcaro (2015), no autismo, não opera o segundo movimento da trança borromeana, quando o Imaginário recobre o Real, dando consistência ao Outro que articula presença e ausência. Por meio do gozo franqueado pelo Outro imaginário, o *infans* buscaria reencontrar a homeostase. Ao não se engajar ao segundo movimento, o autista atestaria as conseqüências de uma alienação ao campo do Outro com o estatuto de Real, a que é impossível aderir para articular linguagem e corpo. Em outra apresentação deste cruzamento, teremos:

**Figura 6163 – Hipótese de nó no autismo: R atado ao S sem enlace ao I**



**Fonte: elaborado pelo autor**

Como vimos no segundo capítulo, as possibilidades de enodamentos entre as dimensões *RSI* se dão por meio de cortes e deformações contínuas entre eles. A clínica psicanalítica com autistas demonstra que mesmo sem operar um o atamento borromeano das habitações do dizer, o sujeito se sustenta. Atrelando a clínica a proposta desse nó do autismo, buscaremos distinguir como o invariável de sua constituição se apresenta na diacronia de sua experiência, em que características consideradas elementares ao autismo (MALEVAL, 2017; LEFORT & LEFORT, 2003; LAURENT, 2014; VORCARO, 1999; LACAN, 1975; KANNER, 1943; ASPERGER, 1944) não o impedem de atingir uma complexidade subjetiva.

Realizando uma associação do autismo às *dit-mansões*, Real, Simbólico e Imaginário, podemos situar suas características de: *imutabilidade* (repetição estereotipada, gozo do Um, primado do signo); *problemas com a fala* (retenção da voz, mutismo, ecolalia, voz maquínica, língua factual); *retorno do gozo na borda* por meio dos objetos mediadores, o objeto autístico e os duplos; *recusa do contato* pela incidência do real do Outro e a construção do Outro de Síntese que o defenda do mundo caótico em “ilhas de competência”.

<sup>64</sup> Conforme apresentado no Capítulo II.

- **Real:** incidência do Outro como real e invasivo, podendo acarretar crises de agressividade, de transbordamento da angústia e reproduções estereotipadas.
- **Simbólico:** Primado do Um com a elocução de uma linguagem sígnica e reiterada, *lalíngua*, sem enunciação, uso de holófrases, frases espontâneas, retenção da voz, construção de “ilhas de competência” e do Outro de Síntese, suplência ao Outro simbólico.
- **Imaginário:** Objetos autísticos, o duplo e a relação de representação signica como retorno do gozo na borda em suplência ao sistema significante e a identidade imaginária.

O não atamento entre os registros *RSI* engendra um campo *RSI* que não funciona atrelado às leis da metáfora e da metonímia, sem o estatuto do movimento significante, mas relativo ao primado dos signos, do balbucio de *lalíngua*, no gozo do Um. Sem representação imaginária de unidade, temos a imaginarização do Outro como predominantemente real.

Pode-se dizer que os objetos autísticos e os duplos têm, assim, uma vertente Real. No uso que o autista faz da língua, trata-se de um uso sígnico que opera por paridades, semelhanças e dessemelhanças e não pela primazia do significante. Desse modo, ainda que não haja atamento borromeano, existe uma relação particular entre as *dit-mansões*.

O tratamento possibilita ao sujeito autista realizar novas construções a partir do que se constituiu como alinhavo de uma fronteira. Ao ser reconhecido o esboço de borda que o sujeito demarcou, ele pode complexificá-la, construindo uma borda (LAURENT, 2014, p. 98) que funcione como litoral entre ele e o mundo. Importa lembrar, como já dissemos nos capítulos anteriores, que o tratamento psicanalítico de crianças pequenas intervém no tempo lógico da sua constituição psíquica. É o que implica que após intervenções, o quadro atual pode se apresentar de modo bem distinto do inicial, indicando que um novo agenciamento de elementos pode realizar modos de incidência e de defesa que tratam a angústia.

Considerando que esta tese buscou localizar o autismo na constituição subjetiva por meio da topologia lacaniana, podemos evidenciar que uma criança que, em princípio, manifestava sinais concernentes a um estado autístico pode fazer novos usos do Simbólico e do Imaginário, para além do inacessível e sem sentido do Real.



### 3.3-Apresentação de casos clínicos

Faremos a seguir a apresentação de casos clínicos. no primeiro deles tentaremos operar uma leitura topológica do modo como a constrição das dit-mansions RSI ali comparece. Trata-se do caso amplamente reconhecido pela clínica psicanalítica com crianças, a saber, o caso Marie Françoise, conduzido e escrito pela psicanalista francesa Rosine Lefort. Num segundo caso, conduzido por Vorcaro (2004), ensaiaremos distinguir do tipo clínico do autismo, um estado autístico definível por seu modo de apresentação em que o autismo não prevalece, orientando a direção do tratamento. O terceiro caso, de nossa condução clínica, também sublinha as dificuldades de diferenciação entre o tipo clínico do autismo e as manifestações que, aparentemente autísticas, podem nos fazer interrogar o diagnóstico.

#### 3.3.1-O caso Marie Françoise

O casal de psicanalistas franceses Rosine e Robert Lefort apresentou à clínica psicanalítica em *O nascimento do Outro* (LEFORT & LEFORT, 1951-52/1984), e, em *A distinção do autismo* (LEFORT & LEFORT, 2003/2017), a hipótese de que o autismo seria uma quarta estrutura, além da neurose, psicose e perversão, como dissemos. Devido à sua condição desarrimada do Outro, o autista se apresenta como *ser falante (falasser)* em seu *status nascendi*, sob a égide do Real (BARROSO, 2014, p. 307). Pode-se dizer que os casos acompanhados por Rosine Lefort, como os *casos Nadia, Marie Françoise e Robert*, demonstraram que antes havia o não constituído passível de se conceber. Por outro lado, esses casos nos mostram como a marca congelada de um traço acarreta consequências estruturais para algumas dessas crianças, na medida em que mesmo sob tratamento, não houve possibilidade da continuidade ao enodamento borromeano. Contudo, pode-se inferir que foram passíveis de ser tratadas, ao se produzir modalizações de nós, ainda que não-atados ao modo borromeano.

Tratam-se de casos cuja semelhança se refere ao fato de que foram crianças órfãs, estiveram institucionalizadas desde muito pequenas, sendo privadas de uma relação primária de cuidados em que a particularidade de um desejo as destacasse do anonimato. Sendo assim,

alguns casos resultaram em um estado de *hospitalismo*, como constatado em Nadia (LEFORT & LEFORT, 1951-52/1984; NEVES, 2010). Entretanto, como o relato do caso pode testemunhar, tal estado ganhou outro caminho a partir da intervenção de Rosine e da decisão da própria criança. Nota-se que a estruturação psíquica concluída pelos Lefort, foi distinta para cada caso: Nadia, como uma neurose, Robert, com uma psicose e Marie Françoise, com o autismo. A marca singular que cada uma destas crianças apresenta, em sua “insondável decisão do ser” (SAURET, 1998), reside justamente no fato de que a presença do Outro, e seu nascimento para a criança, se fez de modo singular. Ainda que as condições adversas fossem semelhantes e a analista fosse a mesma, perpetraram-se diferentes constituições.

Marie Françoise iniciou o tratamento psicanalítico com a psicanalista Rosine Lefort quando tinha a idade de dois anos e seis meses (trinta meses). Foi levada à Fundação Parent de Rosan<sup>65</sup> com dois anos, e por apresentar sintomas que concerniam, tanto ao autismo, quanto à esquizofrenia infantil, solicitaram à Rosine ver de perto a criança. Rosine frisou que Marie Françoise fora submetida a longo período de hospitalização desde muito pequena (para tratar de escarlatina por quatro vezes), e que também fora privada dos cuidados primários com os pais (era uma criança órfã). Foi alocada numa família para ser amamentada entre dez e doze meses. Por isso, a primeira hipótese que Rosine supunha para o “sintoma de bulimia”, que Marie Françoise apresentava, era a de que o Outro fora cifrado como aquele que só comparece para realizar o suprimento das necessidades do organismo e não como o que oferece o banho de linguagem por meio de um desejo particularizado.

A despeito da normalidade neurológica atestada por exame, o conjunto de sinais psíquicos apresentados por Marie Françoise eram os seguintes:

- *Recusa ativa* de contato com adultos ou crianças: seu *olhar se desviava*, tornando-se *errante*, perdido, dirigido à janela, ao vazio;
- *Relações singulares com objetos*: não os apreende com as mãos, tocando-os com a ponta dos dedos ou com o nariz;
- *Ausência da fala*, não dizia palavras, nem frases, não fazia apelo;

---

<sup>65</sup> Serviço da Dra. Jenny Aubry, onde eram colocadas crianças entre seis meses até dois anos, que foram abandonadas ou aguardavam uma adoção. Neste serviço havia uma pesquisa sobre o hospitalismo, com o Dr. René Spitz, em que Rosine Lefort fez parte.

- Sem noção do contorno da *imagem corporal*, não andava sozinha, se arrastava com as nádegas, e passava a andar com apoio somente quando aceitava o contato, balanceio repetitivo, presença de sialorréia, olhos estrábicos;
- *Explosões de cólera violentas* sem motivo aparente, batendo a cabeça no chão e emitindo gritos estridentes até ranger os dentes com rosto contraído;
- Apresenta sintoma de bulimia após ter apresentado anorexia.

Ciente de tudo isto, é notável ver como Rosine decidiu realizar os atendimentos com a criança. Mostrando-se passiva frente à Marie Françoise, Rosine calculava seus movimentos, sua posição corporal, a fala e, delicadamente, escolheu mediar a relação dispondo objetos que tivessem relação direta com o contexto de um bebê, tais como: mamadeira, prato de mingau, bombons, bonecos de borracha, cesta, uma boneca-bebê. Esse cuidado foi primordial à condução do tratamento com Marie Françoise.

A questão que a analista colocou, de saída, foi a da demanda. A comida exposta ao olhar da criança intencionava suscitar um apelo. Assim, a mensagem implícita era a de uma oferta em forma de uma “paixão desbotada” (Asperger, 1944), sem demonstrar a presença invasiva da convocação vocal. Para a psicanalista, seu ato foi primordial ao andamento do tratamento<sup>66</sup>, pois retirou a criança de uma via da necessidade para introduzir o apelo com a oferta. Isto permitiu estabelecer uma relação da criança com o outro, culminando no que Rosine chamou de o *nascimento do Outro*, que ela acredita não existir no autismo. Rosine parecia querer fazer valer a premissa lacaniana de que era preciso escutar os autistas, não se ocupando muito deles.<sup>67</sup>

Marie Françoise via os objetos à sua disposição. A cada sessão, parecia já saber quais seriam dispostos e logo descia do colo da analista e se dirigia a eles, evidenciando a vontade de imutabilidade. Ao longo dos atendimentos, a criança passou a pedir pelo colo da analista, assim que ela chegava para buscá-la. Rosine salienta que logo Marie Françoise fez dela um duplo, e não desejava estar no aconchego de seu colo, mas fazia dele o meio para chegar ao lugar desejado, pra alcançar os objetos da sala.

---

<sup>66</sup>Mas que fora interrompido antes de haver a proposta de uma alta, que Rosine justificou suspender devido a sua saída da instituição para realização de uma viagem pessoal.

<sup>67</sup> Lacan, J. (1985) *Conferência em Genebra sobre o sintoma de 4 de outubro de 1975*.

Marie descia do colo e se dirigia aos bombons para chupá-los, mas diante do prato de mingau, se excitava, balançava os braços, chegando a cuspir, como se quisesse dizer algo. Rosine parece não ter entendido este ato da criança como um apelo e só concedeu a ela o alimento quando Marie pegou na colher. Colocando-se como Outro diferenciado, um em quem Marie podia confiar, entendeu ser preciso não enfiar uma colher em sua boca, nem executar qualquer outro ato forçado, pois para ela não poderia cumprir uma “posição de nutridora”, numa função materna para a criança, uma vez que um dos problemas da criança girava em torno da querela do se deixar ou não ser alimentada. Desse modo, tentou-se estabelecer uma falta, um *gap* entre Rosine (Outro –  $S_1$ ) e a comida (objeto), introduzindo uma separação entre os termos que para a analista antes pareciam amalgamados [comida + adulto =  $S_1$ ], intencionando promover a entrada de outros significantes ofertados pelo Outro (MALEVAL, 2009).

Mantendo-se bem afastada, Rosine concebia não poder ocupar lugar de um objeto para a criança, evitando o risco de se tornar pólo de uma relação persecutória. Em contrapartida, precisava portar-se de modo passivo para introduzir o Outro simbólico, furado, não invasivo, distinto do que parecia ter sido cifrado pela criança. Assim, a holófrase poderia ser desfeita ao se destacar o  $a$  do  $S_1$  (MALEVAL, 2009). Para os Lefort (2003/2017), o autismo significa uma forclusão mais radical que na psicose, localizando-se aquém da forclusão do Nome do Pai, ou seja, na elisão do significante fundador. Desse ângulo, podemos considerar que o autista não poderia tomar a realidade como a cena do mundo enquadrada pelo Simbólico (LACAN, 1962-63/2005, p. 42-4), mas como Real e, como tal, indiferenciado e avassalador. Toda incidência Simbólica e Imaginária que o atrela ao campo realidade é então tomada como invasão Real aniquiladora. Na ausência do aparelhamento simbólico para defender-se construindo um saber, seu recurso restringe-se a fazer um furo no Real – sua única alteridade, Outro no Real –por meio da violência e destruição. De modo distinto, na psicose, teria havido uma primeira entrada no espelho, franqueando ao sujeito localizar-se na alínea,  $a - a'$ , do eixo imaginário. Por ter havido uma primeira inscrição do Outro, mesmo havendo a forclusão do Nome do Pai, o Outro também aparece como absoluto, na medida em que não há extração do objeto  $a$ . Entretanto, o sujeito psicótico reconhece o campo Simbólico do Outro e pode alocar-se como objeto que o completa.

O trabalho realizado com Marie Françoise evidenciava a alienação, demonstrando recusa ativa ao contato, além de aparentemente carecer de certas posições no espaço para se localizar. Rosine assim relata: “para Marie Françoise o mundo é para ser destruído ou destruí-

la, para Nadia, o mundo é para ser visto ou para olhá-la” (LEFORT & LEFORT, 1951-52/1984, p. 184), ou seja, a relação que as duas crianças estabeleceram com o Outro seguiam por vias distintas. Enquanto uma se serviu dos significantes ofertados, atestando a ambivalência pulsional e uma relação com os objetos, Marie Françoise mantinha-se numa defesa autística em um corpo deslibidinizado, em “carapaça”, apesar de ter iniciado o deslocamento de gozo para uma borda circunscrita, por meio do duplo.

Ao não dar de comer, antes que a criança fizesse um apelo, Rosine visava provocar a criança a se mover, a partir do seu reconhecimento da insistência de uma falta. Marie Françoise fez trocas de olhares com a analista, diante do prato de mingau, abria a boca, sem nada falar, balançando os braços. A analista não cedia, porque só entendia haver nessas manifestações a via do apelo para comer, que não se diferenciava como demanda. Podemos concluir que, a despeito de evidenciar, assim, querer comer, a criança manifestava sua disposição para receber passivamente o alimento, tal como se deixava conduzir pelo outro que a levava aos brinquedos sem, entretanto, apropriar-se do Simbólico para, efetivamente demandar ao Outro. Vale, nesse ponto, diferenciar apelo e demanda. No plano do *apelo*, a cadeia discursiva impõe sua forma, conduzindo o sujeito a uma apreensão inocente da forma linguageira. Os signos emitidos pela criança valem em relação ao mingau que representam e endereçam-se a Rosine. No plano da *demanda*, há, para além dessa primeira apreensão inocente, a apreensão do Outro, que é, então, antecipado pelo sujeito, como aquele que pode dar a resposta a seu apelo. Opera-se a primeira apreensão do desejo do Outro, na escolha comutativa que é suposta, pela criança, estar ao alcance do Outro. Na subjetividade capturada pela linguagem há, portanto, emissão, não de um sinal ou mesmo de um signo, mas de um significante, “que não vale em relação a uma terceira coisa que ele representaria, mas em relação a outro significante que ele não é” (LACAN, 1958-59/2016, p. 20).

Assim, também, ao escutar o médico no corredor, Marie Françoise pronunciou “*papa*” e deu adeus para Rosine. Passou a dizer “*não!*” para outras crianças e, logo depois, “*mamãe*” e “*mamãe-bebê*” diante do prato. Contudo, Rosine percebeu que este ato de dizer algumas palavras se generalizava para outras coisas, e não era propriamente uma fala dirigida ao Outro. A palavra era tomada como um signo e não um significante. Após ser dita, dirigia seu olhar à janela - que para Rosine se situava como “fora da cena” - e pronunciava “*mamãe*” sem olhar para a analista, levando-a a ter a impressão de que este olhar estava errante, vazio, denotando a inexistência do Outro. Laurent (2014) frisa que, “no lugar de uma imagem no

espelho que viria dar forma ao corpo, é a parede do espaço que se fecha. Essa parede é, ao mesmo tempo, a falta da imagem e o próprio espaço” (p. 99).

Evidenciando um furo no Real, sem borda, sem o contorno de seu corpo, a criança sem entrada no espelho enlaça-se à janela, cuja moldura estabelece uma borda. Esta, ao mesmo tempo, enquadra o Real como campo êtimo, e demarca, para a criança, seu duplo, na biunivocidade em que se ata à janela<sup>68</sup>.

A premissa de Rosine Lefort (2003/2017), de que “não há Outro e nem objeto *a* no autismo”, segundo a psicanalista, aparecia pelos acessos de raiva da criança:

Manifesta bem esta alternância querendo me arrancar os objetos para atirá-los longe: lápis, óculos, relógio, cabelos, quer dizer, fazer buraco no outro, num outro que aparece em seu real, absoluto, não furado, ou seja, sem nenhum lugar para o pequeno sujeito que o interroga. (p. 15)

Esse movimento de atirar os objetos ou tentar enfiá-los no corpo da analista, num corpo a corpo, demonstra que sob transferência o autista pode realizar um trabalho de tentativa de extrair o objeto furando o corpo do outro (analista). Nesse sentido, este contato corporal deve ser cuidadoso. Marie Françoise chorava e gritava ao ser manipulada, e não se acalmava facilmente com o acolhimento de alguém. Assim, a angústia invadia sem qualquer anteparo Simbólico para contê-la. Rosine não insistia, e a reconduzia ao quarto, pois sabia que para Marie Françoise, o Outro poderia ser da ordem de um “intruso intolerável” (LEFORT & LEFORT, 2003/2017, p. 15).

A entrada de um Outro assimilável, em quem a criança suporia passível de confiança, ainda que de modo mínimo, permitiu a ela começar a brincar à sua maneira. Marie Françoise passou a fazer uso de objetos que lhe serviam de mediação, como uma boneca-bebê, um marinheiro e uma cesta. Os pegava, colocava sob seus olhos, balbuciava, tentava empilhar panelinhas, encaixando-as, repetindo o movimento. Mesmo que seu brincar não fosse “funcional”, ou seja, sem realizar a construção de uma fantasia como em crianças típicas, Marie Françoise bordejou o Imaginário junto ao Simbólico, diminuindo o impacto do Real bruto. O que antes parecia estar reduzido à preponderância do Real sobre os outros registros, agora se iniciava a construção de uma borda que fazia tocar as *dit-mansões RSI* pelo uso de duplos e objetos. Protegendo-se do Outro real, a criança autista pode colocar os objetos e os duplos na função de borda, entre o Real e sua própria consistência ainda indiscriminável. Se pudermos localizar como Imaginário o que há de consistência nesse corpo, o duplo e os

---

<sup>68</sup> Em comunicação pessoal com Ângela Vorcaro.

objetos empíricos fazem, aí, função de mediar a relação entre o Imaginário (corpo próprio) e o Real. Estes instrumentos podem ser tomados como mediadores ao contato (MALEVAL, 2017), facultando um trabalho que versa o ruído gerado pelo trauma da língua e suas inconsistências.

A relação entre o Real e o significante, que advém do Simbólico, não se estabeleceu no funcionamento significante. Marie Françoise estava aquém da efetivação da demanda, congelada no tempo da privação Real, conforme vimos no Capítulo I. O trabalho com os objetos e o duplo pode promover o retorno do gozo fechado para as bordas entre os três registros.

A criança autista não vivencia a frustração imaginária que precede a castração simbólica. Ao estacionar no primeiro movimento da trança, no congelamento do traço em gozo do Um, Marie Françoise não dirigia a palavra, “*mamãe!*”, à Rosine, como Nadia fazia assim que a encontrava e a reconhecia, lhe dirigindo a palavra. A analista salienta, “a dimensão imaginária não pode existir sem a possibilidade de promover o Real ao significante, isto é, ao lugar do Outro” (LEFORT & LEFORT, 1951-52/1984, p. 212). Sem deixar-se servir do funcionamento simbólico, o que é tomado como Real não pode ser reduzido ao que há, ali, de impossível, pelos cortes que os significantes nele entalham. Na passagem ao estádio do espelho que Marie Françoise não alcançou, ela o demonstra diante do espelho disponibilizado pela enfermeira, em que olha, mas não se reconhece. Virando o espelho, procura por detrás dele, encontrar o que no Real não podia reconhecer na realidade: sua própria imagem refletida. Na equivalência entre ela e o espelho, Marie procura pelo duplo que a olha.

Supomos que a falta do enodamento entre os registros (o Real percebido, o Imaginário especular, o Simbólico do traço que a distingue) dava mostras de que Marie Françoise ficava desabilitada e sem recursos para lidar com as mudanças e acontecimentos no ambiente, enfim, ao inesperado surgido no curso da vida. Em uma sessão, ela apareceu com aspecto ruim, movimentos estereotipados e balanceio. A analista supôs ser pelo fato de ela ter faltado no dia anterior, e fala isto para a criança. Ela a olhou e emitiu um gritinho. Ao imitá-la repetindo-a em eco, Rosine reconhece que Marie ficou feliz, repetindo o gritinho como se pedisse pela imitação, que a analista concedeu. Contudo, o movimento se fechou neste circuito em eco, e para Rosine não houve uma troca efetiva, entendendo que esta cena demonstra que, para o autista, o Outro pode não ser o semelhante, uma imagem, mas um objeto real. Entendemos, entretanto, que a criança esboça, sim, uma troca, apesar desta não ter se estendido em outros

jogos, o que implicaria operar deslizamentos simbólicos. Sem poder se servir da inscrição simbólica primordial em que se localizaria como endereço da invocação do Outro, o autista não pode imaginarizar o Outro no personagem que o encarna, limitando-se a reconhecê-lo e tomá-lo como manifestação crua do real. A despeito de ecoar o grito que Rosine imita, Marie não o estende, mantendo somente um eco que não é utilizado em outros desdobramentos.

O significante unário elidido não é rasurado pela substituição que o representaria, simbolizando-o (operação que implicaria a criança representada entre significantes). A criança fica impedida de reconhecer que o Outro real estabelece a pulsação entre presença e ausência de modo a franquear a inscrição de um significante no lugar da falta (caso tal inscrição pulsante tivesse lugar, a presença representaria a ausência possível e a ausência representaria a presença possível). Quando a analista explica à Marie Françoise os ocorridos na sessão, ela se vira para a janela e diz “*mamãe*”, olhando para fora. Assim, apesar de emitir um apelo, desvia seu olhar. A analista não toma o apelo para si, nem realiza um ato que pudesse engajar uma fala que atrelasse a criança ao simbólico, do qual, talvez, a criança pudesse se servir. Sem estabelecer relação de troca, restou apenas a voz solitária que parecia ressoar em eco.

Somente após um encontro em que Marie Françoise pediu à Rosine para lhe dar o mingau com a colher, ela obteve, de Rosine, a resposta de ser alimentada. Estabelecida essa relação mínima, a criança parece ter sido provocada, pois ela passou a se interessar mais no brincar com objetos variados, olhando para a analista e balbuciando. Comia biscoitos e sugava os óculos da analista após terem caído na poça de leite. Ela utilizava os óculos, em diversas vezes, como instrumento mediador com a analista, servindo-se deles para chupar o mingau, para bater no rosto da analista ou para lançá-lo longe.

Trabalhando com o que a criança apresentava, Rosine constatava que Marie Françoise não estabelecia uma demanda dirigida ao Outro, mesmo que houvesse, nela, um apelo. Enquanto, na psicose, o Outro é tomado como aquele que responde a tudo ao que faz falta, mesmo que de modo absoluto, o autista se distingue: toma um objeto para atrelá-lo numa única relação com outro objeto, como um índice por um ícone, como num jogo *on-off*, distinto do *fort-Da*, a relação sígnica é que impera (MALEVAL, 2009/2017, p. 168-9). É o que pode ser notado quando, a despeito de saber da presença da analista, de escutar sua voz e mesmo de chegar a lhe dirigir um olhar, Marie Françoise brinca sozinha, sem incluir a analista: depois de solitariamente encaixar objetos, se dirige à porta, como quem nada mais tivesse a cumprir.



Fazendo duplo por meio de objetos, Marie Françoise olha para a mamadeira e para o bebê, dizendo: “*bebê, teta!*”. Quando, então, a analista lhe dirigiu uma fala, ela se tornou agitada: jogou os óculos e o bebê para longe e se dirigiu à porta, dando mostras de que a voz e o olhar do Outro lhe pareciam invasivos. Diante da insistência de Rosine, que dela se aproximou, Marie Françoise emitiu um sonoro, “*não!*”, demarcando sua posição de recusa. Retornou aos afazeres, à mesa, e pegou uma colher, mexendo a comida no prato, até parecer angustiada: caiu sentada olhando para a analista com expressão de dor, ficando ali por um certotempo. Rosine disse-lhe como era doloroso comer sozinha, já que se alimentar seria como receber o calor materno. A menina apaziguou-se e, à sua maneira, terminou a sessão brincando sozinha com um marinheiro e dirigindo-se ao prato de arroz doce e com ele conversou, balbuciando (LEFORT & LEFORT, 1984).

O que há de mais particular e inconsistente parece ser da ordem do impossível para o autista. A presença do timbre da voz que denota o sujeito da enunciação (VIVÉS, 2016) encarnado em Rosine ressoava para a criança como da ordem do insuportável, ao mesmo tempo em que ela demonstra compreender a fala, na medida em que se coloca em posição de recusa ativa, emitindo um “*não!*”. O fato de a analista falar-lhe parecia gerar um furo, uma inconsistência insuportável e difícil de lidar.

Sem endereçamento explícito ao Outro, senão por meio dos objetos, Marie Françoise passou a falar, “*saiu, teta, bebê*” e, “*não mamãe, quero não!*”, além de pronunciar uma palavra inventada, que Rosine não entendia, mas que parecia ser a fusão entre, “*demander et manger*”<sup>69</sup>. Com o maxilar para frente ela falou, ora alto, ora baixo, repetindo esta palavra ininteligível. A analista tentava manter-se na relação com a criança e traduzia seu ato falado lhe dizendo que ela estava concedendo um sentido afetivo à comida. A menina escutou, parou e disse a Rosine: “*mamãe, saiu!*”, deixando-se cair sentada. Como se esta ordem gerasse uma descarga forte em seu corpo, Marie Françoise recusa a interpretação da analista por meio de um imperativo. Ao dizer o imperativo, ela mesma sai da cena e começa a brincar com peças de panelinha e a comer três colheradas do arroz doce. Pegou o marinheiro e o colocou rente ao olho, soltando-o e retornando ao prato de arroz. Mantendo-se perto e longe da analista, Marie Françoise parecia tratar o campo do Outro inconsistente, recuando-o.

Em certa sessão em que a menina estava agressiva, a analista se dirigiu à porta para encerrar, mas a menina recusou: “*não, qué não!*”. Acolhendo e concedendo valor a presença

---

<sup>69</sup> Assim está descrito no livro *O nascimento do Outro* (Lefort & Lefort, 1984).

de um sujeito que explana um querer, por uma via distinta ao da passagem ao ato para a fala, Rosine retornou à sala. Marie, então, voltou-se para olhar a janela, e assim que a analista a imitou, ela ficou furiosa. Saiu de perto e foi montar as panelinhas, repetindo, “*não, qué não!*”. Sem poder efetuar uma inversão na frase para “*saia de perto!*”, ou “*não quero brincar com você!*”, a criança mantém a analista afastada, “*prefere permanecer em seu circuito autista*” (LEFORT & LEFORT, 1951-52/1984, p. 249), fazendo da frase, “*não, qué não!*”, um imperativo que demarca um limite no qual ninguém poderia ultrapassar.

Essa cena evidencia a ausência de inscrição do objeto no campo do Outro. Reduzido a condição de real, o Outro não era tomado como um Outro Simbólico, portador do objeto *a*, causa do desejo (LEFORT & LEFORT, 1951-52/1984, p. 256), mas somente como uma lei do interdito real, sem referência à função do pai simbólico. Vorcaro e Navegantes (2004) salientam que, “o anonimato da interdição em sua primeira incidência para uma criança, localiza-a na ordem do Real: encontro com o impossível”, tal como atesta Marie Françoise.

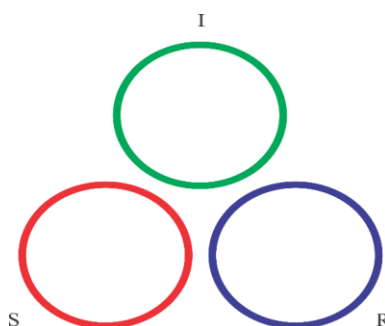
Pode-se constatar, no caso Marie Françoise, acompanhado por Rosine Lefort, que um percurso de tratamento foi iniciado, provocando efeitos positivos. Embora Marie Françoise demonstrasse não permitir a entrada do Outro, não cedendo a ele, sem usufruir da língua ofertada, um trabalho incessante com os objetos se principiou, de modo a conceder um retorno do gozo na borda. Na ausência do enodamento borromeano (que permitiria ao sujeito extrair o objeto *a* e se restringir aos campos de gozo fálico e do sentido que assim se fundam, cercando-o com as demarcações simbólico-imaginárias), o autista demonstra precisar inventar um modo de tratar o inominável que retorna como gozo real, invadindo seu corpo e gerando angústia.

Não sabemos do destino de Marie Françoise. Entretanto, podemos constatar ter sido possível a Rosine Lefort incidir em direção ao princípio de um enodamento, cujos elos pareciam indefinidos e, portanto, desatados, antes de sua intervenção. Afinal, uma inscrição mínima estabeleceu-se, permitindo a criança servir-se do duplo para defender-se do Real que sua tomada do Outro configurava. Assim, podemos afirmar ter havido interferências efetivas do Simbólico para bordejar o Real e dele distinguir algo de Imaginário: seu corpo.

Partiu-se do estabelecimento de uma simbolização mínima que instalou o princípio de uma pulsação binária, a começar pela demarcação presença/ausência da própria analista num certo espaço, por certo tempo. Conjugando o estabelecimento desse campo partilhado ao reconhecimento das manifestações da criança como atos de linguagem, a analista endereçou

sua fala a criança, suspendeu imperativos instituídos pelo discurso institucional, apostou e convocou a possibilidade de resposta da criança, aguardando sem antecipar-se a ela. Assim, a analista diferenciou os registros R, S e I, franqueando operações que se alastraram em distinções e concatenações entre os objetos e os sujeitos.

**Figura 642 - RSI desatados**

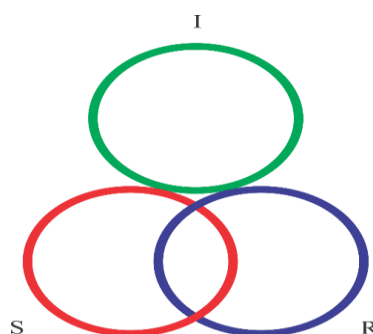


**Fonte: elaborado pelo autor**

O mutismo a que se reduzia o gozo vocal pode ser tratado, franqueando certa modalização da fala, mesmo considerando a presença da fala limitada a holófrases. Estas ratificam a posição de recusa do sujeito em fazer, do significante, *semblante*, dada sua fala em código, com problemas na produção da mensagem. A criança pode servir-se do material da língua, seja para demarcar a relação entre objetos, seja para posicionar-se em relação ao Outro.

Na neurose, o campo Simbólico enquadra as percepções e representações imaginárias da criança, de modo que quando o Simbólico se revela insuficiente, o Real se sobrepõe a ele. No autismo, a despeito da marca de um primeiro traço, este não opera dando ensejo ao Simbólico, mas cede lugar ao Real. Portanto, no autismo não é o Simbólico que enquadra a realidade da criança, em vez de enquadramento ordenador é o Real que inunda a sua realidade. Por isso, a primeira operação que o autista pode fazer incidir neste Real é a perfuração simbólica que escava algo do Real, por meio do uso de um objeto empírico ou de um duplo, mediando a relação entre a consistência corporal imaginada em relação biunívoca ao mundo em estado bruto. Pode-se constatar que Marie-Françoise chegou a operar um corte no Real, por meio do que a referência sígnica lhe permitiu. Entretanto, restrita a essa primeira passagem do Simbólico sobre o Real, o funcionamento significante mantém-se preso à biunivocidade. Assim, a consistência da articulação da fala conferiu um pouco de sentido ao que, antes, se vertia somente ao inominável e angustiante Real, pela evitação, impedimento e operação de semelhanças do Imaginário, às bordas do Simbólico:

**Figura 653 - Enodamento entre SR com I bordejando-os**



**Fonte: elaborado pelo autor**

### 3.3.2. O caso Rafael

Vorcaro e Navegantes (2004), no artigo *A incorporação de uma voz*, trataram a dificuldade diagnóstica do autismo, mesmo que este não fosse o objetivo do mesmo. Esse caso nos interessa aqui porque aborda a situação em que, a despeito de haver supostamente um funcionamento autístico manifesto, dado em seu encaminhamento, o desdobramento do tratamento franqueia a hipótese de um outro quadro, talvez de grave depressão, que, entretanto, equivoca com o autismo.

Constata-se que inicialmente a criança demonstrava a evitação ativa do outro, que legitimava o diagnóstico previamente estabelecido, mas ela mostrou algo a mais: A criança encontra um caminhão que passa a movimentar e a observar, deitada de bruços no chão. Desloca-se quando percebe qualquer aproximação do outro, sustentando, assim, sua evitação. Com uma cantiga, a analista persegue o ritmo dos movimentos da criança ao mesmo tempo em que reproduz, em frases musicadas, os gestos realizados de introduzir bichos de plástico na caçamba do caminhão. Em consequência, a criança tira-os da caçamba jogando-os atrás de si, isolando-os de seu campo visual imediato. A analista retoma o jogo várias vezes, recuperando os bichos isolados como se tivessem sido a ela endereçados, reintroduzindo-os no percurso do que considerou um jogo. Por vezes a criança levantava-se, indo colocar-se entre a mãe e o encosto da cadeira onde esta está sentada. Entretanto, um olhar sorrateiro – acrescido de um sorriso – dirige-se à analista, deixava sugerir, num só tempo, uma provocação e uma resistência intencional e explícita à interação.

Em seguida, a criança volta-se para o jogo anterior: deitada de bruços, movimentava o caminhão para frente e para trás. A analista entra no jogo, dessa vez através de um cubo de madeira. Cantarolando “*vou pedir a você uma carona de caminhão*”, bate o cubo no corpo da criança, no ritmo da música cantada, fazendo do corpo da criança, uma ressonância. Percorrendo o trajeto do cubo pelo corpo de bruços da criança, desde seus pés até chegar ao dorso de sua mão, fazia o cubo escorregar da mão da criança que empurrava o caminhão para a caçamba deste, em que o depositava. A criança retirava o cubo da caçamba, colocando-o a seu lado. A analista repetia o procedimento anterior, cantando “*ah, garoto, deixa seu caminhão me levar, vamos passear nessa caçamba!*”. A criança aparentava não partilhar o jogo e por vezes parava de movimentar o caminhão, restringindo-se a observá-lo. Aparentava assim mostrar que interrompia o jogo.

Entretanto, considerando seu sorriso sorrateiro, a analista recomeça o jogo, cantando e batucando com o cubo enquanto o faz caminhar pelo corpo da criança. Quando o cubo está em percurso, ainda sobre a sua perna, a criança volta a segurar o caminhão, permitindo assim que todo o jogo antes estabelecido, cumpra-se novamente. Assim, a criança demonstra que está no jogo, que antecipa a lógica de seus lances e que quer continuar a jogar.

Muitos momentos de interação foram estabelecidos por meio de jogos rítmicos desse tipo em que se estabelecia a sincronia do fluxo de seu movimento a uma entonação musical ritmada por escansões e extensões sonoras. Exemplo disso foi o aproveitamento da batida de uma caneta-carimbo num papel. A analista estabelece com a criança um jogo em que sincronizam movimentos e sons, de modo que enquanto ela diz leve e pausadamente “*um, dois, três, quatro, cinco*”, a criança apenas toca de leve a caneta no papel, fazendo pontos. Em seguida, enquanto a analista pontua de modo bem forte e escandido, “*seis, sete, oito, nove*”, a criança passa a bater, com força, a caneta no papel. A analista diz “*deeeeeeeez*”, estendendo a sonoridade, enquanto a criança faz movimentos circulares com a caneta. Esse jogo ganha os turnos – da analista e da criança, que se limita a aguardar sua vez e a responder, com seus atos, à sincronia do ritmo estabelecido. Aos poucos, são introduzidas modificações que estabelecem outras modalidades sonoras e gráficas.

A intervenção analítica transpunha, numa musicalidade, o gesto da criança, estabelecendo assim um texto de jogo partilhado, com seus turnos. Por vezes a analista fez o turno da criança, falando em nome dela, inventando o sentido, reconhecendo o gesto da criança como um ato. Estabeleceu-se uma sincronia entre gesto e som. Esse momento foi

testemunhado, conferindo uma ilusão de interação pois a criança antecipava, aderira, posicionava-se, aguardava os lapsos e a sincronia se fazia, de modo que o jogo permitiu novas interações, mesmo que o estiramento da cadeia simbólica em que analista e paciente avançam, encontrasse um limite não ultrapassável.

O jogo se esgotava, mas posteriormente algo dele retornava, indo além da ilusão de interação para atestar que ele continuava muito mais presente do que a ocasião da experiência havia sugerido. Um funcionamento sonoro era operado pela criança. Nele, podiam se distinguir resíduos da fala do outro, seja na “reza numérica”, seja em alguns fragmentos que por vezes lhe escapam em que músicas ou falas eram reconhecíveis, apesar de distorcidos. Esses resíduos configuravam-se como monólogos em que a criança parecia recolher o gozo do movimento articulatório da lalação. Esse funcionamento traz consequências para a mãe da criança, presente na sala, que passou a reconhecer a intencionalidade do gesto da criança como ato de um sujeito, cujo efeito foi o de assumir, diante das ações da criança, um modo transativista de lhe responder.

É o que não acontece quando uma interdição materna se impõe. Nesse momento, sua fala se distingue como exercício da língua. Diante dessa interdição ela reproduz o dito da interceptação. Isso ocorre quando sua mãe interfere em seu jogo e lhe diz “não pode mais, vamos embora”, suspendendo seu corpo do jogo de acender e apagar uma luminária, que reproduzia a estrutura rítmica dada pela analista. Nessa situação, a criança reage chorando e recrudescendo seu corpo, protestando com a reprodução indefinida do imperativo “*não pode*”.

As autoras partiram da problematização de fragmentos do caso de uma criança de dois anos e meio que, a despeito de ter sido anteriormente diagnosticada como autista, operava de maneira a franquear uma aposta em sua edificação subjetiva. Efetivamente, a criança logo passou a frequentar a escola alçando novos laços.

### 3.3.3-O caso Gabriel

Veremos, agora, outro caso<sup>70</sup>, de uma criança acompanhada desde bebê, até à idade de seis anos, diagnosticada como autista. É possível verificar como foi importante o tratamento

---

<sup>70</sup> Este caso foi fruto de uma apresentação, “Os autistas e os signos”, no Congresso Interdisciplinar de Bebês, do Instituto Langage, no ano de 2016 na cidade de Belo Horizonte/MG, escrito por Brenda Neves e Ângela Vorcaro.

ser realizado em longo prazo, e podendo promover novas possibilidades à constituição psíquica da criança.

Chegando para tratamento no CAIS<sup>71</sup> quando tinha oito meses, idade corrigida de seis meses, devido à prematuridade extrema para acompanhamento em equipe interdisciplinar (Acompanhamento de Bebês), passou a ser atendido em psicanálise aos quatro anos. Gabriel nasceu com 29 semanas, hipertônico e com má formação do intestino, precisando ser submetido a duas cirurgias, uma quando tinha dois meses, para fazer uma colostomia e, outra com nove meses, para fechar o procedimento. Quando chegou ao CAIS, os pais contaram que Gabriel não rolava e chorava muito, em distintas e quaisquer situações, queria ficar todo o tempo no colo da mãe, e, também chorava quando era colocado na cama. Emitia poucos sons vocálicos e gritava. Naquele tempo, a equipe observava que a criança, quando no colo do pai, esboçava uma imitação de seus movimentos faciais. Com 11 meses começou a pronunciar algumas palavras como, “cocó”, “papá”, não engatinhava e nem se arrastava, gostava de ficar sentado se balançando e ouvindo desenhos musicais (como, “A Galinha Pintadinha”). Gabriel mamava na mãe, em qualquer hora do dia, e aceitava poucos alimentos. Ela conta que cedia ao filho quando ele queria alguma coisa, pois senão ele “se irritava”. Mas, queixava-se também de que o filho “só queria ficar grudado” em seu corpo e não aceitava o contato de mais ninguém, exceto do pai, e isto a angustiava. Com ele, a criança dava respostas sorrindo, mas ainda gritava muito, sem motivo aparente. Estes momentos de gritar, mais tarde se seguiram acompanhados pelo tampar os ouvidos.

Quando Gabriel completou um ano e três meses de vida, foi incluído em outro programa de tratamento do CAIS, no Núcleo de Intervenção Precoce (NIP I), já com

---

<sup>71</sup> O fragmento clínico apresentado refere-se ao tratamento da criança realizado em uma instituição sem fins lucrativos, **CAIS – Centro de Atendimento e Inclusão Social** no município de Contagem/MG. Esta instituição é uma ex-APAE e realiza um trabalho que transita entre o educar e o tratar, exercendo um ofício clínico com a intervenção precoce e, o atendimento clínico de crianças maiores sob a perspectiva da educação inclusiva podendo ser até a fase adulta. Os programas são: **AB** (Acompanhamento de Bebês), **NIP I** e **II** (Intervenção precoce para crianças de 0-3 anos e de 4-6 anos), **NAF** (Núcleo de Atendimento às Famílias) e **NAPC** (Núcleo de Atendimento Clínico e Pedagógico às crianças e adolescentes até 13 anos em equipe interdisciplinar com profissionais da saúde e da educação), **NEPRO** (Núcleo de Educação Profissional) e **NEPI** (Núcleo de Ensino e Pesquisa). As crianças podem ser acompanhadas desde bebês, encaminhadas pela rede de saúde pública do município, devido a alguma condição que as coloca em risco de desenvolvimento ou risco de constituição psíquica, tais como, a prematuridade, ou diagnóstico de uma síndrome que pode acarretar em um déficit mental, e/ou autismo. Salientamos que no Brasil, o autismo foi incluído pelo SUS – Sistema Único de Saúde (Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012) - como uma síndrome, um portador de deficiência, portanto, é inserido como também público alvo da instituição.

“hipótese diagnóstica de autismo”, devido aos sinais presentes<sup>72</sup>. Gabriel apresentava muito pouca interação, preferia brincar sozinho, princípio de fala ecológica, tapava os ouvidos em certas ocasiões em que se sentia ameaçado, chorava muito diante de outras crianças, se desorganizando, cantava músicas de modo repetitivo<sup>73</sup>, e apresentava estereotípias com as mãos. No início desse tratamento, apesar de ter diminuído as estereotípias com as mãos, melhorando o contato visual. Começava a construir frases simples - mesmo que de difícil compreensão, em certos momentos -, mas permaneceu com a fala ecológica e esquiva no contato, o que culminou no fechamento do diagnóstico de autismo quando a criança tinha três anos.

Ele passou a ter atendimentos individuais de psicologia e fonoaudiologia e, em grupo com a equipe pedagógica, e foi para a escola com quatro anos. Nos atendimentos individuais em psicanálise, a criança não se mostrava arredia, gostava muito de se olhar no espelho, conversando com ele, emitindo frases repetitivas que pareciam trazidas de outros lugares.

No princípio do atendimento com a psicanalista, ao ser buscado na sala de aula<sup>74</sup>, Gabriel aceitava sua presença e seguia caminhando repetindo uma mesma frase, “*Tá chorando à toa, Gabriel, não precisa chorar!*”. Mesmo quando a analista perguntava sobre o motivo de ele dizer isto, ele permanecia repetindo: “*Tá chorando à toa, Gabriel, não precisa chorar!*”, sem responder à analista. Ela concordava com ele, dizendo: “*não precisa chorar mesmo, não!*”. Servindo-se deste imperativo assumido em sua voz, a criança podia suportar o deslocamento, ao mesmo tempo em que guiava o analista quanto à sua condição de angústia.

Em uma sessão, assim que chegou à sala da analista, olhou para os brinquedos, mas foi direto para frente do espelho e ficou ora se olhando, ora olhando a analista, e fazendo movimentos com a boca, abrindo, olhando os dentes, sorrindo e falando algumas frases repetitivas. A analista se aproximou incluindo-se no espelho e lhe disse: “*Você está com os óculos parecidos com o meu, Gabriel, eles são azuis!*”

Ele retrucou em tom de pergunta: “*Quê que é esse óculos aí, Gabriel? Quê que é esse óculos aí, Gabriel?*”.

---

<sup>72</sup> Em princípio, esta equipe que trabalha com bebês, considera a presença dos sinais de risco psíquico, ou seja, ao que ainda se encontra em tempo de estruturação. O diagnóstico vem mais tarde, quando um trabalho já pode se iniciar, após os três anos de idade.

<sup>73</sup> Gabriel elegera a “Galinha pintadinha” como sua música predileta, depois se estendeu para as outras do mesmo grupo musical. Mas, durante muito tempo só cantava as músicas deste grupo e só se interessava pelos objetos da galinha pintadinha.

<sup>74</sup> AEE – Atendimento Educacional Especial.



A analista *cortou* suas frases repetidas com outra pergunta, “*Quem te deu estes óculos aí, Gabriel?*”

Ele, imediatamente, virou o seu rosto para a analista e afirmou: “*Não parece não!*”.

Ela sorriu para sua resposta e ele virou-se para ela dizendo: “*Você gosta, né!?*”, ao que ela sorriu ainda mais.

Em seguida, Gabriel ficou se olhando no espelho, tirando e colocando os óculos repetitivamente, e retornou à frase: “*Quê que é esse óculos aí, Gabriel? Quê que é esse óculos aí, Gabriel?*”, até ao final da sessão.

Em outro atendimento, a criança entrou em sala e ao não encontrar o espelho pendurado na parede, perguntou sobre ele: “*Ô Brenda, cadê o espelho?*”. O espelho teve seu suporte quebrado e teve que ser guardado, mas a analista o recuperou e colocou-o ao chão, encostado à parede, próximo da criança. Ele sorriu e ficou olhando para os brinquedos, girando uma espécie de chocalho.

A analista perguntou: “*hoje você foi para a escola, Gabriel?*”.

Olhando-se, e olhando a analista pelo espelho, Gabriel respondeu dizendo, “*Gabriel bateu no Daniel! Gabriel bateu no Daniel! Daniel bateu no Gabriel!*”.

E, ela perguntou: “*por que o Gabriel bateu no Daniel?*”.

Ele respondeu numa frase, aparentemente desconexa: “*Não vai mais no Shopping! Gabriel não vai mais no shopping. Daniel não vai mais no shopping!*”.

Diante disso, a analista fez uma espécie de tradução para a criança: “*Estou entendendo que na escola você brigou com o colega Daniel e, por isso, perdeu a oportunidade de ir passear no shopping*”.

Ele então parou de falar e quis ficar girando o chocalho sem parar, se recusando a aceitar o convite da analista para brincar.

Gabriel começou a chegar à sala de terapia e a se referir ao espelho, dizendo: “*Oi espelho!*” e, sorrindo, estabelecia uma conversa curta com a analista por meio deste duplo. Passado cerca de um ano, com a idade de seis anos, Gabriel diminuiu consideravelmente o brincar repetitivo, de girar objetos ou de cantar somente “A galinha pintadinha” para jogar

bola, ou empurrar carrinhos, permitindo trocas com outras crianças e a falar em primeira pessoa. Contudo, com certo receio e mantendo certa distância, de modo que em uma sala com muitas crianças conversando, ou gritando, ele se desorganizava e começava a chorar, demonstrando angústia. Curioso notar que Gabriel conversava olhando para as terapeutas, e mesmo levando certo tempo para estabelecer o diálogo, passou a falar com mais coerência, mantendo o turno dialógico. Estabeleceu um ritmo e entonação com a voz, como se tivesse ensaiado o andamento da fala, e houvesse captado do Outro que esta característica singular é importante deve ser demarcado em um diálogo.

Gabriel começou a manifestar seus anseios, como “*eu não quero ir na Regina, Brenda*”, referindo-se à sala de aula, coordenado pela professora Regina, ou “*eu quero ir no espelho*”, recusando-se, muitas vezes seguir até à sala com outras crianças. Sua mãe ficou grávida e perto de ter o bebê, os atendimentos foram suspensos. Em um dos últimos, seu pai pode levá-lo. Ao perguntar a respeito de sua mãe e seu irmão, ele disse: “*Ficou em casa de castigo, tá fazendo bagunça!*”. Em tom irônico, Gabriel emite uma fala memorizada que aparentemente alheia ao contexto. Parece transpô-la de outro lugar, tentando encaixá-la no diálogo a fim de mantê-lo. O pai e a analista sorriram e ele brincou de empurrar carrinho com ela durante a sessão. Ele conseguiu realizar o desfralde nesta época e estava bem na escola, evidenciando mais uma vez, que estava a trabalho com os objetos.

Percebemos, no segundo fragmento, que a criança começou a ensaiar uma mudança em sua posição na fala, como quando reconhece a analista, mirando-a e dizendo seu nome. Ao tentar descrever um episódio, referente à escola, demonstrou compreender a questão e tentou respondê-la a seu modo. Não chegou a produzir uma enunciação, mas tentou transmitir, servindo-se do expediente de reproduzir a posição terceira, como certo anteparo ao diálogo, utilizando-se da frase que lhe foi dita e que transmitia a ameaça de não mais ir ao shopping, por bater no colega. Importante frisar que não houve uma interpretação da analista, posto que ela se limitou a “traduzir”, na ordem lingüística usual, na tentativa de oferecer uma ordem gramatical que dava sintaxe à frase.

A criança demonstra um modo particular de processar a linguagem. Nesse esforço, a ordem sintática da língua aparece descarrilada, dificultando a troca discursiva. Assim, mesmo que a demanda do outro tenha sido acolhida pela criança (“*Você está com os óculos parecidos com o meu, Gabriel, eles são azuis!*”) e desta permanecer no mesmo campo de sentido (“*que é que é esses óculos aí, Gabriel?*”), manejar essa demanda e respondê-la no mesmo registro,

parece ser algo da ordem do Real, ou seja, de impossível assimilação e processamento significativo. Por isso, talvez, o menino “patine” para tentar responder, insistindo na mesma frase (“*que é que é esses óculos aí, Gabriel?*”). Contudo, quando a analista estabelece um corte na ecolalia, organizando-a gramaticalmente e reproduzindo-a em sua voz (“*quem te deu esses óculos?*” em vez de “*que é que é esses óculos aí, Gabriel?*”), a criança responde à afirmativa anterior da analista (“*Você está com os óculos parecidos com o meu, Gabriel, eles são azuis!*”) opondo-se à mesma e suspendendo a ecolalia (“*não parece, não!*”).

Entre os turnos dialógicos da analista e da criança, na medida em que a primeira lhe convoca, a criança pode ocupar seu turno desde que não se atenha ao sentido. Nessa oportunidade, constatamos que ocorre uma desorganização temporal em que a gramática da língua fica perdida, impedida de organizar-se sintaticamente. Pode-se dizer que a criança faz semblante da cena dialógica, desde que não lhe seja necessário ater-se ao sentido. É diante de um corte que organiza a interrogação ecolálica da criança e a coloca em outra voz, que ela pode retornar ao princípio do diálogo, em vez de se ater à segunda fala da analista. Gabriel parece discordar da afirmação da analista, dessa vez, de modo conforme a língua, apesar de defasada no turno dialógico da mesma. Podemos talvez concluir que a criança não pode se apoiar, sincronicamente, ao turno dialógico e à sintaxe da língua, demonstrando uma captura fragmentada da bateria significativa.

A criança apresentada no fragmento clínico mostra que, para ela, a despeito de certa desordem no Simbólico, este tem ali incidência importante, mostrando que talvez sua deriva permita situá-la mais num tipo clínico de psicose do que no de autismo. O seu trabalho de incessante repetição da mesma frase parece buscar encontrar nela algo que lhe escapa, mas que ela tenta conter, congelando a frase. Pode-se, também, supor que a criança utiliza fragmentos linguísticos como mandatos para neles encontrar certa estabilidade. Desse modo, se esse funcionamento, pode, talvez, ser considerado como resquício da condição de imutabilidade característica do autismo, após o efeito do tratamento constata-se que este não se instalou. Algumas frases da língua tornam-se imperativas e enquadram, em certas regiões, sua relação com o mundo. Gabriel sugere evidenciar um descompasso entre o seu tempo lógico (preso no instante eterno de uma frase enigmática) e aquele tempo da frase emitida pela analista (que demanda uma ultrapassagem, uma compreensão, um além, uma resposta). Esse problema temporal do turno dialógico testemunha que a criança aponta estar fora do discurso. Suas frases parecem conter, ora fragmentos maiores, ora outros menores, em frases

espontâneas. É, entretanto, o corte do analista que permite à criança concluir, e, com isso, conferir um sentido, completando seu turno, mesmo já defasado.

Interessante sublinhar a diferença da psicose no adulto e o que estamos nomeando aqui como psicose, na criança. A frase interrompida não funciona como as mensagens interrompidas de Schreber, mas antes se apresenta como holófrases, em um imperativo, lugar em que uma letra é dita no corpo do ser falante. A voz pode ser tratada por essa criança. Gabriel percebe que a voz carrega um dizer específico do Outro e tenta estabelecer a cena de uma interlocução através de um terceiro na relação, como o faz apoiando-se no espelho. Maleval (2009/2017) afirma que a voz encarna o que falta no campo verbal (p. 95). É o que permite a hipótese de que o imperativo serve aí como retorno da lei, no real.

No *Seminário 21*, Lacan (1973-74) explica que o *dizer* não é do conhecimento, mas um acontecimento que contém três faces,

que é *imaginável*, pois fiz disso imagem efetiva, que é *simbólico*, pois posso defini-lo como nó, e que é mesmo *real* do próprio acontecimento deste dizer, cujo acontecimento consiste em que, qualquer que seja ele, cada um de vocês pode lhe dar o sentido que ele tem (18/12/73).

Considerando que o discurso é um modo de laço social representado por uma estrutura, necessária, que ultrapassa a fala (Lacan, 1969-70/1992, p. 11), podendo subsistir em certas relações fundamentais, Lacan propõe que os discursos sejam modos de uso da linguagem em vinculação social, pois é na estrutura significante e em sua articulação que o discurso se funda.

O analista, atento aos atos repetitivos da criança, pôde considerar haver aí atos que insistem na presença de um sujeito singular e que se dirigem ao Outro, portanto, são passíveis de reconhecimento e de leitura.

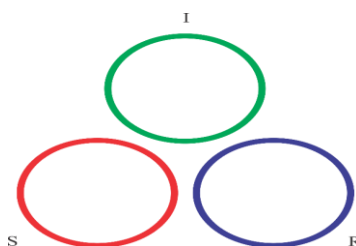
O espelho da cena do caso parece funcionar como mediador que duplica, facilitando o enfrentamento da criança com o outro, como se ele fosse objeto da necessidade de confirmar a sua imagem. Haveria uma triangulação entre ele e o outro com o espelho num enlace entre o Simbólico–Imaginário. A criança parece tentar construir uma estratégia para manter o Real à boa distância, afastada, suficientemente, para não perturbar em demasia, mas que faz laço e não recusa.

Trouxemos, aqui, para discussão, o interesse em problematizar a ecolalia, que nos parece querer dizer mais do que um mero ritornelo<sup>75</sup>. Levantamos a hipótese de que a criança psicótica, depois de ter sido afetada pelo campo da linguagem, e disso mostrar os seus efeitos reverberando em seu corpo, tenta elucubrar sobre essa *lalíngua* que resta totalmente enigmática. Como signos congelados da presença e insistência do Outro real, os signos podem, na psicose de crianças, deslizar em novas ordens, podem fazer laço social porque contam com a função significante da língua. Afinal, como sublinha Lacan, ele representa um sujeito para outro significante (Lacan, 1961-62/2003).

O falar caracteriza-se enquanto acontecimento do corpo, que Laurent (2014, p. 23) diz ser distinto de um ato puramente cognitivo, mas tem relação com uma extração do Real. Por meio da fala, um trabalho de esvaziamento do gozo pode se realizar, operando um enlace ao outro, mesmo sem formular uma demanda. O objeto *a*, na voz, é colocado em um lugar articulado ao corpo. Como o objeto olhar, no espelho, pode também tomar lugar no duplo, ao invés de ser tratado no âmbito de um olhar persecutório ou intrusivo à relação com o Outro. Ambos não se estabeleceram até ao ponto de se enlaçarem ao Outro de modo a fazer o terceiro movimento da pulsão, completo na demanda, em que o sujeito se localizaria em posição de falo, em *se fazer ver, se fazer escutar*, ofertando-se. Mas, um tratamento inicial com os objetos mostrou-se possível.

Do surgimento do Real como resposta ao enxame significante (*essaim*) que incide como trauma no corpo, a criança psicótica atesta em suas manifestações que seus atos correm junto da constituição de sua realidade psíquica, a qual acontece de maneira plástica, para cifrar sua relação com o Real. O caso Gabriel pode evidenciar um nó distinto daquele de Marie Françoise, pelo fato de ele conseguir realizar um ato de fala que trata o gozo vocal em iteração:

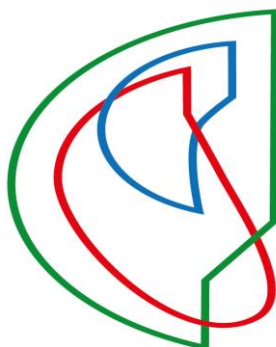
**Figura 664 - RSI não atados**



**Fonte: elaborado pelo autor**

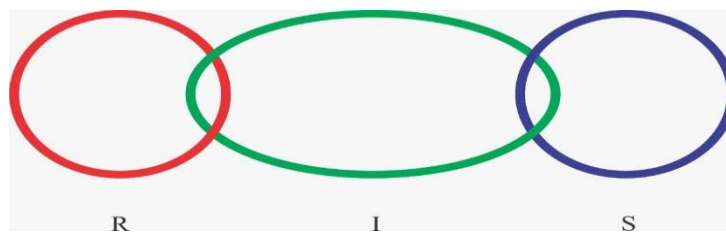
<sup>75</sup> Estribilo, réplica, reprodução, cópia, desmentido (Cf. Dicionário Aurélio).

**Figura 675 – Enodamento R sobre S, I sobre S em dois tempos**



Fonte: elaborado pelo autor

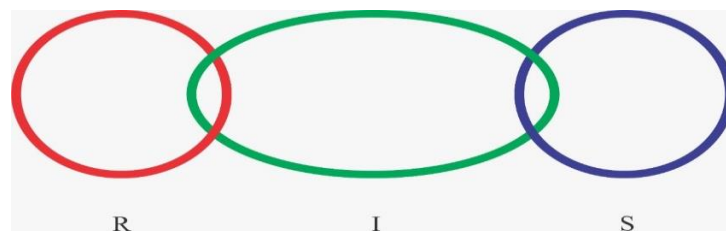
**Figura 686 - I fazendo furo em R e S atando-os**



Fonte: elaborado pelo autor

**ou**

**Figura 697 -I fazendo furo em R e S atando-os**



Fonte: elaborado pelo autor

## CONCLUSÃO

Nos distintos percursos do ensino lacaniano a que recorreremos nessa aproximação aos enigmas do autismo, aqui empreendida, constatamos a insinuação de uma lógica temporal e de uma espacialidade específica que insistiu em se fazer presente, exigindo a articulação do tempo ao corte e da superfície à topologia. Para conjugar tal figuração do tempo e do espaço na especificidade do sujeito autista, interrogamos o que poderia ser a passagem do Real – que se mostra numa extensão desmedida no autismo – pelos interstícios do Simbólico e do Imaginário, de tão reduzidos alcances pelo sujeito autista.

Entretanto, como alguns casos clínicos aqui mostrados demonstram, cabe salientar que abordar o autista a partir da psicanálise implica distinguir o tipo clínico do autismo de manifestações aparentemente autísticas que, se chegaram até a ser englobados num mesmo espectro, pela psiquiatria, também trazem dificuldades de legibilidade a própria psicanálise.

Tratar a criança autista não é almejar a transposição da estrutura autística para a estrutura neurótica, mas considerar as modalidades pelas quais muitos autistas vêm mostrando suas operações sobre o Real: operando cortes na continuidade do Real, tornando-o descontínuo, fazem incidir o tempo, tramando, nele, algo das *dit-mansões* Simbólica e Imaginária. Os autistas reduzem a massividade da superfície Real, enquadrando-a, para que ultrapasse a angústia tóxica que lhe invade. Sua defesa estrutura-se como busca pela imutabilidade dessa superfície unidimensional, em que mundo e corpo estão em continuidade. Inicialmente tomada como único recurso de que o autista se provê, este demonstra estabelecer operações de corte Simbólico e Imaginário sobre esta, reduzindo seus efeitos brutos. Em suas ditas estereotipias ele demonstra estabelecer bordas que distinguem elementos das superfícies, enquadrando espaços que separam seu trabalho psíquico da massividade do mundo simbólico tomado como real. Delimitando campos para neles incidir, admite certa temporalidade, que entretanto, destaca-se do campo discursivo. É o que suas manifestações escrevem e deixam ler.

A função do analista é de reconhecer suas manifestações como atos subjetivos de delimitação do campo espaço-temporal que lhe é próprio. Desse modo, em vez de extirpar essas manifestações, o autista pode desdobrá-las para estabelecer um litoral que sustente sua borda em relação ao mundo, recrutando, desse mundo que lhe faz exterioridade, novos

elementos com os quais pode complexificar sua experiência. Como sabemos, tal afirmação só tem vigência no tratamento de cada caso, posto que a categorização dada pelo nome autismo não determina a modalização com que cada sujeito pode fazer vigorar a articulação singular das *dit-mansões* RSI.

Nos autismos, a referência que fixa originalmente o ser tem que ser por ele mesmo construída, de modo a posicionar-se para além da angústia do desamparo. A despeito de se poder constatar certo franqueamento da sua conservação, na medida em que instala uma posição de recusa ativa ao agente do Outro, fazer operar sua integridade implica o intenso trabalho de inventar seu *habitat* que não é encenado no jogo narcísico especular.

A indistinção da parcialidade das satisfações, em que as pulsões se distinguiriam e se coordenariam ao Eu unificado pelo reflexo especular, recrudescer a posição dos autistas em relação ao discurso estabelecido. Em superfície contínua com seu entorno, a conservação do Eu equivale ao estabelecimento do litoral que o destaque desse contínuo denotado na preocupação com a imutabilidade os orienta.

Pleno e bruto, o campo simbólico só pode ser tomado como real. Sem reconhecer o funcionamento significativo, os autistas não distanciam-se deste para problematizar *quem fala*, distinguindo o enunciado da enunciação. Tomando a linguagem como função sîgnica, eles não admitem os semblantes do significante. Mantendo o referente como objeto do mundo, os autistas operam por meio da biunivocidade deste a um código privado.

Sem se oferecerem como o que tampona o furo do Outro, os autistas não se deixam conduzir pelo que há de engodo nas trocas simbólicas, como faz o neurótico. Em vez de aderir ao logro da imagem especular em que se vê possuído pelo espetáculo do mundo, “*acreditando desejar porque se vê como desejado*” (LACAN (1962-63/2005), os autistas precipitam a conclusão de que “*o que o Outro quer lhe arrancar é o olhar*” (idem, p. 68-9). Para os autistas, o Outro não é onde isso fala, mas onde isso legifera. Ao não fazer das do alimento e das fezes um campo de concessões e de retenções diante da demanda do Outro, o autista se priva do estabelecimento de algum controle sobre a demanda daquele, em que operaria com estas para fazer, delas, um dom (VORCARO, 2017).

Assegurar-se de sua existência implica tentar, a cada vez que há deslocamento, desdobrar-se em ato para retornar a fixidez em que se estabiliza.



O trabalho psicanalítico na clínica com crianças autistas considera o inconsciente no corpo que goza, denunciando a fragilidade do funcionamento da cadeia significante. A indisposição do autista a enunciação e a resistência a semelhanças e equivalências concedidas por um sentido prévio, testemunham sua recusa a operar a partir de semblantes.

Além de considerar que o sujeito autista escreve com seus atos, operar a leitura destes exige que o analista reconheça no autismo, a manifestação de um sujeito que trabalha para destacar-se do que lhe faz alteridade. Sustentar seu trabalho sobre a delimitação de uma borda que lhe sirva de litoral pode franquear a condição de consistência necessária para se aventurar no mundo sem dismantelar-se. Desse modo, aposta-se na possibilidade de *transliteração*: um ciframento que testemunhe o que o autista escreve pode permitir que sua trilha seja reconhecida.

A psicanálise lida com o real da clínica que surge no enigma do sujeito. Cabe ao analista localizar a criança na temporalidade que lhe é própria. A criança mostra sua condição e exige do clínico uma operação de leitura. Trata-se de considerar as cifras em que ela está circunscrita, pontuando os acidentes e acontecimentos, na decifração de sua história, situando sua lógica de constituição psíquica. Produz uma torção da coisa em “traço letra”, estendendo os “automatismos” a outras produções (JERUSALINSKY, 2010, p. 125) que os complexifiquem, de modo a tornar operantes suas próprias construções. A clínica com crianças autistas implica que ela possa subtrair o Real do gozo, com a promoção de furos, descontinuidades, cortes, separações e negativizações, engendrando bordas em que ela se diferencie, partindo dos próprios elementos que ela já destacou.

O analista não pode prescindir de seu imaginário no tratamento dessas crianças, pois será ele que as antecipará como um sujeito. Por meio dessa suposição é que fará uma leitura que articula, distingue e confere direção ao que a criança apresenta. O analista destacará os signos antes colados numa só posição, com o despejamento de uma leitura banhada do Simbólico, ao Real, antes sobrepujado pelo *continuum* do gozo. A criança autista poderá operar e passar a responder, assim, de distintos modos, usufruindo o que alcança do Simbólico e do Imaginário, para circunscrever o Real. Junto da criança, o trabalho com os pais nessa clínica também será imprescindível, e passará, principalmente, pelo restabelecimento do suposto saber deles sobre o filho. Reinserindo-o na filiação histórica, o analista permite a restauração do narcisismo perdido dos pais (PORGE, 1998). Ele precisará,

para isto, suportar e manejar a transferência dos dois lados: da criança e dos pais (ATTAL, 1998).

Com o ato analítico, situa-se o efeito do tempo lógico enquanto radical na formulação do “*a posteriori*”, quando há a elaboração de um produto (LACAN, 1967/2003, p. 253-4). O psicanalista promove cortes que tomarão estatuto de ato pelos seus efeitos, que se verificam nos deslocamentos de posição da criança. A psicanálise constitui-se como uma experiência que renova algo antes estabelecido, diferentemente de uma prática terapêutica que configura uma dualidade intersubjetiva entre paciente e terapeuta, visando o restabelecimento de um estado anterior (NEVES, 2010, p. 127-8).

Nos autismos, vemos como a dita reprodução estereotipada e o interesse especial por objetos parecem materializar o insabido em causa, por seus próprios movimentos reiterados, evocando questões. A não representação do objeto denota que nada pode ser extraído da relação ao Outro, tornando-se passível de substituição.

A operação primordial de nomeação do símbolo (*Bejahung*), inscreve o traço unário que institui a diferença, precedida da perda do objeto (*Ausstossung*), tendo a consequência da representação na percepção. A ausência de tal operação não permite a constituição de um *eu* suposto. Reiterar seus atos de forma automática parece ser a modalidade privilegiada pelo sujeito autista para sustentar uma existência que *ex-siste* fora da representação, evidenciando uma insistência que só o presentifica no moto-contínuo do ato que opera a sua adesão a algum elemento destacado do texto do mundo. Sendo assim, o enlace entre Real, Simbólico e Imaginário não se diferencia: o autista, por vezes, parece sobrevoar a borda desses registros, neles transitando para fazer alguma inscrição por meio de seus atos, ao mesmo tempo em que tal inscrição se dissolve no sumidouro especular, ao tentar defender-se da insistência da equivocidade intrusiva do campo simbólico que o rodeia.

A intervenção na clínica psicanalítica com as crianças autistas pode permitir um ato que produza a diferenciação desses registros e promova alguma distinção em suas bordas, perfazendo um limite que se estabelece entre superfície e tempo no espaço topológico. Distinguindo as *dit-mansões*, localiza-se um sujeito. As *dit-mansões* saem da condição constricta ao Real para funcionar, com alguma elasticidade, na invenção de suas possibilidades que se destacam em suas peculiaridades, uma em relação à outra mansão do dito.

No retorno à marca que fora inscrita, o falasser busca reencontrar um objeto desde sempre perdido. Enquanto a repetição propriamente dita opera na lógica de representação da ausência, no reencontro que é, necessariamente, reencontro de outra coisa, a reprodução fixa do autista limita-se a reencontrar o identicamente idêntico. Funcionando como um saber do gozo do fantasma, a repetição tem relação com o sujeito efeito do recalque, castrado pelo significante, inscrito na linguagem, sujeito que só se representa entre significantes (VORCARO, 1999, p. 89). Consideramos que a repetição de uma série simbólica qualquer (a que estamos condenados por nossa dependência ao Outro) difere da repetição real insistente na compulsão à repetição neurótica, que se manifesta em diferentes modalidades de manifestações simbólicas que enclausuram seu núcleo real. Tomando a repetição como uma sempre outra petição (suportada, portanto, pelo trabalho de representação), interrogamos o ato do autista, que parece voltado à reprodução do mesmo. Pudemos, assim, constatar o trabalho das crianças autistas e a função de seu saber-fazer específico para reencontrar sempre o mesmo: quando insistem em reiterar um ato sem cessar. Pensamos que seriam atos que tentam inscrever um traço que não cessa de não se escrever, pois não chega a ser demarcado a ponto de ser recuperável em outro registro. Afinal, enquanto o real do traço é desprovido de qualquer qualidade, ele pode ser colocado em prática, a serviço de um representante diferencial, que complexifica suas redes.

Nos autismos, essa transposição pouco opera, talvez por que, desde a partida não se trata de simples traços, mas de *engramas* que guardam amalgamas imaginários da percepção que o congelam numa figuração fixa. Entretanto, o tratamento psicanalítico mostra que tal fixidez pode ser alvo de novos traçados que destacam a articulação de novos elementos que incorporam novas qualidades e ultrapassam antigas demarcações, onde podemos reconhecer uma delimitação de suas bordas, cujo traçado, distinto da “mesmidade” (*sameness*), denota a constituição de um litoral.

A criança autista pode consentir ao Outro simbólico, realizando uma diferenciação mínima entre si, o outro, e os objetos empíricos, chegando até mesmo a produzir algum ato de fala – ou de escrita. Dessa maneira as ditas estereotípias e a vontade de imutabilidade podem ser, por ela, tratadas para além dos automatismos.

Ao supor que seus atos podem ser lidos - o que não significa operar por meio de interpretações massivas - o psicanalista pode comparecer, oferecendo novas distinções aos

elementos com que a criança já trabalha, para assim abarcar a função de apresentar-lhe a possibilidade de um Outro, distinto daquele que só advém como Real.

Cabe salientar a noção freudiana de *construção em análise* para o tratamento psicanalítico com estas crianças. A construção é um trabalho analítico peculiar que arranca inferências a partir de fragmentos de lembranças, associações e comportamentos do analisante, para erguer paredes. Freud salienta que a construção em análise se faz através de uma reconstrução, suplementação e combinação de restos, elementos depositados que aguardam uma conjectura, que acontece pela recuperação de fragmentos de uma experiência perdida (FREUD, 1937/1976, p. 369). Supomos que a articulação entre a construção do analista e a manifestação da criança pode permitir situar seu ato.

O ato não se assemelha à ação, nem à motricidade e nem à descarga. O ato se configura como um dizer transformador (LACAN, 1967-68, inédito). O ato psicanalítico é um dizer e está ligado ao começo de uma criação, não se atrela à eficácia, mas suscita um novo desejo ultrapassando um tempo anterior. Assim, torna-se infracional, inaugural e revolucionário. Lacan (idem) chega a afirmar que a fórmula do ato é o seu *efeito de ruptura*. Pode-se verificar no “*après-coup*” do tratamento psicanalítico com os autistas, que um traço significativo inaugura uma nova contagem com o efeito que se tem com o ato analítico, de modo que há um desenlace ou novo atamento que subverte o posicionamento do sujeito (NEVES, 2010, p. 129).

É o que nos permite propor retirar definitivamente as manifestações da criança – mesmo a autista – do registro da estereotipia ou da ação enquanto efeito de um desencadeamento motor, da descarga ou do automatismo passivo, seja do arco reflexo na fuga consecutiva a um estímulo intolerável, seja de uma necessidade orgânica. Isto definitivamente não é o que Lacan (1967-68, inédito) assevera, uma vez que o aparelho psíquico se situa “na defasagem, no intervalo entre o elemento aferente do arco reflexo e seu elemento eferente” (Lacan, idem, 15/11/67).

Para Lacan (idem), o ato tem sempre um correlato significativo, pois implica a inscrição do sujeito em algum lugar, ultrapassando certo limiar da própria medida simbólica. Mas, por ser da ordem do Real diz de um desejo sem palavras. Portanto, ao situar a criança como necessariamente submetida ao Simbólico, mesmo que fora de um discurso estabelecido, podemos considerar seu ato. Isso não implica que tal ato contemple, necessariamente, um cálculo consciente. Ao contrário, o ato ultrapassa, mesmo, o domínio do eu, pois comparece

nos interstícios do Simbólico como um saber não sabido. Vale lembrar que, para Freud (1916/2014) a idéia de falha seria um abrigo atrás do qual se dissimulam os atos propriamente ditos.

Lacan (1975/1998) se pergunta por que existe algo nos autistas e esquizofrênicos que se congela, numa posição de *freezing*, de maneira a serem carentes de um ato que permita o “descongelamento”, uma mudança de posição concedendo a extensão para novas modalizações. Sendo assim, as manifestações da criança autista operam como numa borda de estrutura em que se escreve um texto a ser construído, lido, escrito, que enfim, age numa incessante busca em estabelecer o que Freud nomeou de realidade psíquica. Trata-se de tomar o ato como uma cifra para operar por meio de um deciframento que implica a transliteração, ou seja, uma leitura que se destaca pela escrita de um testemunho, transpõe o tecido significante e seu efeito de retroação que incide, fazendo advir a trama simbólica que o tece (VORCARO, 1999, p. 78).

Portanto, as manifestações autísticas nas reiteraões em condutas *on-off*, em reproduções estereotipadas, no uso dos objetos mediadores e duplos nos indicam que há um trabalho psíquico sendo realizado com o que se repete (RIBEIRO, 2005, p. 39-40), ainda que em princípio não seja diferido, na medida em que a criança demonstra tentar fazer uma ligação para poder retornar ao que fora marcado em traço(s) isolado(s).

O tratamento psicanalítico com as crianças autistas sustentará a realização de bordas que discriminem as *dit-mansões*, por meio do testemunho ao que sua escrita cifra. Testemunhando suas cifras, a criança pode reconhecer-se nelas. Assim a clínica do autismo se deixa guiar pela afirmação de Lacan (1968-69/2008): “um ser capaz de ler seu vestígio, basta isso para que ele possa reinscrevê-lo noutra lugar que não aquele que o levara inicialmente” (p. 304). Essa clínica está, portanto, orientada pela possibilidade do sujeito autista rasurar seus vestígios para substituí-los por sua assinatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aperger, H. (1991). Autistic psychopathy in childhood. In: *Autism and Asperger Syndrome*. São Paulo: Cambridge University Press, (Obra original de 1944).
- Attal, J. (1998). Transferência e final de análise com a criança. In: *Littoral: a criança e o psicanalista*. Dulce Duque Estrada Trad. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 51-8, 1998.
- Balbo, G. e Bergès, J. (2003). *Psicose, autismo e falha cognitiva na criança*. Porto Alegre: CMC, 2003.
- Balbo, G. (2008). *Melancolia infantil e outros textos*. Porto Alegre: CMC.
- Barroso, S. (2014). *As psicoses na infância: o corpo sem a ajuda de um discurso estabelecido*. Belo Horizonte. Scriptum livros, 2014.
- Bastos, A. (2004). Segregação, gozo e sintoma. In *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza: V. IV, N. 2, P. 251 – 265.
- Bastos, A.; Monteiro, K. A. de C.; Ribeiro, M. (2005). *O manejo clínico com adolescentes autistas e psicóticos em instituição*. São Paulo: Estilos da Clínica. v.10 n.19.
- Bernardino, L. M. F. (2004). *As psicoses não-decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo. Coleção 1ª infância, dirigida por Claudia Mascarenhas.
- Belisário, M. (2010). Do desejo ao grafo. In. *A escrita de Jacques Lacan: matemas, esquemas, grafo, a lógica e a topologia*. Geisa de Carvalho Silva Ferreira, Joaquim Lavarini e Maria Regina Fernandes Cardoso org. Belo Horizonte: Aleph-Escola de Psicanálise, Cadernos, v. 5, p. 88-91, 2010.
- Bettelheim, B. (1987). *A fortaleza vazia*. São Paulo: Martins Fontes Ed.
- Bousseyroux, M. (2014). *Le nœud borroméen et la question de la folie. Ce qui s'apprend de Joyce*. Éres editora.

Bruno, P. (1992). *L'autisme et la psychanalyse*. Séries Découverte Freudienne, 8, Toulouse: P.U.M.

Bruno, P. (2009). Lapsus Du Noeud. In. *Revista Psychanalyse* nº16, p. 19-29.

Caldas, H. (2007). *Da voz à escrita : clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007.

Calligaris, C. (2016). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

Capanema, C. (2010). *A contigência da paternidade como forma de amarração do quarto elo do nó borromeano na adolescência*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Costa, A. (2008). *A negação primordial na constituição psíquica: o problema da afirmação-expulsão (Behajung-Austossung) segundo Freud e Lacan*. Porto Alegre, pg. 33-48.

Darmon, M. (1994). *Ensaio sobre a topologia Lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Dafuncho, N. S. (2010). *Inhibición, síntoma y angustia*. Buenos Aires, Argentina: Del Bucle.

Deligny, F. (2008). *L'arachéen et autres textes*, edição estabelecida e apresentada por Sandra Alvarez de Toledo.

Freud, S. (1976a). *O inconsciente*. In: Freud, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp163-222) Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original de 1915).

Freud, S. (1976b). *Os instintos e suas vicissitudes*. In: Freud, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 115-144) Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original de 1915).

Freud, S. (1976c) *Além do Princípio do Prazer* (Vol. 18, 2 ed.). Rio de Janeiro; Imago. Edição Estandart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Trabalho original de 1920).

Freud, S. (1976d). *Construções em análise*, (Vol. 23), Rio de Janeiro: Imago. Edição Estandart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Trabalho original de 1937).

Freud, S. (1976e). *Achados, ideias, problemas*. In Freud, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol 23, pp317-318) Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original de 1938-41).

Freud, S. (1976f). *Projeto para uma psicologia científica*. In Freud, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol 1, pp. 333-454). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra publicada em 1950, Original de 1895).

Freud, S. (1989a). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 7, pp. 118-238. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1905).

Freud, S. (1989a). *Luto e Melancolia*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 14, pp. 271-291. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1917[1915]).

Freud, S. (1989c). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 12, pp. 273-286. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1911).

Freud, S. (2014). *A negação*. Tradução Marilene Carone 1ª Ed. São Paulo São Paulo: Cosac Naif Editora. (Obra publicada em 1925).

Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos*. Sigmund Freud, Obras Completas, Volume 17, Tradução Paulo César Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original de 1925-26).

Friche & Cardoso, M. & M. (2010). Topologia das superfícies. In. *A escrita de Jacques Lacan: matemas, esquemas, grafo, a lógica e a topologia*. Geisa de Carvalho Silva Ferreira, Joaquim Lavarini e Maria Regina Fernandes Cardoso org. Belo Horizonte: Aleph-Escola de Psicanálise, Cadernos, v. 5, p. 139-161, 2010.



- Garcia-Roza, L. A. (1994) *Pesquisa de tipo teórico*. Atas do 1º Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise. Programa de estudos pós-graduados em Psicologia Clínica/PUC-SP. N° 1, fev.
- Grandin, T.; Scariano, M. (1999). *Uma menina estranha: autobiografia de uma autista*. São Paulo: Cia. das letras, 1999.
- Granon-Lafont, J. (1990). *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.
- Guerra, A. M. C. (2013). *O gozo na topologia borromeana*. In Revista Tempo Psicanalítico [SPID], 45(1), pp. 39-59.
- Hyppolite, J. (1998). Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1954).
- Jerusalinsky, A. (1989). *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jerusalinsky, A. (2010). Considerações Preliminares a todo tratamento possível do autismo. In. *Revista Psicologia Argumento*, abr./jun. de 2010, 28(61), p. 121-125.
- Jerusalinsky, A. (2015). À guisa de introdução. In. *Dossiê autismo*. Alfredo Jerusalinsky org. Tradução de Ana R. N. Jerusalinsky, Erika Parlato-Oliveira, Paulo Gleij, Roberta Ecleide O. G. Kelly. São Paulo: Institui Langage, p. 22-50, 2015.
- Kanner, L. (1997). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In. P. S. Rocha (org.). *Autismos*. São Paulo: Escuta. (Obra original publicada em 1943).
- Lacan, J. (1993) *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1953-1954).
- Lacan, J. (1958-59). *O Seminário 6: o desejo e sua interpretação*. Inédito.
- Lacan, J. (1976). *Conférences et entretiens*, Scilicet 6/7, Paris, Le Seuil, p. 52.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editor, (Seminário proferido em 1954-55).
- Lacan, J. (1991). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1961-1962).

Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995. (Trabalho original de 1957[1956]).

Lacan, J. (1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 537-590 (Trabalho original de 1958[1957]).

Lacan, J. (1998b). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original de 1954).

Lacan, J. (1998c). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1964).

Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1958[1957]).

Lacan, J. (1974[1973]). *O Seminário, livro 21: Le non-dupes errent*. Inédito.

Lacan, J. (1975[1974]). *O Seminário, livro 22: R.S.I.* Inédito.

Lacan, J. (2003). *O Seminário 9: a identificação*. Estudos psicanalíticos de Recife/Brasil. (Trabalho original de 1960-61).

Lacan, J. (2003b). Nota sobre a criança. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 369-370. (Trabalho original de 1969).

Lacan, J. (2005a). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge: Zahar. (Trabalho original de 1963[1962]).

Lacan, J. (2005b). Introdução aos Nomes-do-Pai. In *Nomes-do-Pai*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1963).

Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1976[1975]).

Lacan, J. (2008a). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1956[1955]).

Lacan, J. (2008b). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1973[1972]).

Lacan, J. (2008c). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1969[1968]).

Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1971).

Lacan, J. (1984). *A terceira*. In Revista *Opção Lacaniana*, 62, pp. 11-36. (Trabalho original de 1974).

Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ...Ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1972[1971]).

Laurent, E. (1991). O gozo do débil, em *A criança no discurso analítico*, Judith Miller (org.), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p.132.

Laurent, E. (2007). *Uma psicanálise orientada para o Real*. Texto extraído de Carretel, *Psicoanálisis con niños*, n.08.

Laurent, E. (2007) *Autisme et psychose: poursuite d'un dialogue avec Rosine et Robert Lefort*. *La Cause Freudienne, Revue de Psychanalyse du Champ Freudien*, Paris, n. 66.

Laurent, E. (2012). O que nos ensinam os autistas. In. A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (Orgs.) *Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum.

Laurent, E. (2014). *A batalha do autismo: da clínica à política*. Campo Freudiano no Brasil. Tradutor Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Laurent, E. (2016) *Éric Laurent: O corpo falante*, Entrevista à Marcos André Viera na Revista Cult, ano 19, abril de 2016, Tradução Vera Ribeiro e Fernando Coutinho, p. 38-41.

Laznik, M-C. (2011). *Rumo à fala: três crianças autista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

Laznik, M-C. (2013). *A hora e a vez do bebê*. Org. Erika Parlato-Oliveira: traduzido do francês, inglês e italiano. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

Laznik, M-C. (2013). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma Ed., 2013.

Lefort, Robert & Rosine. (1984) *O nascimento do Outro*. Salvador: Fator Livraria. (Obra original publicada em 1980).

Lefort, Robert & Rosine. (2003) *La disctincion de l'autisme*. Paris: Editions du Seuil.

Lefort, Robert y Rosine: La invención de una práctica con niños orientada a lo real. *Un psicoanálisis orientado a lo real*, p.39-48.

Lefort & Lefort, R. & R. (2017). *A distinção do autismo*. Tradução Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. Belo Horizonte: Relicário edições, 2003.

Lucero, A. (2015). *Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações do objeto a em Jacques Lacan*. Tese apresentada ao Departamento de Pós-graduação de Psicologia da UFMG como obtenção de título de doutor, 2015.

Lucero, A e Vorcaro, A. (2017). Lacan Leitor de Melanie Klein: O Caso Dick em Questão. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2017, vol.33, 2017.

Maleval, J-C. (2007) “*Sobretudo verbosos*” os autistas. Latusa: objetos soletrados no corpo, Rio de Janeiro, EBP-RJ/Contracapa, n.12.

Maleval, J-C. (2009a). *Qual o tratamento para o sujeito autista?* Tradução de Paulo Sérgio de Souza, publicado em *Ornicar?*, Digital Nova Época, n. 307.

Maleval, J-C. (2009b). *L'autiste et sa voix*. Paris: Seuil.

Maleval, J.-C. (2012). Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In. A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (Orgs.) *Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Sciptum.

Maleval, J.-C. (2015). *Por que a hipótese de uma estrutura autística?*. Tradução: Bartyra Ribeiro de Castro, Revisão: Rachel Amin. Opção Lacaniana online nova série Ano 6, Número 18, novembro de 2015.

- Maleval, J.-C. (2017). *O autista e sua voz*. São Paulo: Blucher Ed. (Obra original em 2009).
- Miller, J.-A. (2006). *A arte do diagnóstico: o rouxinol de Lacan*. Revista Curinga, nº 23. Belo Horizonte: Escola Brasileira e Psicanálise – Seção Minas.
- Milner, J.-C. (2006). *Os nomes indistintos*. Tradução Procópio Abreu, editor Jozé Nazar, Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Murta, A. et al. (2012). *Autismo(s) e atualidade – Uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, EBP, pp.17-69.
- Nasio, J.-D. (2011). *Introdução à topologia de Lacan*. Tradução Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- Neves, B. R. C. (2010). *De um olhar ao Outro: a intervenção da psicanalista Rosine Lefort com a criança Nadia*. Dissertação defendida como título parcial de mestre pelo Departamento de Pós-graduação de Psicologia, UFMG, 2010.
- Nothomb, A. (2003). *A metafísica dos tubos*. Brasil: Record ed.
- Porge, E. (1994). *Psicanálise e Tempo, O tempo lógico de Lacan*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- Porge, E. (2006). Jacques Lacan, um psicanalista, percurso de um ensino. Tradução de Cláudia Thereza Guimarães Lemos, Nina Leite e Viviane Veras, Brasília: Ed. UnB.
- Porge, E. (2010). *Lettres du symptôme. Versions de l'identification*. Toulouse, France: Erès.
- Porge, E. (2014) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução J. Guilherme Milan-Ramos. Campinas, SP: Mercado das Letras, Coleção Terramar, 2014.
- Porge, E. (2014) *Voz do Eco*. Tradução Viviane Veras. Campinas, Mercado das Letras: Coleção Terramar, 2014.
- Porge, E. (2015) As vozes, a voz. In. *A voz na psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura*, Maurício Eugênio Maliska org., Curitiba: Juruá Ed, 2015.

- Rabinovitch, S. (1998). *Textos Psicanalíticos*, coletânea.
- Rabinovitch, S. (2001). *Foraclusão: presos do lado de fora*. Tradução Lucy Magalhães, revisão técnica, Maria Clara Queiroz Correa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Ribeiro, J. M. L. C. (2005). *A criança autista em trabalho*. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 letras.
- Sauret, M-J. (1997). *O infantil e a estrutura*. São Paulo: EBP.
- Schejtman, F. (2013). *Sinthome: Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- Soler, C. (2007). Uma grande caminhada: sobre o caso Robert, de Rosine e Robert Lefort. In. *O inconsciente à céu aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Soler, C. (2010). *O corpo falante*. Caderno de Stylus, n.1.
- Spitz, R. (1983). Privação afetiva parcial: depressão anaclítica. In. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes Ed., 3ª ed., 1979.
- Stevens. A. (1987). La holofrase, entre psicosis y psicossomática. *Ornicar?*, Revue du Champ freudien, nº 42, juillet.-septembre 1987, pp. 45-79.
- Tustin, F. (1976). *Autismo e Psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Tustin, F. (1984). *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- Vorcaro, A. M. R. (1999) *Crianças na psicanálise – clínica, instituição e laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, pp.59-66.
- Vorcaro, A. M. R. (2004). *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Vorcaro, A. e Navegantes, L. (2004). A incorporação de uma voz. In. *Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala*. Org. Ângela Vorcaro. ISSN 0103-7633, p. 229-245, 2004.
- Vorcaro, A. M. R. (2009). Topologia da formação do inconsciente: O efeito sujeito. In *Revista Estudos Lacanianos* [FAFICH-UFMG], 3, pp. 45-62.

Vidal, E. & Vidal, M. (1995). O que o autista nos ensina. Considerações sobre a alienação e o autismo. In. *Letra freudiana, escola, psicanálise e transmissão: O autismo*, Livraria e editora Revinter: Rio de Janeiro, 1995.

Vieira, M. A. (2009). *Simbólico, Orvalho e Virgulino*. Quinto encontro do Seminário de Marcus André Viera – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 22/10/2009, Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.

Williams, D. (1992). *Si on me touche, je n'existe plus*. Paris: Robert Laffont,

Winnicott, D. W. (1954-5). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico, em: *Textos Seleccionados, da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

Winnicott, D. W. (1997). Autismo. In. *Pensando sobre crianças*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora S. A. (Trabalho original publicado em 1965).